ARQUITETURA MACKENZIE 100 ANOS
FAU-MACKENZIE 70 ANOS

PIONEIRISMO E ATUALIDADE

ORGANIZAÇÃO
Angélica Tanus Benatti Alvim
Eunice Helena Sguizzardi Abascal
Eduardo Castedo Abrunhosa

ARQUITETURA MACKENZIE 100 ANOS
FAU-MACKENZIE 70 ANOS

PIONEIRISMO E ATUALIDADE

ARQUITETURA MACKENZIE 100 ANOS
FAU-MACKENZIE 70 ANOS
PIONEIRISMO E ATUALIDADE

ORGANIZAÇÃO
Angélica Tanus Benatti Alvim
Eunice Helena Sguizzardi Abascal
Eduardo Castedo Abrunhosa

Realização

Coordenação

Parceria de fomento

Nas páginas anteriores:

Capela Universitária Higienópolis à esquerda em primeiro plano; ao centro, acesso do edifício Christiano Stockler das Neves, FAU-Mackenzie (Prédio 09); à direita, o edifício Chamberlain.

Cotidiano: alunos em atividades no saguão da FAU-Mackenzie.

Interior da Biblioteca Setorial Arquitetura e Urbanismo, Comunicação e Artes, FAU-Mackenzie.

Jardim e fachada nordeste do edifício Christiano Stockler das Neves, FAU--Mackenzie (Prédio 09).

Um Conselho profissional a serviço da sociedade

A missão do Conselho de Arquitetura e Urbanismo é orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício profissional, conforme parâmetros éticos e com atenção à adequada formação acadêmica. Resultado de décadas de reivindicação da categoria, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) é uma autarquia federal criada pela Lei nº 12.378, de 2010, sendo dotado de personalidade jurídica de direito público. Tem sua sede em Brasília (CAU/BR), com uma representação em cada unidade da federação (CAU/UFs).

Quase metade dos profissionais ativos no país, aproximadamente 60 mil Arquitetos e Urbanistas, está radicada em São Paulo, o que amplia o desafio do CAU/SP no trabalho permanente pela regulamentação e aperfeiçoamento da profissão.

A valorização profissional diante das discussões sobre mobilidade e acessibilidade urbanas, atribuições profissionais, campanhas pela habitação social e preservação do patrimônio arquitetônico, sustentabilidade e ética são questões primordiais para o Conselho. Nesse sentido, o CAU conta com os avanços da tecnologia de informação – que suportam suas ações de fiscalização e a relação direta com os profissionais –, estruturado por sedes regionais de atendimento distribuídas em dez municípios, além da sede na capital paulista.

O patrocínio de eventos e publicações relacionadas à Arquitetura e ao Urbanismo faz parte das iniciativas do nosso Conselho. Nesse caso, a participação na publicação comemorativa sobre os 100 anos do Curso de Arquitetura e os 70 anos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie) se mostra importantíssima. A obra relata não somente a história da Instituição – uma das mais importantes do país na nossa área –, mas também a história dos profissionais oriundos dessa escola, responsáveis por grande parte da produção da Arquitetura paulista e brasileira e que se tornaram referências na produção mundial. Vale ressaltar que por suas cadeiras passaram alunos e professores marcantes no ambiente arquitetônico nacional, que deixaram obras referenciais na nossa Arquitetura e Urbanismo.

Com trabalhos como este, o CAU/SP está colaborando para a divulgação de nossa profissão e valorizando o papel de Arquitetos e Urbanistas na sociedade e na cultura brasileiras.

Arquiteto e Urbanista Prof. Dr. Gilberto S. Domingues de Oliveira Belleza

Presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – CAU/SP

s/d. Alunos em sala de aula realizando atividade de desenho.

Palavra do Reitor

Em 2017, a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) completa 65 anos de existência. Nesse momento de comemorações e alegrias para a Universidade, o Curso de Arquitetura, criado originalmente na Escola de Engenharia do então Mackenzie College, completa 100 anos, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo festeja 70 anos de uma relevante e sólida atuação.

A história da Universidade remonta ao século XIX, quando missionários e educadores presbiterianos fundaram a Escola Americana, introduzindo no Brasil práticas pioneiras e inovações pedagógicas. Sobre esses fundamentos foi erguido, ainda no século XIX, o Mackenzie College, com cursos preparatórios e superiores, destacando-se a Escola de Engenharia, criada em 1896 – a mais antiga do país, de natureza privada, comunitária e confessional. Em 1952, foi implantada a Universidade Mackenzie, já contando com seis décadas de ensino superior, com sólida tradição de ensino e notável sintonia com a realidade socioeconômica e tecnológica de São Paulo e do Brasil.

A criação do Curso de Arquitetura, em 1917, destaca a formação de inúmeros Engenheiros-Arquitetos de expressão e de uma longa luta de reconhecimento profissional do Arquiteto. Dessa dupla missão, de autonomia e de reconhecimento, participou intensamente o Arquiteto Christiano Stockler das Neves, criador do Curso e mentor da fundação de uma unidade acadêmica em 1947, ao lado de três outras unidades que compartilhavam o mesmo *status* – Engenharia, Ciências Econômicas e Filosofia, Ciências e Letras.

Desde sua criação em 1947, a contribuição social da Faculdade de Arquitetura, pioneira no estado de São Paulo, tornou-se visível com a relevante produção arquitetônica dos docentes e arquitetos por ela formados, que, com suas obras e ações, marcaram não somente a paisagem urbana das cidades brasileiras, mas o pensamento, o ideário e as práticas diversificadas, que identificam o exercício da profissão.

Na atualidade, a excelência dos cursos oferecidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação, é assegurada pela qualificação notável do seu corpo docente, pelo padrão singular de suas instalações, laboratórios e biblioteca, bem como pelo conjunto de Arquitetos e Urbanistas de grande expressão nos âmbitos nacional e internacional, que tem formado ao longo dos anos.

Grande é nossa satisfação ao apresentar este livro organizado para celebrar o aniversário do Curso de Arquitetura e da FAU-Mackenzie, e que oferece ao leitor um panorama da gênese, da transformação e dos desígnios dessa histórica e singular Escola.

Prof. Dr.-Ing. Benedito Guimarães Aguiar Neto

Reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Escola viva: ateliê da FAU-Mackenzie, 2017.

Palavra da Direção

Resgatar a história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), primeira faculdade do estado de São Paulo, conhecer suas transformações e atualidade não é tarefa simples.

Ao completar 70 anos de fundação e um século das origens de seu Curso de Arquitetura, junto à Escola de Engenharia, a FAU-Mackenzie segue formando numerosos profissionais, que se distinguem no exercício da profissão no Brasil e no mundo.

Ao longo do século XX, foram muitas as mudanças na profissão de Arquiteto, especialmente com a ampliação do campo de atuação que integra o Urbanismo e o Design. Nesse século de atuação, são inúmeros os profissionais formados pela FAU-Mackenzie – ou FAU-Mack (como carinhosamente a Escola é chamada) –, que, com seus projetos e obras, transformaram as cidades brasileiras e interferiram em outras cidades do mundo, ocupando importantes posições em instituições públicas e privadas. Muitos profissionais, egressos dessa Escola, e estudantes foram e continuam sendo premiados em relevantes concursos nas esferas nacional e internacional.

A genealogia dessa Escola intenta valorizar não apenas o pensamento e os princípios fundamentais ao ensino e às práticas pedagógicas, mas também seu ideário e transformações. Sem esgotar os aspectos da história e das transformações da FAU-Mackenzie em sua totalidade, esta publicação reúne as principais conquistas e desafios, características e princípios da Escola, no que tange ao ensino, ao projeto político-pedagógico e às práticas e atividades pedagógicas de vanguarda e de inovação – da Graduação à Pós-Graduação.

Uma sequência de conteúdos que privilegiam a historiografia aliada à contemporaneidade confere visibilidade e importância aos principais eventos neste arco temporal.

No bojo das comemorações em que se insere esta publicação, professores, alunos e funcionários da FAU-Mackenzie, ao longo de 2017, dedicaram-se a organizar um conjunto de atividades com o propósito de resgatar a memória e de valorizar o papel da Escola na atualidade. Foram vários os "bate-papos" e palestras com importantes egressos que, hoje, são referências no campo profissional; as mesas-redondas de que participaram professores que aqui se formaram e nos relataram a memória de seu tempo enquanto estudantes; a produção de vídeo e as exposições que retratam aspectos do passado e do presente, entre outras importantes iniciativas.

São muitas pessoas, equipes e instituições que merecem nossos agradecimentos. Sem pretender relacionar todos, iremos agradecer apenas àqueles que contribuíram diretamente para esta publicação:

s/d. Vista dos Edifícios Horace Lane, George Alexander (Biblioteca Central) e Edifício John Theron Mackenzie, nesta ordem, da esquerda para a direita, a partir das fachadas da Rua Maria Antônia.

Ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU/SP), pela "parceria de fomento" do projeto[1] que deu origem a esta publicação.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM),[2] pela confiança na elaboração deste projeto e pelo apoio nas demais atividades envolvidas nas comemorações do aniversário da Escola.

À Reitoria da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em especial ao Prof. Dr. Benedito Guimarães Aguiar Neto, Magnífico Reitor da UPM, pelo apoio incondicional às comemorações dos 100 anos do Curso de Arquitetura e dos 70 anos da Faculdade, e à execução das lides necessárias à produção deste livro.

À equipe da Editora Mackenzie,[3] pelo acompanhamento e cuidadoso trabalho edição desta publicação.

À equipe editorial, pelo excelente trabalho de edição e pela contribuição na seleção e na aquisição de imagens.

À equipe do Centro Histórico e Cultural Mackenzie e do Centro de Rádio e Televisão da UPM, pela cessão de imagens.

Aos autores e demais colegas que se envolveram no projeto e contribuíram com textos, depoimentos, cessão de imagens, entre outros elementos fundamentais à reconstituição da memória e da trajetória da FAU-Mackenzie.

Por fim, a todos os alunos, professores e funcionários[4] da Escola – do passado e do presente –, os quais, sem dúvida, representam a *alma* desta publicação.

Arquiteta e Urbanista Profa. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim

Diretora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Na próxima página:

Edifício John Theron Mackenzie, erigido entre 1894 e 1896, visto da rua Maria Antônia. Este importante edifício abrigou a sede da Escola de Engenharia e depois a Reitoria. Na década de 1990, o imóvel foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural de São Paulo, em nível estadual pelo Condephaat e, municipal pelo Conpresp. Entre 2001 e 2004 foi restaurado, abrigando seu novo uso: hoje em suas instalações funciona o Centro Histórico e Cultural Mackenzie.

1. Projeto "Faculdade de Arquitetura Mackenzie: 70 anos de atuação e relevância – Edição comemorativa dos 70 anos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie e dos 100 anos do Curso de Arquitetura" aprovado no âmbito do Edital de Parcerias do CAU/SP, de 2016/2 (Termo de Fomento 011/2016 CAU/SP).

2. O Instituto Presbiteriano Mackenzie, representado, neste caso, pelo Prof. Dr. José Francisco Hintze Júnior (que na ocasião estava no exercício da Presidência em substituição ao atual Presidente Dr. José Inácio Ramos), é o proponente institucional do projeto em parceria com o CAU/SP. A Arquiteta Prof. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim, Diretora da FAU-Mackenzie, é a responsável técnica pelo Projeto.

3. Nossos agradecimentos à Prof. Dra. Helena Bonito Pereira, coordenadora da Editora Mackenzie (Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação) e sua equipe, composta por Andréia Ferreira Cominetti, Ana Claudia de Mauro, Carolina do Amaral Duarte e Elisama Silva, acrescida da colaboração de Betânia Soares e Vanessa Alves Viana da Silva (Coordenadoria de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação).

4. Vale destacar que este livro não teria sido realizado sem a colaboração dos seguintes funcionários administrativos: Eleni Dumas Neves, Elisabete Teixeira de Carvalho, Eva Guadalupe Galdamez Garcia, Lilian de Fatima Nascimento, Mateus Franco da Rosa Lopes e Rosemary de Souza.

Sumário

s/d. Vista da entrada do Edifício Chamberlain (Castelinho) com alunos posicionados em sua escada de acesso. Construído em 1901 para abrigar o internato masculino, acolheu a Faculdade de Arquitetura a partir de 1950, até que fossem concluídas as novas instalações no edifício Christiano Stockler das Neves, no início da década de 1960.

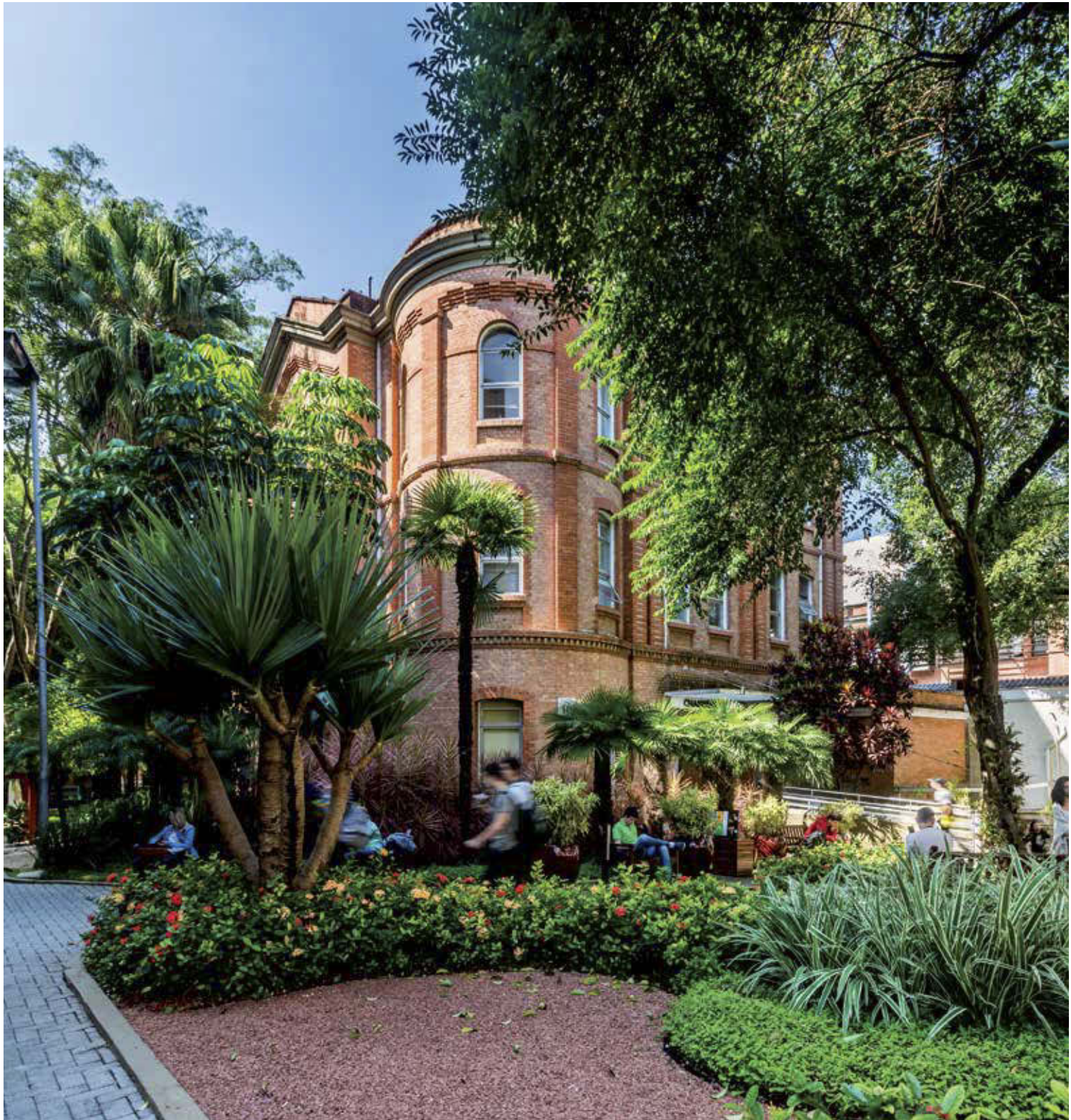
Pioneirismo e atualidade: afirmação de uma escola

Carlos Guilherme Mota

Ao completar 70 anos, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-Mackenzie) ostenta hoje uma história de sucesso. Agora, incluindo decididamente o Urbanismo e o Design, a escola participou com destaque institucional e cultural do processo de modernização da cidade de São Paulo e do país, tendo se projetado no plano internacional.

A Faculdade de Arquitetura possui raízes que datam de 1917, quando foi criado o Curso de Arquitetura na Escola de Engenharia, por sua vez criada em 1896. Como se sabe, o objetivo era formar com rigor Engenheiros-Arquitetos, e, desde então, a luta pela autonomia do Curso – a busca de uma identidade própria – tornou-se constante.

Em 1947, conseguiu-se tal autonomia, diferenciando-se da Escola de Engenharia, já solidamente implantada. Nesse processo de autonomização, o papel do Arquiteto Christiano Stockler das Neves foi decisivo e marcante, como se verificará ao longo das páginas deste livro, pois logrou alinhar a Faculdade ao lado das Faculdades de Engenharia, Ciências Econômicas e, à semelhança da Universidade de São Paulo, de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (ideia de resto a ser reconsiderada). Detalhes desse longo caminho enriquecem a obra esclarecedora que o leitor tem em mãos, na qual se revelam os *diferentes níveis de historicidade, memória e criatividade* que caracterizam e impulsionam a renovada Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Não por acaso, a FAU-Mackenzie está situada no mais aprazível local do *campus*, junto a um dos poucos bosques que restam no bairro de Higienópolis, tão bem descrito por Claude Lévi-Strauss em seu livro notável *Tristes Trópicos*. No centro de um triângulo cujos vértices são o Prédio 1 (hoje sede do Centro Histórico e Cultural Mackenzie), o Auditório Ruy Barbosa e o icônico Edifício Chamberlain, a Faculdade abriga uma sofisticada equipe de professores-pesquisadores, e a qualquer hora nela podem ser encontrados docentes e alunos operosos em suas pranchetas ou computadores, ou conversando à sombra das árvores sobre seus projetos. Esquina da Itambé com a Maria Antônia... Um discreto episódio ilustra o encanto do lugar: foi sob essas árvores que o jovem historiador Stanley J. Stein, hoje *senior* da Universidade de Princeton, latino-americanista e autor de obras clássicas sobre o Brasil, conheceu, nos anos 1940, sua esposa Bárbara, futura historiadora e bibliotecária-chefe da Biblioteca Firestone, também em Princeton, ambos autores da obra *Herança Colonial da América Latina*. E por aqui passaram, entre muitos, escritores como Lucien Febvre (fundador da École des Annales, em Paris) e Richard Morse (autor da clássica *Formação Histórica de São Paulo*).

Impressionante a quantidade de edifícios relevantes e outras construções, além de planos de urbanização para inúmeras cidades, que saíram das pranchetas de professores e ex-alunos, que ajudaram a redesenhar o perfil de nossas cidades, sempre com espírito inovador. Em outros estados, e pelo mundo, não é raro toparmos com obras já consagradas de ex-estudantes da FAU-Mackenzie. Os nomes de estudantes que se tornariam grandes Arquitetos – de reconhecimento internacional, como Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo de Mello Saraiva e Fábio Penteado – e Urbanistas poderiam ser mencionados, em arrolamento que não caberia nos limites desta breve apresentação.[1]

Ao longo da história do Curso de Arquitetura e das origens da Faculdade – estudada com brilho pelo professor Marcel Mendes –, esboçou-se e se afirmou a ideia de que essa pequena coletividade constituía uma "Escola", marcada pelo rigor que vem da rígida metodologia de seu criador, a mão firme e o olhar agudo que o ofício impõe e cultiva. Durante largo tempo, a FAU-Mackenzie foi identificada no meio universitário e profissional por formar "arquitetos de prancheta", com menor atenção à sua formação em estudos humanísticos, em contraste com o que ocorria na FAU-USP, "mais voltada às Ciências Humanas". Tal impressão vem se evanescendo nos últimos tempos, sobretudo após a implantação do Programa de Pós-Graduação, de caráter multidisciplinar. Além disso, notáveis artistas plásticos e designers são frutos do Mackenzie...

Como se sabe, historicamente, o universo dos Arquitetos e Urbanistas quase sempre foi muito aberto e "respirado", com intenso e contínuo cultivo de ideias, sonhos e utopias. De bom convívio crítico, enfim. Da utopia do *founding-father* conservador Christiano Stockler das Neves aos tempos atuais, marcados por gestores e mestres igualmente bem formados e competentes, a "Escola" se (re)afirma, pioneira e atual.[2]

Na página anterior:

Edifício Chamberlain (Castelinho), 2017.

1. Sem preocupação com arrolamento, citem-se Carlos Lemos, Henrique Mindlin, Osvaldo Bratke, Jorge Wilheim, Carlos Bratke, Eduardo Longo, entre tantos outros.

2. Nessa trajetória, porém, nem tudo foram flores. No clima repressivo que se instaurou no Brasil em 1964, foi estabelecida uma Comissão de Sindicância no âmbito da FAU-Mackenzie para apurar nomes de supostos professores "comunistas", que resultou na demissão de professores do porte do citado Fábio Penteado, Ruy Ohtake, Eduardo Corona, Wesley Duke Lee, Ubirajara Ribeiro, entre outros.

Ca.1955. Grupo de pessoas ao lado do Edifício Christiano Stockler das Neves, parcialmente construído, nova sede da Faculdade de Arquitetura a partir da década de 1960. O projeto executado, é de autoria dos Arquitetos Professores Eduardo Corona, Takeshi Suzuki e Jun Okamoto.

Introdução

Angélica Tanus Benatti Alvim, Eunice Helena Sguizzardi Abascal e Eduardo Castedo Abrunhosa

> O ensino de Arquitetura no Brasil completou 200 anos em 2016, contados a partir da criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, por D. João VI, e a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, o primeiro curso a se emancipar da Engenharia em São Paulo, completa em 2017 seus 70 anos. Desde a emancipação dos arquitetos das corporações de ofício da Idade Média, no século XV, e da criação em Paris da primeira escola de arquitetura, a Academia Real de Arquitetura, no século XVII, muitas foram as mudanças tanto no ensino como na profissão e no ofício dos arquitetos. Constante, porém, foi a presença de múltiplas habilidades e competências na prática dos canteiros da arquitetura e definição de um campo disciplinar, bem como de campos conexos, como o urbanismo e o desenho dos objetos, historicamente entrelaçados e mesmo incorporados não só à práxis do arquiteto, como às práticas pedagógicas nas escolas e academias. (RODRIGUES DOS SANTOS, 2017).

Em 12 de agosto de 2017, data que coincide com a introdução do ensino de Arquitetura no Brasil há mais de 200 anos, o Curso de Arquitetura Mackenzie completa 100 anos e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (FAU-Mackenzie), pioneira no estado de São Paulo e uma das primeiras faculdades de Arquitetura do país, comemora 70 anos. Entre a sua fundação e atualidade, muitas foram as transformações no ensino e na profissão.[1]

O Curso de Arquitetura Mackenzie originou-se em 1917 no seio da primeira experiência de ensino superior do Mackenzie College: a Escola de Engenharia, criada em 1896 como alternativa à Escola Politécnica de São Paulo, instalada dois anos antes pelo governo do Estado (PEREIRA, 2005). Os diplomas expedidos pelo Mackenzie College[2] eram reconhecidos pela Universidade do Estado de Nova York, sistema que perdurou no Curso de Arquitetura até 1927, quando a escola paulistana ganhou autonomia acadêmica (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2013). No âmbito da Escola de Engenharia, o Curso de Arquitetura formou 89 Engenheiros-Arquitetos, muitos deles profissionais de reconhecida relevância e pioneiros da Arquitetura Moderna no Brasil, como Oswaldo Bratke, Eduardo Kneese de Melo, Henrique Mindlin, Plínio Croce, entre outros (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2017).

O Professor Christiano Stockler das Neves, Arquiteto formado pela Universidade da Pensilvânia, em 1911, foi o responsável pela orientação e conduta do Curso nos primeiros 30 anos de existência junto à Escola de Engenharia. Além disso, foi também agente da fundação da Faculdade em 1947 como Unidade Universitária (BREIA, 1995). No discurso de fundação, Stockler das Neves ressalta o valor, já naquele momento, do Curso de Arquitetura Mackenzie e da qualidade de seus egressos. Em suas palavras:

1. Durante o Estado Novo (1937-1945) foram criadas várias faculdades de Arquitetura desvinculadas do ensino das Belas-Artes e da Engenharia, como: a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1945; a Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, em 1947; a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, em 1948; a Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, em 1949; a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1952 (PINHEIRO MACHADO, 2003).

2. A Escola de Engenharia do Mackenzie foi reconhecida pelo governo federal brasileiro em 1938 (BREIA, 1995).

> Ao se instalar, hoje, solene e festivamente, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, a primeira a se criar em São Paulo, apraz-nos, como fundador do extinto curso de Arquitetura, anexo à Escola de Engenharia, assistir à sua transformação em Faculdade autônoma, após 30 anos de labuta deste estabelecimento de ensino.
>
> Grande já é o número de arquitetos formados no Mackenzie. Muitos, hoje, são profissionais de renome, vencedores em concursos públicos e particulares, portadores de altas recompensas. Obtidas em exposições internacionais de Arquitetura, que fizeram o Mackenzie conhecido além de nossas fronteiras. A atividade dos arquitetos mackenzistas faz-se sentir em todos os recantos do País, principalmente nesta Capital, onde são inúmeras as construções por eles, projetadas e executadas. [...] (ANUÁRIO, 1949, p. 172).

Defensor convicto da arquitetura acadêmica, particularmente dos estilos históricos consagrados pela tradição Beaux-Arts, Christiano das Neves sempre insistiu que os princípios acadêmicos fossem a base da estrutura curricular e da didática de projeto. Principalmente a partir da criação da Faculdade de Arquitetura, no final de 1940, os alunos, na vigência do Movimento Moderno, ansiavam por renovações em sintonia com as manifestações arquitetônicas locais e internacionais (PEREIRA, 2005). Data desse período a fundação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura, o Dafam, por um grupo de jovens alunos liderados por Jorge Wilheim, Carlos Millan e Luiz Roberto Carvalho Franco. O objetivo era representar a comunidade discente, fazer ouvir a voz dos estudantes ávidos pelo debate da Arquitetura Moderna e da cultura nacional.

Nos anos 1950, com a construção do edifício sede do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo (IAB/SP) – nas proximidades do Mackenzie, o debate arquitetônico local, no auge do Movimento Moderno, intensificou-se, sempre tendo como importantes interlocutores alunos e professores da FAU-Mackenzie.

Christiano das Neves afastou-se do cargo de direção em 1956, deixando o Mackenzie definitivamente em 1958 (PEREIRA, 2005). A partir de então, a orientação moderna passou a predominar no Curso de Arquitetura. Professores como Franz Heep, Miguel Forte, Salvador Candia, Carlos Millan, Fabio Penteado e Victor Reif, entre outros, contribuíram para impulsionar relevantes transformações no ensino de Projeto, na introdução de disciplinas voltadas ao Planejamento Urbano, ao Desenho Industrial e à Programação Visual, bem como o aprofundamento e a atualização nas áreas de Estética, História e Teoria da Arquitetura.

Em 1970, além do Curso de Arquitetura, três novos cursos vinculados à Faculdade de Arquitetura foram aprovados: Desenho Industrial, Comunicação Visual, e Desenho e Plástica. Em 1978, eles passaram a integrar a Faculdade de Comunicação e Artes, ficando a Escola "apenas" com o relevante Curso de Arquitetura. Em 1979, a Escola passou a denominar-se Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, traduzindo a ampliação do campo profissional e acadêmico. Naquele momento, foi inaugurado o curso noturno, o qual, a partir dos

anos de 1990, foi descontinuado e substituído pelo então curso vespertino. A partir de 1980, como consequência da crescente urbanização, com destaque para problemas ambientais e de qualidade de vida, surgiram novas disciplinas, algumas voltadas às infraestruturas, outras aos estudos interdisciplinares.

A partir de 1992,[3] o Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo sofreu importante reestruturação curricular, passando a ser organizado de forma semestral e ampliando o número de ingressantes[4] por semestre, distribuídos nos períodos matutino e vespertino, com a correspondente ampliação do corpo docente. Na sequência, ocorreu a relevante alteração da relação professor/aluno nas disciplinas de Projeto,[5] contribuindo para a melhoria significativa da qualidade do ensino em projeto de Arquitetura. Data também do início da década de 1990 a instalação da primeira fase do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, que, em sua origem, tinha o propósito de disseminar a relevância dos Cursos de Mestrado e Doutorado para a carreira acadêmica de grande parte dos professores da Faculdade.

A partir dos anos 2000,[6] a estrutura universitária passou por importantes transformações que se refletem nas Unidades Acadêmicas. Em 1997, a Universidade passou a se denominar Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), reforçando, desse modo, sua identidade institucional cristã e confessional. A criação das Coordenadorias de Pesquisa e Extensão no início dos anos 2000, e mais tarde dos Decanatos Acadêmico, de Pesquisa e Pós-Graduação, e de Extensão (atuais Pró-Reitorias), e o fortalecimento da pesquisa e da pós-graduação foram fatores fundamentais para imprimir um novo modelo que vai além da formação profissional, calcado na tríade ensino, pesquisa e extensão (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2010).

Em 2000, aprova-se, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Mestrado Acadêmico no âmbito do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, com a área de concentração "Projeto de Arquitetura e Urbanismo", decorrente do traço característico da formação propiciada pela Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie.

A partir de 2004, instala-se na Escola uma importante mudança de espírito advinda de diretrizes emanadas da Reitoria, com a contratação de parte do corpo docente da Graduação em regime de dedicação integral ou parcial, e a formação de vários Grupos de Pesquisa integrando Pós-Graduação e Graduação. No bojo dessas transformações, a Universidade Presbiteriana Mackenzie promoveu, a partir de 2005, uma reestruturação de organograma de suas unidades, entre elas a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Criaram-se as Coordenações dos Cursos de Graduação, de Pesquisa e de Extensão, além de incorporação da Coordenação de Pós-Graduação, já existente, à Unidade Acadêmica. A pesquisa aliada à produção científica na FAU-Mackenzie fortaleceu-se à medida em que ampliou-se o número de docentes pesquisadores articulando os Cursos de Graduação e de Pós-Graduação.

3. Gestão da Reitora Prof. Dra. Aurora Catharina Giora Albanese (1985-1997)

4. Na ocasião, o número de ingessantes passou para 200 alunos por semestre.

5. As turmas passaram de 25 para 15 alunos por professor.

6. Período que coincide com a última etapa da gestão do Reitor Prof. Dr. Claudio Lembo, com gestão da Reitora Prof. Dra. Maria Lúcia Marcondes Carvalho Vasconcelos (2003), seguida pela gestão do Reitor Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles (2003-2010) e recentemente se desdobra em importantes outras iniciativas na gestão do Prof. Dr.-Ing. Benedito Guimarães Aguiar Neto (2011-atual).

Em 2006, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo aprova, junto à Capes, o Curso de Doutorado. Data também desse ano a incorporação do Curso de Graduação em Desenho Industrial (atual Curso de Design), antes alocado na Faculdade de Comunicação e Artes.

Um novo e complexo percurso inicia-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie a partir de 2006. Para atender a essas mudanças, desde então vêm sendo promovidas constantes adequações e atualizações das estruturas curriculares dos cursos da FAU-Mackenzie em diversos níveis – das infraestruturas de seus espaços físicos, buscando suprir lacunas do universo de conhecimentos e habilidades que hoje devem ser contempladas na formação de seus alunos, futuros profissionais. Relevantes reformas, ocorridas a partir de 2011, envolveram a infraestrutura da Escola com a ampliação de diversos laboratórios, bem como a estrutura acadêmica dos cursos de Graduação e Pós-Graduação, contribuindo para consolidar o perfil da FAU-Mackenzie na atualidade.

Hoje, a FAU-Mackenzie, com aproximadamente 2.800 alunos e 200 professores, possui a seguinte estrutura acadêmica: dois cursos de Graduação – Arquitetura e Urbanismo e Design;[7] Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, com cursos de Mestrado e Doutorado; cursos de Especialização[8] em subáreas de conhecimento ligadas à Arquitetura e Urbanismo e ao Design; coordenações de Trabalho Final de Graduação e de Pesquisa, de Atividades Complementares e de Extensão, de Estágio e Protagonismo Estudantil e de Relações Internacionais. Além disso, e não menos importante, entidades e organizações estudantis se fazem presentes na Escola, dentre as quais destacam-se: o Diretório da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam), a Atlética, a Bateria, o MoSalco (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) e a Empresa Júnior de Design. Portanto, na atualidade, para além de Arquitetos e Urbanistas, a Escola forma Designers, Mestres, Doutores e Especialistas em diversas áreas de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo e do Design. Constitui-se, assim, uma das maiores Faculdades de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, preservando acima de tudo sua identidade e qualidade.

Podemos afirmar que, a longo desses anos, a FAU-Mackenzie vem se mantendo em posição de destaque no panorama nacional do ensino de Arquitetura e Urbanismo e, mais recentemente, de Design. Isso se deve à sua excelência na formação em projeto em suas diversas escalas; à qualidade e ao valor de seus professores, estudantes e egressos, que atuam de modo destacado no mercado, em cargos públicos e, frequentemente, conquistam relevantes premiações em concursos nacionais e internacionais; ao avanço do conhecimento em pesquisas aplicadas e práticas extensionistas; e, também, ao engajamento político de seus professores e egressos nas lutas em defesa da profissão.[9]

Esta publicação tem o propósito traçar um breve percurso da história dessa importante Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Escrito a várias mãos, por um conjunto de professores e estudantes, e ciente de suas limitações, o livro divide-se em três partes que agrupam os diversos capítulos de maneira a criar nexos para a compreensão dos elementos indispensáveis ao entendimento do pioneirismo e da atualidade da FAU-Mackenzie:

Na página anterior:

Edifício Christiano Stockler das Neves – FAU-Mackenzie, na atualidade.

7. A partir de 2015, o Curso de Arquitetura e Urbanismo passou a ser novamente oferecido no período noturno, com 60 vagas, totalizando 240 vagas semestrais, distribuídas nos três períodos. O Curso de Design oferece atualmente 90 vagas anuais.

8. No primeiro semestre de 2017, os cursos de especialização ofertados foram: Concepção de Arquiteturas Metropolitanas; Gerenciamento de Empreendimentos da Construção Civil; Sustentabilidade das Edificações. A partir do segundo semestre de 2017, a FAU-Mackenzie oferecerá o Curso de Mídias Digitais em conjunto com a Faculdade de Computação e Informática. Outros cursos ligados à educação continuada em diversos níveis, com destaque para a extensão, vêm sendo ofertados, para além dos cursos de especialização.

9. Vale lembrar o papel de professores e profissionais na formação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) no Brasil e no estado de São Paulo (BRASIL, 2010) e na consolidação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Anparq).

Parte 1 – Faculdade de Arquitetura Mackenzie: origens, concepção e princípios (1917 a 1980)

Discorre sobre a gênese e a concepção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e sua relação indissociável com o Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie; a origem do ensino e seus processos de transição que levaram a avanços significativos: da Escola academista à moderna e, desta, à Escola contemporânea.

Parte 2 – Evolução da estrutura acadêmica, conquistas e atualidade (1980-2017)

Apresenta as transformações recentes que conformam a contemporaneidade da FAU-Mackenzie, seus principais avanços e conquistas no início do XXI. Aborda a reintegração do Curso de Design à FAU-Mackenzie, bem como a trajetória do Programa de Pós-Graduação, com os cursos de Mestrado e Doutorado.

Parte 3 – Protagonismo docente e estudantil: pesquisa e extensão na contemporaneidade e desafios futuros

Relata as mudanças estruturais que ampliaram o escopo de atuação nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação com os avanços alcançados a partir do incremento das atividades de pesquisa, de extensão e seus desdobramentos. Sintetiza ainda a contribuição e a inserção social de seus docentes e alunos no âmbito dos concursos de Arquitetura e Urbanismo. Valoriza o protagonismo estudantil, com destaque para o percurso e atualidade do Dafam, das demais entidades, e seus desdobramentos. Reflete sobre os principais desafios do presente com vistas à transformar o futuro.

Ao longo dos capítulos, textos curtos em formato de boxes contribuem para elucidar alguns aspectos essenciais para a compreensão do papel da Escola ao longo do tempo.

As imagens cuidadosamente incluídas nesta publicação buscam ilustrar os importantes aspectos da história da FAU-Mackenzie e se organizam em três vertentes: 1) imagens que apresentam parte do rico acervo fotográfico do Centro Histórico e Cultural Mackenzie, com destaque para o período entre 1917 e 1947; 2) fotografias que retratam a "Escola Viva" – aulas, eventos e atividades vivenciadas por alunos, professores e funcionários; 3) fotografias que ilustram, por meio de obras construídas, o percurso e a importância de algumas gerações de profissionais egressos da Escola.[10]

Por fim, esta publicação relata, ao longo de seus capítulos, a rica e longa trajetória da Escola que foi pioneira no estado de São Paulo, com a consciência de que não é possível suprir todos os aspectos e personagens que fizeram parte dessa história.[11] Revisitar o passado e conhecer o presente é, sobretudo, apontar para a Escola que desejamos no futuro.

10. Nesta publicação, foram selecionadas apenas algumas imagens de obras construídas, principalmente as situadas na região metropolitana de São Paulo, de autoria de Arquitetos egressos da FAU-Mackenzie. A base inicial foi uma pesquisa iconográfica realizada pelo Prof. Dr. Abilio Guerra, publicada na página do Facebook da Programa de Pós-Graduação da FAU-Mackenzie no período de abril e maio de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/PosFauMackenzie/>. Para esta publicação, a equipe complementou parte da pesquisa com a aquisição de fotografias das obras. Certamente, esta pesquisa ainda está incompleta e não dá conta do enorme repertório de projetos e obras realizados pelas diversas gerações de profissionais oriundos da FAU-Mackenzie.

11. Para maior aprofundamento sobre a história do ensino na FAU-Mackenzie e trajetória de seus egressos, apresentamos, na parte final desta publicação, uma lista de referências bibliográficas, principalmente teses, dissertações e livros, de autoria de pesquisadores que tratam o tema sob diversos aspectos.

Referências

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1945-1948 (Compreende os anos de 1945 a 1948). São Paulo: Instituto Mackenzie, 1949, v. 11-14.

BRASIL. Lei n. 12.378, de 31 de dezembro de 2010. Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo; cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAU; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 31 dez. 2010. Seção 1, p. 1, Edição Extra. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12378.htm>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BREIA, M. T. de S. e. *O ensino de Arquitetura e Christiano Stockler das Neves*. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE. *Discurso proferido pelo Sr. Professor Arquiteto Christiano Stockler das Neves por ocasião da solenidade da instalação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie*. São Paulo: Universidade Mackenzie, 12 de agosto de 1947. (Documento datilografado).

PEREIRA, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação no Curso de Arquitetura no Mackenzie College*. Um estudo sobre a disseminação dos métodos da "École des Beaux-Arts de Paris e das "Fine-Arts Schools" norte americanas. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

PINHEIRO MACHADO, D. B. Um panorama evolutivo do ensino de urbanismo no Brasil. In: PEREIRA, M. S.; COUTINHO, R. (Org.). *Urbanismo em Questão*. Rio de Janeiro: Prourb, 2003. p. 5-10. v. 1.

SANTOS, C. R. dos. Reflexões sobre a interdisciplinaridade de origem da área da Arquitetura. SEMANA DE PREPARAÇÃO PEDAGÓGICA – SPP "Interdisciplinaridade: Atravessando fronteira do conhecimento", 11., 2017, São Paulo. *Atas*... São Paulo: FAU-Mackenzie, 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. *Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_SP/PPC_AU_MACKENZIE_2013.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SECRETARIA GERAL. *Relação dos formandos do Curso de Arquitetura e Urbanismo, 1919 a 2017*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Regimento Geral da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Anexo II*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Decanato_Academico/Secretaria_Geral/informativos/Ato_01_2010_Anexo_2_do_Ato-RegimentoUPMRepubl__1_.pdf>. Acesso em: 8 maio 2017.

Na próxima página:

s/d. Alunos em sala de aula de desenho do Curso de Arquitetura Mackenzie.

FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE:
ORIGENS, CONCEPÇÃO E PRINCÍPIOS (1917 A 1980)

s/d. Alunos em uma aula de Desenho ao ar livre ministrada pelo Prof. e artista Theodoro Braga. Na foto, vê-se o Professor, o segundo da direita para a esquerda (em pé), apoiado no tronco da árvore, observando o grupo de alunos desenhando.

O Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie

Marcel Mendes

Introdução

O objetivo deste capítulo é trazer à presença do leitor fragmentos históricos e tramas que possam iluminar a trajetória de três décadas do Curso de Arquitetura ministrado na antiga Escola de Engenharia Mackenzie College, curso que antecedeu a instalação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, no ano de 1947. A natureza do texto e a oportunidade da sua publicação indicam que este é um escorço panorâmico que não traduz, com a devida densidade de pontos e a conveniente nitidez de traços, todos os matizes e os contornos que esse quadro histórico poderia comportar.

Sobre o mesmo tema e em diferentes contextos, os Arquitetos-Pesquisadores Fernando Atique, Gustavo Pereira, Maria Teresa de Stockler e Breia e Sylvia Ficher – entre outros – produziram textos acadêmicos seminais. Essa constatação não impede que novas contribuições possam ser agregadas, pois, de acordo com o historiador Marc Bloch (2002, p. 75), se "o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará, o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa". Para não perder a moldura e o foco do quadro, passemos de imediato aos tópicos da nossa breve elaboração temática.

Origem do Curso de Arquitetura: formação de Engenheiros-Arquitetos

Não é a primeira vez que se diz que o 'edifício' da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie) repousa solidamente sobre o 'alicerce' do Curso de Engenheiros-Arquitetos, construído a partir de 1917. Datam também dessa mesma época a *Revista de Engenharia Mackenzie* (1915), o Curso de Químicos Industriais (1916), o Curso de Engenheiros Mecânicos-Eletricistas (1917) e o Centro Acadêmico Horácio Lane (1918) – todos de alguma forma vinculados à tradicional Escola de Engenharia Mackenzie College, que já contava duas décadas de saliente atuação.

Imprimindo à sua dinâmica administração as marcas do crescimento e da diversificação, dirigia os destinos da instituição educacional presbiteriana de São Paulo William A. Waddell (1862-1939). Além de bacharel em Artes e Ciências e *Doctor Honoris Causa* em Filosofia e Teologia, Waddell também era engenheiro civil e, nessa condição, exercera, entre 1893 e 1895, a direção técnica das obras do Edifício Mackenzie, sede primitiva da Escola de Engenharia Mackenzie College – a mais antiga do Brasil dentre as instituições privadas de

Ca.1932. Projeto porta principal de um Museu – Walter Saraiva Kneese (Mackenzie, 1934).

ensino de Engenharia – e atual endereço do Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM). Depois de ter sido por algum tempo Deão[1] do Curso de Engenharia Civil, William Waddell transferiu-se em 1899 para o estado da Bahia, onde desempenhou múltiplas funções de pastor-missionário-engenheiro-educador, até retornar novamente ao Mackenzie College, em 1914, convidado pelo Board of Trustees de Nova York,[2] para ocupar a vaga de presidente, recentemente deixada pelo médico-educador-filantropo Horace M. Lane (1837-1912), que morrera em 27 de outubro de 1912.[3]

No ano de 1916, William Waddell viajou aos Estados Unidos decidido a promover a aproximação do Mackenzie College em São Paulo com o Union College em Schenectady, estado de Nova York, local em que obtivera seus títulos acadêmicos, à exceção daquele de Teologia, que era do Princeton Theological Seminary. O jornal *The New York Times Magazine* de 25 de junho daquele ano divulgou ampla notícia sobre a presença do dirigente mackenzista no país, acrescentando ser uma auspiciosa experiência de pan-americanismo.[4] A evocação dessa bandeira de integração pan-americana parece soar, na atualidade, um tanto ingênua, se for desvinculada da ideologia nela subjacente. Cabe até inserir aqui uma breve digressão, para mencionar que a influência dos Estados Unidos da América do Norte sobre a América Latina e Caribe encontrava-se num estágio promissor (do ponto de vista norte-americano), especialmente nas áreas estratégicas e básicas da economia, tais como mineração, energia e transporte, sendo clara, também, a penetração cultural por meio do cinema, da música e da literatura. Um exemplo desses vetores de sentido norte-sul materializou-se em São Paulo, nas décadas de 1910 a 1930, por meio do protagonismo da Fundação Rockefeller exercido na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e no delineamento da política de pesquisa, higiene e saúde pública do estado paulista. Fechemos o parêntese.

É preciso reconhecer que William Waddell não voltou dos Estados Unidos de mãos vazias; no mínimo, conseguiu atrair o interesse da empresa General Electric para a criação de um moderno Curso de Engenheiros Mecânicos-Eletricistas no Mackenzie College, à época em que a difusão da eletricidade e suas aplicações se tornava crucial para a urbanização e industrialização de São Paulo, cidade que também estava em vias de iniciar sua fase de verticalização.

Naquele mesmo ano de 1916, assumiu as atribuições de inspetor da University of the State of New York (USNY) no Mackenzie College[5] o Arquiteto brasileiro George H. Krug (1860-1919), formado pela School of Architecture – depois de 1920 denominada Fine Arts School – da Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, Estados Unidos. Nessas atribuições acadêmicas, George Krug substituía o notável geólogo Orville A. Derby (1851-1915), formado na Cornell University, que exercera essa representação da USNY desde 1895 até a data da sua trágica morte no Rio de Janeiro.

As conexões de George Krug com a instituição educacional presbiteriana de Higienópolis não eram recentes e tinham o viés confessional, uma vez que ele era presbi-

1. Cargo aproximadamente equivalente ao de Coordenador de Curso, mais próximo do título de Diretor.

2. Equivalente a um Conselho de Curadores, nomeado pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

3. Na transição entre Horace Lane e William Waddell, o cargo de Presidente do Mackenzie College foi ocupado pelo Rev. Donald C. McLaren (1859-1930).

4. Sobre o tema "pan-americanismo" e seus desdobramentos, ver Atique (2007, p. 22-41).

5. O Arquiteto George Henry Krug foi designado pela University of the State of New York (USNY) para ocupar a vaga deixada pelo geólogo norte-americano Orville Adelbert Derby (1851-1915), que era vinculado a Cornell University. Segundo Atique (2007, p. 162), a USNY não deve ser confundida com a atual State University of New York (Suny), criada apenas em primeiro de julho de 1948. A antiga USNY encontra-se atualmente vinculada ao State Department of Education of New York e funciona como órgão supervisor de ensino superior no Estado de Nova York.

teriano, assim como Horace Lane, antigo presidente do Mackenzie College.[6] Essas relações tinham, no entanto, o viés profissional, pois, associado a seu pai, haviam construído em São Paulo, entre 1890 e 1892, o Hospital Samaritano, e de cujo corpo diretivo fazia parte o médico Horace Lane (HOMEM, 2011, p. 58). Em reforço a esses vínculos, George Krug fora professor das cadeiras de 'Arquitetura' e 'Construção' da Escola de Engenharia Mackenzie College, de 1899 a 1902, tornando-se também docente da Escola Politécnica de São Paulo entre 1904 e 1916 (FICHER, 2005, p. 87-88). Tudo indica que esses foram os primeiros contatos institucionais do Mackenzie com uma personalidade oriunda da Fine Arts School da Universidade da Pensilvânia. Cabe lembrar ainda que as peculiaridades do Mackenzie College exigiam paradigmas acadêmicos diferenciados para seus cursos superiores, e isso havia sido buscado em latitudes acima da linha do Equador, em tradicionais estabelecimentos de ensino situados no Estado de Nova York. Quanto à Filadélfia, não tardaria para que essas aproximações se concretizassem, ainda que de forma indireta, especialmente em função de uma nova e relevante presença que estava para irromper no palco dos acontecimentos e que se tornaria elemento-chave para a criação do Curso de Engenheiros-Arquitetos no Mackenzie College: tratava-se de Christiano Stockler das Neves (1889-1982).

Ca. 1932. Projeto de uma Torre, do então estudante do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College, Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese.

6. Esta é uma inferência oferecida pelas fontes secundárias consultadas.

Entra em cena o Arquiteto Christiano Stockler das Neves

O Arquiteto Christiano Stockler das Neves, filho do construtor e engenheiro Samuel Augusto das Neves (1863-1937), havia chegado recentemente dos Estados Unidos, onde conquistara sua "Proficiência em Arquitetura" (ATIQUE, 2010, p. 5-14) na já mencionada School of Architecture (Fine Arts School) da Universidade da Pensilvânia, no período de 1909 a 1911. Completava, assim, a formação profissional iniciada em 1907 no Curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica de São Paulo. Entre sua saída daquele *campus* norte-americano e sua chegada a São Paulo, ele cumpriu extenso roteiro cultural na Europa, visitando bibliotecas, livrarias, exposições e instituições educacionais em mais de duas dezenas de cidades (BREIA, 1995, p. 134).

Como se verá adiante, a presença de Christiano Stockler das Neves no ambiente educacional da cidade de Filadélfia significou para o jovem Arquiteto paulista um marco indelével na sua formação. Dentre outras interações de ordem acadêmica e cultural, ele teve o privilégio de ali privar da presença do renomado Arquiteto francês Paul Philippe Crét (1876-1945), formado na École Nationale de Beaux-Arts de Lyon, e que atuava como professor da School of Architecture desde o começo do século XX, quando fora contratado. Por sua influência e de outros mestres oriundos da Europa, vinham sendo assimilados e incorporados métodos e princípios teóricos das escolas de belas artes francesas, com destaque para a École des Beaux-Arts de Paris. Isso não aconteceu como simples transposição, porquanto as influências pragmáticas norte-americanas impuseram certa simplificação nas questões ornamentais e incorporaram elementos técnicos à formação do Arquiteto,

1934. Estudo para uma Escola Profissional. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

1934. Um Clube Náutico para Santo Amaro. Estudo para um Clube Náutico em Santo Amaro. Autoria do Engenheiro--Arquiteto Walter Saraiva Kneese.

distinta, porém, daquela do Engenheiro. A partir de 1920, a então já consagrada School of Architeture veio a ampliar o leque das formações artísticas, adotando, concomitantemente, o nome pelo qual ficou mais conhecida na historiografia: Fine Arts School of the University of Pennsylvania – Penn (ATIQUE, 2007; 2009).

Retomemos a trajetória de Christiano Stockler das Neves, que, ao regressar a São Paulo, procurou aplicar e difundir, com as necessárias contextualizações, os conceitos que absorvera na Fine Arts School num esforço de síntese da tradição acadêmica francesa com as influências norte-americanas. Essa configuração fazia do Arquiteto o profissional com o maior volume de atribuições no processo projetivo e construtivo, em decorrência das suas elevadas competências estéticas, compositivas e técnicas, como se dizia. Das vertentes que então brotaram do fluente e impetuoso Christiano Stockler das Neves, destacamos aqui aquela relacionada com a formação de Arquitetos, que acabou desaguando no Mackenzie College. Nas palavras dele:

> Empolgado com os magníficos métodos das universidades norte-americanas para o ensino de arquitetura, pensei, ainda nos bancos acadêmicos, em trazê-los para o nosso país. Aqui chegando, aguardei o momento oportuno para isso, na convicção de que faria obra patriótica e útil, organizando um curso, moldado nos das grandes instituições de ensino dos Estados Unidos. (ANUÁRIO, 1942, p. 40).

Essas coordenadas definem a confluência das trajetórias de William Waddell e Christiano Stockler das Neves, tendo como presença coadjuvante, porém estratégica, a figura de George Krug: um Engenheiro Civil e dois Arquitetos – todos formados em renomadas instituições acadêmicas dos Estados Unidos da América. Mais uma vez, nas palavras de Christiano Stockler das Neves (sic):

> Efetivamente, sem visarmos qualquer interesse pecuniário, ocorreu-nos apresentar nossa idéia ao Mackenzie College, instituição livre e a única que estava em condições de aceitá-la, por adotar os mesmos métodos de ensino que fizeram a grandeza da terra do Tio Sam e que foram tão enaltecidas por Le Bon. Assim, dirigimo-nos à Diretoria desse estabelecimento, ocupada, interinamente pelo Prof. Slater, que interessou-se pela nossa proposta, resolvendo que se aguardasse o regresso do Dr. Waddell, nosso saudoso amigo e emérito educador, que se achava nos Estados Unidos. (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, 1943, p. 2).

Como já referido, no primeiro semestre de 1916, o presidente do Mackenzie College encontrava-se em Schenectady, estado de Nova York, buscando apoio para a implantação do Curso de Engenheiros Mecânicos-Eletricistas. Esse desafio inaugural de William Waddell ganhou concretude já no ano seguinte, mas o ciclo de implantação de novos cursos superiores no Mackenzie estava apenas começando, a despeito da grave conjuntura internacional que

Ca.1945. Estudo a partir de referências da Arquitetura e Arte romanas. Autoria do Engenheiro Civil e Arquiteto Elgson Ribeiro Gomes (Mackenzie, 1958).

registrava, dentre outras tragédias, a evolução da Primeira Guerra Mundial, com todo o seu impacto sobre a dinâmica social, comercial e econômica do planeta.

Ao retornar dos Estados Unidos, William Waddell abraçou prontamente a proposta de Christiano Stockler das Neves, solicitando, contudo, que ele não só lecionasse a cadeira de 'Composição Arquitetural', como era sua primeira intenção, mas que assumisse todas as disciplinas teóricas e práticas do Curso, aquelas específicas, não ministradas aos alunos de Engenharia Civil. Foi assim que nasceu, em 1917, o novo Curso de formação de Engenheiros-Arquitetos, vinculado à Escola de Engenharia Mackenzie College. A primeira turma, iniciada com apenas dois alunos que já cursavam Engenharia, convergiu na formatura de um único concluinte, o Engenheiro-Arquiteto Waldemar Kneese Ferreira. Isso foi em 1919.

Este é o momento de inserir um parágrafo para registrar que a origem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie guarda interessante similitude à da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), pois esta também se constituiu a partir do Curso de Engenheiros-Arquitetos que havia sido criado na Escola Politécnica à época da sua instalação, em 1894, mas que começou a funcionar dois anos mais tarde. Segundo a pesquisadora Sylvia Ficher, até 1917 – ano da morte de Antônio Francisco de Paula Souza (1843-1917), fundador e primeiro diretor da Escola Politécnica – apenas 20 profissionais haviam se formado nesse tradicional estabelecimento de ensino superior público, evidenciando o reduzido interesse pelo título de Engenheiro-Arquiteto (FICHER, 2005, p. 11). Essa baixíssima média (menos de um profissional por ano) na Escola congênere atesta o quanto a proposta de Christiano Stockler das Neves foi produto de um sonho – "coisas da mocidade" –, como ele mesmo afirmou posteriormente (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, 1943, p. 2). Nas palavras de Adolfo Morales de los Rios Filho, presidente do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea) por ocasião da criação da Faculdade de Arquitetura, em 1947, essa era uma "inaudita ousadia para aquele tempo, o estudo da Arquitetura no Mackenzie College. Tem a ampará-lo o decidido apoio dos mestres norte-americanos que dirigiam a instituição" (ANUÁRIO, 1949, p. 180). Atesta, também, o quanto o interesse do Mackenzie College pela implantação da nova carreira foi fruto de um ideal que só ganharia peso específico e foro de relevância mais à frente. Como se pode inferir, não foram as alavancas econômicas que moveram os projetos educacionais acalentados por esses protagonistas da história do ensino de Arquitetura em São Paulo: Christiano Stockler das Neves e William Waddell.

Em face da criação do novo Curso de Engenheiros-Arquitetos do Mackenzie College, é de se perguntar sobre suas características distintivas e marcas peculiares. A resposta parece imediata: no seu todo, a configuração do Curso teria sido inspirada no modelo das instituições norte-americanas, mais especificamente aquelas influenciadas pelas escolas de belas artes francesas. Seria essa uma premissa suficiente para delinear os rumos, justificar os métodos e assegurar a identidade diferenciada do Curso de Arquitetura do Mackenzie? Concernente a essa questão, Christiano Stockler das Neves, seu fundador e primeiro Deão (mais tarde, Diretor), fez afirmações categóricas:

> Trouxemos para aqui os magníficos métodos de ensino da grande arte civilizadora adotados nos Estados Unidos, onde fizemos os nossos estudos, métodos esses inspirados nos da Escola de Belas Artes de Paris, adaptados às necessidades do nosso continente. (ANUÁRIO, 1950, p. 131).

A menção à capital francesa sugere outro recorte de discurso de Christiano Stockler das Neves, que ajuda a entender como começou a funcionar o Curso de Arquitetura (sic):

> Naqueles ditosos tempos, sem qualquer experiência no ensino, começamos o curso apenas com dois alunos, lutando com grandes dificuldades pela falta de livros didáticos em português, e em outros idiomas, para as salas da magna arte. Felizmente, possuíamos ótimo material para o ensino, adquirido em nossa viagem ao Velho Mundo, e que, até hoje, está servindo ao curso. (ANUÁRIO, 1949, p. 189).

Ca.1947. Projeto de um monumento com Loggia. Autoria do Engenheiro Civil e Arquiteto Elgson Ribeiro Gomes (Mackenzie, 1958).

A firmeza das declarações do 'criador' do Curso de Arquitetura do Mackenzie College, assim como a abundância de evidências históricas atestam a identidade diferenciada dessa singular 'criatura', cuja verdadeira ontologia jamais foi negada ou dissimulada. Resta, portanto, conhecer os traços da sua personalidade.

Características do Curso de Arquitetura, formador de Engenheiros-Arquitetos

Na sua origem, o Curso de Engenheiros-Arquitetos do Mackenzie College tinha cinco anos de duração, dos quais os primeiros dois constituíam tronco comum com a Engenharia Civil, e os três seguintes eram específicos. Para estes últimos, o professor era único e as aulas dos diversos anos escolares eram ministradas numa mesma sala, simultaneamente para diferentes grupos.

A primeira turma foi atendida exclusivamente por Christiano Stockler das Neves, mas, a partir da seguinte, o professor-fundador passou a contar com auxiliares recém-formados que foram, sucessivamente, os Engenheiros-Arquitetos Waldemar Kneese Ferreira (turma de 1919), Caetano Carnicelli (turma de 1920), José do Amaral Neddermeyer (turma de 1922) e Francisco José Esteves Kosuta (turma de 1925). Esse último fez carreira na FAU-Mackenzie, tornando-se catedrático de 'Geometria Descritiva', 'Elementos de Geometria Projetiva' e 'Perspectiva', e substituto eventual do próprio Christiano Stockler das Neves na direção do Curso.

Em 1922, o presidente do Mackenzie College, William Waddell, informou ao Board of Trustees de Nova York sobre o andamento do Curso que formava Engenheiros-Arquitetos. Tratava também do desempenho e qualificação profissional do seu responsável (Deão) e sobre as necessidades futuras:

> Nosso professor para Engenheiros-Arquitetos, Sr. Christiano Stockler das Neves, graduado na Universidade da Pennsylvania, acaba de conquistar o primeiro lugar no concurso para os projetos das estações ferroviárias de São Paulo e do Rio e ganhou a o contrato. Ele será o maior arquiteto do Brasil, se já não o é. Ele tem oferecido a nós, e isso é praticamente um presente, parte de seu tempo para fins de inspeção; o ensino é feito por outros. Se vocês pudessem encontrar um arquiteto norte-americano seria uma grande vantagem, mas ele deve ser um projetista melhor do que o norte-americano comum, e versado em problemas de construções em aço e concreto. (MACKENZIE COLLEGE, 1922, p. 12, tradução nossa).

Enquanto William Waddell e Christiano Stockler das Neves aguardavam a chegada desse Arquiteto estadunidense versado em estruturas de aço e de concreto, foi preciso reforçar o quadro docente com profissionais nativos. A primeira contratação externa foi a do Prof. Theodoro José da Silva Braga (1872-1953), artista dos mais ilustres, que assumiu as disciplinas 'História da Arte', 'Desenho a Mão Livre', 'Aquarela' e 'Modelagem'. Seguiram-se na docência os Engenheiros-Arquitetos Antonio Gallo Ferrigno (turma de 1922), Eduardo Augusto Kneese de Mello (turma de 1931) e Manoel Carlos Gomes de Soutello (turma de 1937) – todos mackenzistas. A segunda contratação externa deu-se apenas em 1939, ocasião em que o conhecido Engenheiro-Arquiteto Bruno Simões Magro (1882-1956) ingressou na Escola de Engenharia Mackenzie para lecionar no Curso de Arquitetura as disciplinas de 'Urbanismo', 'Prática Profissional' e 'Organização do Trabalho'. Dois anos depois, afastou-se para assumir uma cátedra no Curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola Politécnica, então já jurisdicionada à Universidade de São Paulo. Esse foi o quadro docente básico das disciplinas específicas do Curso ao longo dos seus primeiros 25 anos. No lustro que vai de 1942 até a criação da Faculdade de Arquitetura (1947), novos nomes passaram a fazer parte do corpo docente do Curso: Elisiário da Cunha Bahiana (em 1943, para as disciplinas 'Arquitetura Paisagista', 'Organização do Trabalho', depois 'Prática Profissional'), Pedro Corona (em 1946, para as disciplinas 'Modelagem' e 'Desenho Artístico') e Ruy Martins Ferreira (em 1946, para as disciplinas 'História da Arte', 'Arquitetura no Brasil' e 'Composições Decorativas').

No tronco comum com o Curso de Engenharia Civil, atuaram inúmeros professores catedráticos, contratados e assistentes, alguns de notória projeção profissional. Desse grupo, no período que vai de 1917 a 1947, são inevitáveis as seguintes menções nominais: Alexandre Maurício Orecchia, Álvaro Mendonça, Américo da Graça Martins, Antenor Pinto da Silveira, Antonio Luiz Ippólito, Arthur Motta, Domingos Nolasco de Almeida, Edison de Aguiar Souza, Elato Silva, Evaristo Valladares Costa, Henrique Neves Lefèvre, Humberto Fonseca, Luiz de Castro Sette, Lysandro Pereira da Silva, Odair Grillo, Paulo Sampaio Wilken, Serafim Orlandi, Sergio Sonnino, Ulysses Aguiar de Souza e Ulysses Belluzzo (ANUÁRIO, 1949, p. 131-133).

O que ensinavam esses docentes? Que orientação recebiam do Deão (depois Diretor) do Curso de Arquitetura, formador de Engenheiros-Arquitetos? Quais eram as estratégias que adotavam para ministrar suas disciplinas? Como se estruturavam as matrizes curriculares do Curso? Quais eram os conteúdos dos programas? Qual o perfil da bibliografia adotada? Encontravam-se exemplares dessa bibliografia disponíveis na biblioteca? Com que frequência

Na página anterior:

Estação Júlio Prestes, São Paulo, projetada pelo Arquiteto Christiano Stockler das Neves e pelo Engenheiro Samuel das Neves em 1925 e concluída 13 anos depois, em 1938. Com 25 mil m², a construção foi inspirada nos terminais ferroviários norte-americanos, tais como a Grand Central Station (1903), cujo nome foi atualizado para Grand Central Terminal (1913), e a Pennsylvania Station (Penn Station, 1910), com o propósito de abrigar a principal estação da então Estrada de Ferro Sorocabana. Sofreu importante intervenção em 1999, passando a abrigar além das instalações da estação ferroviária da Linha 8 – Diamante, da CPTM, a sede da Secretaria de Cultura de São Paulo e a Sala São Paulo, casa de concertos da Orquestra Sinfônica do estado de São Paulo (Osesp), projeto de autoria do Arquiteto Nelson Dupré (Mackenzie, 1973).

Ca.1947. Projeto de uma fonte. Autoria do Engenheiro Civil e Arquiteto Elgson Ribeiro Gomes (Mackenzie, 1958).

7. O Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) conta com acervo semelhante, eventualmente mais amplo. A referência ao arquivo histórico-documental da Escola de Engenharia decorre de terem sido buscados nesse acervo os elementos documentais aqui referidos e utilizados.

eram atualizadas as indicações bibliográficas? Qual era a infraestrutura de que dispunham os docentes? Tinham ateliês, oficinas e laboratórios adequados? Que tipo de interação com escritórios individuais e empresas construtoras era mantida? Quem eram os alunos – seu perfil socioeconômico – que procuravam o Curso de Engenheiros-Arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie College (até 1934), ou simplesmente Escola de Engenharia Mackenzie (após 1934)? Manteve-se esse título de Engenheiro-Arquiteto fixo ao longo do tempo ou houve mudanças na denominação do Curso e do respectivo título? Teve sempre o Curso a duração de cinco anos? Evidentemente, não temos condições de fornecer respostas completas para todas essas questões, pelas próprias limitações impostas ao texto. Recorremos, contudo, a algumas referências pontuais que poderão fornecer traços desse instigante quadro.

Com relação aos conteúdos programáticos, o roteiro de pesquisa passa pelo arquivo histórico-documental da Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie,[7] que dispõe de volumes encadernados contendo valiosas informações, dentre as quais as ementas das matérias lecionadas nos cursos do Mackenzie College, desde 1905, assim como os programas analíticos de todas as disciplinas ministradas na Escola de Engenharia, a partir de 1927, com pequenos lapsos temporais (ANUÁRIO, 1949). Essas fontes podem responder a parte dos quesitos propostos no parágrafo anterior, especialmente se as grades curriculares e os conteúdos programáticos forem dispostos em sequência cronológica, do que se poderá observar sua evolução ou eventual estagnação, comparativamente às espirais do desenvolvimento sociocultural e tecnológico da época.

A título de ilustração, verifica-se que o programa da disciplina 'História da Arquitetura', de 1927, não continha tópico relativo à Arquitetura Contemporânea, encerrando a sequência programática com Arquitetura Tradicional do Brasil (ANUÁRIO, 1949, p. 266). Já no programa da cadeira de 'Arquitetura Analítica' (que substituiu a disciplina 'História da Arquitetura'), editado em 1941, os últimos dois tópicos dizem respeito à Arquitetura Colonial no Brasil e à Arquitetura Contemporânea (ANUÁRIO, 1941, p. 361-362). Para quem se debruça sobre o tema, essa discreta mudança traduz mais que uma atualização programática. É reveladora de um quadro de tensões que excitavam as entranhas do Curso e de uma tendência irreversível de acolhimento de novos paradigmas para a Arquitetura. Esses vetores tinham direção e sentido convergentes para a figura ímpar do fundador-diretor do Curso, o Arquiteto Christiano Stockler das Neves.

Outro registro capaz de elucidar a própria dinâmica do Curso que formava Engenheiros-Arquitetos encontra-se no preâmbulo do programa da cadeira de 'Pequenas Composições de Arquitetura', editado em 1941, de responsabilidade de Christiano Stockler das Neves, eventualmente ministrada por um dos seus assistentes. Cabia aos alunos a elaboração de um projeto temático, que deveria ser apresentado em duas fases, respectivamente, o esboço e o lançamento da ideia em uma primeira sessão e o desenvolvimento do projeto a partir desse esboço preliminar, em sessões seguintes. Esses procedimentos submetiam-se à norma abaixo, em que, à parte dos conceitos inseridos nas entrelinhas, declara-se de forma sinuosa que a autonomia do aluno devia ser compensada pela sua competência:

> A crítica dos esboços feita pelo professor provocará o debate, a exposição de motivos e esclarecimentos, dando a oportunidade a este de medir os valores individuais, orientar os desequilíbrios de composição e verificar as tendências pessoais aproveitáveis. (ANUÁRIO, 1941, p. 354).

A identificação das características do Curso de Arquitetura oferece um largo leque de possibilidades. Poderíamos destacar referências alusivas à célebre controvérsia entre a tendência "clássica" (tradicional, conservadora), defendida com veemência e competência por Christiano Stockler das Neves, e a tendência "modernista" que se impunha por força dos movimentos sincrônicos que se multiplicavam pelo mundo afora, e de modo peculiar, no Brasil, afetando significativamente as manifestações da arte, da música, da literatura e da Arquitetura. Não o faremos neste exíguo espaço, pois teríamos que ser superficiais na análise desse embate que transcende as questões acadêmicas.[8]

Retornemos para as características marcantes do Curso, abordando aqui os trabalhos de conclusão do ciclo acadêmico, de natureza interdisciplinar e nível semiprofissional, denominados "Projectos-These", dos tempos do Mackenzie College.

Ca.1947. Projeto para uma fachada. Autoria do Engenheiro Civil e Arquiteto Elgson Ribeiro Gomes (Mackenzie, 1958).

8. Ver, dentre outros autores e textos, Abrunhosa (2016).

9. Depois de 1927, a presença do Inspetor (representante) designado pela Universidade do Estado de Nova York foi substituída pela do Inspetor Federal nomeado pelo Ministério da Educação e Saúde para supervisionar a Escola de Engenharia Mackenzie.

Os "Projectos-These" do Mackenzie College

Seguindo modelo norte-americano, a Escola de Engenharia Mackenzie College estabelecera, desde a sua origem em 1896, a exigência da elaboração de trabalho de conclusão de curso, denominado "Projecto-These", cuja apresentação final era feita perante a Congregação da Escola, em sessão pública, encontrando-se presente o Inspetor da Universidade do Estado de Nova York, além de convidados especiais.[9] Com a implantação do Curso de Arquitetura em 1917, esse requisito formal foi preservado, constando dos prontuários individuais dos concluintes os títulos das suas produções acadêmicas, que tinham cunho semiprofissional. Houve situações atípicas, em que os candidatos não obtiveram aprovação, e outras, em que os projetos foram desenvolvidos em duplas de alunos, em função do volume e da abrangência desses trabalhos. Aos reprovados, propunha-se nova sessão pública, que se realizava, às vezes, somente um ano depois, uma vez que a presença do representante de Nova York era condição obrigatória, até 30 de junho de 1927. Nessa data, foi concedida autonomia acadêmica ao Mackenzie College em relação à University of the State of New York (USNY), uma espécie de autarquia fiscalizadora do ensino superior, que impunha os paradigmas acadêmicos e assegurava a qualidade dos cursos vinculados, possibilitando que os diplomas de graduação tivessem reconhecimento automático nos Estados Unidos, permitindo-se também aos seus portadores o exercício profissional naquele país do Norte.

PROJECTO-THESE PARA A BIBLIOTHECA DO ESTADO DE SÃO PAVLO

VM PALACIO PRESIDENCIAL

ESCOLA DE ENGENHARIA MACKENZIE ESCALA 1:100 CVRSO DE ARCHITECTVRA

A equiparação dos cursos da Escola de Engenharia Mackenzie College aos congêneres nacionais, formalizada pelo Decreto Legislativo nº 4.659-A, de 19 de janeiro de 1923, tornara, de fato, dispensável a subordinação acadêmica a Nova York. Esse desfecho demorou para se consumar e custou à Escola de Engenharia abrir mão dos referenciais norte-americanos, para adotar os programas da Escola Nacional de Engenharia e da Escola Nacional de Belas Artes (ANUÁRIO, 1942, p. 34). Esta última deu origem (em 1945) à Faculdade Nacional de Arquitetura – a primeira do país com a designação 'Arquitetura' –, hoje Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por volta de 1935, com a completa equiparação dos seus cursos aos congêneres nacionais, a Escola de Engenharia Mackenzie deixou de exigir dos seus formandos a realização dos chamados "Projectos-These", restando algumas opções individuais pelo chamado "Diploma Americano", que ainda vigoraram, nesses casos excepcionais, até 1939.

Os Anuários da Escola de Engenharia Mackenzie editados a partir de 1934 publicam a relação dos títulos dos Projetos-Tese apresentados, enquanto os Livros de Atas da Congregação consignam as sessões públicas em que esses trabalhos eram defendidos, constando, em alguns casos, o próprio teor das arguições dos examinadores e os termos das respostas oferecidas pelos formandos. Destacamos, a seguir, os títulos das produções dos Engenheiros-Arquitetos identificados nos registros disponíveis, seus autores e o ano de conclusão, desde a primeira turma (1919) até quando a exigência deixou de ser imposta (1935),[10] em decorrência das mudanças estruturais por que passou a Escola de Engenharia para se adaptar à legislação educacional brasileira (ANUÁRIO, 1934; 1955). Por motivos que não conseguimos apurar, dois nomes da turma de 1930 e outros sete, da turma de 1932, não tiveram os títulos dos seus Projetos-Tese publicados nos Anuários, nem as respectivas Atas foram localizadas. Deixam, portanto, de constar do Quadro 1, abaixo, que é composto de 47 nomes de Engenheiros-Arquitetos do antigo Mackenzie College:

Quadro 1 – "Projectos-These" dos Engenheiros-Arquitetos, de 1919 a 1934 (continua).

Título	Autor	Ano
Uma Embaixada	Waldemar Kneese Ferreira	1919
Escola Paulista de Belas Artes	Antonio Gomes Barreiros	1920
Pavilhão da Itália na Exposição do Centenário da Independência Brasileira	Caetano Carnicelli	1920
Palácio de Justiça do Estado do Paraná	Romeu do Amaral	1920
Projeto de um Palácio de Justiça	Antonio Gallo Ferrigno	1922
Projeto de um Museu de Belas Artes	José do Amaral Neddermeyer	1922
Projeto de um Conservatório de Música para São Paulo	Renato Ribeiro de Aguiar	1922
Projeto do Cine-Teatro de Jaú	Armênio de Lima Goes	1923
Projeto do Teatro Municipal de Santos	Salomão Rosa	1923
Projeto do Museu de História Natural de São Paulo	Francisco de Paula Silveira	1924
Projeto de um Centro das Artes em São Paulo	João dos Santos Filho	1924
Instituto de Ciências e Letras para a Cidade de São Paulo	Antonio Cassese	1925
Nova Estação da S. Paulo Railway, no Brás, com o Plano das Linhas Elevadas	Francisco José Esteves Kosuta	1925

Na página anterior:

Projecto-These para a Biblioteca do estado de São Paulo. Autoria da Engenheira-Arquiteta Zilda Sampaio Perrone, primeira mulher a se diplomar no Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College (Mackenzie, 1929).

Projecto-These – VM Palácio Presidencial, de autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

10. O chamado "Curso Americano" tinha exigências similares às estabelecidas nos regulamentos do curso "nacional", acrescidas do seguinte: média das notas para habilitação, 60; 85% de frequência obrigatória às aulas teóricas e práticas; Projecto-These no final do curso (ANUÁRIO, 1938, p. 21-23).

Quadro 1 – “Projectos-These” dos Engenheiros-Arquitetos, de 1919 a 1934 (continuação).

Título	Autor	Ano
Projeto de uma Casa de Apartamentos em Concreto Armado	Guilherme Corazza	1925
Paço Municipal para a Cidade de Campinas	Henrique Franzoni	1925
Projeto de uma Residência Diplomática para o Ministro Brasileiro junto à Liga das Nações	Ítalo Martinelli	1925
Projeto de um Clube para a Cidade de Ribeirão Preto	Alexandre Cesar Cococci	1926
Projeto do novo Paço Municipal de Taubaté	José Bastos Silva	1926
Projeto do Novo Palácio do Governo de São Paulo	Miguel Próta	1926
Projeto de um Cine-Teatro para São Paulo	Álvaro David do Valle	1927
Projeto do Ginásio do Estado	Francisco Souza Rocha Jr.	1927
Projeto de um Asilo para Velhos	Joaquim Marques Ladeira	1927
Projeto de uma Escola de Arquitetura para São Paulo	José Dias da Gama	1927
Projeto de um Congresso do Estado para São Paulo	Oswaldo Barreto Robinson	1927
Projeto de um Estádio	Plínio Botelho do Amaral	1927
Projeto de uma Academia de Belas Artes	Renato de Guglielmo	1927
Projeto da Escola de Farmácia e Odontologia de Araraquara	Ruy Fernandes Seixas	1927
Projeto de um Paço Municipal para a Cidade de Santos	Alcides Xande	1928
Projeto de um Auditório para a Cidade de Campinas	Luiz Del Nero	1928
Projeto de um Edifício Comercial para a Cidade de São Paulo	Raul Freire de Mattos Barretto	1928
Projeto de um Prédio para Agência de Banco em Guaratinguetá	Vicente Del Monaco	1928
Projeto de um Banco para a Cidade de São Paulo	Fernando Alberto Gama Rodrigues	1929
Projeto de um Aeroporto para a Cidade de São Paulo	Max Hans Förtner	1929
Projeto de uma Biblioteca para a Cidade de São Paulo	Zilda de Almeida Sampaio	1929
Projeto de um Panteão Nacional	Alfredo Cecílio Lopes	1930
Projeto para o novo Viaduto do Chá	Antonio Tadeu Giuzio	1930
Projeto de Correios e Telégrafos para a Cidade de Campinas	Armando Ciampolini	1930
Projeto de um novo Hipódromo para São Paulo	Américo Capua	1930
Projeto de uma Escola de Belas Artes para a Cidade de São Paulo	Décio da Silva Pacheco	1930
Projeto de um Clube para a Cidade de Caxias do Sul	José Perroni Jr.	1930
Projeto de um Colégio Evangélico para a Cidade de Ourinhos	Alberto Schirato	1931
Projeto de um Aeroporto	Carlos Amélio Botti	1931
Projeto de uma Policlínica para São Paulo	Eduardo A. Kneese de Mello	1931
Projeto de uma Faculdade de Ciências para São Paulo	Olívia Barros do Amaral	1931
Projeto de uma “Santa Casa”	Vicente Nigro Jr.	1931
Projeto de Biblioteca para a Universidade de São Paulo	Francisco José Dale Caiuby	1934
Projeto de um Palácio Presidencial	Walter Saraiva Kneese	1934

Fontes: ANUÁRIO (1934, p. 120-135) e ANUÁRIO (1935, p. 171-172).

A listagem apresentada presta-se a análises que este espaço não comporta. Poderia, por exemplo, ser comparada com a lista de títulos dos Projetos-Tese dos concluintes de Engenharia Civil, na mesma época e na mesma Instituição, os quais tinham dois anos de tronco comum na sua formação. Em outro contexto, fizemos essa comparação e observamos que os engenheirandos do Mackenzie, orientados por seus mestres, desenvolviam, à guisa de Projeto-Tese, projetos semiprofissionais de estruturas prediais em concreto armado, de subestações elétricas, de fundações, de obras de terra e estudos de sistemas de saneamento. Parecia claro para ambos – arquitetos e engenheiros – que suas áreas de atribuição eram de natureza complementar, ainda que a fronteira temática que divide os campos dessas duas carreiras pudesse ser tênue, em razão da existência de certas zonas de 'sombreamento'. Daí o risco, muitas vezes presente, do conflito de atribuições. No tocante ao Curso de Arquitetura, formador de engenheiros-arquitetos, esse conflito em potencial tinha tendência de se tornar mais intenso, devido às posições do seu Deão (depois Diretor) Christiano Stockler das Neves, que eram claramente favoráveis à preponderância do arquiteto sobre o engenheiro na cadeia produtiva de projeto – planejamento – construção.

Em nova digressão contextual, é o caso de perguntar: o que acontecia fora dos limites do *campus* de Higienópolis, com inevitáveis incidências sobre o ambiente acadêmico? Eram os Projetos-Tese dos acadêmicos do Curso de Arquitetura consentâneos com o que se passava em São Paulo e no Brasil?

Na São Paulo de Piratininga, o discurso mais eloquente de que o 'novo' chegava para superar definitivamente o 'velho' materializava-se nas artérias urbanas – mais largas e mais retilíneas – e nas expressões arquitetônicas, que titubeavam entre os paradigmas clássicos de Londres e Paris e os gabaritos norte-americanos de Nova York excitados pelos desafios da verticalidade (SOMEKH, 2014). Na dúvida, prevaleceu o eclético, o sincrético, a mistura, o retalho. No dizer de Monteiro Lobato, um verdadeiro "carnaval arquitetônico". Para colocar de pé os edifícios, preferiu-se a tecnologia do concreto armado, que proporcionou ao Brasil recordes de arrojo na altura e na esbelteza, enquanto em outras latitudes do planeta as soluções estruturais elegiam perfis metálicos, laminados ou fundidos, rebitados ou parafusados. Afinal, tínhamos a pedra, a areia, a madeira, a mão de obra barata... faltava apenas o cimento: até 1926, este vinha da Europa como se fosse uma especiaria das Índias.

E para escalar esses novos arranha-céus, nada melhor que os elevadores importados do hemisfério norte, com manuais redigidos em inglês, francês e alemão. Afinal, éramos cosmopolitas... São dessa geração: o 'Edifício Sampaio Moreira' de autoria de Christiano Stockler das Neves e Samuel das Neves, com 14 andares, inaugurado em 1924, e que ostentou por algum tempo o título de "primeiro arranha-céu de São Paulo", e logo, chegou a vez do grandioso Edifício Martinelli idealizado pelo empresário italiano Giuseppe Martinelli (1870-1946), inaugurado incompleto em 1929, e que chegou a 30 andares, contados seus subsolos e porões. Até o ano de 1947, o 'Edifício Martinelli' tornou-se o maior arranha-céu do país e o mais alto da

Diploma de Arquiteto de Galiano Ciampaglia (Mackenzie, 1939).

A
ESCOLA DE ENGENHARIA
MACKENZIE
SÃO PAVLO · BRASIL
RECONHECIDA PELO GOVERNO FEDERAL
NOS TERMOS DO DECRETO N. 2796
DE 28 DE JVNHO DE 1938
POR ESTE
DIPLOMA
N. 579
ATESTA
QVE
GALIANO CIAMPAGLIA
FILHO DE
NVNZIO CIAMPAGLIA
NASCIDO A
3 DE MARÇO DE 1915
EM
SÃO PAVLO ESTADO DE SÃO PAVLO
FOI APROVADO EM TODAS AS CADEIRAS
E SATISFEZ TODAS AS DISPOSIÇÕES
LEGAIS E REGVLAMENTARES EM VIGOR
PELO QVE NESTA DATA LHE
CONFERE
O GRÁO DE
ARQVITÉTO
COM DIREITO ÁS PRERROGATIVAS
INHERENTES Á PROFISSÃO
PASSADO EM SÃO PAVLO,
A 26 DE DEZEMBRO DE 1939
SOB SELO DESTA ESCOLA.

DIRETOR. INSPETOR FEDERAL.

SECRETARIO. DIPLOMADO.

América Latina. De suas estonteantes alturas foram disparadas baterias antiaéreas contra aviões do Governo Provisório de Vargas, por ocasião do Movimento Constitucionalista de 1932. Muita pretensão, certamente, mas ao menos a bravata teve o sabor da inovação tecnológica. Fechemos a digressão, para não perder o fluxo dos acontecimentos no quadrilátero de Higienópolis.

Sobre os primeiros diplomas de "Arquiteto" em São Paulo

Curiosamente, o Curso de Engenheiros-Arquitetos implantado em 1917 subordinou-se, nas reformas estruturais por que passou a Escola de Engenharia na década de 1930, a uma nova denominação tópica, que, se não lhe modificou a identidade, alterou-lhe as feições. Essa transfiguração não foi espontânea, mas ocorreu por força de imposições da legislação. Com efeito, em 1933, foi atribuída ao Curso de Engenheiros-Arquitetos a denominação de 'Belas Artes', com duas subdivisões: 'Arquitetura' e 'Pintura e Escultura'. Quanto às durações dos cursos da Escola de Engenharia, ficaram, então, assim definidas: Cursos de Engenharia (Civil, Elétrica e Industrial) – cinco anos; Curso de Arquitetura – seis anos; Curso de Pintura e Escultura – quatro anos. A propósito das mudanças impostas ao Curso de Arquitetura, seu Diretor manifestou total desagrado, entendendo que havia repetição desnecessária de assuntos e disciplinas, e que certas cadeiras poderiam até ser dispensadas, num esforço de racionalização:

> Parece-nos, pois, que a reforma de ensino da Arquitetura não correspondeu aos ensinamentos dos povos mais adiantados e às necessidades do nosso meio. Não nos parece justo que a nossa mocidade se sacrifique durante seis longos anos numa escola, quando poderia aprender a mesma coisa em quatro. Representa isso maiores despesas para os estudantes sem que no futuro colham maiores resultados na sua profissão. Tal reforma lança o desânimo nos alunos e nos professores. (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1933).

Consta dos registros que, em 1936, o curso de 'Pintura e Escultura' ainda não estava funcionando (ANUÁRIO, 1936, p. 51). Nas edições seguintes do Anuário da Escola de Engenharia, existe menção dos programas desse Curso, mas nenhuma referência confirma sua efetiva implantação. Cabe ressaltar que essas mudanças tiveram em vista atender tanto à legislação educacional, que impunha o paradigma da Faculdade Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro), como também à regulamentação da profissão dos engenheiros, arquitetos e agrimensores, datada de 11 de dezembro de 1933, que deu origem ao sistema Confea/Crea. Para esse desfecho, foram relevantes as participações de lideranças profissionais e entidades de classe, destacando-se entre os engenheiros-arquitetos de São Paulo as respeitáveis figuras de Alexandre Albuquerque e Christiano Stockler das Neves, ainda que guardassem entre si diferenças abissais com relação aos conceitos que deveriam nortear a prática e o ensino da Arquitetura. A Escola de Engenharia Mackenzie não deixou sem registro essa efeméride:

Ca. 1932. Exercício de projeto (disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), utilizando a Ordem Toscana, de autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

> Foi, afinal, tornada realidade a regulamentação das profissões de engenheiro, arquiteto e agrimensor, por várias vezes tentada sem alcançar o êxito desejado, com a instalação dos conselhos federal e regionais. Poderão agora as escolas de engenharia e arquitetura esclarecer, altivamente, aos seus alunos que, a profissão por eles abraçada é respeitada e inacessível aos que não buscaram os necessários conhecimentos nas escolas superiores, não se submetendo aos estudos exaustivos, que bem merecem uma justa recompensa na vida prática. (ANUÁRIO, 1936, p. 51).

Um fato praticamente desconhecido da historiografia da Arquitetura paulista é que no contexto das adequações curriculares que a Escola de Engenharia Mackenzie promoveu a partir de 1933, a subdivisão de ‘Arquitetura’ do novo curso de ‘Belas Artes’, com seis anos de duração, deu ensejo à inédita atribuição do título de ‘Arquiteto’ aos graduados a partir do ano de 1939. Para esse esclarecimento, muito contribuíram as recentes pesquisas realizadas por Fernanda Ciampaglia, tornadas públicas tanto na forma de artigo como na configuração de sua Dissertação de Mestrado, na FAU-USP em 2012. Desse último documento acadêmico, destacamos o seguinte trecho que, embora longo, é emblemático:

> Reexaminados, os arquivos e anuários confirmaram o cumprimento de seis anos apenas para as turmas que ingressaram na escola a partir de 1934 e cujas colações de grau fazem distinção entre “arquitetos” e “engenheiros”. É bem verdade que diante da paulatina adequação a que esteve sujeito o *curriculum*, o diploma de “arquiteto” ou de “engenheiro-arquiteto” não é relevante na qualidade do profissional formado no período da transição da Escola de Engenharia Mackenzie para a Faculdade de Arquitetura Mackenzie. A relevância estaria na própria historiografia da arquitetura paulista, que passaria a creditar à Escola de Engenharia Mackenzie esse pioneirismo, já em 1939. Na Escola Politécnica, o curso de “engenheiro-arquiteto” foi mantido até 1954. (CIAMPAGLIA, 2012, p. 37).

Esses esclarecimentos contribuem para o completo entendimento da transição ocorrida no meio da década de 1930, em que os últimos títulos de ‘Engenheiro Arquiteto’ do Mackenzie foram atribuídos, em 1937, aos concluintes (de cinco anos) Manoel Carlos G. de Soutello e Maurício dos Santos Cruz, enquanto no ano de 1938 não foi realizada cerimônia de formatura, devido ao ‘prolongamento’ do Curso para seis anos, desaguando na formatura da primeira turma de ‘Arquitetos’, em 1939. Nesse ano, na data de 26 de dezembro, no Theatro Municipal de São Paulo, foram conferidos os primeiros diplomas de ‘Arquiteto’, na história da educação superior em São Paulo, aos seguintes mackenzistas: Galiano Ciampaglia (diploma no 579), Igor Sresnewsky (diploma no 580), Manoel Amadeu G. De Soutello (diploma no 581), Miguel Forte (diploma no 582) e Sophie Elma M. Capps (diploma no 583) – quatro homens, uma mulher – todos pioneiros! (CIAMPAGLIA, 2012, p. 37; ANUÁRIO, 1939, p. 54-55).

A duração de seis anos para o Curso de Arquitetura foi mantida até 1946, quando retornou para cinco anos. Cada ano se constituía de dois semestres letivos denominados "períodos", respectivamente, "de segunda-feira entre 7 e 13 de fevereiro, até sábado entre 10 e 17 de junho, e o segundo, de segunda-feira entre 4 e 10 de julho, até sábado entre 5 e 11 de novembro" (ANUÁRIO, 1934, p. 161). As jornadas diárias ocupavam manhã e tarde, respectivamente, das 7h30 às 11h05 e das 12h45 às 15h15, com extensão até 17 horas, quando necessário. As aulas teóricas eram ministradas de preferência no período da manhã e os trabalhos de laboratório, desenho e demais exercícios práticos, no período da tarde. Ao contrário dos cursos de Engenharia, que considerava a frequência às aulas teóricas facultativa, "no Curso de Arquitetura, será obrigatória a frequência às preleções, às aulas práticas, aos trabalhos escolares, às excursões e aos demais exercícios" (ANUÁRIO, 1934, p. 161-162). Onde se realizavam as "preleções" teóricas e as aulas práticas? Havia salas-ambiente e edificações exclusivas? Façamos uma ligeira referência a isso.

Ca. 1932. Exercício de Projeto (à época, disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), utilizando a Ordem Dórica. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Instalações do Curso de Arquitetura em busca de um edifício-sede

Apesar do pequeno contingente numérico, a questão das instalações para a parte específica do Curso de Arquitetura era crucial para o seu desenvolvimento. Havia somente dois ambientes exclusivos, considerados 'laboratórios' do Curso: 'Sala de Modelagem' e 'Museu de Arquitetura'. Em relatório especial elaborado pela Inspeção Federal, no ano de 1936, época em que se pleiteava o restabelecimento da validade dos diplomas da Escola de Engenharia, constou o seguinte registro, no mínimo, desafiador:

> Julgamos que a secção de Arquitetura não está instalada de maneira satisfatória para o ensino prático de certas partes do curso, necessitando uma melhor aparelhagem em certas cadeiras, e mesmo melhor salas para o funcionamento das aulas. Informou-nos a direção da escola que já está pronto o projeto de construção de novo prédio para o curso de Arquitetura, podendo assim em pouco tempo achar-se este curso tão bem instalado como os de Engenharia Civil, Eletricidade e Industrial. (ANUÁRIO, 1936, p. 119).

De fato, na década de 1930, todas as aulas teóricas e de projeto vinham sendo ministradas no 'Edifício Couto de Magalhães', cujo lançamento da pedra fundamental ocorrera em 4 de julho de 1885. Prédio mais antigo em funcionamento no *campus* de Higienópolis e várias vezes reformado, contava com dois andares adaptados às necessidades do Curso de Arquitetura, totalizando 200 m² de área distribuída em sete pequenas salas (ANUÁRIO, 1936, p. 137). Ainda em 1938, registrava-se que era nesse Curso de Arquitetura que mais se fazia sentir a falta de materiais de apoio, tais como modelos de gesso, *slides* para projeção e "uma biblioteca de livros de arquitetura" (ANUÁRIO, 1938, p. 24). Deficiências desse tipo conviveram com aquisições e melhorias que, aos poucos, foram proporcionando condições favoráveis à consolidação do Curso.

s/d. À esquerda, o Edifício Couto de Magalhães, que a partir de 1956 cedeu lugar ao Edifício Christiano Stockler das Neves, atual sede da FAU-Mackenzie. Os dois edifícios à direita compõem a Escola de Comércio. Também vê-se a herma onde hoje é o bosque que fica em frente à FAU-Mackenzie: uma homenagem ao Dr. Horace Lane, presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie entre os anos 1885-1912.

A construção do "Edifício de Química, que servirá para o Curso de Engenheiros Industriais, para o Curso de Química da Escola Técnica e para a futura Escola Superior de Química" (ANUÁRIO, 1943, p. 37), desencadeou remanejamentos que beneficiaram o Curso de Arquitetura, mas não de forma imediata nem definitiva. A propósito desse prédio, convém lembrar o inédito comparecimento do Ministro da Educação e Saúde Pública, Gustavo Capanema (1900-1985), à cerimônia de lançamento da pedra fundamental, em 24 de abril de 1943. Após a histórica visita do Imperador Pedro II, em primeiro de outubro de 1878, à Escola Americana ainda sediada na Rua de São João, essa teria sido a primeira vez que um Ministro da República esteve no Mackenzie, durante o exercício do cargo. Cabe mencionar, também, que o projeto do novo prédio foi de autoria do Arquiteto Christiano Stockler das Neves (ANUÁRIO, 1943, p. 27),[11] enquanto as obras de construção foram contratadas com a empresa Pegado & Souza, que tinha como titular principal o Engenheiro Henrique Pegado, diretor da Escola de Engenharia, de 1938 a 1952, e primeiro Reitor da Universidade Mackenzie, de 1952 a 1957. Seu sócio era o Engenheiro mackenzista Caio Luis Pereira de Souza (1906-1990), filho do ex-Presidente da República Washington Luis Pereira de Souza (1869-1957) – ambos amigos e benfeitores da instituição fundada por George W. Chamberlain (1839-1902), consolidada por Horace M. Lane e expandida por Wiliam A. Waddell. Quando da sua inauguração, às nove horas do dia 11 de dezembro de 1946, em meio às comemorações do cinquentenário da Escola de Engenharia, o prédio recebeu o nome de Edifício A. Cownley Slater (ANUÁRIO, 1946, p. 94) – uma homenagem ao fundador dos cursos técnicos do Mackenzie e dos cursos superiores de Química, inclusive o de Engenharia Química, o mais antigo do Brasil.

11. Quando da inauguração do Edifício A. Cownley Slater, em 1946, o Prof. Antônio Valente do Couto referiu-se ao "belo projeto do insigne Arquiteto Dr. Christiano das Neves" (ANUÁRIO, 1946, p. 95).

Em busca de melhores acomodações para o Curso de Arquitetura, que na década de 1940 crescia numericamente e ganhava prestígio, o Instituto [Presbiteriano] Mackenzie destinou o prédio do antigo Internato Masculino para a então nascente Faculdade de Arquitetura, promovendo para isso uma profunda reforma das instalações. No dia 27 de março de 1950, com a presença do Ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani (1900-1981), e do Reitor da Universidade de São Paulo, Miguel Reale (1910-2006), o novo 'Edifício Chamberlain' (também conhecido como 'Castelinho') foi solenemente reinaugurado. Nessa ocasião, o fundador do antigo Curso de Engenheiros-Arquitetos (1917) e naquele momento diretor da Faculdade de Arquitetura, Christiano Stockler das Neves, pronunciou-se desta forma, referindo-se às novas instalações:

> Estas instalações, que ora Vossa Excelência inaugura, com tanta honra para todos nós, são a concretização de velha aspiração que sempre acalentamos e que servirão durante mais algum tempo, pois estamos certos, que muito em breve, teremos um edifício especialmente construído para nossa Faculdade, a fim de podermos corresponder ao grande número de interessados que se apresentam todos os anos ao concurso de habilitação, alguns repetidamente. É este o prêmio aos nossos modestos esforços, ao desejo de bem servir à nossa grande Pátria e à sua mocidade. (ANUÁRIO, 1950, p. 132).

Ca. 1932. Exercício de Projeto (à época, disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), utilizando a Ordem Jônica. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Poucos anos depois desse evento, isto é, em 1956, deu-se a demolição do antigo Edifício Couto de Magalhães, para em seu lugar ser erguido o novo prédio-sede da FAU--Mackenzie, que foi inaugurado, ainda incompleto, no ano de 1961. O projeto arquitetônico do novo prédio contou com as autorias dos Arquitetos-Professores Eduardo Corona, Takeshi Suzuki e Jun Okamoto, enquanto o projeto estrutural foi elaborado pelo engenheiro mackenzista Nelson de Barros Camargo, associado ao notável engenheiro russo Waldemar Tietz (1889-1978). Essa imponente edificação veio a ganhar o nome de Edifício Christiano Stockler das Neves – uma justa homenagem a quem dedicara 40 anos da sua vida à formação de arquitetos inovadores, críticos e empreendedores. Quanto ao prédio que vinha servindo à Faculdade de Arquitetura – Edifício Chamberlain –, passou a ser sede da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que também nascera em berço emprestado, no ano de 1947.

Arquitetura & Engenharia: rivais ou complementares?

No contexto do antigo Mackenzie College, que foi sucedido pelo Instituto [Presbiteriano] Mackenzie, toda a trajetória do Curso de Engenheiros-Arquitetos, depois, simplesmente, Curso de Arquitetura (subdivisão do Curso de Belas Artes), preservou uma curiosa relação entre essas duas áreas, ligadas por simples hífen no título primitivo, mas colocadas frequentemente em posições de contraponto. Pelo prisma estrutural, configurava-se uma subordinação do Curso de Arquitetura à Escola de Engenharia, como uma das suas áreas de formação profissional.

Para Christiano Stockler das Neves, o próprio título de Engenheiro-Arquiteto era "redundante e exdrúxulo" [sic], levando muitos a crer que se tratava de um profissional de maiores conhecimentos que os do "simples Arquiteto". Christiano entendia que era natural a circunstância de um arquiteto necessitar da participação de engenheiros especialistas como "seus cooperadores nas obras" (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, 1944, p. 4), em funções temporárias, enquanto que ao arquiteto caberiam as atribuições mais nobres e permanentes. Em outra oportunidade, Christiano Stockler das Neves – membro nato da Congregação da Escola de Engenharia – afirmou, sem rodeios (sic):

> A architectura não é ramo da engenharia. [...] É inadimissível, portanto, que se dediquem á architectura todos aquelles que não tiveram estudos artisticos, technicos e praticos, cabedal este que só o architecto possue. O engenheiro só possue estudos technicos e praticos; para fazer architectura precisa-se do architecto. [...] O homem unicamente indicado para tudo o que se refere à edificação architectonica é o architecto. Sob sua immediata direcção devem trabalhar todos os demais profissionais. [...] O architecto surgiu antes do engenheiro; este é uma consequencia daquelle na edificação, como se póde constatar na história da architectura. (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE 1928, p. 19-20).

Curiosamente, Christiano Stockler das Neves associava a Engenharia à tendência de prestar culto à ciência, de submeter-se ao império da tecnologia, de atuar friamente, sem alma, em busca dos melhores resultados; em outras palavras, tratava-se de uma carreira utilitarista e materialista. Esses vícios poderiam contaminar a boa Arquitetura, que deles devia se afastar em busca da verdadeira Arte, inspirada no Belo, dando espaço às criações do espírito – sem, contudo, ser retrógrada. Nas palavras do próprio *criador* do Curso de Engenheiros-Arquitetos, instalado na Escola de Engenharia ao longo de três décadas:

> Temos resistido ao materialismo que quer destruir a maior parte das artes do desenho, a pretexto de novos materiais ou novos processos construtivos, pura técnica, que está sempre subordinada às criações do espírito. E se assim não fosse, não haveria razão para a existência de uma Faculdade de Arquitetura. As Escolas de Engenharia resolveriam o problema. [...] Não queremos dizer com isto que não acompanhemos os progressos da arquitetura da nossa época, dos novos processos construtivos e dos novos materiais empregados. (ANUÁRIO, 1950, p. 131).

Ca. 1932. Exercício de Projeto (à época, disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), utilizando as Ordens Corinthia e Compósita. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Parte dessa visão dicotômica e assimétrica de Christiano Stockler das Neves deve ser atribuída ao seu profundo e desmesurado apreço pela profissão de arquiteto, bem como à intensidade e veemência com que sempre a defendeu, a ponto de, eventualmente, deslizar por hipérboles: "A arquitetura é o reflexo da civilização dos povos. É precursora da engenharia". Na mesma ocasião desse discurso, ele conseguiu fazer uma concessão: "As profissões do engenheiro e do arquiteto marcham juntas, reinando, hoje, perfeita harmonia entre ambas. Não são concorrentes" (ANUÁRIO, 1948, p. 214-215). Talvez coubessem aqui as ponderadas colocações do orador da turma de Engenheiros de 1951 – engenheiro Celson Ferrari – quando já havia se consumado a emancipação do Curso de Arquitetos da Escola de Engenharia, mas a formatura ainda se fazia conjuntamente: "[...] transformando em realidade as especulações da Ciência e os sonhos da Arte, concretizam, o engenheiro e o arquiteto, o Progresso em sua mais lídima acepção" (ANUÁRIO, 1951, p. 191).

Embora existisse a dúvida sobre serem (ou não) as carreiras do Engenheiro e do Arquiteto, uma "materialista" e a outra "dotada de alma", essenciais ou acessórias, complementares ou concorrentes, estava chegando o momento da subdivisão de Arquitetura do Curso de Belas Artes ganhar *status* de unidade autônoma. Ironicamente, o Curso de Arquitetura do Mackenzie, que nascera e crescera no berço da Escola de Engenharia, alcançava agora sua maioridade, aos 30 anos de idade, e com isso sua plena autonomia, sem dependência, sem cisão, sem conflito, sem oposição. Para isso, seriam necessárias múltiplas providências de ordem administrativa, legal e pedagógica, que culminaram com a criação da Faculdade de Arquitetura, em 1947.

Nasce a Faculdade de Arquitetura (e Urbanismo) Mackenzie

No relatório do ano de 1946, o Diretor da Escola de Engenharia Mackenzie, Henrique Pegado, fez constar pela primeira vez o tema "desmembramento do Curso de Arquitetura", ao qual dedicou extensa parte do seu texto, que iniciava assim:

> Conforme sugerimos em nosso relatório do ano passado, foi estudado o desmembramento do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia, constituindo-se a Faculdade de Arquitetura Mackenzie. A medida foi aprovada pela Congregação da Escola de Engenharia [em 26 de abril] e pelo Conselho do Instituto Mackenzie, tendo sido designados o Diretor da Escola e o Diretor do Curso, para apresentarem um memorial justificativo, o que foi feito, a 21 de maio de 1946. Esse memorial foi aprovado [em 22 de maio] e autorizada a mesma comissão a tomar as providências necessárias para efetivar essa transformação. Foi, então, feito o estudo do Regimento Interno e, com um memorial justificativo, encaminhado o pedido, por ofício de 23 de agosto de 1946, ao Ministro da Educação e Saúde. (ANUÁRIO, 1946, p. 46-47).

No "memorial justificativo" encaminhado às autoridades educacionais da República, a Escola de Engenharia traçou ligeira retrospectiva panorâmica do Curso fundado em 1917, que a essa altura da sua evolução estava crescendo em ritmo intenso, especialmente em razão da sua redução de seis para cinco anos de duração. Expôs, também, de forma pormenorizada, o atendimento pleno do Decreto nº 421, de 11 de maio de 1938, que regulava o funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior, especialmente no seu artigo quarto, que cuidava das condições de viabilidade e efetiva necessidade do novo Curso. Tratava-se, como se pode observar, de legislação que ainda vigorava, remanescente do Estado Novo (1937-1945).

Em 21 de dezembro de 1946 – ano do cinquentenário da Escola de Engenharia – o Ministro da Educação Clemente Mariani homologou o parecer favorável que o Conselho Nacional de Educação acabara de emitir, aprovando o pedido de "transformação do curso de Arquitetura Mackenzie". Constava explicitamente desse projeto que "o atual diretor do curso, Prof. Christiano S. das Neves, passará a ser interinamente o diretor da nova Faculdade, até que a Congregação seja instalada e então eleja a diretoria [...]" (ANUÁRIO, 1946, p. 49.50).

Vale a pena repetir que o crescimento numérico do Curso de Arquitetura constituía uma auspiciosa realidade. O Anuário da Escola de Engenharia de 1947 publicou que as matrículas desse Curso totalizavam 57, das quais 32 eram do primeiro ano, 17 do segundo ano, e apenas oito dos terceiro, quarto e quinto anos (ANUÁRIO, 1949, p. 115). No ano seguinte, o total de alunos subiu para 84 (ANUÁRIO, 1948, p. 197). Naquele contexto, as vagas autorizadas para o Curso de Arquitetura eram de 25 alunos por ano, mas a Escola de Engenharia solicitou aumento para 30 matrículas, o que foi autorizado pelo Conselho Nacional de Educação, em 1947. É nesse mesmo Anuário de 1947 que, relativamente ao Curso de Arquitetura, consta o registro mais significativo da década:

> Em virtude do Decreto Federal no 23.275, de 7 de julho de 1947, foi o antigo curso de Arquitetura desmembrado desta Escola, transformando-se em Faculdade Autônoma, necessidade que nasceu com o interesse que esse curso vem despertando, o que se verifica pelo aumento de matrículas, reflexo, aliás, do trabalho desenvolvido pelos seus diplomados, já se fazendo sentir, em todos os setores da atividade profissional, a atuação benéfica e produtiva dos nossos arquitetos. (ANUÁRIO, 1949, p. 121).

Na página anterior

Ca. 1933. Exercício de Projeto – Pavilhão de Internos de um Hospital (à época, disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), sob a orientação do Prof. Arquiteto Christiano Stockler das Neves. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Ca. 1932. Exercício de Projeto – Fonte com Bebedouro (à época, disciplinas Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura), sob a orientação do Prof. Arquiteto Christiano Stockler das Neves. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Walter Saraiva Kneese, então discente do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

12. Interessante notar que a instalação da Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie e a posse de seu primeiro Diretor ocorreram no breve período de tempo em que Christiano Stockler das Neves, por nomeação do Governador Adhemar de Barros, foi prefeito da Cidade de São Paulo (de 15/3 a 28/8 de 1947).

Em sessão solene realizada a 12 de agosto de 1947, às 21 horas, na 'Sala Pandiá Calógeras' (térreo do Edifício Lane, atual Prédio 3), sob a presidência do Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Lineu Prestes, deu-se a instalação da nova Faculdade de Arquitetura, seguindo-se a posse do Prof. Christiano Stockler das Neves no cargo de Diretor.[12] A data de instalação da Faculdade de Arquitetura fora sugerida pelo presidente do Confea, o Engenheiro-Arquiteto Adolfo Morales de los Rios Filho, também presente na solenidade, nos seguintes termos: "Aproveito a oportunidade para sugerir-lhe o dia 12 de agosto – data em que se comemora a fundação dos cursos artísticos oficiais no Brasil – para a realização da solenidade" (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1946-1950). Recorda-se que foi por decreto datado de 12 de agosto de 1826 que D. Pedro I criou a Academia Imperial de Belas Artes, da qual a Escola Nacional de Belas Artes se fez sucessora e cuja denominação mudou, em 1945, para Faculdade Nacional de Arquitetura – a primeira do Brasil. Essa data de 1826 assinala, simbolicamente, o início do ensino de Arquitetura no país, tendo à frente o Arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850), integrante da conhecida "Missão Francesa", presente no Brasil desde 1816.

Dois meses depois, ainda no contexto das comemorações alusivas à investidura do Prof. Christiano Stockler das Neves no cargo de Diretor da Faculdade – por aclamação da Congregação, dispensando-se Lista Tríplice – foi-lhe oferecido um banquete que teve lugar no dia 29 de outubro, nos salões do Trianon. Nessa ocasião mais íntima, em meio a longas reminiscências sobre as origens e o desenvolvimento do Curso de Arquitetura até culminar com a fundação da Faculdade, o diretor fez uma instigante revelação:

> Queremos vos dar uma notícia muito agradável, estamos certos. É o honroso convite que nos fez o Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, o ilustre Prof. Lineu Prestes, para tomarmos parte na organização da Faculdade de Arquitetura dessa Universidade, conjuntamente com os ilustres Professores Anhaia Mello e Henrique Jorge Guedes, todos nossos bons amigos. Será mais uma escola de arquitetura que terá São Paulo, o que bem demonstra o reconhecimento dos nossos dirigentes em relação ao papel importante que representa a arte milenar na civilização dos povos. Esse gesto elegante e nobre do Magnífico Reitor para com um antigo professor do Mackenzie veio estreitar, ainda mais, as nossas cordiais relações com os estabelecimentos oficiais de ensino cujos chefes bem compreendem os serviços que vem prestando o Mackenzie a São Paulo e ao Brasil. (ANUÁRIO, 1949, p. 190).

Por ocasião da abertura do ano letivo seguinte, em 15 de março de 1948, estando novamente presente o reitor da Universidade de São Paulo, Christiano Stockler das Neves proferiu longa e substanciosa 'aula inaugural', quando apresentou reflexões sobre a formação do Arquiteto e as funções que lhe competem – seu tema de predileção. Na sua mensagem inaugural, em que alternou registros narrativos com reflexões conceituais, foram reforçadas algumas significativas demarcações ideológicas e históricas. Eis a primeira:

> Graças à ação dos Congressos Internacionais de Arquitetos, alguns países começaram a compreender a verdadeira missão do arquiteto, e a necessidade de se tornar autônomo o ensino da grande arte milenar, para se desfazer a confusão reinante entre profissões análogas mas diversas. O Brasil está incluído entre os pioneiros dessa cruzada, tendo o Governo Federal criado as Faculdades de Arquitetura. A primeira estabelecida é a da Universidade do Brasil, a segunda a do Mackenzie, a primeira a funcionar em São Paulo. Ainda este ano deverá ser instalada a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Outras virão por ser grande o número de candidatos à matrícula nas escolas existentes. (ANUÁRIO, 1948, p. 215).

Em outro trecho da sua mensagem, Christiano Stockler das Neves não deixa de reiterar as convicções ideológicas que vinha adotando e pretendia manter à frente da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, em relação à Arquitetura como expressão do belo e como manifestação do espírito, ainda que em prejuízo do utilitarismo e de uma suposta modernidade, de inspiração materialista:

> Continuaremos, assim, a seguir nesta Faculdade a mesma orientação do anterior curso que fundamos, sempre contrária à materialização da arquitetura, não nos impressionando a tenaz propaganda feita aquém e além-mar pelos apologistas da pseudoarte. Não é isto intolerância, intransigência ou prepotência, mas, sim, uma defesa natural da espiritualidade da arquitetura contra seus inimigos materialistas e aventureiros que, como disse De Chirico, para fazerem a América, fizeram-na ir na onda das baboseiras modernistas. Na Faculdade de Arquitetura essa onda não produzirá qualquer efeito. (ANUÁRIO, 1948, p. 219).

Segue-se, ainda, uma autêntica e contundente 'declaração de fé' do criador do Curso de Arquitetura do Mackenzie, depois fundador e primeiro diretor da Faculdade de Arquitetura:

> Como brasileiro, que ama de coração o seu país; como católico, de espírito formado na sadia doutrina da moral cristã; como homem que sente, pela sua vida de consciência e cultura, que não é uma simples máquina de viver, nem um puro animal sem alma, convoco todos aqueles que não se acharem contaminados pelo vírus do bolchevismo a ficarem vigilantes na defesa da pátria, repudiando, pela crítica ou pelo desprezo, essa pretensa arte moderna, primitiva e grosseira, além de indiscutivelmente venenosa e suspeita. (ANUÁRIO, 1948, p. 224).

Teriam essas configurações alguma afinidade ideológica com o Instituto [Presbiteriano] Mackenzie e sua recém-fundada Faculdade de Arquitetura? Segundo Christiano Stockler das Neves, a resposta seria naturalmente positiva, mas uma análise de conteúdo mais crítica sugere desvincular algumas categorias e questionar a pertinência das conexões entre Cristianismo, ideologia e formação em Arquitetura:

> Mackenzie é uma instituição cristã e, em hipótese nenhuma, contribuirá para a destruição do sentimento do belo, da arte, enfim, não aprovando sua Faculdade de Arquitetura a prática ou a propaganda de uma pseudodoutrina estética, anticristã, insidiosa e maquiavélica, que pretende fazer desaparecer a maior das artes, a arte civilizadora, para transformá-la numa indústria, ao sabor dos insensíveis ao belo, que não trepidaram em falar na destruição dos quadros de Rafael e das galerias de arte. (ANUÁRIO, 1948, p. 224).

Na página anterior:

Edifício João Brícola (antigo Mappin), na região central de São Paulo, 1936. Autoria do Professor e Arquiteto Elisiário da Cunha Bahiana (ENBA, 1920), também autor do Viaduto do Chá, conjunto realizado no estilo Art-Déco.

Os rumos seguidos pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie pertencem a um novo contexto, não contemplado neste breve capítulo. Considerando, por outro lado, que "a história é a ciência dos homens, no tempo" (BLOCH, 2002, p. 55) impõe-se que busquemos nos arquivos antigos a nominata dos alunos do Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia, antes de se transformar em Faculdade.

Engenheiros-Arquitetos e Arquitetos formados (1919-1947)

A missão de educar o ser humano para o exercício da cidadania e formar, simultaneamente, profissionais aptos para interagir com a complexidade do mundo contemporâneo sempre exigiu dos corpos diretivo e docente do antigo Curso de Arquitetura do Mackenzie uma forte intenção, esforço sincero, rumo inteligente e execução competente. O resultado mais evidente do sucesso dessa fórmula pode ser aquilatado pelo montante do 'capital de egressos', isto é, pela qualificada lista de profissionais formados entre 1919 e 1947 – marcos extremos correspondentes à formatura da primeira turma e da última turma, respectivamente, considerando que a partir do segundo semestre de 1947 já se configurou o formato da Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie, não mais Mackenzie College, não mais um curso apenso à Escola de Engenharia. Do ponto de vista de Christiano Stockler das Neves, fundador do Curso de Arquitetura do Mackenzie College e primeiro Diretor da Faculdade de Arquitetura do Instituto Mackenzie, esse 'capital de egressos' era amplo, denso e relevante:

> Grande é o número de arquitetos formados no Mackenzie. Muitos, hoje, são profissionais de renome, portadores de altas recompensas, obtidas em exposições internacionais de arquitetura, que fizeram o Mackenzie conhecido além de nossas fronteiras. A atividade dos arquitetos mackenzistas faz-se sentir em todos os recantos do País, principalmente nessa Capital, onde são inúmeras as situações por eles projetadas e executadas. Do Mackenzie tem saído o maior número de arquitetos do Estado. Muitos desempenharam funções públicas de destaque. (ANUÁRIO, 1949, p. 172).

Diante desse balanço tão positivo, feito na data de instalação da Faculdade, surge a inevitável pergunta: Quais foram esses ilustres engenheiros(as)-arquiteto(as) e arquitetos(as) que frequentaram os espaços acadêmicos do Mackenzie? Passamos a apresentar o rol de todos os formados nesse período, que totaliza 90 profissionais (ANUÁRIO, 1960, p. 52-54; ANUÁRIO, 1949, p. 145).

Quadro 2 – Engenheiros-Arquitetos formados no período de 1919-1947 (continua).

Ano	Nome	Título Profissional
1919	Waldemar Kneese Ferreira	Engenheiro-Arquiteto
1920	Antonio Gomes Barreiros	Engenheiro-Arquiteto
	Caetano Carnicelli	Engenheiro-Arquiteto
	Romeu do Amaral	Engenheiro-Arquiteto
1922	Antonio Gallo Ferrigno	Engenheiro-Arquiteto
	José do Amaral Neddermeyer	Engenheiro-Arquiteto
	Renato Ribeiro de Aguiar	Engenheiro-Arquiteto
1923	Armênio de Lima Goes	Engenheiro-Arquiteto
	Salomão Rosa	Engenheiro-Arquiteto
1924	Francisco de Paula Silveira	Engenheiro-Arquiteto
	João dos Santos Filho	Engenheiro-Arquiteto
1925	Antonio Cassese	Engenheiro-Arquiteto
	Francisco José Esteves Kosuta	Engenheiro-Arquiteto
	Guilherme Corazza	Engenheiro-Arquiteto
	Henrique Franzoni	Engenheiro-Arquiteto
	Ítalo Martinelli	Engenheiro-Arquiteto
1926	Alexandre Cesar Cococci	Engenheiro-Arquiteto
	José Bastos Silva	Engenheiro-Arquiteto
	Miguel Próta	Engenheiro-Arquiteto
1927	Álvaro David do Valle	Engenheiro-Arquiteto
	Francisco Souza Rocha Jr.	Engenheiro-Arquiteto
	Joaquim Marques Ladeira	Engenheiro-Arquiteto
	José Dias da Gama	Engenheiro-Arquiteto
	Oswaldo Barreto Robinson	Engenheiro-Arquiteto
	Plínio Botelho do Amaral	Engenheiro-Arquiteto
	Renato De Guglielmo	Engenheiro-Arquiteto
	Ruy Fernandes Seixas	Engenheiro-Arquiteto
1928	Alcides Xande	Engenheiro-Arquiteto
	Luiz Del Nero	Engenheiro-Arquiteto
	Raul Freire de Mattos Barretto	Engenheiro-Arquiteto
	Vicente Del Monaco	Engenheiro-Arquiteto
1929	Fernando Alberto Gama Rodrigues	Engenheiro-Arquiteto
	Max Hans Förtner	Engenheiro-Arquiteto
	Zilda de Almeida Sampaio	Engenheira-Arquiteta
1930	Alfredo Cecílio Lopes	Engenheiro-Arquiteto
	Antonio Tadeu Giuzio	Engenheiro-Arquiteto
	Armando Ciampolini	Engenheiro-Arquiteto
	Américo Capua	Engenheiro-Arquiteto
	Décio da Silva Pacheco	Engenheiro-Arquiteto
	Jaime C. Fonseca Rodrigues	Engenheiro-Arquiteto
	José Perroni Jr.	Engenheiro-Arquiteto

Quadro 2 – Engenheiros-Arquitetos formados no período de 1919-1947 (continuação).

Ano	Nome	Título Profissional
1930	Oswaldo Arthur Bratke	Engenheiro-Arquiteto
1931	Alberto Schirato	Engenheiro-Arquiteto
	Carlos Amélio Botti	Engenheiro-Arquiteto
	Eduardo A. Kneese de Mello	Engenheiro-Arquiteto
	Olívia Barros do Amaral	Engenheira-Arquiteta
	Vicente Nigro Jr.	Engenheiro-Arquiteto
1932	Antonio de Lucca	Engenheiro-Arquiteto
	Augusto Pedalini	Engenheiro-Arquiteto
	Ferdinando Filippi	Engenheiro-Arquiteto
	Henrique Ephim Mindlin	Engenheiro-Arquiteto
	Mário Zerbini	Engenheiro-Arquiteto
	Otávio Lotufo	Engenheiro-Arquiteto
	Vicente Miceli	Engenheiro-Arquiteto
1933	Takeshi Suzuki	Engenheiro-Arquiteto
1934	Francisco José Dale Caiuby	Engenheiro-Arquiteto
	Walter Saraiva Kneese	Engenheiro-Arquiteto
1937	Manoel Carlos G. de Soutello	Engenheiro-Arquiteto
	Maurício dos Santos Cruz	Engenheiro-Arquiteto
1939	Galiano Ciampaglia	Arquiteto
	Igor Sresnewsky	Arquiteto
	Manoel Amadeu G. de Soutello	Arquiteto
	Miguel Forte	Arquiteto
	Sophie Elma M. Capps	Arquiteta
1940	Irene Sapojkin	Arquiteta
	Jacob Maurício Ruchti	Arquiteto
	Nelson Pugliese	Arquiteto
1941	Domingos Vitorio Jannini	Arquiteto
	Francisco A. S. Fanuele	Arquiteto
	João Bernardes Ribeiro	Arquiteto
	Lauro da Costa Lima	Arquiteto
	Maria Armelinda Hoenen	Arquiteta
1942	Hugo Edmundo Kuhi	Arquiteto
1943	Fernando Behn de Aguiar	Arquiteto
	Mauro Alves dos Santos	Arquiteto
1944	Egberto F. de A. Camargo	Arquiteto
	Fernando Martins Gomes	Arquiteto
	Gustavo Caron	Arquiteto
	João Francisco Portilho de Andrade	Arquiteto
1945	Arnaldo Guimarães Senna	Arquiteto
	Jandovy Lui	Arquiteto
	Osvaldo de Aguiar Pupo	Arquiteto

Quadro 2 – Engenheiros-Arquitetos formados no período de 1919-1947 (continuação).

Ano	Nome	Título Profissional
1945	Wiliam Henz Gorham	Arquiteto
1946	Jorge José Proushan	Arquiteto
	Nelson Carmo F. Pedalini	Arquiteto
	Plinio Croce	Arquiteto
	Roberto Fonetti	Arquiteto
	Roger Henri Weiler	Arquiteto
1947	Carlos Henrique Bahiana	Arquiteto
	Nilo Ramos Villaboim	Arquiteto

Fontes: ANUÁRIO (1961, p. 52-54) e ANUÁRIO (1949, p. 145).

Na página anterior:

Edifício Altino Arantes (Edifício Banespa), Av. São João, São Paulo, 1939. Autoria do Engenheiro-Arquiteto Plínio Botelho do Amaral (Mackenzie, 1927).

Entre essas nove dezenas de engenheiros-arquitetos e arquitetos mackenzistas, é evidente que alguns nomes se destacam pela notoriedade alcançada no meio profissional ou acadêmico. Mencioná-los seria arriscado, pois teríamos que ter critérios prévios para avaliar o brilho acadêmico de cada um, ou captar o impacto das respectivas trajetórias profissionais. É trabalho para outro contexto.

Para encerrar o capítulo, não poderíamos deixar de ressaltar ainda a densidade de circunstâncias e de elementos de contorno de que se cercaram as três décadas iniciais do Curso de Arquitetura. Do ponto de vista institucional, o Curso começa no âmbito do Mackenzie College, passa à esfera do Instituto Mackenzie (a partir de 1940) e prepara a plataforma para a criação da Universidade, que passaria a funcionar cinco anos depois da transformação do Curso em Faculdade.

No âmbito nacional, o Curso de Arquitetura nasce durante a República Velha, sobrevive à Gripe Espanhola de 1918, supera os efeitos dos Movimentos Revolucionários de 1924, 1930 e 1932; ingressa na "era Vargas", coexiste com o Estado Novo (1937-1945), convive com quatro versões da Constituição Brasileira (1891, 1934, 1937 e 1946) e respira os ares da redemocratização iniciada em 1946. Finalmente, em termos mundiais, observa a Revolução Comunista de 1917 e a criação da União Soviética; presencia o final da Primeira Grande Guerra e a assinatura do Tratado de Versalhes; transpõe com êxito a Grande Depressão de 1929; toma conhecimento da instalação dos regimes fascista e nazista; testemunha o começo, o desenrolar e o final da Segunda Guerra Mundial; impressiona-se com as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, para, então, ainda ver nascer nas latitudes do Norte a célebre "Guerra Fria". Tudo isso, sem se falar da evolução estonteante da espiral científico-tecnológica, que inaugura a era da eletrônica, que vai da régua de cálculo à calculadora eletromecânica, do automóvel Ford Modelo T ao luxuoso Cadillac, da pena de aço à caneta Parker, do cinema mudo à televisão, do avião "teco-teco" às bombas voadoras. Enfim, começa-se com o título de *Engenheiro-Architecto* e termina-se com o glorioso título de *Arquiteto*. Tudo isso, repita-se, em apenas trinta anos!

Referências

ABRUNHOSA, E. C. *Modernos conservadores ou clássicos progressistas*: a construção do ideário moderno na Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947-1968). 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

ANUÁRIO, da Escola de Engenharia Mackenzie, 1934. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1935, v. 1.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1936. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1937, v. 3.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1938. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1939, v. 5.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1939. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1940, v. 6.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1941. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1942, v. 8.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1942. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1943, v. 9.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1943-1944 (Compreende os anos de 1943 e 1944). São Paulo: Instituto Mackenzie, 1944, v. 10.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1945-1948 (Compreende os anos de 1945 a 1948). São Paulo: Instituto Mackenzie, 1949, v. 11-14.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1949-1951 (Compreende os anos de 1949 a 1951). São Paulo: Instituto Mackenzie, 1952, v. 15.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1952. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1953, v. 16.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1955. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1956, v. 19.

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1960. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1961, v. 24.

ATIQUE, F. *Arquitetando a "Boa Vizinhança"*: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. 2007. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

______. Os elos entre a University of Pennsylvania e a arquitetura do Brasil, através da trajetória profissional de George Henry Krug. *19&20 Magazine*, IV, v. 1, 2009.

______. Os Diplomados em Arquitetura na "University of Pennsylvania" e suas Trajetórias no Brasil. In: ENANPARQ, 1., simpósio temático: leituras, diálogos e conflitos: as relações no espaço construído e imaginado entre Brasil, América e Europa, 2010, São Paulo. *Anais*... São Paulo: Enanparq, 2010.

BLOCH, M. *Apologia da história – ou o ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BREIA, M. T. de S. e. *O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves*. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

CIAMPAGLIA, F. *Galiano Ciampaglia*. Razões de uma arquitetura. 2012. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DE LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. da (Org.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

ESCOLA AMERICANA; MACKENZIE COLLEGE. [Prospecto]. São Paulo, 1914-1915.

ESCOLA AMERICANA; MACKENZIE COLLEGE. [Prospecto]. São Paulo, 1919-1920.

FICHER, S. *Ensino e Profissão*: o curso de Engenheiro-Arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo. 1989. Tese (Doutorado em História)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

______. *Os arquitetos da Poli*: Ensino e Profissão em São Paulo. São Paulo: Fapesp: Edusp, 2005.

HOMEM, M. C. N. *Higienópolis*: Grandeza de um Bairro Paulistano. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2011.

MACKENZIE COLLEGE. *Annual report to the Board of Trustees*. São Paulo, [1922].

MENDES, M. *Mackenzie no espelho*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

______. *Tempos de transição*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

PEREIRA, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de Arquitetura no Mackenzie College*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v. 6, n. 48, set. 1928.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v. 7, n. 52-53, jun. 1930.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v. 14, n. 81, fev. 1943.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v. 15, n. 85, mar. 1944.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Instituto Mackenzie, v. 37, n. 111-112, mar./jun. 1952.

SOMEKH, N. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador.* 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie: Romano Guerra, 2014.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Escola de Engenharia. *Correspondência*. São Paulo, [período: 1946-1950]. Volume encadernado.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Escola de Engenharia. *Programas das matérias dos cursos de Engenharia*. São Paulo, [período: 1927]. Volume encadernado.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Escola de Engenharia. *Livro de Atas N. 1, da Congregação da Escola de Engenharia*. São Paulo, [período: 1923-1940]. Volume encadernado.

s/d. Alunos em sala de aula realizando
atividades de desenho do Curso
de Arquitetura.

Faculdade de Arquitetura Mackenzie: origens e transformações

Eduardo Castedo Abrunhosa e Maria Teresa de Stockler e Breia

A história e o desenvolvimento da cidade de São Paulo confundem-se com a história do Mackenzie desde a segunda metade do século XIX até hoje. Nesse contexto, a Arquitetura Mackenzie, criada em 1917, destacou-se por meio da participação de seus professores e ex-alunos, profissionais formados para a excelência de sua atividade, não restritos apenas à cidade, mas que atuaram e atuam em todo o Brasil. O objetivo deste capítulo é apresentar as raízes e os aspectos do ensino da Arquitetura nessa instituição, inicialmente como um curso pertencente à Escola de Engenharia Mackenzie e, a partir de 1947, como unidade autônoma, na Faculdade de Arquitetura Mackenzie, chegando até a década de 1970, quando houve uma mudança de rumo do ensino da Arquitetura Beaux-Arts modificada até o ensino da Arquitetura Moderna.

A organização de um curso de Arquitetura na Escola de Engenharia do Mackenzie College foi proposta em 1916 e aceita por Christiano Stockler das Neves, Arquiteto e Professor, com sua primeira turma tendo ingressado em 1917. Ele foi o diretor do Curso de Arquitetura de 1917 a 1947 e da nova faculdade, a Arquitetura Mackenzie, até 1956. Em 1952, foi instalada a Universidade Mackenzie, e Christiano Stockler das Neves foi nomeado o primeiro vice-reitor.

A formação em Arquitetura de Christiano Stockler das Neves se deu na Escola Superior de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia entre 1909 e 1911. O curso de Arquitetura foi criado com base no curso da École des Beaux-Arts de Paris (Escola de Belas Artes de Paris ou, simplesmente, École) e alterado com a incorporação ao currículo dos novos avanços tecnológicos da construção em seus conteúdos, conferindo-lhe características peculiares. Por isso, Christiano Stockler das Neves, na elaboração da proposta para o novo curso no Mackenzie, usou a própria formação na instituição norte-americana como referência única.

Para melhor compreender o caminho trilhado pela Arquitetura Mackenzie, apresentaremos este capítulo na seguinte ordem: o curso da École des Beaux-Arts de Paris; o curso de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia; três momentos no Mackenzie: a Escola de Engenharia, a nova Faculdade e o processo de transição para o ensino da Arquitetura Moderna, concretizado ao final dos anos 1960.

A École des Beaux-Arts de Paris

O clássico era a característica fundamental da École des Beaux-Arts de Paris, caracterizado pelos aspectos da tradição iniciada na Renascença, cujas bases eram a Arquitetura grega e romana. A Arquitetura da Antiguidade clássica fora estudada e interpretada no Renascimento, quando o uso da razão era predominante entre os artistas, independentemente dos temas tratados. Por isso, as obras artísticas desse período tiveram como fundamento os conhecimentos herdados, desenvolvidos e sistematizados pelos artistas e pensadores. Os cientistas, desde a comprovação do heliocentrismo, buscavam comprovar as "verdades" científicas aceitas até então.

Na Arquitetura, foram sistematizados os princípios e as ordens arquitetônicas, bem como a aplicação da tríade vitruviana: *firmitas*, *utilitas* e *venustas*, isto é, estabilidade, funcionalidade e beleza da edificação. Ademais, os arquitetos passaram a assinar a autoria de suas obras.

A expressão Beaux-Arts no século XVIII era adotada pelos arquitetos que afirmavam ser a Arquitetura uma "Bela Arte", constituída de princípios universais percebidos racionalmente. As origens da École des Beaux-Arts de Paris remontam às aulas dadas nas academias de Pintura e Escultura e na de Arquitetura, estabelecidas no reinado de Luís XIV. A École era pública e centralizada, dividida como na origem: uma de Arquitetura e outra de pintura e de escultura.

A Revolução Francesa, em 1789, que trouxe alterações na política e no gosto, afetou sua organização, mas foram mantidas a ênfase no clássico sistematizado no Renascimento e os métodos de ensino lá aplicados até 1968, quando foi fechada.

Na École des Beaux-Arts de Paris, ensinava-se ser correta a abordagem da tradição, e não a da originalidade; além disso, não eram aceitas cópias retiradas de uma só fonte nos trabalhos dos alunos. Era necessário pesquisar em várias fontes e, após a seleção dos elementos adequados ao novo projeto, o autor, devido à sua formação, chamado de "Acadêmico", elaborava sua composição (denominação que era dada ao que hoje denominamos projeto), ao aplicar os vários elementos escolhidos, compostos de forma harmônica e bela.

Na organização da École em fins do século XIX e início do XX, especificamente no curso de Arquitetura, a formação se fazia em etapas bem marcadas. Aceitos após rigorosa seleção, os ingressantes eram matriculados na Segunda Classe, na qual deveriam somar determinado número de pontos nos concursos (inclusive concursos de Desenho) para passarem à Primeira Classe, na qual o processo se repetia com mais exigências e complexidade. Para a graduação final, deveriam executar mais trabalhos de Composição para vencerem mais concursos; apresentar projeto-tese e comprovar um ano de experiência profissional. O ponto cul-

minante era o aluno ser um dos poucos selecionados para o Grand Prix de Rome, concurso anual aberto apenas aos cidadãos franceses, cujos vencedores iam para a Academia Francesa em Roma para completar sua formação em mais quatro anos de estudos. Na volta, era-lhes garantida nomeação para algum cargo oficial no governo.

Embora houvesse controle rigoroso sobre a natureza e a qualidade dos trabalhos do aluno, eles eram livres para escolher como organizar as atividades e quando as cumprir; a formação completa dependia de o aluno atender a todas as etapas previstas. Nesse período, cabia à École a organização e a administração dos cursos teóricos, a elaboração dos programas para os concursos e formação dos júris. O edifício-sede dispunha de uma biblioteca e uma galeria de modelos a serem copiados pelos alunos.

O elemento principal da formação em belas artes era o *atelier*. No início do século XX, havia vinte deles ligados à École, sendo três particulares e os outros, estatais, cada um sob a responsabilidade de um *patron* ou *maître d'atelier*. Os grupos de alunos eram liderados pelo *massier*, aluno encarregado do *atelier*; os *patrons* eram arquitetos premiados, reconhecidos e atuantes, que supervisionavam os trabalhos. As propostas de composição elaboradas para a participação nos concursos, essenciais para a formação dos futuros arquitetos, eram desenvolvidas no *atelier*. Os alunos eram obrigados a buscar excelência em suas propostas, que deveriam combinar: boa pesquisa, obediência aos princípios da Arquitetura acadêmica e excelência na representação gráfica, de acordo com as técnicas de desenho aprendidas.

Os princípios imutáveis da Composição no Classicismo e no Ecletismo Francês erudito – unidade, harmonia, equilíbrio, estabilidade – eram apreendidos pela observação de cópias de modelos da Arquitetura da Antiguidade e do Renascimento e pelo estudo dos grandes edifícios desses períodos. Os arquitetos Beaux-Arts deviam ser criativos ao propor novas composições com o uso de elementos tradicionais, obtidos em grande variedade de fontes. Era o Ecletismo, cuja constante eram os princípios Clássicos; propunha-se um *revival* do Renascimento.

A experiência na França impressionava muito os arquitetos de maneira geral. Assim, os princípios e os métodos adotados na École fundamentaram a criação da maioria dos cursos de Arquitetura do ocidente, do século XIX à primeira metade do XX, com adaptações.

Sendo uma Escola de Arte e Arquitetura das mais antigas, a École des Beaux-Arts de Paris manteve, até o início do século XX, sua reputação como uma das academias líderes, adicionalmente ao fato de seus alunos serem oriundos de várias partes do mundo para receber a formação considerada exemplar. De volta a seus países de origem, eles propunham novos cursos, tornando o ensino da Arquitetura uma Bela Arte, acessível aos que não podiam estudar no exterior.

A Arquitetura nos Estados Unidos da América: séculos XIX e XX

Nos Estados Unidos da América, na segunda metade do século XIX, ficou patente a necessidade de mais profissionais graduados para fazerem frente ao amadorismo e às práticas nem sempre adequadas. De modo geral, a sociedade percebia a relevância de formação teórica e padrões adequados para o exercício da profissão de médicos e advogados. Porém, não incluíam aí os arquitetos, pois imaginavam que essa era profissão de vocação prática, em que se aprendia fazendo.

Experientes em construção, alguns empreiteiros estabeleciam-se como arquitetos. Não havia regulamentação para o exercício da profissão e das atribuições de cada tipo de profissional ligado à Arquitetura e à construção; qualquer um podia abrir seu escritório de Arquitetura ou sua empresa de construção.

Até então, os norte-americanos mostravam pouco interesse pela qualidade urbana e estética de suas cidades; os construtores ou atuavam com base em experiências anteriores ou eram pessoas imigradas, com formação superior; a contratação de um arquiteto era rara e ocorria, de forma geral, por pessoas abastadas. Nesses casos, a vontade do contratante determinava as diretrizes para o edifício, que deveriam ser seguidas à risca e nem sempre os resultados eram bons.

A destruição de boa parte de Chicago devido a um incêndio, construída principalmente de madeira, em 1871, gerou a necessidade de reconstruí-la e, dessa vez, os materiais de construção deveriam ser resistentes ao fogo. As edificações foram erguidas com a utilização de novas tecnologias: estruturas metálicas independentes e novas técnicas para uso do concreto, o armado. Um dos aspectos fundamentais foi a introdução de nova tipologia de edificação, erguida em larga quantidade na cidade, o arranha-céu. Essa tipologia pode ser utilizada em consequência dos novos materiais e técnicas aplicados, mas principalmente do desenvolvimento do elevador para pessoas a partir de 1854. Outra decorrência desses dois aspectos foi a imputação de novas atribuições aos arquitetos.

Nesse cenário, a Exposição Universal de Chicago em 1893 teve papel significativo. O projeto urbanístico desenvolvido por Daniel Burnham e Frederick Law Olmsted para aquele evento expressava os princípios Beaux-Arts de simetria, equilíbrio e monumentalidade. O público, em geral, ficou admirado com a demonstração real de como deveria ser uma cidade, mesmo que em uma exposição.

Na segunda metade do século XIX, os arquitetos norte-americanos buscavam formas para estabelecer padrões mais altos e mais uniformes no exercício de seu ofício, por meio da educação formal, mas que não obrigasse a ida para escolas no exterior. Era necessário criar novas escolas e novos cursos nos Estados Unidos e, para isso, a École des Beaux-Arts de Paris se impunha como referência para seus ex-alunos de forma geral.

Na página anterior:

Edifício Renata Sampaio Ferreira, São Paulo, 1956. Projeto do Engenheiro-Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke (Mackenzie, 1930). Exemplo de consolidação da Arquitetura Moderna em São Paulo, com volumetria em dois corpos – embasamento e torre diferenciados, e uso de elementos vazados cerâmicos como quebra-sol, valorizando elementos singulares da Arquitetura brasileira.

Os arquitetos *beauxartianos* desejavam usar suas experiências para a implantação dos novos cursos, ou seja, queriam adotar os princípios universais e acentuar o caráter arquitetônico de arte, por meio de um currículo bem organizado e uma teoria racional de design, como denominavam as Composições.

O cenário arquitetônico norte-americano na passagem para o século XX era de revisão da atividade profissional. Arquitetos de formação, muitos deles pela École, pressionavam por leis estaduais de licenciamento para melhorar a qualidade dos edifícios públicos e se organizavam em sociedades profissionais; a par disso, o crescimento das cidades e a necessidade de novos equipamentos urbanos exigiam arquitetos de formação superior que aliassem à prática a teoria.

Os arquitetos Beaux-Arts retornavam a seus países extremamente convictos de que a formação na École era a única correta e a estética acadêmica era a única aceitável. Por isso, defendiam com veemência sua formação, buscavam impor seu ideário estético e desprezavam qualquer outra proposta. Os debates foram acalorados. Fundaram-se grupos para a defesa da tradição Beaux-Arts, criticados por sua postura de superioridade em relação aos outros participantes das discussões, o que dificultava o consenso.

Vencidos, em 1893, os acadêmicos criaram em Nova York a Society of Beaux-Arts Architects (Sociedade de Arquitetos Belas Artes) e, em 1916, o Beaux-Arts Institute of Design (Instituto de Belas Artes de Design), para lutar pela criação de legislação adequada para o desenvolvimento dos novos currículos – que seriam tanto novos quanto resultantes de reformas dos existentes –, bem como para o exercício da atividade profissional. Essas instituições contribuíram de forma significativa para a adoção da formação com base beauxartiana em boa parte dos cursos de Arquitetura na passagem para o século XX naquele país.

A *Graduate School of Fine-Arts* da Pennsylvania University

O curso de Arquitetura na Graduate School of Fine-Arts da Pensilvânia (Escola Superior de Belas Artes) foi a inspiração para o Curso de Arquitetura do Mackenzie College.

O Arquiteto, Pesquisador e Professor Fernando Atique em pesquisa sobre a Universidade da Pensilvânia e suas origens ensina que, logo após a Independência dos Estados Unidos, o ensino de nível superior foi restaurado e a primeira iniciativa nesse sentido foi a da criação da Universidade do Estado da Pensilvânia; e que a denominação University of the State of Pennsylvania denotava

> [...] a ascensão do Estado como mantenedor da obra educacional, bem como para expressar que certa pluralidade de formações seria possível na cidade, já que, alguns anos antes, nela havia surgido o primeiro curso de medicina do Norte do Continente Americano, o qual ficou agregado à recém-criada universidade. (ATIQUE, 2010, p. 149).

Continuando, Atique refere-se à importância dos conteúdos ministrados no "College, como lócus de uma formação mais erudita, baseada nos modelos 'clássicos' de ensino, [...] posteriormente, reaberto e acoplado à Escola de Medicina, em 1791". E que "desta junção, por decreto oficial, a instituição educacional assumiu seu atual nome: University of Pennsylvannia" (ATIQUE, 2010, p. 149).

Ainda, Atique cita a falta de acomodações adequadas para a universidade, que funcionava em edifícios na Old City, mesmo com o crescimento constante do número de alunos até 1870. Ele afirma que sua expansão só pôde se acentuar em 1872, com a implantação do novo *campus*, e acaba por descrever sua nova estrutura: o Departamento de Artes, em 1755; o Departamento de Medicina, em 1765; o Departamento de Direito, em 1789, e o novo Departamento de Ciências, em 1872:

> [...] o *Department of Arts* era, na verdade, o *College* [...], e mantinha o oferecimento dos cursos de formação clássica, além do curso de música, procurado, especialmente, por mulheres. O *Department of Medicine* ministrava o curso de Medicina e controlava o Hospital Universitário, criado em 1874. O *Department of Law* ministrava o curso jurídico, enquanto o *Department of Sciences* seria o responsável pela ministração do curso de Química aplicada às Artes Industriais; os cursos de Mineralogia, de Geologia e de Mineração; de Metalurgia e de Materiais; das Engenharias Civil, Mecânica e de Mineração, além dos cursos de Desenho Mecânico e de Arquitetura. (ATIQUE, 2010, p. 150).

Quase um século depois, na década de 1880, ainda segundo Atique (2010, p. 151), "houve o aparecimento dos Departamentos de Filosofia, Arquitetura, Arqueologia e Paleontologia [...]".

A formação em Arquitetura iniciou-se em 1873 e fora organizada por Thomas Webb Richards. Ela era oferecida dentro do *College* por meio do Departamento de Artes, com a duração de quatro anos, sendo os dois primeiros com disciplinas de humanas em geral e os últimos de arquitetura de forma específica. Posteriormente, ficou sob a responsabilidade da escola de engenharia, a Towne Scientific School. A Escola de Arquitetura só veio a se tornar autônoma em 1890 (ATIQUE, 2010, p. 150-152; p. 161).

Arquitetos locais conhecidos, formados na École, foram os seus professores, com a colaboração de professores da Engenharia. Ao final do século XIX, sua estruturação curricular estava completa como uma das escolas norte-americanas a adotar a ênfase na arquitetura como arte, princípio basilar da École. No entanto, não era mera cópia do curso francês, vez que aí a formação clássica era permeada pelo ensino das novas tipologias arquitetônicas e dos avanços tecnológicos dos séculos XIX e XX referentes às edificações.

Em 1903, o *dean* Warren P. Laird contratou o premiado Arquiteto francês Paul Phillipe Crét para ser *maître d'atelier* na Universidade da Filadélfia, que era o *patron* em seu próprio *atelier* em Paris, muito procurado pelos alunos da École. Crét encontrou na Universidade da

Edifício para o Posto de Assistência Médica (PAM) do INSS da Várzea do Carmo, bairro do Glicério, São Paulo, 1966. Autoria do Engenheiro--Arquiteto Eduardo Kneese de Mello (Mackenzie, 1932) e do Arquiteto Sidney de Oliveira (Mackenzie, 1961). Exemplo de uso de elementos estruturais e de fechamento pré-fabricados.

Pensilvânia ambiente propício à sua adaptação como parte do corpo docente, haja vista "[...] a tendência estadunidense de afrancesamento de suas graduações em Arquitetura [...] desde 1890" (ATIQUE, 2010, p. 163).

A presença de Crét foi fundamental para a maior aproximação dos princípios acadêmicos franceses, sem seguir totalmente os métodos de ensino franceses, pois, segundo Atique (2010, p. 163), "por força do pragmatismo americano, a formação artística foi simplificada e aliada ao caráter técnico que dominava as formações em engenharia, e da qual, não por acaso, a graduação da Penn havia saído há pouco".

A segunda reforma do Curso de Arquitetura na Universidade da Pensilvânia é citada como ocorrida em 1920, e aqui ele se refere a um texto do *dean* George S. Koyl, quando foi feita

> [...] a transformação da School of Architecture, em School of Fine-Arts, mudança que, mais que incorporar os cursos de graduação em música e artes-plásticas, intentou traduzir, literalmente, sua vinculação às Écoles de Beaux-Arts, embora já ostentasse a separação da carreira do arquiteto em três campos: a do Architect, a do Urban Designer, e a do Landscape Architect, seguindo a peculiar estrutura profissional norte-americana. (ATIQUE, 2010, p. 163).

Quanto à organização e ao curso, um texto escrito por Joseph Esherick, outro ex-aluno da Universidade da Pensilvânia, traz descrição bastante acurada do período entre 1932 e 1937, quando o autor se graduou. Sua descrição, por certo, não corresponde exatamente à do currículo cursado por Christiano Stockler das Neves, mas é bem esclarecedora em relação ao espírito daquela instituição (ESHERICK, 1977, p. 238-279).

O autor descreve os ambientes, as relações professor-aluno, as atividades desenvolvidas, o trabalho nos ateliês, as aulas dos professores catedráticos, os livros de referência adotados para o estudo e o cotidiano da escola. Os professores eram, em grande maioria, ex-alunos da École; ele cita sete deles, inclusive o *dean* professor Koyle e os catedráticos de Design, quase todos detentores de importantes prêmios franceses (ESHERICK, 1977, p. 239).

Esherick relata também a preocupação e o cuidado aplicados nas adaptações do curso, necessárias devido à Depressão pós-1929, para que os alunos pudessem continuar sua formação (mesmo assim, alguns precisaram se afastar por um ano ou dois, mas retornaram e se graduaram). Explica que foram organizados três programas oferecidos pela "*School*", como gostava de chamá-la, na tentativa de manter os alunos, mesmo se eles precisassem se ausentar por algum tempo. Havia um curso especial profissionalizante de três anos; um curso de cinco anos que levava à obtenção do título de graduação em Arquitetura e um curso de sete anos, no qual eram combinadas Artes, Ciência e Arquitetura, e o grau de bacharel era obtido. Um ano a mais de estudos e o curso de Pós-Graduação levava ao *Master's Degree* (ESHERICK, 1977, p. 240-241).

Seu relato muito se assemelha ao de Christiano Stockler das Neves em várias passagens, quando se referiu à camaradagem existente entre os alunos, à relação dos professores com os alunos e ao clima de muita cortesia e dedicação aos estudos, projetos e desenhos (BREIA, 1995). Assemelha-se também aos depoimentos de alguns ex-alunos mackenzistas do período 1917-1947, pela descrição da preparação do material a ser utilizado para a elaboração dos trabalhos (BREIA, 1995; 2005).

As disciplinas relacionadas diretamente ao desenho eram muito presentes e ocorriam durante todo o curso; abrangiam desde o aprendizado de como apontar um lápis, passando pelas técnicas de como trabalhar sombras, volumes, texturas, como produzir a própria tinta nanquim a partir das pedras, para depois utilizá-la nos desenhos, nos trabalhos de Design (assim era chamada a Composição de Arquitetura nos EUA) e trabalhar com aguadas através de maior diluição da tinta. As técnicas para trabalhos coloridos e aquarelas eram também ensinadas, e os alunos treinavam muito sua aplicação. Para os trabalhos nas disciplinas de Design, os alunos aprendiam a tratar o papel a ser utilizado, as técnicas para prendê-lo nas pranchetas e o tratamento a ser dado às margens, para que não ficassem sujas ou estragadas.

As disciplinas teóricas incluíam o desenho como reforço do aprendizado, o ensino das cinco ordens arquitetônicas sistematizadas cientificamente no período do Renascimento e as condições para sua utilização.

Esherick se refere à importância dada à contratação dos professores de Design, arquitetos atuantes e bem-sucedidos no mercado, e enfatiza que os ateliês de desenho funcionavam todas as tardes, das 14h às 18h, e que o *patron* lá permanecia por todo o período (ESHERICK, 1977, p. 244).

Um fator destacado pelos dois ex-alunos foi a proximidade entre o *campus* e a cidade, o que permitia a ida a museus, teatros, ópera e concertos, atividades muito incentivadas pela direção e pelos professores, para ampliar a cultura geral dos alunos e despertar-lhes o gosto por todas as manifestações artísticas.

Esherick relata o desconforto dos alunos em sua época, relacionado ao descompasso entre o que aprendiam e o que viam e liam nas revistas especializadas, cuja maioria era assinada pela biblioteca. Essas revistas traziam os novos pontos de vista para a Arquitetura. Em 1934, circulavam entre os alunos textos e livros de autoria de Louis Sullivan, Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, lidos por sua conta, sem descuidar do estudo dos textos que faziam parte de sua formação no curso, como os de Julien Guadet, Benjamin Fletcher e o de Iacomo Barozzi da Vignola, escrito no Renascimento mas traduzido e atualizado à realidade norte-americana, que foi chamado *American Vignola*, por exemplo.

Os alunos se incomodavam com a falta de análise e discussão a respeito dos novos edifícios construídos na Universidade da Filadélfia, os quais poderiam ser analisados ao vivo, assim como a ausência de proposição dos terrenos para a implantação das propostas nos trabalhos de Design. Afirma Esherick que por serem trabalhos solicitados e desenvolvidos na própria Universidade, deveria ser possível no enunciado da solicitação constar um terreno real para a disciplina de Design, para que os alunos do grau C pudessem ter um contato *in loco*, real (ESHERICK, 1977, p. 264). Outra dificuldade para os alunos aceitarem eram os temas escolhidos para os exercícios de Design, descolados da realidade e alheios às suas preocupações em relação à vida urbana.

Arquiteto Christiano Stockler das Neves (1889-1982), fundador da FAU-Mackenzie.

Christiano Stockler das Neves – Aluno, Arquiteto e Professor

Christiano Stockler das Neves (1889-1982) escolheu o curso de Arquitetura na Escola de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia após cursar o primeiro ano do curso de Engenheiro--Arquiteto na Escola Politécnica de São Paulo, no qual não encontrou o que procurava.

Foram várias as causas de sua opção pela formação nos Estados Unidos da América, país que muito admirava devido à tecnologia que lá era desenvolvida e utilizada e aos métodos de ensino aplicados, conhecimento advindo da convivência com George Krug, também ex-aluno da Universidade da Pensilvânia e das revistas norte-americanas assinadas pelo escritório de seu pai, o engenheiro Samuel das Neves, que o mantinham em contato com a Arquitetura daquele país. Outro fator importante foi sua experiência como estagiário no escritório de seu pai, em que convivia com arquitetos europeus imigrados, encarregados dos vários projetos executados e construídos.

Chegado naquele país, após pesquisa, escolheu o curso da Universidade da Pensilvânia, na qual obteve sua certificação profissional. Durante a formação, entre 1909 e 1911 e mesmo depois, seu professor e grande mentor foi Paul Crét, a quem muito admirava.

Atique, ao pesquisar nos arquivos da Universidade da Pensilvânia, pôde descrever o cenário do curso de Arquitetura estudado por Christiano Stockler das Neves, como segue:

> Na Penn, Christiano das Neves vivenciou o período das modificações nas aulas de Design implementadas pelo Arquiteto Paul Phillipe Crét, que procurou adequar a formação tradicional da École des Beaux-Arts aos sistemas americanos, sobretudo o que expedia certificados de proficiência na carreira, a cada dois anos, ao invés dos longos anos de estudos dispendidos numa instituição francesa. Embora mais rápido e mais barato do que o curso de quatro anos, as horas necessárias para o cumprimento ideal deste curso eram muitas. Como a School of Architecture enfatizava em seu catálogo de disciplinas, 'o estudo de desenho [era] então enfatizado, exigindo um dispêndio significativo de tempo ao longo do curso em seus termos preparatórios e adicionais'. (ATIQUE, 2010, p. 179).

As correspondências de Christiano Stockler das Neves com o *dean* Warren Powers Laird, o *dean* George Koyl, o professor Crét, além de outros professores e ex-colegas de turma, foram significativas, pelo menos até os anos 1930, o quanto se pôde apurar. Terminado o curso, partiu diretamente para a Europa, onde permaneceu viajando por seis meses, conhecendo ao vivo o que havia estudado nos livros e no curso.

Ao regressar ao Brasil em 1912, voltou a trabalhar, agora como profissional, no escritório de seu pai, discordando de pronto da estética que lá predominava, a qual era influenciada por europeus, principalmente italianos, arquitetos ou bons desenhistas, que adotavam os estilos de seus países e também daqueles que eram desenvolvidos sob a influência do Art Nouveau ou do Neoclássico.

O primeiro projeto sob sua responsabilidade foi executado de acordo com a estética arquitetônica que seria a marca de sua carreira, o Clássico Francês, como havia aprendido na Filadélfia. O estilo que admirava era o Luís XVI, utilizado em boa parte dos edifícios construídos na primeira fase de sua carreira (PEREIRA, 2005).

Em suas obras, adotou estruturas construídas em concreto armado (sendo um dos precursores do uso desse material na cidade), técnica pouco conhecida e utilizada em São Paulo; em seus projetos, trabalhava com o repertório Beaux-Arts e com as técnicas construtivas mais recentes, marca do aprendizado na Universidade da Pensilvânia.

Dentre suas obras, podemos citar o edifício Sampaio Moreira, inaugurado em 1922, introdutor da tipologia dos arranha-céus em São Paulo e que alterou o gabarito europeu vigente na cidade; nas fundações desse edifício, foi adotado o sistema em *radier,* outra inovação na arte da construção brasileira. Christiano Stockler das Neves manteve seu escritório nesse edifício entre 1939 e 1982, quando faleceu.

O projeto da Estação Inicial da Estrada de Ferro Sorocabana de 1926 foi premiado no III Congresso Pan-Americano de Arquitetos em Buenos Aires, com o "Prêmio de Honra e Diploma", em 1927. Outros projetos que podemos citar são: porteiras do Braz (como era grafado o nome desse bairro na época dos projetos); estações do Braz e E. F. Central do Brasil; Estação Norte; sede do Automóvel Clube de São Paulo e o anteprojeto para a construção da Escola de Guerra Naval em 1952, com o Arquiteto Fernando Martins Gomes. Projetou e construiu também vários palacetes, edifícios comerciais e residenciais, hospitais e colônias de férias; reformou edifícios em Campinas, como a sede do clube Campineiro e o Teatro Municipal.

Christiano Stockler das Neves foi grande batalhador pela regulamentação da profissão de arquiteto no Brasil, que deveria estabelecer as atribuições específicas, tanto dos arquitetos quanto dos engenheiros e dos outros profissionais da arquitetura e da construção civil, sem formação superior, para que pudessem ser responsáveis por diversas etapas de obra. Publicou vários artigos a esse respeito e apresentou a tese intitulada "Regulamentação da Profissão de

Na página anterior:

Edifício Bank of London and South America, no centro velho de São Paulo, 1959. Projeto do Arquiteto Giancarlo Palanti (Escola Politécnica de Milão, 1929) e do Engenheiro-Arquiteto Henrique Mindlin (Mackenzie, 1932).

Architecto" (sic), no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em 1930. Essa normatização, reivindicada não apenas por ele, mas por arquitetos de forma geral, se deu com promulgação do Decreto Federal nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933.

Reagiu contra o pensamento moderno, contra as novas ideias trazidas da Europa por arquitetos e intelectuais, que começaram a tomar corpo no Brasil e serem objetos de admiração pelos alunos do Mackenzie, desejosos de conhecer a Nova Arquitetura. Combateu a "Arquitetura dos Transatlânticos", referindo-se à obra de Le Corbusier, no caso, e à Arquitetura Moderna de forma geral.

Em suas batalhas conceituais, sempre defendeu o ensino pelos métodos Beaux-Arts, que acreditava prover formação ampla, ao mesmo tempo bastante rigorosa e complexa, permitindo toda e qualquer expressão arquitetônica. Para ele, essa opção era extremamente racional, pois não se prestava a modismos, como acreditava que seria o caso da Arquitetura Moderna.

> Não possuindo uma architectura nacional digna de respeito à sua tradição, devemos seguir o critério dos povos mais civilizados em questões de arte. Os norte-americanos, os inglezes e os argentinos seguem a orientação da architectura franceza. A Escola de Belas Artes de Paris é a orientadora da verdadeira architectura que todos os povos latinos devem seguir. A conservadora Inglaterra e a excêntrica terra do Tio Sam obedecem [...], a esta corrente estética. Innumeros são os architectos americanos e inglezes que fizeram sua educação artística na França, reconhecendo assim a innegavel supremacia da arte que a velha Gallia conserva há muitos séculos. Paris ainda é a Cidade-Luz. (NEVES apud BREIA, 1995, p. 173).

Mas estamos nos adiantando, sem explicar sua relação com o ensino. Chegado a São Paulo, Christiano Stockler das Neves decidiu se dedicar à criação de um curso de Arquitetura, no qual aplicaria os princípios arquitetônicos aprendidos na Universidade da Pensilvânia, que considerava de extrema valia, aos quais acrescentou os resultados de sua experiência na Europa. A proposta apresentada em 1916 ao presidente do Mackenzie, William A. Wadell, revelava firme confiança em sua formação. Escolheu o Mackenzie College, que considerava "[...] uma instituição livre e a única que estava em condições de aceitá-la, por adotar os mesmos métodos de ensino que fiseram [sic] a grandeza da terra de Tio Sam [...]" (NEVES apud BREIA, 1995, p. 199).

O Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie

Aprovada a proposta, o novo curso de Arquitetura, parte da Escola de Engenharia do Mackenzie College, apareceu pela primeira vez no Catálogo de 1916-1917. O professor Christiano Stockler das Neves foi o primeiro e único responsável pelas disciplinas específicas

de Arquitetura nos dois primeiros anos, haja vista que as disciplinas técnicas eram ministradas aos alunos de Arquitetura em conjunto com os alunos de Engenharia. Novos professores, ex-alunos do curso, foram contratados em 1919, o que garantiu a continuidade da direção impressa ao curso, organizado de acordo com o curso da Universidade da Pensilvânia. Quando mais tarde professores com outra formação eram contratados, encontravam um rumo traçado a ser seguido por todos.

Nos primeiros anos e mesmo depois, Christiano Stockler das Neves se dispunha a lecionar disciplinas teóricas, como Teoria da Arquitetura e Filosofia da Arquitetura, mas sua predileção e especial atenção eram voltadas para as atividades em *atelier*, em que lecionava as disciplinas Pequenas Composições de Arquitetura ou Grandes Composições de Arquitetura, pelas quais foi o responsável até sua aposentadoria.

William Waddell, antigo Presidente do Mackenzie e muito amigo de Christiano Stockler das Neves, redigiu uma carta de recomendação, quando da adaptação do curso de Arquitetura para equipará-lo ao da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, em obediência à nova legislação. A carta visava a nacionalização de todas as instituições de ensino vinculadas a universidades estrangeiras, como o caso do Mackenzie em relação à Universidade de Nova York:

> A QUEM INTERESSAR
>
> O lente Christiano Stockler das Neves entrou na Escola de Engenharia Mackenzie no princípio do anno lectivo de 1917, portador do diploma de Bacharel em Architectura da afamada Escola da Universidade de Pennsylvania. Principiou a organização de um Curso de Architectura do typo contemplado pelo grau de Bacharel em Engenharia de Architectura. Occupou os postos de instructor, em 1917, lente associado, em 1920, lente Cathedrático, em 1924, sempre conservando a direção do departamento. Foi reconhecido como Deão desde o anno de 1924. Tem dado administração óptima e desenvolvimento valiosíssimo, testemunhando pelo facto de que o Curso foi premiado com a medalha de ouro na Exposição Panamericana de Arquitectura em Buenos Ayres, em 1927, e também com medalhas de ouro e prata no IV Congresso Pan-Americano de Architectura, realizado no Rio de Janeiro em 1930, bem como pelo trabalho effectivo feito pelos seus muitos discípulos. Actualmente está transformando a natureza do Curso de Architectura, afim de (*sic*) equipará-lo ao da Escola Nacional de Bellas Artes, do Rio de Janeiro.
>
> São Paulo, 21 de junho de 1933
>
> W. A. Waddell, Presidente
>
> (INSTITUTO MACKENZIE, 1970, p. 198-199).

Edifício Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo, 1950. Projeto dos Arquitetos Rino Levi (Escola Superior de Arquitetura de Roma, 1925), Roberto Cerqueira César (Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1940), Jacob Ruchti (Escola de Engenharia Mackenzie, 1940), Miguel Forte (Mackenzie, 1938), Galiano Ciampaglia (Mackenzie, 1938), Abelardo de Souza (ENBA, 1932), Hélio Duarte (ENBA, 1932) e Zenon Lotufo (Escola Politécnica do Rio de Janeiro / Escola Politécnica da USP, 1933/1936).

Conforme citado anteriormente, o trabalho em *atelier* era extremamente importante e valorizado no sistema Beaux-Arts, tanto na França quanto no caso específico da Universidade da Filadélfia. Relatos espontâneos e depoimentos prestados por vários antigos alunos descrevem as atividades no *atelier* como extremamente importantes e enriquecedoras, pois nesses momentos havia muito espírito de colaboração e troca de informações, que se concretizavam por meio do mútuo auxílio. Seguindo a tradição francesa, eram organizados concursos internos, anuais, seguidos da exposição dos trabalhos. A *Revista de Engenharia Mackenzie* publicava projetos premiados nesses concursos e, com o tempo, passou a publicar Projectos-These de formandos até 1947, quando da independência do curso e da formação da Faculdade de Arquitetura.

Interessante acompanhar, por meio dessas publicações, as pequenas alterações estéticas que iam sendo aplicadas pelos alunos nesses projetos e que, se bem fundamentadas e resolvidas, eram aceitas, embora com restrições, pelo professor Christiano Stockler das Neves.

Sua certeza absoluta de que a Arquitetura era a Bela Arte, e a defesa radical desse conceito, sem dúvida, o princípio fundamental do Beaux-Arts, levavam-no a radicalizar e a exigir dos alunos que seguissem esse princípio. Sua postura parece-nos ter sido adotada, primeiro, porque o Beaux-Arts era predominante no ocidente e o correto para a época; segundo, porque Christiano Stockler das Neves usava seu rigor quase que como um obstáculo, uma prevenção contra as ideias que denominava "futuristas", isto é, modernas, que ameaçavam a formação estética e conceitualmente "correta" de seus alunos.

Fator intrigante era que alguns programas de exercícios da disciplina Pequenas e Grandes Composições, redigidos por Christiano Stockler das Neves, traziam temas contemporâneos: "Um posto de gasolina", "Uma ala de hospital", "Uma boite" (sic), "Uma ala de presídio", cujas soluções não se coadunariam com a linguagem do sistema Beaux-Arts. No entanto, também eram solicitadas propostas para temas anacrônicos, como Monumento ao Barão de Rio Branco; outros eram alheios à realidade contemporânea brasileira, como "A ala central de um palácio", típicos desse sistema de ensino. Mas uma característica muito criticada pelos alunos permanecia: a falta do terreno, um suporte para o projeto a ser desenvolvido.

A ênfase nas disciplinas de Desenho, existentes em todos os anos do curso, tinha por objetivo exercitar o olhar dos alunos e o aprendizado das técnicas de representação desde os primeiros *croquis*; para isso, era necessário que o material e os instrumentos fossem preparados adequadamente, da mesma forma descrita por Esherick quando se referiu ao curso da Universidade da Pensilvânia.

Aos poucos (a partir do final da década de 1920), os alunos mackenzistas foram desenvolvendo resistência ao ensino de tradição acadêmica e expressavam seus desejos, muitas vezes e de maneiras diferentes, por aprender a Arquitetura Moderna e analisar obras modernas, dos Estados Unidos e da Europa, publicadas no material que mandavam importar,

composto de livros e periódicos, partilhado entre eles e, por meio de longas discussões, iam trabalhando suas posturas modernas em relação à Arquitetura.

Além da formação teórica e de prancheta, os alunos faziam estágios nos escritórios de Arquitetura existentes, onde também tomavam contato com o Moderno. Começou-se a projetar e construir obras modernas na cidade de São Paulo e no país. Os alunos faziam visitas a canteiros de obras, aos finais de semana; às vezes, eram acompanhados por um professor ou pelo arquiteto autor da obra.

Da Arquitetura Moderna ao ensino do Moderno na Arquitetura

A esta altura do texto, julgou-se necessário relembrar os leitores de alguns antecedentes da Arquitetura Moderna no Ocidente para analisar a implantação da Arquitetura Moderna no Brasil e, em seguida, seu ensino na Faculdade de Arquitetura Mackenzie.

O crescimento precário das cidades a partir da Revolução Industrial, as conquistas no campo das engenharias e da tecnologia, as novas propostas para a cultura de massa, os avanços em todas as ciências, trouxeram a quase certeza de que os métodos científicos e seus princípios aliados aos avanços e às descobertas em todos os campos do conhecimento humano levaram à valorização da objetividade, da racionalidade e da criatividade. Assim, novas propostas no campo das Artes foram consequência natural e, como a Arquitetura é uma Arte, refletiu esses mesmos fatores.

O espaço de tempo necessário para o percurso em direção à adoção, no ensino, da Arquitetura Moderna foi longo. Os alunos reivindicavam mudanças naquele sistema Beaux-Arts que consideravam arcaico e descolado da realidade, mesmo quando somado à atualização de conteúdos referente aos novos materiais, às novas técnicas de construção acrescidos de seus respectivos fundamentos e instrumentais.

A grande dificuldade das instituições de ensino da Arquitetura para mudar de direção era não poder determinar se o Moderno viera realmente para alterar o cenário arquitetônico ou se constituía mais um modismo passageiro (assim pensava o professor Christiano Stockler das Neves), como o Art-Nouveau e o Art-Déco. Se fosse um modismo, não faria sentido abandonar uma tradição de ensino que, do ponto de vista dos responsáveis por seus cursos, se mostrava ao longo do tempo adequada e eficiente. Naturalmente, não se pode supor que a opção pelo ensino da Arquitetura Moderna tenha sido feita concomitantemente em todas as Escolas de Arquitetura.

No entanto, o avanço na industrialização da Arquitetura foi impulsionado com mais velocidade devido à necessidade de reconstrução das regiões europeias destruídas, tanto na Primeira como na Segunda Guerra. Mas sabe-se que as novas ideias não haviam surgido nesses tristes momentos: já se avolumavam em consonância com as vanguardas do final do século XIX e início do século XX.

A Arquitetura Moderna no Brasil

A produção da Arquitetura Moderna no Brasil aconteceu antes na vida prática. Arquitetos, inclusive mackenzistas, embora de formação Beaux-Arts, buscaram em seu trabalho a expressão arquitetônica que consideravam mais compatível com a nova realidade mundial e do país. Por isso, em muitos casos, usavam a produção industrial como fonte de inspiração e, em outros, trabalhavam a Composição, numa linguagem arquitetônica despojada e com o uso de materiais industrializados.

Os fatos e os eventos que animavam alunos e ex-alunos se concretizavam em vários cantos do mundo. O Moderno no Brasil teve início na prática e demorou a ser adotado nos cursos de Arquitetura do País até o final dos anos 1960. Podemos citar alguns deles:

1) As notícias divulgadas anualmente e os textos publicados, principalmente pelas revistas estrangeiras, que noticiavam os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (Ciam), criados em 1928 na Suíça e cujo líder foi Le Corbusier. A organização, que contava com os principais nomes da Arquitetura Moderna, promoveu esses Congressos no quais eram discutidas as respostas a serem oferecidas pela Arquitetura Moderna. As diversas edições do Ciams difundiram ideias, conceitos e diretrizes das Arquiteturas Racionalista e Funcionalista.

2) A chegada do Arquiteto russo Gregori Warchavchik (1896-1972) em 1923, por coincidência, no rastro da Semana de 1922, que construiu para sua moradia (1927-1928) a primeira casa modernista no País, em São Paulo.

3) O trabalho do Arquiteto Lúcio Costa (1908-1998), pioneiro da Arquitetura Moderna no país, formado na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro entre 1917 e 1924, na qual recebeu formação acadêmica, com a qual rompeu para se dedicar à Arquitetura Moderna. Foi convidado em 1932 para a Direção de sua antiga escola, com duas missões: a renovação do ensino das Artes e a reformulação do curso de Arquitetura; sua gestão teve curta duração, devido à resistência pelos adeptos do Academicismo, principalmente os docentes da casa, à nova linguagem.

4) A elaboração do projeto para o Ministério da Educação e Saúde Pública, quando Lúcio Costa trabalhou em parceria com Carlos Leão, Ernani Vasconcelos, Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy e seu antigo aluno, Oscar Niemeyer, todos eles Arquitetos Modernos e que aplicaram conceitos do Moderno na proposta.

5) As visitas de Le Corbusier ao Brasil. De acordo com o livro *Le Corbusier no Brasil* (1987), a primeira visita foi a São Paulo e ao Rio de Janeiro, a caminho de Buenos Aires e do Uruguai, em 1929; em 1936, ao Rio de Janeiro. Nessas ocasiões, o Arquiteto proferiu palestras, assistidas pelos adeptos dessa nova visão sobre a Arquitetura, principalmente por alunos e jovens arquitetos e que tiveram grande repercussão. Sua influência foi mais forte no Rio de Janeiro, capital do país, onde atuava o grupo de arquitetos modernos, liderado por Lucio Costa;

6) O Moderno ampliou aos poucos seu lugar na Arquitetura, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial com obras de reconstrução na Europa; nos Estados Unidos, projetos dos arquitetos modernos europeus para lá emigrados promoveram a Arquitetura Moderna por meio de suas obras e do exercício da docência, principalmente Mies van der Rohe e Walter Gropius.

7) A Primeira Bienal de São Paulo (1951), na qual se apresentaram obras modernas que desagradaram parte do público, mas também foram significativas para a aceitação do Moderno na Arquitetura. Nela, foram premiados alguns ex-alunos mackenzistas.

8) O concurso para o Plano Piloto de Brasília, em 1955, que causou várias polêmicas e discussões. O projeto urbanístico vencedor foi o de Lúcio Costa, que o implantou com alterações. Ex-alunos da Arquitetura Mackenzie fizeram parte de algumas equipes participantes ou constituíram equipes com participação destacada.

Esses fatores, mesmo sem se esgotar as possibilidades, pavimentaram o caminho para Arquitetura Moderna no Brasil.

Na página anterior:

Edifício Vila Normanda, São Paulo, 1964. Projeto do Engenheiro-Arquiteto Lauro da Costa Lima (Mackenzie, 1941).

A Faculdade de Arquitetura Mackenzie

Na longa gestão do professor Christiano Stockler das Neves houve pressão crescente por parte do corpo discente no sentido da adoção dos princípios da Arquitetura Moderna em sua grade curricular e, principalmente, nas disciplinas de Composição, cujos programas solicitados pareciam-lhes totalmente alheios à nova realidade. Os fatos e eventos citados anteriormente foram paulatinamente absorvidos pelo corpo discente mackenzista; por isso, a pressão feita era cada vez mais forte.

Por ocasião do Centenário da Universidade, em 1970, foi feita uma publicação comemorativa, na qual se lê que o Dr. Benjamin Hunnicutt, presidente do Mackenzie, no Relatório de 1946, referiu-se ao curso de Arquitetura que funcionou na Escola de Engenharia desde 1917 nos seguintes termos:

> O curso de Arquitetura foi fundado em 1917, funcionando regularmente, [...], diplomando, até 1945, 83 arquitetos que vêm exercendo a profissão com toda a competência, salientando-se de maneira notável, muitos dos seus trabalhos arquitetônicos, vencendo numerosos concursos, além de terem recebido altas recompensas no país e no estrangeiro. (INSTITUTO MACKENZIE, 1970, p. 51).

Após 1946, o curso passou a ter a duração de cinco anos, e não mais seis anos. O Anuário da Escola de Engenharia de 1946 traz um relatório redigido pelo Dr. Henrique Pegado, seu diretor, que apresentou as razões e o processo de desmembramento do curso de

Arquitetura da Escola de Engenharia, para a criação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, cuja instalação se deu em 12 de agosto de 1947, em sessão solene do Conselho do Instituto Mackenzie, quando foi empossado diretor, o Arquiteto e Professor Christiano Stockler das Neves (ANUÁRIO, 1946).

A partir dessa data, a Faculdade passaria a ocupar permanentemente o prédio onde antes só funcionava o ateliê de Arquitetura, o Edifício Chamberlain, reformado para acolhê-la por inteiro, o que ocorreu até 1961, quando foi inaugurada a primeira parte construída de um novo edifício para a Faculdade, hoje completo.

A grade curricular adotada na nova Faculdade em 1947 trazia alterações em relação à que existira até 1946. Alguns professores permaneceram, alguns foram substituídos e houve esforço por parte dos Professores-Engenheiros em adaptar suas exigências àquelas consideradas adequadas para a formação dos Arquitetos, pois agora essas disciplinas técnicas seriam ministradas na nova Faculdade e, portanto, conteúdos e exigências deveriam ser diferentes. Essa grade curricular das disciplinas foi aprovada e se distribuía como segue:

1º Ano: Matemática Superior – a) Geometria Analítica; b) Cálculo Infinitesimal; Geometria Descritiva; Sombras; Topografia – teoria, desenho e campo; Arquitetura Analítica – 1ª parte – teoria e desenho; Desenho Artístico; Modelagem; História da Arte;

2º Ano: Mecânica Racional; Perspectiva; Arquitetura Analítica – 2ª parte – teoria e desenho; Teoria da Arquitetura – 1ª parte; Composições de Arquitetura – 1ª parte; Resistência dos Materiais; Grafo – estática; Desenho Artístico; História da Arte;

3º Ano: Estereotomia da Pedra – 2º período; Materiais de Construção; Tecnologia dos Materiais; Teoria da Arquitetura – 2º período; Estabilidade das Construções; Estruturas Metálicas e de Madeira; Pequenas Composições de Arquitetura; Física Aplicada; Desenho Artístico; História da Arte; Composições Decorativas; Sistemas Estruturais;

4º Ano: Mecânica dos Solos; Grandes Composições de Arquitetura – 1ª parte; Arquitetura no Brasil; Urbanismo – 2º período; Estabilidade das Construções; Estruturas de Alvenaria – Muros de Arrimo; Concreto Armado; Higiene da Habitação – 1º período; Saneamento das cidades – 2º período; Desenho Artístico; Composições Decorativas;

5º Ano: Grandes Composições de Arquitetura – 1ª parte; Arquitetura Paisagista – teoria e prática; Sistemas Estruturais; Desenho Artístico (modelo vivo); Composições Decorativas; Estatística; Economia Política e Finanças; Direito Administrativo – legislação; Organização do Trabalho; Prática Profissional.

O estágio em escritório de Arquitetura deveria ser feito pelos alunos desde o segundo ano até a formatura e a Assistência a Pequenas e Grandes Composições do segundo ao quinto anos acontecia às quartas-feiras à tarde.

Em 16 de abril de 1952, foi instalada a Universidade Mackenzie e para seu primeiro Reitor foi indicado o Dr. Henrique Pegado, que havia dirigido a Escola de Engenharia por 13 anos e o Professor Christiano Stockler das Neves, como Vice-Reitor (INSTITUTO MACKENZIE, 1970, p. 53).

A Faculdade de Arquitetura Mackenzie e sua organização

Em obediência à legislação vigente, a nova faculdade foi constituída, administrativamente, de acordo com o Decreto Federal nº 19.851, de 11 de abril de 1931, como segue: Diretoria, Conselho Técnico Administrativo – CTA e Congregação. O Conselho do Instituto escolheu o primeiro Diretor, que passou a sê-lo pelo Conselho Universitário desde a criação da Universidade Mackenzie em 1952, a partir de lista tríplice.

Os Diretores da Faculdade de Arquitetura até 1970 foram, conforme a publicação comemorativa do Centenário do Mackenzie (INSTITUTO MACKENZIE, 1970, p. 201), depois do Professor Christiano Stockler das Neves, pela ordem: Américo da Graça Martins, Serafim Orlandi, Francisco Esteves Kosuta, João Francisco Portilho de Andrade, Roberto Frade Monte, Gustavo Ricardo Caron, Salvador Candia e João Pedro de Carvalho Neto (em exercício naquele ano).

O corpo docente, de acordo com o mesmo Decreto Federal, se constituía em quatro categorias: professores catedráticos; auxiliares de ensino; docentes livres e professores contratados. Para chegar a professor catedrático, prestava-se um concurso de títulos e provas. Sua atividade seria monitorada e avaliada pelo corpo administrativo da faculdade, pois, embora vitalício, o catedrático podia ser exonerado de suas funções.

As primeiras referências a propostas de adequação do currículo em busca de melhor entrosamento entre as disciplinas e adequação dos programas, mesmo mantendo a estrutura acadêmica, datavam da gestão do professor Christiano Stockler das Neves.

Sabe-se que houve pelo menos uma Comissão de Reestruturação do curso da Faculdade, mas não foi possível saber se sua duração foi em todo o período entre 1958 e 1970 ou se houve mais de uma comissão.

Nessa transição, havia uma sequência nos procedimentos a serem obedecidos pela Faculdade: a Comissão de Reestruturação devia apresentar suas propostas ao CTA, que deveria analisá-las e discuti-las; se aprovadas, a próxima instância era a Congregação, que discutiria sobre o Relatório encaminhado, consultaria os professores envolvidos, deveria aparar as eventuais arestas e, se fosse o caso, aprová-lo. A instância final era o Conselho Universitário, cujo parecer final seria de aprovação ou negação. O mesmo Conselho daria o passo seguinte: solicitar verbas eventualmente necessárias à implantação das mudanças que, por exemplo, poderiam acarretar em um curto período duplicidade na ocorrência de disciplinas, por exemplo. A reestruturação foi difícil, pois envolveu, além da questão acadêmica, outras institucio-

nais, como a situação trabalhista dos professores, e a atualização dos equipamentos necessários à nova realidade do ensino.

Além das dificuldades internas, haviam as pressões externas, tanto das comissões organizadas pelo grupo das faculdades de Arquitetura do país como do Instituto de Arquitetos do Brasil e do Ministério da Educação. Ademais, o atendimento à Lei de Diretrizes e Bases (ainda em discussão na época) requereria um novo regimento interno que abarcasse o resultado da reestruturação do curso e regesse o cotidiano da Faculdade, que deveria ainda estar em acordo com o Estatuto e o Regimento da Universidade. A reestruturação do curso foi aprovada em janeiro de 1965 para implantação experimental.

Na Arquitetura Mackenzie, como curso e como faculdade, houve sempre muito cuidado com a constante revisão dos conteúdos para evitar sobreposições de conteúdos. A exigência em todas as disciplinas era grande: as provas parciais e os exames eram difíceis e cuidadosamente redigidos. A presteza na apresentação das propostas de projetos que atendessem aos programas propostos devia ser acompanhada de muita qualidade na apresentação dos trabalhos, tanto para os projetos com prazos comuns como para aqueles desenvolvidos em 6h, 8h, 12h ou até 24 h.

As conversas com alguns ex-alunos trouxeram à lembrança vários professores, tanto do curso como da faculdade. O professor Adolph Franz Heep, contratado em 1958 para impulsionar de vez a adoção da Arquitetura Moderna, foi lembrado como tão radical em sua visão sobre Arquitetura Moderna quanto era o professor Christiano Stockler das Neves em relação à Arquitetura como uma "Bela Arte". Mas havia diferenças, e a principal era que, embora ameaçasse descolar da prancheta e rasgar o trabalho de aluno que apresentasse proposta Moderna como solução em Composição, nunca o fez; já o professor Adolph Franz Heep, em mais de uma ocasião, chegou a rasgar e jogar no chão projetos de alunos, como relatou o Arquiteto Vasco de Mello, ex-aluno da escola, aliviado por nunca ter sido com ele o acontecido.[1]

Os alunos da década de 1960, ainda em período integral, mantiveram a tradição de troca de informações e auxílio constantes em sua convivência na Escola. Um aspecto importante ressaltado com saudade desde os anos 1950 era a localização do Mackenzie, que ficava praticamente 'dentro' do cenário da vida cultural paulistana, efervescente até o período da Ditadura Militar.

Na mesa-redonda[2] de 5 de abril de 2017, da qual participaram os ex-alunos e atuais professores da Faculdade – Flávio Marcondes, Lauresto Couto Escher, Juan Villá e Ricardo Belpiede, formados, respectivamente, em 1966, 1967, 1968 e 1969 –, ressaltou-se a importância da relação do bairro de Higienópolis com o Mackenzie e com a Faculdade de Arquitetura, no sentido de que seu processo de verticalização ocorreu a partir da década de 1950. Esse fato facilitava aos estudantes de Arquitetura uma forte imersão nos projetos e no acompanhamento das obras e na construção dos novos edifícios, estes projetados por escritórios e arquitetos modernos.

Na página anterior:

Edifício Metrópole e Centro Metropolitano de Compras, Centro Novo de São Paulo. Importante exemplar de Arquitetura Moderna realizada na década de 1960. Projeto dos Arquitetos Salvador Candia (Mackenzie, 1948) e Giancarlo Gasperini (Università di Roma/Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1949).

1. O depoimento do Prof. Vasco de Mello ocorreu na mesa-redonda "FAU--Mackenzie – Ensino de Arquitetura e Urbanismo no Passado", realizada em 16 de março de 2017, na disciplina "Questões de Ensino em Arquitetura e Urbanismo" do Programa de Pós--Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie.

2. Durante o primeiro semestre de 2017 a Direção da FAU-Mackenzie organizou um conjunto de mesas-redondas reunindo os Professores egressos por décadas.

Lançamento da pedra fundamental do prédio da FAU-Mackenzie, em maio de 1960.

Outro fator importante citado na ocasião foi que os professores das disciplinas de Projeto, substitutas daquelas intituladas Pequenas Composições de Arquitetura e Grandes Composições de Arquitetura, propunham como temas para os trabalhos a serem realizados pelos alunos, durante os quatro anos de duração da disciplina no curso, temas contemporâneos, muitas vezes aqueles em que estavam trabalhando em seus escritórios (DEPOIMENTO, 2017).

Na ocasião do centenário do Mackenzie em 1970, foram solicitados um curto histórico e um relato da realidade à época, ao diretor de cada unidade, para serem incluídos na publicação comemorativa. O diretor da Arquitetura e vice-reitor da Universidade era o professor João Pedro de Carvalho Neto. Seu texto explicava a origem da Faculdade no curso de Arquitetura (1917-1947) que funcionava na Escola de Engenharia, depois tratava da instalação da Faculdade para constituir uma unidade da Universidade e de sua autorização, pelo decreto 23.275, de 7 de julho de 1947 (INSTITUTO MACKENZIE, 1970).

Para ilustrar a qualidade do curso de Arquitetura na Engenharia, o professor João Pedro de Carvalho Neto citou uma passagem, escrita por Benjamin Hunnicutt no livro *Brazil World Frontier*:

> Em sua Escola de Engenharia por longo tempo sob a licença da *University of the State of New York*, o *Mackenzie College* fez outra contribuição notável ao introduzir os métodos da Engenharia Americana. O curso em arquitetura, sob a responsabilidade do *Dean* Christiano S. das Neves, fez uma valiosa contribuição ao desenvolvimento da Arquitetura Brasileira. Seus graduados receberam prêmios frequentemente em concursos nacionais e internacionais, e têm projetado muitos ótimos edifícios, tanto públicos como privados. Os métodos e designs da construção americana foram ensinados primeiro no Mackenzie. (INSTITUTO MACKENZIE, 1970, p. 199).

A transição foi difícil, e mais rápida e efetiva quando o Arquiteto e Professor Christiano Stockler das Neves se aposentou do Mackenzie em 1956, mas havia muitas dúvidas quanto ao rumo a ser tomado. Alguns professores do período anterior fizeram adaptações em seus conteúdos e enfoques, outros permaneceram irredutíveis. Houve a necessidade de contratação de novos professores (muitos deles ex-alunos do próprio curso), não apenas porque agora as turmas eram compostas por 60 alunos, mas pela aposentadoria ou demissão de membros mais antigos do corpo docente.

A questão fundamental era como atingir os novos objetivos, pois não havia clareza de como deveria ser o ensino da Arquitetura Moderna. Novos termos passaram a compor o repertório cotidiano, por exemplo: modulação, pré-fabricação, função, funcionalidade, função social do arquiteto, habitação social, conjunto habitacional etc.

A transição havia se completado em 1965, a rota fora alterada, embora houvesse algumas adequações e melhoramentos a fazer. O curso agora era referente à Arquitetura Moderna, do primeiro ao quinto ano.

Quanto às disciplinas do curso de Arquitetura, o percurso foi desde os conteúdos em conformidade com os princípios Beaux-Arts modificados na Universidade da Pensilvânia e implantados no Mackenzie, seu processo de modificações ao longo do tempo, até a implantação dos conteúdos referentes à Arquitetura Moderna, com novas diretrizes e ênfases.

Discurso de Antonio Luiz Ippolito no lançamento da pedra fundamental do prédio da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. À esquerda, próximo as duas senhoras, está o Prof. Dr. Henrique Guilherme Thut (Reitor da UPM, 1960-1963).

As disciplinas técnicas eram ministradas pelos professores da Escola de Engenharia que exerciam seu ofício de engenheiros, nas diversas especialidades necessárias ao projeto e à execução de uma obra, o que lhes permitia saber exatamente o tipo de conteúdo a enfatizar. A frequência às suas aulas, no início da Faculdade, não era obrigatória, mas os trabalhos e as provas eram. A exigência no aproveitamento era muito alta, mas os conteúdos das disciplinas paulatinamente foram se voltando mais especificamente para as necessidades de um Arquiteto. As provas eram muito bem elaboradas e os enunciados propunham problemas complexos que retratavam situações que poderiam ser reais; nessas provas eram solicitados, além de cálculos e aplicação de fórmulas, conhecimentos conceituais. Os Programas de Ensino dessas disciplinas forneciam aos alunos formação técnica-instrumental completa, atualizada e útil para o exercício do ofício, permitindo-lhes se sentirem preparados e seguros ao enfrentar os desafios profissionais. Ademais, aprendiam que a concepção estrutural devia nascer como parte da proposta de Projeto (BREIA, 2005).

Quanto às disciplinas teóricas, no curso de Arquitetura e no início da Faculdade, apresentava-se, em sua maioria, uma abordagem historicista dos temas, com ênfase nas características da arte e da Arquitetura produzidas em cada região e tempo histórico, acompanhada de sólido embasamento estético e formal. Os alunos tinham também de representar por meio do desenho os elementos caracterizadores da Arquitetura de cada período ou região. A obra de Benjamin Fletcher, *History of architecture: on the comparative method*, totalmente ilustrada de desenhos, podia ser utilizada como fonte de consulta para a composição das pranchas elaboradas pelos alunos. Essa forma de trabalhar os conteúdos foi deste enfoque historicista e de cópia de modelos à explicação a respeito dos diversos momentos da História da Arquitetura, somada às projeções de slides ou filmes, agora acessíveis pelos novos meios de projeção. Consideramos importante a informação de que o conteúdo da História da Arquitetura geralmente ia até a Arquitetura Barroca, quando se encerrava o ano letivo; fato que parece relevante, haja vista a recusa dos Modernos à História imediatamente anterior. A Teoria da Arquitetura passou a trabalhar com textos escritos por arquitetos modernos; a história da arte passou a incluir os artistas da vanguarda e os modernos (BREIA, 2005).

Em meio às disciplinas teóricas, havia aquelas, entre o quarto e o quinto ano, que tratavam das questões ligadas ao exercício da profissão, em seus aspectos legais e administrativos, e eram ministradas desde o início do curso, na Escola de Engenharia, e foram sendo adaptadas ao passar do tempo. Outros temas diziam respeito à prestação de serviços para órgãos públicos e davam ênfase aos aspectos trabalhistas. Tratava-se inclusive das principais teorias econômicas em vigor (BREIA, 2005).

Turma do 5º ano de Arquitetura, década de 1960. Da esquerda para a direita, Prof. Franz Heep (em terceiro), e Prof. Elisiário Bahiana (em sexto).

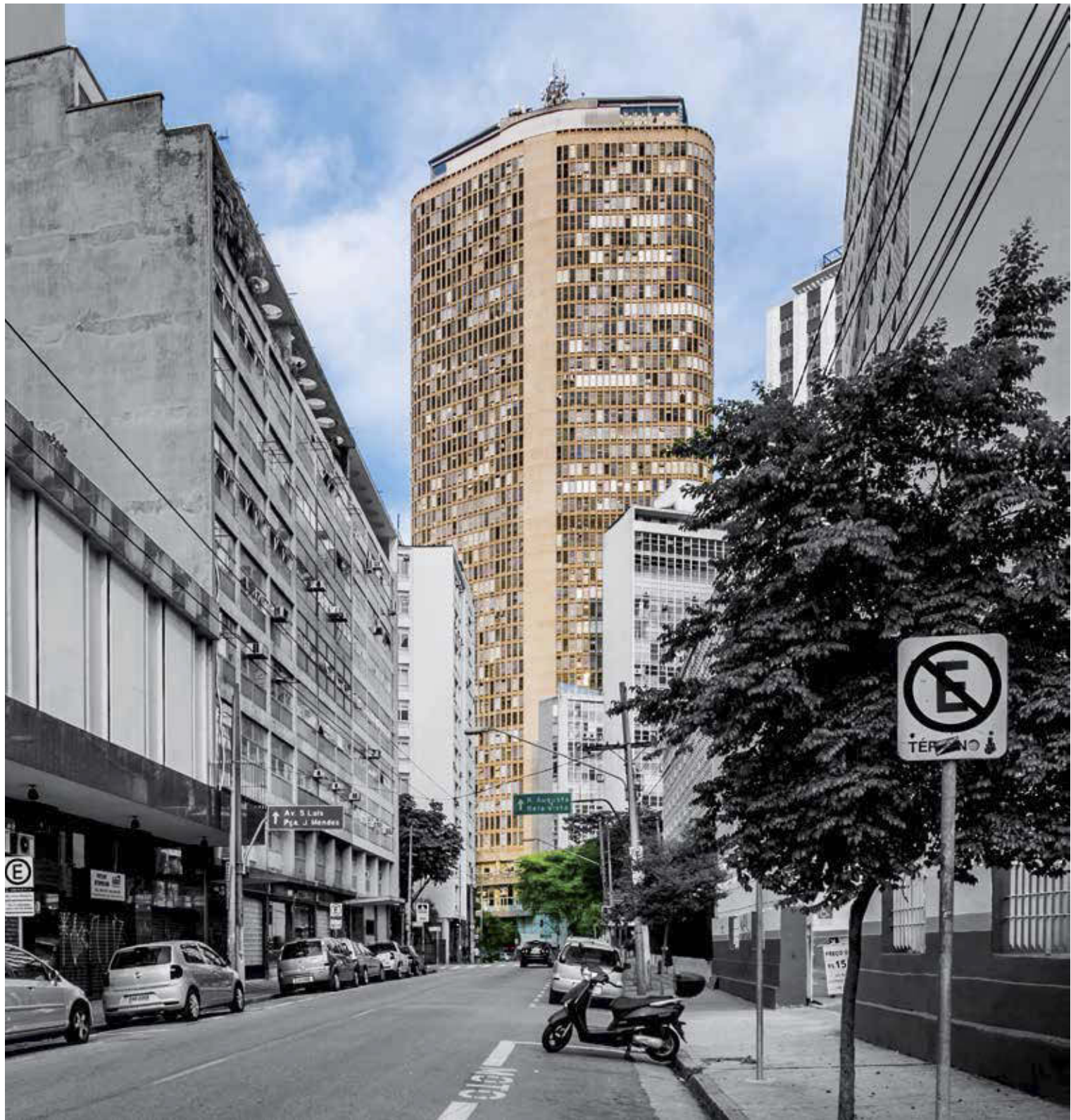
Quanto ao desenho, principalmente o artístico, ele foi perdendo importância, principalmente após 1956, conforme as características do curso iam se alterando, rumo ao Moderno. Os temas representados se alteraram com o passar do tempo, do figurativo, de cópia, para o conceitual. O período de transição foi muito bem representado por esse grupo de disciplinas, pelo grau de nitidez das mudanças por que passaram as disciplinas. A contratação de novos professores afinados com o moderno transformou o panorama, a criação, o abstrato e a experimentação eram agora elementos ressaltados, solicitados e desejados. Havia maior identificação dos estudantes com esse tipo de abordagem da representação, embora, com a reestruturação, a carga horária reservada para o desenho tenha ficado muito diminuída. Novas disciplinas e conteúdos foram surgindo, como o caso do desenho arquitetônico em 1958, e o próprio desenho industrial, que não figuravam nas grades anteriores (BREIA, 2005).

O grupo de disciplinas mais valorizado e enfatizado em todas as etapas do curso, a partir do segundo ano, era o de Composição de Arquitetura desde 1917 até a consolidação do Moderno; tão importante que, em 1958, foi definido como o tronco do curso do Curso de Arquitetura. Passava a ser fundamental a percepção do espaço, a compreensão sobre o espaço (BREIA, 2005).

As disciplinas eram divididas por ordem de dimensão e complexidade dos temas propostos, em Pequenas Composições de Arquitetura e Grandes Composições de Arquitetura; havia algumas outras que tinham a palavra composição em sua denominação e tratavam de elementos subsidiários aos projetos desenvolvidos naquelas disciplinas e que foram suprimidas conforme a afirmação do Moderno na Faculdade, quando também, na década de 1970, as disciplinas relativas às Composições passaram a ser denominadas Projeto (BREIA, 2005).

Enquanto a formação acadêmica alterada da Universidade da Pensilvânia predominou, era desconsiderada a existência de um terreno real; teoricamente, o suporte seria o terreno ideal para a proposta ideal. A passagem do tempo e as transformações na realidade do Curso de Arquitetura refletiram-se no tipo de solicitação e na maneira de atendê-la. Os temas propostos na década de 1960 eram caracteristicamente modernos, o que implicava no reconhecimento da nova realidade social, da complexificação da infraestrutura e dos equipamentos urbanos, do crescimento e adensamento urbanos e das novas formas de lazer (BREIA, 2005).

Períodos de transição permitem experimentações e novas práticas; foi nesse espírito que, em 1964 e 1965, criou-se o chamado *Atelier* Vertical na Faculdade, ideia inovadora, capitaneada pelo professor Adolph Franz Heep, de curta duração, mas que afetou positivamente a memória dos que a vivenciaram (em 1965, o professor Heep deixou suas aulas no Mackenzie, para cuidar do próprio escritório) (BREIA, 2005).

O princípio era de que se formassem equipes para funcionar como escritórios de Arquitetura, cujos componentes estariam em diversos estágios de conhecimento, os que sabiam menos teriam a oportunidade de conviver e aprender com os que estavam mais

adiantados no curso. Os professores deveriam propor um grande tema a ser pesquisado, discutido e analisado pela equipe para que fossem distribuídas as tarefas de acordo com o grau de conhecimento de cada um dos componentes da equipe. Alguns participantes da experiência a julgaram como muito positiva, outros não apreenderam seu espírito. Foram várias as dificuldades naqueles dois anos: uma das causas foi a resistência de alguns professores que estavam acostumados a conduzir sua disciplina do "seu jeito"; outra, a dificuldade da persistência das mesmas equipes, uma vez que a tendência foi que os alunos mais adiantados tomassem a liderança da empreitada e deixassem aos alunos de estágios menos avançados as tarefas menos estimulantes e importantes. Porém, a principal causa apontada para sua descontinuidade foi o momento político do país, que fazia com que se evitassem reuniões de grandes grupos e discussões sobre temas polêmicos (BREIA, 2005).

Nos anos seguintes, a grade curricular e os conteúdos das disciplinas se sedimentaram e o ensino da Arquitetura Moderna na Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie estava consolidado na passagem para os anos 1970.

As disciplinas, em 1970, estavam distribuídas como segue:

> 1º Ano: Projeto I; Cálculo I; Cálculo Numérico; Física Geral I; Álgebra Linear e Vetores; Química; Ciências Gráficas I; Ciências Gráficas II;
>
> 2º Ano: Projeto II; Teoria da Arquitetura I; Física Aplicada; Resistência dos Materiais; Técnicas de Construção; Comunicação Visual – Desenho; Representação Gráfica – Perspectiva; Topografia; Estatística;
>
> 3º Ano: Projeto III; Teoria da Arquitetura II; História da Arquitetura; Técnica de Construção; Hidráulica; Eletricidade; Paisagismo; Desenho Industrial; Estrutura de Metal e Madeira; Estática; Matemática;
>
> 4º Ano: Projeto IV; Planejamento I; Evolução Urbana; Estatística; Arquitetura no Brasil; Mecânica dos Solos; Higiene e Saneamento;
>
> 5º Ano: Projeto V; Planejamento II; Organização e Administração; Técnicas de Construção; Economia Política; Legislação; Sistemas Estruturais; Prática Profissional; Estudos Sociais; Problemas Brasileiros.

Considerações finais

Este capítulo teve o objetivo de apresentar o Curso de Arquitetura Mackenzie e sua história, suas origens, sua criação e seu desenvolvimento até 1947, passando pela fundação da Faculdade de Arquitetura e suas transformações até o início da década de 1970. No âmbito da instituição da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, ainda sob a Direção do Professor Christiano Stockler das Neves, que nela permaneceu até 1956, transcorre-se sobre o processo para a implantação do ensino da Arquitetura Moderna na mesma instituição.

Na página anterior:

Edifício Itália (1953-1965), São Paulo. Projeto do Arquiteto Franz Heep, que lecionou na FAU-Mackenzie de 1958 a 1965. Arquiteto de formação racionalista com grande experiência de trabalho com Arquitetos Modernistas, tais como Le Corbusier, sua passagem pela Escola teve papel seminal na formação da geração de egressos adeptos da Arquitetura Moderna.

Em história, dificilmente existe apenas uma causa para os fatos. No curso da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, a transição do ensino Beaux-Arts para o ensino da Arquitetura Moderna foi um processo gradual que se iniciara antes de 1947, de maneira lenta e progressiva, e se estendeu até bem depois da saída de Christiano Stockler das Neves, em 1956, não sendo produto de uma reforma pontual completa. A Revista de Engenharia Mackenzie publicava trabalhos premiados de alunos do curso de Arquitetura (até 1947) e em vários projetos aparece uma simplificação de estilo, linhas mais retilíneas, alguns, inclusive, lembrando elementos do *art déco*. Em outros, não aparece semelhança tão nítida, mas nota-se a migração para outro momento da Arquitetura, todos eles aprovados por Christiano Stockler das Neves, "desde que houvesse uma explicação coerente para as decisões tomadas". Acrescente-se ainda o fato de que muitos ex-alunos mackenzistas eram prontamente contratados pelos escritórios de Arquitetura, devido à sua competência derivada da formação em Arquitetura.

A chegada ao ensino da Arquitetura Moderna no Mackenzie foi produto de muitas e muitas discussões do corpo docente, do corpo discente, mistas e da Universidade com os representantes da Faculdade. O objetivo era claro, mas não o caminho de como atingi-lo, pois algumas características da Faculdade eram independentes de qualquer vertente adotada; por exemplo: a localização do *campu*s em Higienópolis, onde os edifícios construídos durante o processo de verticalização levava a uma maior aceitação do Moderno pelas pessoas; a coincidência de o curso do Mackenzie e o da FAU-USP serem praticamente vizinhos e haver bastante convivência entre os alunos de ambos; a efervescência da vida cultural no teatro, na música, nas artes de maneira geral, que ocorria principalmente na região central da cidade; os "cinquenta anos em cinco" de Juscelino Kubitschek. No período de transformação do curso, deve-se também ressaltar o impacto da Ditadura Militar, a partir de 1964.

Quanto ao curso propriamente dito, havia entraves burocráticos, como a legislação trabalhista à qual as instituições tinham de se submeter e o tempo de trabalho dos professores; a legislação federal para o ensino e as reformas curriculares obrigatórias para a adaptação do curso às novas diretrizes no passar do tempo, por exemplo.

No ensino da Arquitetura, além de se contratarem ex-alunos, prática usual desde 1919, para fazerem parte do corpo docente, houve a necessidade da contratação de egressos de outros cursos, para preencherem as lacunas em diversas disciplinas. Esse fato permitiu uma renovação significativa, sobretudo no grupo dos professores das Composições, denominadas a partir da década de 1960 como Projeto, cuja sequência ia do segundo ao último ano do Curso, em que primeiro se fizeram mudanças mais drásticas e significativas em direção à Arquitetura Moderna. Nesse aspecto, a contratação do professor Adolph Franz Heep foi de suma importância, pois ele havia se formado na Alemanha e posteriormente trabalhado no escritório de Le Corbusier, na França; na década de 1950, já no Brasil, abrira seu escritório de Arquitetura e seu renome chegou ao Mackenzie, que o contratou para lecionar na sequência

das Composições, depois Projeto. Sua formação era eminentemente moderna, por isso, suas exigências, tão fortes quanto aquelas de Christiano Stockler das Neves, aceleraram o processo de implantação do Moderno na Arquitetura Mackenzie.

As mudanças não foram apenas em Projeto. Como se pode depreender da leitura deste texto, toda a estrutura curricular foi mudada, com algumas permanências, principalmente nas disciplinas técnicas. Outros grupos de disciplinas tiveram seus conteúdos alterados devido à nova ênfase no Moderno. Há que se lamentar, porém, a diminuição muito significativa das disciplinas de Desenho, principal meio de expressão dos arquitetos.

Fator determinante foi também o papel dos alunos do Curso, que mantinham atitude reivindicativa, até alcançarem o desejado. Antes de 1964, foram feitas numerosas assembleias e greves, com o Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam), sempre presente e liderando as tomadas de decisões. Esses movimentos diminuíram e cessaram após 1964, pois eram perigosas reuniões naqueles tempos ditatoriais.

O processo foi longo, difícil e trabalhoso, mas, no final da década de 1960, a Arquitetura Moderna passou a nortear o ensino da Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie.

Referências

ANUÁRIO da Escola de Engenharia Mackenzie, 1946. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1946. v. 13-16.

ABRUNHOSA, E. C. *Modernos conservadores ou clássicos progressistas*: a construção do ideário moderno na Faculdade de Arquitetura Mackenzie (1947-1968). 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

AMARAL, A. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ATIQUE, F. *Arquitetando a "boa vizinhança"*: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil – Estados Unidos 1876 – 1945. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

BANHAM, R. *Teoria e projeto na primeira era da máquina*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BREIA, M. T. de S. e. *O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves*. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

______. *A transição do ensino da arquitetura Beaux-Arts para o ensino da Arquitetura Moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie – 1947 – 1965*. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

______. O ensino de arquitetura na faculdade de Arquitetura Mackenzie: do *beaux-arts* ao moderno (1947-1965). In: GITAHY, M. L. C.; LIRA, J. T. C. de (Org.). *Tempo, cidade e arquitetura*. São Paulo: Annablume: FUPAM, 2007. p. 196-213.

DRAPER, J. The École des Beaux-Arts and the Architectural Profession in the United States: the Case of John Galen Howard. In: KOSTOF, S. (Ed.). *The Architect*. New York, NY: Oxford University Press, Inc., 1977, p. 209-237.

ESHERICK, J. Architectural Education in the Thirties and Seventies: a Personal View. In: KOSTOF, S. (Ed.). *The Architect*. New York, NY: Oxford University Press, Inc., 1977. p. 238-279.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edusp: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.

GIEDION, S. *Espaço, Tempo e Arquitetura*: o desenvolvimento de uma ova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

INSTITUTO MACKENZIE. *Mackenzie Centenário*: 1870-1970. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1970.

KOSTOF, S. (Ed.). *The Architect*. New York, NY: Oxford University Press, Inc., 1977.

MENDES, M. *Mackenzie no espelho*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

PEREIRA, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de Arquitetura no Mackenzie College*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

Na página anterior:

Edifício Parque Siqueira Campos, São Paulo, 1967. Projeto do Arquiteto Rodolpho Ortemblad Filho (Mackenzie, 1950). Ortemblad estagiou na França com o Arquiteto Le Corbusier e foi editor da *Revista Acrópole* de 1953 a 1955.

s/d. Turma do 3º ano de Arquitetura
junto ao edifício da FAU-Mackenzie.

Pragmatismo e idealismo na Faculdade de Arquitetura Mackenzie: concepções de partida e a genealogia de uma identidade

Eunice Helena Sguizzardi Abascal

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, criada há 70 anos, segue em seu virtuoso caminho formando Arquitetos, Urbanistas e Designers, que se destacam na profissão pelo valor de suas contribuições às cidades.

Resgatar suas origens e raízes, assim como o ideário que a fundamentou desde o início, envolve não somente reconhecer a trajetória de seu fundador, o arquiteto Christiano Stockler das Neves, mas conhecer o pensamento e os princípios que sustentaram o ensino e as práticas pedagógicas ao longo do tempo. Essa conduta supera a exaltação de atores históricos para evidenciar a genealogia de práticas e concepções, que, enraizadas, se colocam sob o crivo da transformação e do futuro.

Ao recuperar essa trajetória de ideias e princípios, a fim de identificar uma cultura que se mantém ao longo dos anos, é importante abordar a formação e o desempenho de atividades acadêmicas e profissionais do fundador da FAU-Mackenzie, enquanto faculdade autônoma em 1947, tornando-se independente da Escola de Engenharia do Mackenzie College, a qual permaneceu vinculada desde 1917. O pensamento intrínseco à formação de mackenzistas permite identificar características fundamentais dessa cultura de ensino, que alicerçam a relação entre tradição e vanguarda na Instituição.

Genealogia de uma escola: formação de um ideário da FAU-Mackenzie – entre a tradição e a vanguarda

A formação de Christiano Stockler das Neves na Escola de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia (Fine Arts School of Pennsylvania University) é uma condição de partida para compreender a feição da FAU-Mackenzie. Sua atuação docente e profissional no Brasil, iniciada ao retornar a São Paulo já formado, em 1912, contribuem para elucidar características de formação e o ideário acadêmico vigente nos Estados Unidos da América, pautado pelo Pragmatismo, significativos para explicitar uma marca impressa à formação dos arquitetos na FAU-Mackenzie, no recorte que abrange desde sua passagem pela *Fine Arts School* (1909 a 1911), o retorno ao Brasil em 1912 e a atuação no Mackenzie de 1917 – ano de criação do curso de Arquitetura do Mackenzie College – a 1956, ao deixar a Direção, tendo dela se afastado em definitivo em 1958. As tensões estabelecidas entre a continuidade das convenções de ensino consagradas no longo período de permanência de Christiano Stockler das Neves e o

processo de modernização que acompanhava a cidade e a FAU-Mackenzie, inevitavelmente, estendem-se pelos anos de 1960 e 1970, décadas nas quais se verifica um forte ímpeto de reformas pedagógicas e administrativas, rumo a uma escola modernizada, adequada aos anseios reformistas de estudantes e docentes.

O período das décadas de 1960 e 1970 se reveste de grande importância ao espírito transformador de vanguarda próprio àqueles tempos, e para compreender a consolidação de uma produtiva tensão que impelia ao futuro, nutrida pelo ímpeto transformador e pela intranquilidade própria ao quadro político que o Brasil assistiu na primeira metade dos anos 1960. Um claro movimento de transformação progressista tomou conta do país, invadindo as instituições de ensino, o que foi reforçado pelo ideário pragmático intramuros, 'que olhava o futuro apesar da tradição', apoiando-se na própria cultura de ação e de adequação aos novos tempos e exigências, preconizada pelo fundador Christiano Stockler das Neves.

A consolidação de uma escola moderna de arquitetura, que buscou uma renovação profunda nas décadas de 1960 e 1970, se viu acompanhar desses princípios gestados no longo arco que abrange a criação do curso de Arquitetura do Mackenzie College e perpassa a fundação da FAU-Mackenzie.

O ideário pragmático da FAU-Mackenzie: antecedentes

No Centro de Arquivos e Registros da Universidade da Pensilvânia, é possível encontrar os registros acadêmicos de Christiano Stockler das Neves. Nestes, consta como aluno especial, egresso da Escola Polytechnica de São Paulo, que ingressa no curso norte-americano em 23 de setembro de 1909 e o conclui em 21 de junho de 1911 (PEREIRA, 2005).

As disciplinas ministradas na Universidade da Pensilvânia, logo em seu primeiro semestre, envolviam o aprendizado das ordens clássicas, entendidas como 'elementos de arquitetura' ou de uma gramática arquitetônica. Seus instrumentos eram as disciplinas oferecidas, como Sombras, História da Arquitetura Antiga e Medieval, Carpintaria e Desenho à Mão Livre, com grande ênfase ao caráter informativo desses componentes, que deveriam ser plenamente dominados para que fosse possível avançar a outro estágio, o da concepção arquitetônica propriamente. Encontram-se ainda menções à natureza central da disciplina de Composição Arquitetônica (então denominada Design), em que o aluno deveria mostrar-se apto a aplicar o instrumental constituído pelo conjunto das matérias organizadas em disciplinas (PEREIRA, 2005).

O caráter prático conferido aos componentes que formavam a matriz curricular vigente encontra ressonância na evolução do ensino de Arquitetura nos Estados Unidos. A introdução do ensino formal de Arquitetura naquele país teve como marco a compilação de

publicações e de desenhos de construção civil, num gesto que validava os manuais de arquitetura, considerados fonte indiscutível de casos arquitetônicos exemplares.

A formalização do ensino veio se consolidando com a publicação de inúmeros manuais dessa natureza desde as últimas décadas do século XVIII para nortear o aprendizado prático de Arquitetura. A obra *The country builder's assistant,* de Asher Benjamin (1797), compilava informações sobre traçados, geometria descritiva, materiais e técnicas construtivas, sombras, sistemas estruturais e ordens clássicas, escalas e exemplos de soluções de arquitetura residencial, educacional e religiosa. Escritos com clareza e didatismo e fartamente ilustrados, os manuais rivalizavam com periódicos especializados, como o *The American Architect* e o *Building News,* que cumpriam também essa função disseminadora, divulgando legislações, códigos de obras e aspectos sanitários das edificações.

Na segunda metade do século XIX, a educação formal e acadêmica dos arquitetos foi então disseminada nos Estados Unidos da América (PEREIRA, 2005), complementando a prática exercitada nos ateliês de profissionais renomados. Nessa época, o exercício profissional ocupava grande parte das atividades dos arquitetos e, para o cumprimento de misteres de ofício, percebiam-se baixos salários.

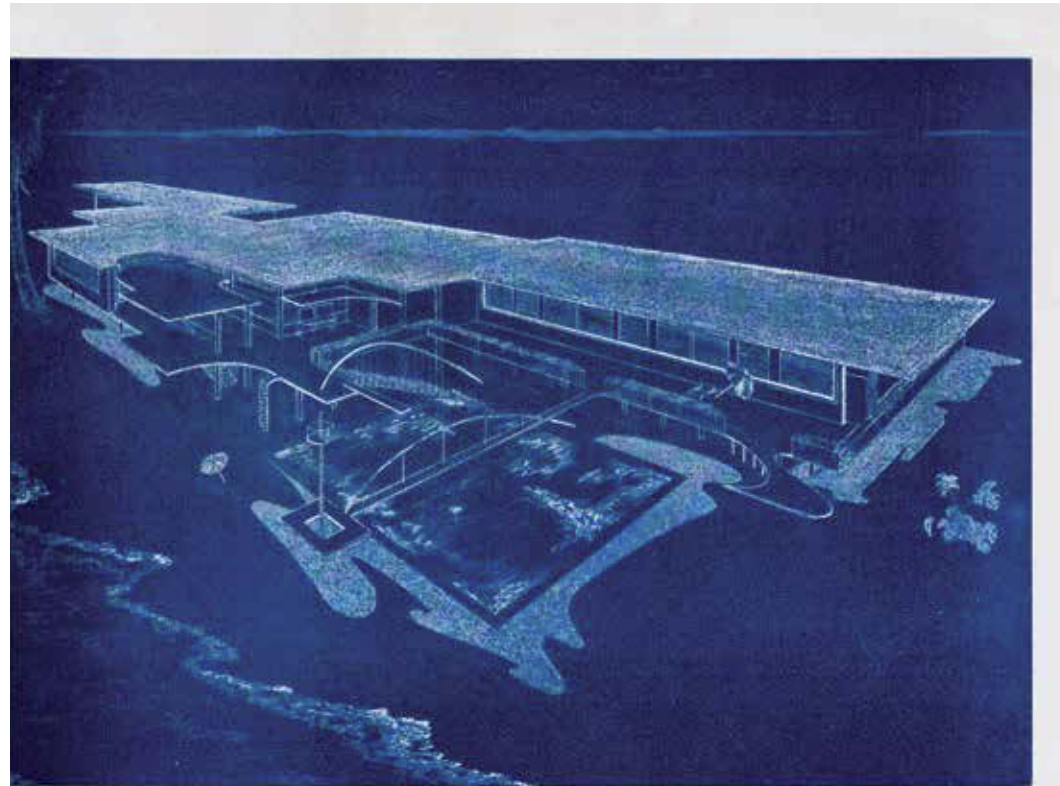
Os arquitetos de maior destaque buscavam uma formação especializada, difundida na Europa, sobretudo na École des Beaux-Arts (Escola de Belas Artes) em Paris, o que possibilitou a que seus egressos seguissem carreira docente, vindo a serem os primeiros professores nas escolas de Arquitetura norte-americanas, e, os mais habilitados para atuarem no nascente sistema de ensino formal nos Estados Unidos.

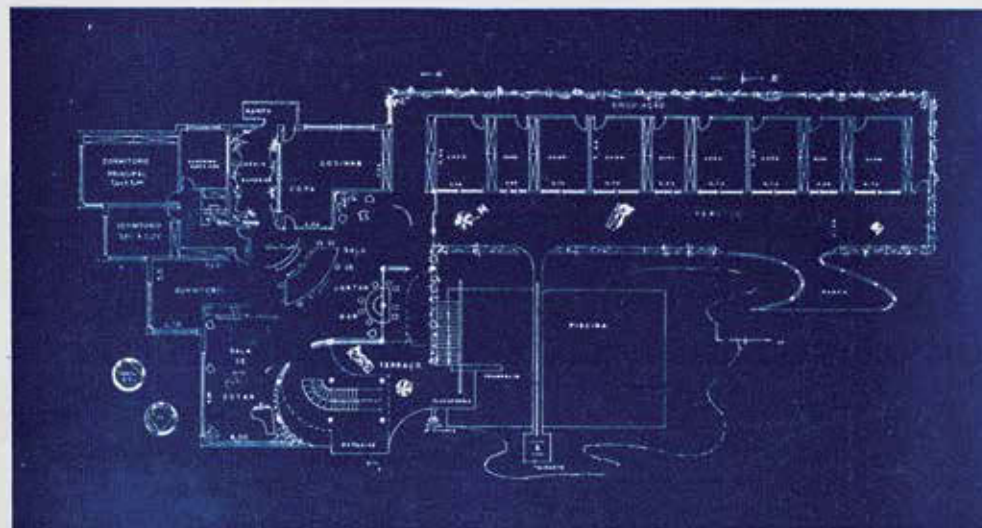
Manuais de Arquitetura se tornaram as principais referências, como síntese dos modelos de ensino, sobretudo dos modelos francês (Academista) e inglês (Arquitetura como ofício) (BANHAM, 2006). Manuais norte-americanos alcançaram publicação nesse período, com ênfase aos instrumentos e às soluções que fundamentavam o exercício profissional, e matérias como desenho, matemática, geometria, história da arquitetura, ornamentação, estudos de ventilação, insolação, orçamentos, contratos e especificações, tais como foram apresentadas no *The American Vignola*, de William Robert Ware e Giacomo Vignola (1902).

O fundamento clássico embasou caminhos práticos revestidos de caráter cientificista, de acordo com a época – soluções tipológicas aplicáveis graças à sua adaptabilidade operativa. Interpretações da História identificavam-na a um devir teleológico – a História seguia rumo a uma causa final, manifestação última de sua finalidade e condição ideal. Pragmatismo e idealismo se sobrepuseram, delineando o historicismo do século XIX.

O ensinamento prático como experiência consistiu em um fundamento rústico; defendia-se a adoção do modelo europeu como base para o refinamento necessário ao ensino da Arquitetura compreendida como Arte, emulando a filosofia e o método acadêmico,

Projeto de uma colônia de férias para crianças, apresentado pelo discente Aluísio da Rocha Leão, orientado pelos Profs. Christiano Stockler das Neves e Fernando Martins Gomes, em 1951.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1951.

UMA COLONIA
DE FÉRIAS
PARA CRIANÇAS

FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE
GRANDES E PEQUENAS COMPOSIÇÕES DE ARQUITETURA
Prof. Catedrático: Christiano Stockler das Neves
Prof. Assistente: Fernando M. Gomes
ALUNO: ALUISIO DA ROCHA LEÃO — 3.º ANO.

e incorporando aos quadros docentes pelo menos um professor educado em Paris. Em solo norte-americano, essa modalidade de ensino se iniciou em 1860 com a criação da primeira Escola de Arquitetura no Massachussets Institute of Technology (Instituto de Tecnologia de Massachussets – M.I.T.) por William Baston Rogers. A segunda escola dessa natureza se estabeleceu na Universidade de Illinois em 1867, conduzida por Harald M. Hansen, e na Cornell University, a criação de uma escola de arquitetura data de 1871, por iniciativa de Charles Babcock (PEREIRA, 2005).

Apesar de terem sido encontrados registros de cursos de arquitetura desde 1868, apenas em 1890 foi oficialmente criado o Departamento de Arquitetura da Universidade da Pensilvânia por Theophilus Parsons Chandler Jr., com origem na Graduate School of Fine Arts (Escola Superior de Belas Artes). Formado em Engenharia, em viagem à França, Chandler Jr. estudou no ateliê Vaudremer, cujo *patron* (o mestre condutor dos discípulos), Joseph-Auguste-Emile Vaudremer, fora o segundo colocado no *Grand Prix de Rome* de 1854. Nesse ateliê, teriam sido educados Louis Sullivan e William Robert Ware.

A Graduate School of Fine Arts foi criada oficialmente em 1890, mas há registros de cursos de arquitetura oferecidos na Universidade da Pensilvânia desde 1868. No início do século XX, vários professores qualificados atuavam na instituição, entre eles se pode mencionar Walter Cope, John Stewerdson, Frank Miles Day e Wilson Eyre. Em 1903, Warren P. Laird, que sucedeu à diretoria de Theophilus Parsons Chandler Jr., contratou o francês Paul Philip Crét (1876-1945) para ensinar e desempenhar a função de novo *patron d'atelier*; ele propôs então uma nova metodologia de projeto, transformando-a em uma renomada instituição de ensino.

Paul Philip Crét adaptou-se com facilidade às condições de produção e ensino da arquitetura nos Estados Unidos, tendo estudado nas Escolas de Belas Artes de Paris e Lyon entre 1893 a 1897 (PENN BIOGRAPHIES, 2017). Seu método apresentava a simplificação da sintaxe e dos detalhes do vocabulário da arquitetura clássica, inspirado na formação recebida de Jean-Louis Pascal e Julien Guadet. Defendera a atualização e o registro da tradição e da 'modernidade' por meio da arquitetura, adequando os edifícios às suas necessidades atuais.

O *parti* (ou partido arquitetônico) foi então compreendido como aplicação de leis compositivas, axialidade, simetria, hierarquia e proporção. Caberia ao arquiteto a adequação pragmática da linguagem ao programa, e uma interpretação que atendesse às necessidades de cada tempo, ao preservar a composição como princípio. Edifícios de programa complexo atendiam, sobretudo, às instituições públicas, a quem se destinava a maior parte das realizações arquitetônicas grandiosas.

Deve-se a Crét, que lecionou na Universidade da Pensilvânia de 1903 a 1937 (exceto durante a Primeira Guerra Mundial, em que esteve absorvido em lides bélicas na Europa), a transformação do modelo acadêmico em uma versão adaptada em terras norte-americanas, tal como um 'clássico modernizado', entendido como atualização dos princípios aca-

dêmicos vigentes. Ele aceitava a distinção academista entre 'linguagem' (ornamentos, tais como elementos originários da arquitetura greco-romana e renascentista, e a roupagem das fachadas) e 'leis compositivas', conceituando-as como um conjunto de fundamentos estéticos inalienáveis.

Sua marca pedagógica pode ser observada na prática e no ideário de arquitetos formados na Universidade da Pensilvânia, e que vieram a se tornar expoentes, tais como o estônio Louis Kahn. Titulado em 1924 (CAPITEL, 2009), depois de viajar a Europa, Kahn retornou aos Estados Unidos em 1929, e trabalhou no ateliê de seu professor. Defendeu o racionalismo, a adequação da arquitetura à sua função, mas buscou a coerência da forma e da estrutura como uma expressão da 'ordem', o que pode ser consagrado em escritos como *Order and Form* (1955). A obra de Kahn expõe a persistência do fundamento da composição, entendida como ordem às partes de um todo; expressa-se no ordenamento de elementos, culminando na distinção entre espaços servidos e servidores. No Edifício dos Laboratórios Richards (1957-1961), Kahn unifica o conjunto de sete torres de geometria elementar (quadrados), que se conectam fisicamente, e criam um conjunto rigoroso, a partir da semelhança das partes. A materialidade destaca o conjunto, e faz parte da expressão unitária, bem como a escala dialoga com o rigor formal, da mesma forma ensinada por Crét, em que a ideia de composição foi forjada.

Métodos projetuais propriamente norte-americanos (BREIA, 1995) enfatizavam pesquisa e inovação – compreendendo-as como exploração de materiais, sistemas estruturais e técnicas de construção, tais como o cimento armado, e estruturas reforçadas por elementos e barras metálicas, buscando-se a melhor adequação do edifício à sua função sem sacrifício de padrões estéticos vigentes, atendendo por objetivo a atualização eficaz da materialidade e o melhor desempenho funcional –, diretrizes que conduziram o ensino na Universidade da Pensilvânia.

Esse é o ambiente em que foi educado o jovem Christiano Stockler das Neves, compactuando do respeito aos fundamentos e à inovação, moldadas pelo 'pragmatismo'. O termo, atribuído a Charles Sanders Peirce (1839-1914), foi popularizado por William James (1892-1910): o sentido de qualquer proposição se encerra na relação com outras proposições decorrentes da primeira, e todo significado somente tem existência ao visar o futuro (BLAU, 2005).

O significado pragmático das crenças e dos fundamentos da ciência se explicaria pelo uso atribuído às proposições; sua verdade residiria na utilidade futura. Do mesmo modo, a verdadeira Arquitetura, embora indissociável de seus princípios essenciais, era capaz de transcendê-los e atualizar-se, e a profissão não deveria olhar apenas para o passado como modelo, mas mirar o futuro.

Esses princípios científicos e lógicos foram transpostos ao campo da Ética – pautada na ação e na atualização das proposições e das práticas sociais, a visão do pragmatismo en-

fatiza o futuro, mas não descarta valores e princípios imanentes que condicionam e limitam a experiência possível, impondo a necessidade de um sistema filosófico que "[...] combine as coisas, a lealdade científica aos fatos e a disposição em levá-los em conta, o espírito de adaptação e de acomodação, em suma, mas também a velha confiança nos valores humanos" (BLAU, 2005, p. 33).

O pragmatismo conformava uma forma tensa de ver o mundo; procurando conciliar o empirismo e o racionalismo, assinalou em ambas as doutrinas uma tensão produtiva entre dogmatismo e inovação, contrapondo o 'absoluto' e o que é 'próprio ao devir da história', afirmando por essa dialética o espírito do pragmatismo. Ao interpretar essa dualidade como a síntese do pragmatismo norte-americano, William James asseverou que, embora houvesse valores e princípios, eles se submetem à ação transformadora e à correção histórica, opondo o 'monismo' racionalista ao 'pluralismo', contaminado e eclético, por definição.

É possível pensar que a Fine Arts School, da Universidade da Pensilvânia, transpôs tais princípios éticos à Estética. A formação recebida nas escolas norte-americanas, inseparável das ideias em circulação permeadas pelas concepções filosóficas vigentes, e no contexto em que foram elaboradas, preconizaram que, embora modelos e princípios fossem necessários – difundidos pela École des Beaux-Arts de Paris –, os mentores das instituições norte-americanas clamavam por subvertê-los, propondo uma modernização fundada na necessidade, que reduziu modelos e abrandou sua eternidade.

A opção de Christiano Stockler das Neves pela Fine Arts School pode ser esclarecida por esse ideário, e por discordar da formação da então Escola Polytechnica de São Paulo, a qual havia ingressado em 1907. A perspectiva que priorizava a Engenharia, na formação de Engenheiro-Arquiteto, e a ênfase aos aspectos técnicos o desagradaram. Christiano Stockler das Neves ansiava transformar a prática da Arquitetura no Brasil e especialmente em São Paulo, em que predominavam as competências dos engenheiros-arquitetos ou engenheiros-civis, tanto na elaboração de projetos como na execução de obras. A busca por uma formação específica e diferenciada em Arquitetura fez com que ele abandonasse então o Curso da Escola Polytechnica de São Paulo. Era uma premissa capital a definição de uma clara fronteira entre Engenharia e Arquitetura, e defendia com veemência o arquiteto como o mais importante profissional no processo de projeto e construção, devido à sua dupla formação, estética e técnica.

Após concluir o curso na Fine Arts School em junho de 1911 e antes de retornar ao Brasil, Christiano Stockler das Neves saiu em viagem à Europa, visitando lugares emblemáticos em países diversos, com o objetivo de conhecer os monumentos históricos e arquitetônicos significativos do Velho Mundo – os modelos, parâmetros determinantes, a seus olhos, de uma eterna, verdadeira e correta arquitetura.

Projeto para uma pequena residência na Rua Alagoas (Higienópolis, São Paulo) do aluno Kurt Hollander (Mackenzie, 1954), premiado com Menção Honrosa no âmbito da disciplina Pequenas Composições de Arquitetura.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1951.

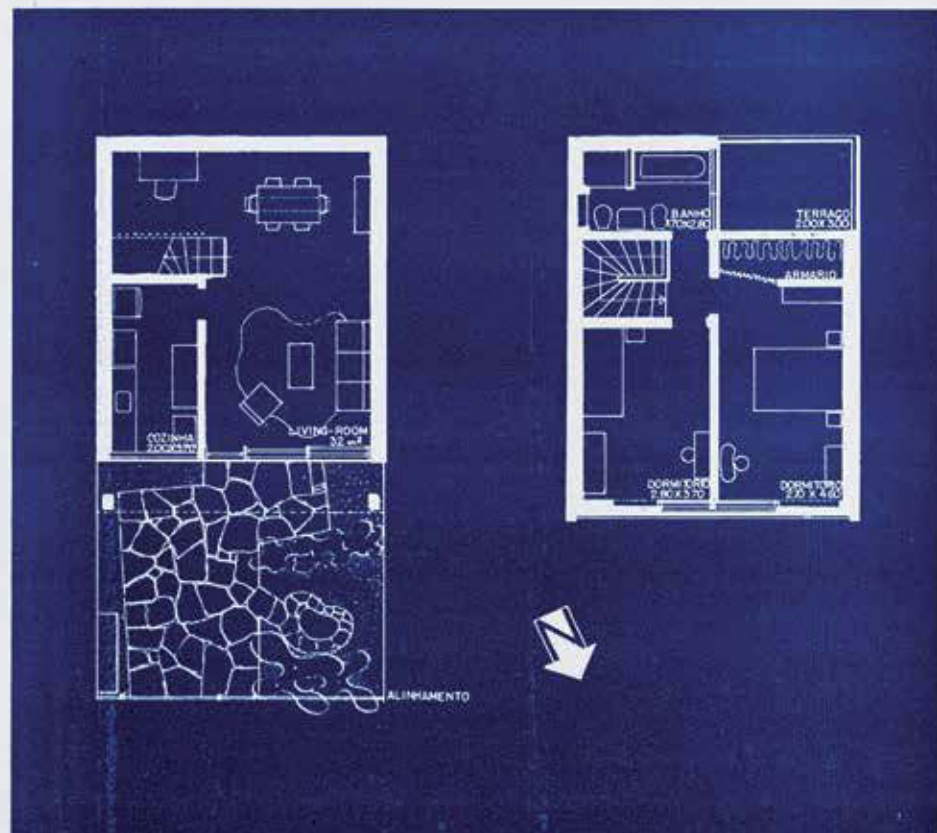
PEQUENA RESIDÊNCIA

RUA ALAGOAS — S. PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE

MENÇÃO HONROSA

ALUNO: KURT HOLLANDER

UM APROVEITAMENTO RACIONAL DE TERRENO DE 6,15 x 12,00. ALÉM DAS PEÇAS CONSTANTES DA PLANTA PROCUROU-SE NESTA CASA OBTER UM JARDIM ENSOLARADO PARA CRIANÇAS, O QUAL SERVE À NOITE COMO ENTRADA PARA AUTO.

Ao retornar a São Paulo em 1912, motivado pela experiência no estrangeiro e já formado, reformulou métodos e rotinas de trabalho do escritório técnico de seu pai, o engenheiro Samuel Augusto das Neves (1863-1937). O Escritório Técnico Samuel das Neves, um dos mais prósperos da cidade, assumiu, então, uma feição moderna, contratando mão de obra especializada de desenhistas e de engenheiros com o intuito de desenvolver refinados projetos de arquitetura que contemplassem temas e programas atuais e complexos.

De 1912 até o fim da década de 1940, o Escritório Técnico Samuel das Neves desenvolveu importantes trabalhos, e entre estes, muitos foram os projetos e obras atribuídas a Christiano Stockler das Neves (BREIA, 2005). Entre essas obras referenciais destacam-se o Edifício Sampaio Moreira (São Paulo, 1924), e a Estação Inicial da E. F. Sorocabana, o projeto para a Estação da Central do Brasil, com o qual, em 1927, obteve o prêmio de honra da III Exposição Pan-Americana de Arquitetura realizada em Buenos Aires. Nessas obras, os princípios teóricos da École des Beaux-Arts comparecem como modelos formais e de referência.

O Renascimento e o Neo-Clássico francês foram adotados como repertório para a realização de projetos e definição de partidos e escolha de elementos decorativos. Tais referenciais eram adaptados e modernizados, gerando uma gramática partir da qual uma linguagem arquitetônica poderia ser constituída.

Normas clássicas e acadêmicas constituíam para o discurso e a prática do Arquiteto uma referência essencial e originária, mas o valor de um projeto consistia em aplicá-las e produzir 'efeitos' práticos, considerando o passado como fonte operativa de informações que poderiam ser constantemente revitalizadas e atualizadas.

Esse ideário conduziu a estrutura pedagógica do Curso de Arquitetura do Mackenzie College, criado em 1917, e perdurou na Faculdade de Arquitetura autônoma, fundada em 1947. O Curso de Engenheiros Architectos do Mackenzie College apresentava em sua grade de estrutura curricular essa visão instrumental e operativa. Na disciplina Elementos de Architectura, os alunos aprendiam as ordens e seus elementos derivados, Desenho da Renascença (modelo reduzido fundamental), e Elementos Gerais de Composição e Proporções. A disciplina Theoria da Arquitectura ministrava aulas de acordo com as especificidades temáticas: Habitação, Habitação Coletiva, Hospitaes, Asylos e Hospícios, Edifícios Administrativos, Políticos, Judiciários e Penitenciários, Edifícios para Espetáculos e Audição, Architectura Decorativa e Jardins (PIMENTA; ABASCAL; MENDES, 2009).

Essa concepção filosófica, acadêmica e humanista, no sentido renascentista do termo conferido por Argan (1999), contrapõe-se a uma visão providencial da História, em que o curso dos acontecimentos seguia os desígnios da Providência. O pragmatismo transformou esse pensamento, cedendo lugar a uma visão para a qual a História não se repete, mas o passado vale como ação contínua e causa material no presente.

Casa à Rua Alagoas, de Kurt Hollander. Entrada principal.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1951.

Casa à Rua Alagoas, de Kurt Hollander. Fachada posterior.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1951.

Casa à Rua Alagoas, de Kurt Hollander. Detalhe do *living*.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, 1951.

Da perspectiva humanista, permaneceu a exaltação do 'monumento', da grande arquitetura, meio que possibilitava que o passado permanecesse no presente, podendo se projetar no futuro – assim se estabeleceram as bases para a crença na condição essencial da arquitetura clássica, uma crença na tradição acossada pelo desconforto dos humanistas, ao confrontarem formas universais ou modelos às divergências e contradições, às incongruências entre regras clássicas e dimensões e proporções reais dos edifícios e das cidades, assinalando uma tensão entre a regra e a diferença, tensão que identifica com toda Arte que se propõe "moderna".

A tensão explícita entre a regra e a sua negação, baseando-se nos edifícios construídos, não está exposta como fragilidade ou decadência, ou degradação das formas, mas, sob esse ponto de vista, o Classicismo deixa de ser entendido como repertório eternamente válido. Dessa maneira, "[...] a ação humana que dá forma à realidade no momento exato em que acontece" (ARGAN, 2005, p. 10) não preconcebe a Arquitetura, mas confere-lhe individualidade, mesmo ao manter seu significado universal.

A tensão clássica e anticlássica pode ser observada na dualidade da formação de Christiano Stockler das Neves – por um lado, os ensinamentos da regra, e, de outro, a ação materializada na prática da profissão, que o arquiteto encontra na Universidade da Pensilvânia. O significado do 'universal' se expressou ao longo de sua prática profissional, na adoção do Renascimento e do Neoclássico francês como fundamentos. Negando, no entanto, a tese de Benedetto Croce, de que toda Arte é intrinsecamente clássica (ARGAN, 2005), acatou a correção proposta pela prática e pelas diferenças próprias ao seu tempo, caras ao humanismo e ao pragmatismo americano.

À época em que Christiano Stockler das Neves cursou na *Fine Arts School*, a crítica arquitetônica e artística reiterava o papel da forma na Teoria da Visibilidade Pura. Em 1915, Heinrich Wölfflin (2006) publicou *Conceitos Fundamentais de História da Arte*, obra em que contrapôs aos cânones clássicos outros princípios, que lançaram luz ao Maneirismo e ao Barroco como abordagem.

A exclusividade do rigor clássico era então questionada, e Christiano Stockler das Neves conviveu com uma complexa carga conceitual, em que comparecem traços idealistas e pragmáticos, que se interpenetram – evidenciadas pelas transformações assistidas pela cultura na passagem do século XIX ao XX. As mudanças preconizadas nas cidades que experimentavam a expansão de fronteiras, de populações e formas culturais conviviam com mentalidades de preservação das origens. Ao mesmo tempo, a modernização urbana urgia a adaptação da Arquitetura às necessidades e aos programas de seu tempo, conduzindo-a devidamente ao fim e motivada por ambições mais amplas.

Estilos e modelos deveriam enfrentar o devir e a transformação imposta à Arquitetura pela sociedade, com sua redução frente ao parâmetro absoluto, passando à posição de linguagem e instrumento. Colquhoun (2004) assevera que o Classicismo em sua pretensão absoluta sempre gerou reações críticas, de modo que Viollet-le Dûc, por exemplo, elevou o Gótico à condição de referência contra a arquitetura das academias, atualizando-o.

Essa abertura às expressões arquitetônicas que fugiam às regras gerou, desde fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, um historicismo de feição eclética, acatando a pluralidade estilística e acentuando certa "[...] inquietude cultural premente, em busca de uma perfeição não garantida pelos grandes modelos da natureza e da história e sim pela necessidade de enfrentar os problemas dos meios expressivos" (ARGAN, 1999, p. 15).

Essa inquietação acolhedora do ecletismo fez conviver a tradição acadêmica e a modernização arquitetônica, que se apresentou na obra de arquitetos que atuaram em São Paulo nas décadas de 1910 a 1930 do século XX, tal como Christiano Stockler das Neves: Alexandre de Albuquerque e Antonio Capua, por exemplo, adotaram um clássico modernizado que se despia de ornamentos, e depois emulando o *art déco*. Os modelos perderam substância de autoridade, reduzidos a fios condutores da ação modernizadora – um novo significado às regras de composição afigurava-se. Ao retornar do estrangeiro, esforçou-se por dinamizar o Escritório Técnico Samuel das Neves e adaptá-lo às transformações e exigências profissionais que a cidade de São Paulo enfrentava em sua modernização verticalizadora.

Os projetos realizados pelo Escritório a partir de seu retorno exibem clara definição estilística, eram apresentados por meio de requintados desenhos, nos quais a concepção se concretizava na execução e na adoção de materiais e sistemas construtivos inovadores, expressos em grande parte dos trabalhos profissionais. O arquiteto detinha o controle da concepção, da representação do projeto, da estrutura e da construção, diferenciando-o da produção de artesãos e de engenheiros.

Um estilo geometrizado e abstrato marcou as grandes estações ferroviárias norte-americanas, que se tornaram modelo para Christiano Stockler das Neves, visível nas obras de 1922 e 1930 – Estação do Norte e Porteiras do Brás, utilizando o Luís XVI modernizado, que apareceu ainda no projeto da Sede do Jockey Club de Campinas, de 1923.

Edifícios de escritórios projetados e executados entre 1917 e 1940 se tornavam símbolo da modernização da cidade de São Paulo com a verticalização. A racionalidade da circulação vertical e a utilização de elevadores conviveram com motivos arquitetônicos de estilo, como no Edifício Sampaio Moreira (1924, à Rua Líbero Badaró, 346) e o Edifício Riachuelo (de 1929, na Rua Líbero Badaró, esquina com Dr. Falcão), projetos de Samuel das Neves e Christiano Stockler das Neves.

Modernidade e tradição: a transição dos anos de 1940 e 1950

Na década de 1940, a fidelidade à simetria, o ritmo, a proporção e a harmonia clássicas conviviam com formas mais puras e o despojamento de ornamentos. A arquitetura cedia ao passo do tempo, aproximando-se dos princípios racionalistas que Le Corbusier e a equipe liderada por Oscar Niemeyer aportaram ao seminal edifício do Ministério da Educação e Saúde, em 1936, no Rio de Janeiro.

Em 12 de agosto de 1947, foi fundada a Faculdade de Arquitetura Mackenzie, desvinculando-se da Escola de Engenharia, da qual fazia parte desde 1917. O momento era de uma profícua e heterogênea presença da arquitetura na cidade em modernização. Nesse mesmo momento, o Edifício Esther, de Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho, já marcava a paisagem paulistana, e em 1946 o edifício Prudência e Capitalização, de Rino Levi, chegava à Avenida Higienópolis.

Nos anos quarenta, edifícios públicos institucionais vieram a integrar a produção do arquiteto e fundador da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, utilizando-se da estética *art déco* – o Edifício para o Ministério da Guerra (1937-1941),[1] de autoria de Christiano Stockler das Neves e José Ferreira Louro, construído no Rio de Janeiro no mesmo terreno do antigo Quartel da Praça da República, erguido no século XIX, e o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (1940). Representam adaptação e mudança, abandonando-se os primeiros modelos consagrados, os do Renascimento e do Neoclássico.

Exercícios realizados nas disciplinas Pequenas e Grandes Composições passariam a exibir uma expressão clássica modernizada, que no início dos anos de 1950 reproduziam o *art déco* – motivado pela presença do carioca Elisiário da Cunha Bahiana (formado pela Escola Nacional de Belas Artes, ENBA, Rio de Janeiro), que passou a integrar o corpo docente na década de 1950. Elisiário da Cunha Bahiana é autor do conjunto formado pelo Edifício João Brícola (antigo Edifício do Mappin Stores e originalmente projetado para abrigar a sede do banco Banespa) e o novo Viaduto do Chá, resultado da urbanização do Vale do Anhangabaú na primeira administração do prefeito Prestes Maia em 1938.

Ao avançar a década de 1950, a linguagem clássica como instrumentação operativa seguiu sendo ensinada na FAU-Mackenzie. A reprodução de modelos arquitetônicos de aplicação era prática corrente, sobretudo nas aulas de Arquitetura Analítica e Pequenas e Grandes Composições (BREIA, 1995).

No entanto, a constrição academista convivia com o aprendizado de novas técnicas e sistemas construtivos, tais como concreto armado e protendido, cujas aplicações projetuais eram ensinadas pelo Engenheiro Roberto Rossi Zuccolo (MENDES; ABASCAL; BREIA, 2015). Temas arquitetônicos próprios à época eram aceitos nos projetos e trabalhos de formatura realizados por alunos – edifícios públicos, institucionais e privados de programa complexo,

Na página anterior:

Edifício Copan, São Paulo, 1951. Projeto original do Engenheiro-Arquiteto Oscar Niemeyer (ENBA, 1934), encomendado para o IV Centenário de São Paulo (que viria a ser comemorado em 1954). Niemeyer encarregou sua execução ao jovem Arquiteto Carlos Alberto Cerqueira Lemos (Mackenzie, 1950).

1. Nos dias atuais, Palácio Duque de Caxias, prédio do Quartel-General do Comando Militar do Leste, Rio de Janeiro.

que procuravam atender à cidade em processo de modernização (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, 1951). A inserção do *campus* do Mackenzie no bairro de Higienópolis, canteiro vivo de um sem-número de edifícios modernos construídos desde os anos 1940, de autoria de professores e arquitetos expoentes da época, foi certamente um fator de estímulo ao processo de transformação do ensino e da Arquitetura na FAU-Mackenzie.

A procura pela excelência no ensino e rigor, buscados por Christiano Stockler das Neves, expressou-se durante essa década na elevação do tempo dedicado pelos estudantes aos exercícios projetuais, realizados na própria faculdade, tais como revelaram depoimentos de vários egressos.[2] Projetos realizados em 24h e 48h eram prática corrente na década de 1950, elaborados em prancheta individual, com identificação nominal.

A avaliação dos projetos assumia muitas formas, que envolviam a participação coletiva de professores e alunos. Muitas vezes, foi realizada por comissões ou júris externos, sobretudo nos anos mais avançados da formação. Tais júris eram integrados pelos docentes da Faculdade e profissionais de expressão na cidade, convidados especialmente para avaliar os projetos mais arrojados de autoria dos discentes, que deliberadamente procuravam aplicar princípios da Arquitetura Moderna, com princípios corbusierianos, funcionalistas ou organicistas.[3]

A apresentação aberta dos projetos expostos à comunidade acadêmica demonstrava que era possível sustentar posições e que sua defesa deveria ser fundamentada em argumentação consistente e rigorosa da solução projetual. Quanto mais ousada a solução adotada pelo aluno, mais se exigia dele conhecimentos e argumentos capazes de sustentar trabalhos dissidentes da ortodoxia academista.

A convocação de júris externos se justificava como exercício e preparo para o exercício da profissão, exigindo-se que o discente argumentasse em defesa do projeto diante de uma banca. Concursos internos a partir de projetos realizados em 24h e 48h eram também avaliados por profissionais de destaque. Rivalidades e competições dessa natureza contribuíam como incentivo para que soluções esmeradas pudessem ser concebidas para os projetos acadêmicos ou modernos.

Em outras ocasiões, projetos do quarto ou quinto ano, expostos nas salas de aula para efeito de avaliação, eram visitados por alunos dos demais anos para troca de informações e difusão do processo de concepção. Esses projetos modernos foram reiteradamente expostos nas dependências do *campus* da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob organização do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam).[4]

O ensino acadêmico do que Summerson (1994) denominou 'essência' clássica jamais foi abandonado, sendo internalizado nas práticas pedagógicas e nas expressões arquitetônicas modernas, produzidas por alunos que buscavam a vanguarda. Avançava-se de um clássico estilizado à arquitetura genuinamente moderna, que atendia a programas funcionais complexos e aos anseios de discentes que desafiavam ares conservadores.

2. Depoimentos prestados à autora pelo egresso e professor Pedro Paulo de Melo Saraiva (*in memoriam*) e pelo Arquiteto Alberto Rubens Botti (Mackenzie, 1954), durante pesquisas realizadas de 2009 a 2012, pelo grupo "Arquitetura, Ensino e Profissão" (Líderes Celio Pimenta, *in memoriam*, e Eunice Helena S. Abascal).

3. Entrevistas com os egressos (realizadas pela autora durante o ano de 2007) reforçam a existência de júris externos e comissões integradas por eminentes personalidades de destacada atuação profissional. Pereira (2005) assinala a presença desses júris nas décadas de 1920 e 1930, com a presença de Bruno Simões Magro, Prestes Maia e Alexandre de Albuquerque. Na década de 1950, a existência desses júris surge com veemência nos depoimentos de Rodolpho Ortemblad Filho e Pedro Paulo de Mello Saraiva, prestados à autora durante o desenvolvimento das pesquisas do Grupo "Arquitetura, Ensino e Profissão".

4. Depoimento à autora do Arquiteto Hoover Américo Sampaio (Mackenzie, 1954), Professor na Escola de 1959 a 2014, em 10 de março de 2017.

Enquanto exerceu a docência, Christiano Stockler das Neves seguiu defendendo que a arquitetura é arte, e que argumentações funcionalistas não deveriam confundir o entendimento de princípios funcionais, construtivos e estéticos (FAU-MACKENZIE, 1947). Movido pela defesa do 'caráter' dos edifícios, questionou a estandardização, a qual entendia como homogeneização acrítica da arquitetura. Foi também crítico do funcionalismo, insistindo no valor da forma como elemento distintivo da arquitetura como arte, e que Arquitetura e Urbanismo deveriam caminhar juntos, como manifestações estéticas solidárias.

Defendeu a importância da documentação das formas arquitetônicas como elaboração de repertório, para que o estudante pudesse compreender o limite e a pertinência de sua aplicação e prática. O 'historicismo instrumentalizado' deveria se converter em um fundamento, para os mais conservadores, no repertório do arquiteto, sendo possível justificar a ênfase no Renascimento e no Neoclássico francês como 'modelos reduzidos'.

A Arquitetura Moderna, ainda pouco internalizada e entendida como mais uma atualização do repertório historicista, embora vista com suspeição, era aceita como possibilidade na FAU-Mackenzie. Muitos são os depoimentos de egressos, no entanto, que deixam evidente a prática de projetos modernos durante o período em que foram alunos de Christiano Stockler das Neves. Relatos evidenciam a realização de bancas para os Trabalhos de Tese, reunindo professores internos e um membro externo, este geralmente um arquiteto atuante na cidade, formado muitas vezes pelo Curso de Arquitetura do Mackenzie College, a exemplo de Oswaldo Bratke, convidado a julgar projetos que se mostravam para além da ortodoxia clássica, e deixam essa contradição entre conservação e modernização da Escola um fato evidente.

A evidência de que projetos modernos conviviam com versões acadêmicas, e que essa polêmica envolvia docentes e discentes, não quer dizer que a Arquitetura Moderna fosse, à época, professada livremente, sequer a partir de seu pleno entendimento, e eminente professor arquiteto a via com grande suspeição e hesitação. Embora recusasse o funcionalismo e a relação linear ou imediata de forma e função, recusava toda emergência ou irrupção de fenômenos estéticos e arquitetônicos sem base em uma genealogia.

Christiano Stockler das Neves se contrapôs à prática inconsciente da Arquitetura Moderna, a qual reputava passível de incorrer na omissão de uma correção estética e formal, mas a compreendia como inerente ao seu tempo, mesmo ao nutrir sentimentos de hesitação em relação ao seu valor e prática. O conceito de linguagem e de caráter dos edifícios e de pertinência temática estava imbuído de uma posição conservadora, que concluía por ser possível projetar um hospital moderno, mas que não era recomendável que essa solução se universalizasse, estendendo-se esse conservadorismo a todos os temas projetuais, questionando a pregnância da Arquitetura Moderna em sua potencialidade de transformação social.

Em seu discurso de posse, por ocasião da Fundação da Faculdade de Arquitetura em 12 de agosto de 1947, lembrou o Professor Christiano Stockler das Neves de que a oportuna criação de curso autônomo encontrava lastro na expressiva atividade dos Arquitetos Mackenzistas, renomados profissionais ganhadores de concursos e prêmios, quer nacionais, quer internacionais. Assinala que é a Arquitetura a mais antiga das artes, de onde emanam as demais. Defendeu a profissão de arquiteto, lutando por sua regulamentação no Brasil, e, polemista incansável e defensor do debate, submeteu o ensino da Arquitetura Moderna na FAU-Mackenzie a um estado crítico pautado por juízos e princípios de adequação aos fins (FAU-MACKENZIE, 1947).

O sistema de avaliação por ele adotado a partir de 1947 na disciplina Grandes Composições (gênese das disciplinas de Projeto) foi concebido com base na estrutura de pensamento que fundamentou sua trajetória, e envolvia o tom polêmico e crítico dos projetos modernos a que reputava funcionalistas, sem impedir sua apresentação pelos estudantes que ousassem contrariar o uso do repertório eclético.[5] Uma hierarquia temática e escalar regia o ensino, à luz da estrutura academista que propugnava uma escalada de exercícios, desde o mais próximo – a residência unifamiliar – até o edifício de programa complexo.

Paulo Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954) reforça a realização de concursos no quarto e no quinto ano do Curso de Arquitetura, com a vinda de convidados externos como parte do júri:

> O grêmio da faculdade também, pela mão desses colegas ilustres que se dedicavam à política estudantil, possuía uma exposição anual de trabalhos e arquitetos de fora eram convidados para julgar. Lembro que no quarto ano, ou talvez no quinto, ganhei quase todos os prêmios, tendo no júri Rino Levi e outros convidados. (ROCHA, 2007, p. 4).

Polemizando o Futurismo, estendeu sua crítica à arquitetura racionalista e aos arquitetos modernos do Brasil, como Gregori Warchavchik e Lucio Costa (NEVES, 1929). A polêmica em relação ao Futurismo se concentrou na possível ruptura com a historicidade, afirmando que "as mais belas épocas da arte são aquelas em que a tradição foi mais respeitada, onde o progresso era o aperfeiçoamento contínuo [...] não existiria uma 'geração espontânea da arte'" (NEVES, 1929, p. 5).

Em defesa de um contínuo *referendum* da história para a arquitetura de vanguarda, essa tensão propunha que tradição e vanguarda eram solidárias, e que toda expressão original dependia da experiência ou do universo da disciplina arquitetônica, entendida como Composição.

A Disciplina de Composição permaneceu longamente no currículo da FAU-Mackenzie, comparecendo até meados da década de 1960 (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1962-1966).[6] Nesse documento, a disciplina de Composição era oferecida no primeiro ano, e, a partir do terceiro ano, apareceu como Projeto.

Na página anterior:

Edifício Banco Sul Americano, atualmente do Banco Itaú, na Avenida Paulista, São Paulo, 1961. Projeto do Arquiteto Rino Levi (Escola Superior de Arquitetura de Roma, 1925) e dos Engenheiros-Arquitetos Roberto Cerqueira Cesar (Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 1940) e Luiz Roberto Carvalho Franco (Mackenzie, 1951), este último aluno da primeira turma da Faculdade de Arquitetura Mackenzie. Carvalho Franco foi parceiro de outros mackenzistas, a exemplo de Galiano Ciampaglia e Miguel Forte.

5. Em depoimento prestado à autora pelo Arquiteto Fernando Martins Gomes, assistente de Christiano Stockler das Neves na cadeira Grandes Composições. Entrevista realizada em 2008.

6. Como atestam documentos primários consultados, como os históricos escolares de egressos – como o do arquiteto Flavio Marcondes, consultado pela autora.

7. Paulo Archias Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954), foi premiado por suas obras diversas vezes, com destaque para o Prêmio Pritzker de Arquitetura (2006); o Leão de Ouro (Veneza, 2016); o Prêmio Imperial do Japão (Tóquio, 2017) e o Prêmio Royal Gold Medal – Riba (Londres, 2017).

A longa permanência da Composição se explica pela resistência à originalidade como ruptura radical com o passado (originalidade pela originalidade), enfatizando que a Arquitetura não é ciência, mas uma arte, e, como tal, transcende a construção.

Paulo Mendes da Rocha,[7] ao se relembrar da atuação de Christiano Stockler das Neves e seu legado, assinala a maneira peculiar como o ensino de projeto – Pequenas e Grandes Composições – se fundamentava em ensinamentos históricos:

> Stockler das Neves tinha uma consciência muito clara e, como é sabido, uma fixação um tanto acadêmica pela arquitetura de estilo. Mas isso era, antes de mais nada, um ensaio, porque obrigava a fazer projetos dirigidos enfocando a arquitetura grega, greco-romana e coisas assim. Mas se aprendia literalmente a importância da história como experiência. E sempre nós víamos, num templo grego, que seria o mais clássico, um sistema construtivo belíssimo. O Mackenzie era uma escola que não obrigava a engolir uma visão formal daquelas coisas. Era o simples exercício de um prédio existente, a visão de há quanto tempo existiu e progrediu para o concreto armado e outros materiais. E isso é muito mais útil do que você sempre pensar que a coisa da sua época é uma novidade total – que é o que hoje ocorre, a ponto de se designar algo como pós-isso ou pós-aquilo. O homem não pode ser pós-nada. Nós somos sempre. (MENDES DA ROCHA apud SERAPIÃO, 2007, p. 4).

O Arquiteto enfatiza a habilidade adquirida com a prática do desenho, levando à representação dos referenciais históricos, voltados a aplicações modernas. Indagado a respeito da qualidade e da modernidade dos projetos acadêmicos de Carlos Milan, seu contemporâneo, afirma:

> Sim, sem dúvida nenhuma. Ele [Carlos Milan] fez uma casa, que era o tema, toda à mão, croqui. Com certeza não teve nota grande, mas o projeto era uma maravilha. Nós brincávamos, no bom sentido, no sentido intelectual da palavra, dentro da própria escola. Você fazia, com grande habilidade, o que o nosso querido Christiano pretendia, no primeiro trabalho, e tirava nove, dez. E depois fazia outros trabalhos com mais liberdade. Você não ia tirar zero, de qualquer maneira, e, na média, cinco dava para passar. [...] (MENDES DA ROCHA apud SERAPIÃO, 2007, p. 4).

Desde a data de fundação, verificaram-se na FAU-Mackenzie movimentos estudantis que clamavam por novos rumos para o ensino, aspirando ao pleno domínio e à aceitação da Arquitetura Moderna. Na década de 1950, Carlos Milan e Jorge Wilheim, alunos à frente do Dafam organizaram e editaram a revista *Pilotis*, que juntamente com a *Revista de Engenharia Mackenzie*, editada pelo Grêmio do Mackenzie College, se tornaram publicações para a disseminação de trabalhos e debates da época (PEREIRA, 2005).

Embora o ensino na ocasião seguisse moldes Beaux-Arts, a produção gráfica de ex--alunos revela um número cada vez maior de projetos modernos, uma diversidade e até mesmo contraposição das soluções projetuais propostas, não apenas com uma tolerância para as soluções modernas, mas a presença de um corpo docente que endossava a nova arquitetura.

Mudanças seminais na década de 1960

Em fins da década de 1950, com as pressões exercidas pelas transformações da cidade e do mercado imobiliário em expansão, e com a presença cada vez mais expressiva da Arquitetura Moderna, as posturas estética e historicista do Prof. Christiano Stockler das Neves se fragilizaram. Os alunos reivindicaram mudanças na organização do curso e em suas modalidades pedagógicas, o que culminou em assembleias e documentos que exigiram sua saída. Retirou-se da Diretoria em 12 de agosto de 1956, abandonando a docência e a FAU--Mackenzie, definitivamente, em 1958.

Após sua saída, sucederam-se anos de transição marcados por debates acalorados, que tiveram à frente o corpo docente, os discentes e o Dafam. As mudanças propostas buscavam uma atualização pedagógica, que se iniciara em fins da década de 1950 e avançou pelos anos 1960. Os eventos políticos de 1964 alteraram os rumos desse processo; no entanto, é possível dizer que os primeiros cinco anos da década de 1960 foram ricos em avanços, representando uma vontade de atualização contra preceitos agonizantes. Professores e alunos eram unânimes diante da necessidade de estabelecer um vínculo mais próximo entre a cidade que se transformava e a FAU-Mackenzie, e uma relação produtiva e mais próxima entre Arquitetura e Urbanismo.

Em 1961, o então professor João Francisco Portilho de Andrade (o Andradinha, docente da cadeira de Arquitetura Analítica), representante dos professores na Comissão Permanente criada por ocasião do II Encontro de Diretores e Alunos, capitaneava o debate sobre as novas necessidades do ensino, revelando um interesse geral no aprimoramento do ensino e forte identidade de pensamento de docentes e discentes diante de uma percepção e de um novo tempo (GHIRALDINI, 1961).

O ano de 1962 assinala momentos de revindicações estudantis, e a sinalização do Conselho Universitário de que era justo o movimento de reestruturação do Curso de Arquitetura, salientando o estudo de dez meses que havia sido realizado por docentes e discentes, aprovando-se orçamento para a Unidade (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1962). Ainda em 1962, Adolph Franz Heep, que estudou Arquitetura na Escola de Artes e Ofícios de Frankfurt, na qual foi aluno de Walter Gropius e Adolf Meyer, com quem trabalhou na prefeitura de Frankfurt entre 1924 a 1928, foi incorporado ao quadro de docentes, vindo a lecionar a disciplina Grandes Composições de Arquitetura. Nesse mesmo

Residência Antônio D'Elboux, São Paulo, 1962. Projeto do Arquiteto Carlos Barjas Millan (Mackenzie, 1951).

ano, Jun Okamoto, egresso da FAU-Mackenzie, é incorporado como docente, vindo a lecionar Teoria da Arquitetura, que surgiu no currículo em 1960, complementando a disciplina Teoria e Filosofia da Arquitetura (PIMENTA; ABASCAL; MENDES, 2010).

O momento é marcado pela inauguração de Brasília, por ares desenvolvimentistas e a expansão urbana. Em São Paulo, a ampliação de uma classe média urbanizada permite a expansão do mercado da construção civil e de empreendimentos imobiliários residenciais. A expansão da mobilidade e de veículos sobre pneus reforça as periferias e seus problemas, e a cidade exibe aos estudantes de arquitetura uma nova realidade social, na qual cidade e arquitetura não se dissociavam.

A abertura à diversidade de soluções e programas revestia o Curso de Arquitetura de um caráter plural, sem a convivência pacífica de posições muitas vezes em franca oposição. Evidenciava-se a iminência de um processo de transformações, sobretudo de um debate crítico que trouxe à luz visões progressistas de professores e alunos, e que marcou a Escola em defesa de uma visão pragmática olhando o futuro, de acordo com a condição de devir histórico da Arquitetura.

Acompanhando a diversidade de soluções que os tempos exigiam, o curso da Faculdade de Arquitetura se voltou também ao ensino de técnicas e de sistemas construtivos inovadores, acreditando que sem esses conhecimentos não seria possível ao estudante sustentar soluções arquiteturais consistentes e inovadoras. Assim, é possível compreender, no contexto, o ensino do concreto armado e protendido, por meio da atuação do Engenheiro Roberto Zuccolo (1924-1967), e sua contribuição à formação de seus arquitetos diplomados.

Na ocasião, clamava-se por uma melhor integração curricular, um ensino prático específico à formação dos arquitetos, com ênfase ao Planejamento Urbano e à Composição, nas atividades denominadas de Ateliê. Preconizava-se ainda a elevação do número de professores assistentes e o Trabalho de Tese como finalização dos estudos de Arquitetura. Dessa Comissão participaram os professores Gustavo Caron (Pequenas Composições de Arquitetura), Sigmund Golombeck (Mecânica dos Solos e Fundações) e Antonio Cuoco (Economia Política, Legislação e Direito), e o recém-chegado Eduardo Corona (Teoria da Arquitetura), que foi incumbido do estudo de cargas horárias e da proposta de criação de cargos de professor em dedicação de período integral.

Sobre essas propostas, Ghiraldini (DAFAM, 1962, p. 3) teria dito:

> Quero declarar com toda honestidade que não sou pessimista quanto ao ensino que foi e está sendo ministrado nesta casa. Sou por uma 'reestruturação', mas não por uma revolução. Não compartilho com aqueles que dizem que aprenderam Arquitetura apesar das faculdades de Arquitetura. [...] Acredito que qualquer alteração deva ser metódica, planejada, experimental, por etapas e a longo prazo.

A Comissão elegeu um representante dos professores (Portilho de Andrade) e outro dos alunos (Nedir Falqueiro), que se debruçaram sobre o detalhamento de um plano de reestruturação do ensino. A ela teriam se juntado os professores Hoover Sampaio e Alfredo Paesani, com a consultoria dos professores João Francisco de Andrade, Roberto Zuccolo, Philip Lohbauer, Franz Heep, Takeshi Suzuki, Jun Okamoto e José Gugliotta (DAFAM, 1962).

Os princípios dessa reforma pautavam-se por um ensino compreendido como objetivo, que deveria vir a ser implantado em dois ou três anos, com grande ênfase às cadeiras de Composição e Planejamento, e propondo-as como estruturadoras do Curso. Milton Carlos Ghiraldini (Docente da disciplina *Traçado de Cidades – Urbanismo*) integrava a Comissão, defendendo a integração em um único ateliê das cadeiras de Composição e a criação de disciplinas de Planejamento Urbano.

Embora a disciplina projetual nesse momento ainda se denominasse Composição, a reforma de ensino preconizada procurava estabelecer integrações com Urbanismo, técnicas de construção e sistemas estruturais, propondo uma progressiva complexidade dos exercícios, chegando-se, por exemplo, a que no quarto ano do curso fossem equacionados problemas de composição de uma estrutura urbana de 2 a 5 mil habitantes (DAFAM, 1962).

Desses debates que culminariam em importantes transformações após 1965, participaram intensamente as Diretorias do Dafam, entidade formada em 1947. Em 1963, a direção do Dafam foi assumida pelo então acadêmico (e posteriormente, professor da FAU-Mackenzie na disciplina Projeto) José Carlos Isnard Ribeiro de Almeida – o Zeca (DAFAM, 1964a). Em seu relato, José Carlos Isnard Ribeiro de Almeida deixa clara a existência de um movimento estudantil favorável à contratação de novos professores, e em prol de uma reestruturação do ensino.

Tempos difíceis culminaram no episódio político de 1964, o que não impediu naquele momento esforços para a reestruturação do ensino, melhoramentos da biblioteca, bem como propostas para a provisão de bolsas aos estudantes (DAFAM, 1964b), integrando também o corpo docente, na época, o arquiteto Fabio de Moura Penteado. A proposta de reestruturação do ensino prosseguiu, tendo sido apresentada ao Conselho Universitário em fevereiro de 1964, pelo Prof. Roberto Frade Monte, então Diretor, obtendo aprovação (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1964).

Em 1965, sob a Reitoria da Profa. Esther de Figueiredo Ferraz, o então Diretor Gustavo Caron entregou ao Conselho Universitário a proposta de reestruturação assinada pelo Prof. Jun Okamoto, tendo sido incorporado em 1967 à Comissão de Reestruturação da Universidade (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1965).

As cátedras no Brasil foram extintas em 1968 com a Lei nº 5.540. Em 1961, no entanto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 4.024/61) vetou-as, fragilizando juridicamente a fi-

gura do catedrático, mas não impedindo sua atuação, nem diminuindo seu prestígio e poder. A LDB mencionou na ocasião os Conselhos Departamentais, e definiu o Departamento como reunião de cátedras afins, pois essas permaneceram com base na Constituição. Entre 1961 e 1968, cátedras e departamentos ainda convivem, e a Constituição de 1967 revogou o princípio de vitaliciedade da cátedra. A partir de 1968, a figura do Departamento surgiu nas universidades públicas, prevendo a corresponsabilidade de todos os seus membros, destituindo o catedrático de seu poder centralizador diante das decisões acadêmicas (FÁVERO, 1995).[8] Esse período de discussões e veto das cátedras coincidiu com os movimentos de reforma da FAU--Mackenzie levados a termo na primeira metade dos anos de 1960.

Tais ações inovadoras não teriam sido implementadas, sofrendo com os reveses de 1964, mas deixaram as sementes para formação dos Departamentos de Projetos Arquitetônicos, Planejamento Urbano e Teoria e História da Arquitetura, motivada pela Reforma Universitária de 1968 (FAU-MACKENZIE, 2013), que extinguiu as Cátedras, e com a formação de um único Departamento de Arquitetura, que recebeu posteriormente a denominação de Departamento de Pesquisas Arquitetônicas no início dos anos de 1970. Este reunia várias cadeiras, de cuja organização participaram ativamente vários professores. A criação dos departamentos comparece nas Atas do Conselho Universitário de 23 de setembro de 1970 (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1970a).

Nos históricos escolares de alunos que colaram grau em 1968, fica clara a progressiva reestruturação do currículo: Grandes Composições de Arquitetura e Pequenas Composições de Arquitetura deram lugar à sequência de Projeto (I, II e III), ficando a disciplina Composição (I e II) alocada no primeiro e segundo anos (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1961).

A organização departamental tinha como objetivo estimular o diálogo e a integração docente e discente, o que as propostas de reforma da primeira metade da década de 1960 já haviam proposto. Uma integração do ensino à pesquisa e ao aprimoramento do quadro docente, próprios à estrutura departamental, vinha para contrapor as faculdades autônomas, e a formação profissional pautada em cadeiras e catedráticos, gerando uma estrutura vertical hierarquizada e isolada.

Nesse tempo, embora a disciplina Composição fosse ainda lecionada, e se fizessem sentir traços do ensino acadêmico, pouco a pouco chegavam novos docentes para lecionar em atividades de Ateliê, como os profs. Telésforo Cristofani, Marcelo Fragelli, Ubirajara Giglioli, Samuel Szpigel, Israel Sancowsky, Joel Ramalho e Eduardo de Almeida. Ocuparam nesse período a cadeira Composição os docentes: Composição III – Hoover Américo Sampaio; Fernando Augusto Senna Arantes; Miguel Forte e Victor Reif (BREIA, 1995); no quarto ano, Composição IV – Adolpho Rubio Morales; Edgar Altino Ferreira Leite, Ivan Gilberto Castaldi, e Jonas Spalter; quinto ano, Composição V – Gustavo H. Caron e Adolf Franz Heep. Esses docentes integraram em 1964 a primeira experiência de Ateliê vertical integrando alunos dos diversos anos,[9] que durou dois anos.

8. A LDB regulamentada pela Lei no 9394/96 propôs que o Departamento não fosse mais uma obrigação, e algumas universidades conceberam formas de organização diferentes.

9. Conforme depoimento do Prof. Arquiteto Flavio Marcondes à autora, em 15 de março de 2017.

Reurbanização do Vale do Anhangabaú, São Paulo, 1981. Projeto dos Arquitetos Jorge Wilheim (Mackenzie, 1952), Jamil José Kfouri e da Arquiteta Rosa Glena Kliass (Universidade de São Paulo, 1955).

Os avanços da década de 1970

A década de 1970 foi marcada pelo desenvolvimentismo e pelas pressões sociais advindas da metropolização em processo, deslocamentos populacionais e nova problemática das grandes cidades, acompanhada pelo déficit habitacional. O número de vagas para ingresso no Curso de Arquitetura se elevou a 100. Foram Diretores os professores Jun Okamoto (1971-1974), Luis Teixeira Torres (1974-1977), e Walter Saraiva Kneese (1978-1983). Em 1979, a Faculdade ganhou a denominação de "Faculdade de Arquitetura e Urbanismo", com a ampliação da consciência dos problemas ambientais e urbanos que a formação das metrópoles acarretou, tornando-se autônomo o Departamento de Planejamento Urbano. Novas disciplinas voltadas ao saneamento ambiental e infraestruturas de serviços urbanos pautadas por estudos interdisciplinares ganhavam espaço, com o nascimento de organismos estatais de planejamento, bem como de controle das atividades profissionais.

As disciplinas de Projeto, constituídas em meados dos anos 1960, contaram nos anos 1970 com a integração em torno dos departamentos recém-criados (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1970b), e novos docentes, como os arquitetos Carlos Augusto M. Faggin, Humberto Leone, Ernani M. Junior, Mario Durão Filho, Galba Osório e Nadir Cury Mezerani, entre outros.

O professor Adolpho Packer Filho observava que as transformações da Arquitetura exigiam a contínua incorporação de disciplinas técnicas, que suprissem três setores – Mecânica das estruturas, Materiais, Métodos e Processos de construção e Instalações e Higiene. Frisava a necessidade de visualização da forma estrutural, adequação dos materiais e boa expressão da relação estrutura e meio ambiente, como fundamentos de um ensino tecnológico, embora nesse momento as disciplinas técnicas estivessem lotadas na Escola de Engenharia, sendo o Departamento de Técnicas organizado somente em 1998 (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 1970b).

Uma nova reestruturação do ensino veio a ser apresentada, com a formação da Comissão de Pesquisa e Atualização do Ensino da Arquitetura (Copea) em 1975, pautada no entendimento da Arquitetura como inseparável do meio, do homem e da sociedade, propondo-se um curso de período integral no primeiro ano, uma disciplina de Projeto Integrado, vinculada às demais disciplinas afins, e também a disciplinas optativas. É de grande interesse notar o conceito de "Projeto" adotado, como atividade que "[...] concerne aos problemas do meio ambiente e intervir criando-se instrumentos geradores de sua transformação" (MELLO, 1975, p. 3). A passagem demonstra uma preocupação de definição da arquitetura para além de uma somatória de ciência e arte, com ênfase nas múltiplas escalas projetuais – do objeto à cidade e região, que acompanha as transformações do pensamento arquitetônico e urbanístico.

Caminhos para novas pesquisas

Polêmico, Christiano Stockler das Neves manteve intacta uma visão de arquitetura, cidade e arte no período em que atuou como diretor do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia (1917 a 1947) e depois como o primeiro diretor da FAU-Mackenzie (1947-1956). Representa a tensão entre o idealismo Beaux-Arts e o pragmatismo, para expressar uma sempre necessária atualização dos processos de concepção e das práticas arquitetônicas, sujeitas à inexorável transformação histórica. Referências e modelos eram então vistos como necessários e próprios à imanência da Arquitetura, mas devendo atualizar-se, levando a admitir sempre novas expressões, como resposta à transformação da sociedade. No entanto, todas as inovações deveriam passar pelo crivo de um rigor da disciplina arquitetônica e projetual, uma educação erudita, calcada no aprendizado dos fundamentos disciplinares.

É possível dizer que, no curso das várias reformas pedagógicas atravessadas pela Escola, esse sentido de mudança sem prejuízo dos fundamentos da boa formação em Arquitetura jamais se perdeu. A nenhuma expressão arquitetural se permitiu uma simples aceitação ou negação, mas se exigiu uma consciência crítica, polemizando a inovação *ex abrupto*, destituída da fina trama de determinações que integram a Arquitetura e o Urbanismo.

Valorizou-se a importância do embate de ideias, e não se dispensou o olhar rigoroso para o que era novo. Ao negar o utilitarismo, o funcionalismo e o princípio simplista de que a função encerra a Arquitetura, admitiu-se a pluralidade, mas não o relativismo, pois sob este poderia se ocultar a fragilidade da argumentação, insistindo-se em avaliar o rigor do projeto arquitetônico, e sua finalidade social.

A FAU-Mackenzie sempre foi palco do debate de ideias e espaço em que se expôs a diversidade de problemas que solicitam a arquitetura, e de soluções, meios e processos pedagógicos, cabendo ao estudante o direito de divergir, sob a condição de que estivesse devidamente fundamentado para sustentar seu projeto e suas posições.

Essa tensão desencadeou um desconforto produtivo, uma inquietação para investigar as possibilidades modernas e vanguardistas, colocando à prova expressões conservadoras, fruto de uma formação academista, seguindo a Faculdade de Arquitetura Mackenzie rumo ao futuro, pautando-se nos passos anunciados por Christiano Stockler das Neves, na Escola que criou e viu se transformar.

A presença feminina na FAU-Mackenzie

Eunice Helena Sguizzardi Abascal

Este boxe homenageia e documenta a participação feminina na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie), por meio do registro de formandos da Secretaria Geral da UPM[1], e a menção de docentes que atuaram e atuam hoje em nossa escola. Longe de esgotar o tema, as informações procuram sinalizar o lento crescimento do número de mulheres no curso de arquitetura, desde o primeiro registro em 1929 até finais da década de 1960. De 1917 a 1947, no Curso de Arquitetura do Mackenzie College, e de 1947 ao final dos anos 1960, a presença feminina era muito reduzida, aspecto similar aos outros cursos do Brasil.

Engenheiras-Arquitetas: A primeira mulher a se formar Engenheira-Arquiteta foi Zilda de Almeida Sampaio, na turma de *1929* (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA, 2007). Na turma de *1931* formou-se a segunda mulher, Olivia Barros Amaral. Oito anos depois, em *1939*, consta o registro da diplomação de Sophie Elma Miller Caps; em *1940*, o registro de Irene Sapoykin; em *1941*, diplomou-se Maria Ermelinda Hoenen.

As Arquitetas: Até *1951* permanecem turmas exclusivamente masculinas, e, a partir daquele ano, são duas formandas: Guedalie Lafer e Paola Maria Taghiacozzo. Palmyra Noronha do nascimento foi a única formanda a aparecer no ano de *1954*; em *1955*, formam-se Luzilatte Maria Maluke, Cristina Pastor e Sabrina Tchirnabilski; em *1956*, cresce para seis o número de mulheres diplomadas: Annita Piccoli Perrone, Hilda Costa, Iracy A. Moura, Maria de A. Rodrigues, Marilia Pires Marsilac Fontes e Neris Merige. Esse aumento não é uma constante, experimentando retrocessos. Em *1957*, foram registradas quatro mulheres: Camila Ubriaco Lopes, Maria Lucia de Paiva Castro, Nagahisia Mizuki e Suely Antunes; em *1958*, Eliza de Almeida Prado, Marcia Dagoberto Dutra Polinghi, Maria Mercia Barbosa e Sonia Maria Andrade Leite; e em *1959*, diploma-se tão somente Maria José Noronha.

Década 1960: Dina Arantes, Maria Geraldes Gacchio, Neide Fera D'Angelo e Rita Olmo; em *1961*, Paula Maria Cavazzini e Elsa Wihelmina Wolthers de Wit. Em *1962*, verifica-se elevação expressiva do número de mulheres diplomadas, caracterizando momento de emancipação em curso: Clelia Castello Branco de Almeida Rego, Giselda Victoria de Lima, Elvira Garcia Pires, Elza Gonçalves Galanda, Elza Lavini, Flavia Stocco, Gisela Brandi, Ilda Helena Diniz, Lea Ancona de Faria, Maria Elena Merege, Maria Regina de Oliveira Marques, Norma Kahtalian, Carla Alberto Pedrecchi e Sonia Carvalho Fernandes da Silva. Em *1963*, formam-se Áurea Nahtue Anrako, Cecilia Maria Orlandi, Gilda Fileppi Silva, Leda Massetto, Lilian Elman, Maria Stella Carrão Viana, Marilda Santos Moreira, Eva Maria Parazewska e Maria Ruy Simionato; em *1964*, Anna Maria Martins de Andrade, Chu Ming, Yoshio Mackawa, Ivone Macedo Arantes, Maria Tereza Gracia Scanavino e Vani Samara. Em *1965*, formam-se Angela Cardellini Canteiro (que se tornou professora de Projeto na Escola), Catharina Gati, Clara Gartenkraut, Eleonora Selgman Lopes, Maria Rey Kobayashi, Marta Maria Soban, Regina Helena Pucci, Silvia Goldstein, Vera Ilce Monteiro da Silva Cruz, Vera Maria Junqueira Villela e Veronika Diechtiareff. Em *1966*, Beatriz Penedo, Berta de Lourdes Teixeira Moraes, Celia Sant'Ana Ferraz, Clementina Monteiro Pasquale, Elza de Azevedo Antunes, Maria Helena Lobo de Queiroz, Maria Helena Lopes, Mary Ann Paris Ribeiro de Almeida (que se tornou professora de Projeto), Rosa Maria de Freitas Munia e Suzana Pasternak. Em *1967*, temos Anca Pajiste, Anna Maria Galvão Leme, Beatriz Elvira Meiksine, Celia Teresinha Bottura, Carla Yabuki, Diana Satady Maffei, Elenice Maranesi, Elenisa Conceição Torre Curti, Jacqueline Casanova, Georgia Louise Harris Brown, Lidia Cristina Loureiro Battarello, Lucia de Sousa, Margara Luisa Juliana Eulália, Maria Helena de Carli Sardinha, Maria Regina Cardoso, Marily Amalina Carneiro Cilento, Meire Gonçalves Selli, Neusa Nazzar, Regina Lucia Milano de Matos, Selma Ramos Oliveira Carvalho, Sonia

1. Agradecemos a colaboração do Secretário Geral da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), o Engenheiro Nelson Callegari, quem nos disponibilizou o material de pesquisa relativo à listagem de formados, de 1919 aos dias atuais.

Pompeu Nogueira, Tania Fonseca Lozano, Vera de Oliveira e Viviane Ventura Dias; Em *1968*, Alice Konder Comparato, Carmen Dabbur, Carolina Maria Cardoso, Cecilia Massar Tanaki Suzuki, Dilma V. Rozenblit, Eliana Cosi, Cardoso Jorge, Elizabeth Albuquerque R. de Oliveira, Emilia Fusako Abe, Etsuko Tanimoto, Gisela Mendes de Toledo, Giuseppina Terzi, Osana Yarubian Pinho, Ivany F. Pinto, Juliana Degem, Maria Angélica M. de Castro Andrade, maria Celina B. de Moraes Vilavecchia, Maria Lucia R. de Alckmin, Maria Paula Caruso, Maria Thereza Ribeiro de Almeida Ferrarin, Marly Namur, Mireille Marguerithe N. Ferraz, Mirthes Ivany S. Baffi, Myiena Seinafe, Neide M. Bassoi, Sandra M. Schiliró, Silvia Maria de Freitas Muniz, Vera Lucia Mariz Teixeira, Vera Marmo de Amorim e Zilma Cincotto.

Cabe ressaltar a presença de muitas profissionais hoje atuando em escritórios de arquitetura em São Paulo e em outras cidades brasileiras; o registro de sua atuação pode ser verificado por meio de seus nomes estampados nas fichas técnicas de projetos de publicados nos mais diversos veículos. Seus nomes aparecem em inúmeros trabalhos profissionais, integrando equipes de concepção e de desenvolvimento de projetos, bem como atuando no acompanhamento e na supervisão de obras. A invisibilidade relativa do trabalho feminino no campo da Arquitetura e do Urbanismo se deve, mesmo com o aumento dos registros do número de formaturas e de atuação de mulheres, possivelmente ao menor número destas como titulares de projetos e de escritórios de arquitetura, o que oblitera a sua atuação no campo profissional. Destaca-se também a expressiva presença de mulheres na academia como docentes.

Pode-se destacar as professoras que atuaram em décadas anteriores na FAU-Mackenzie, como Angela Canteiro, Mary Ann Paris Ribeiro de Almeida, Marcia Serra Ribeiro Viana, Teresa Denser (*in memoriam*). As docentes que são hoje atuantes na FAU-Mackenzie, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design, são 71: Ana Gabriela Godinho Lima, Ana Maria Cassu Queiroz, Ana Maria Fasanella, Ana Paula Calvo, Ana Paula Gonçalves Pontes, Andrea de Souza Almeida, Ângela Zamora Cilento de Rezende, Angélica Tanus Benatti Alvim, Anne-Marie Sumner, Ariane Daniela Cole, Carolina Bracco Delgado de Aguillar, Carolina de Rezende Maciel, Catherine Otondo, Cássia Regina Mariano, Cecília Helena G. R. dos Santos, Célia Regina Moretti Meirelles, Cláudia Alonso Martins, Claudia Virginia Stinco, Cristiane Gallinaro, Daniela Cristina Vianna Getlinger, Débora Sanches, Denise Antonucci, Denise Polonio, Eleana Patta Flain, Eliana Zaroni Lindenberg Silva, Eliene Corrêa Rodrigues Coelho, Érica Caproni, Erica Lemos Gil, Erika Ciconelli de Figueiredo Risso, Eunice Helena Sguizzardi Abascal, Fanny Ferguson, Gilda Collet Bruna, Grace Kishimoto, Henny Aguiar B. R. Favaro, Ireneide Uliana Rosa, Ivana Aparecida Bedendo, Juliana Bertolini, Karen Nicolli Ramirez, Larissa Ferrer Branco, Larissa Garcia Campagner Arcuri, Lizete Maria Rubano, Luciana Monzillo de Oliveira, Márcia Maria Benevento, Maria Augusta Justi Pisani, Maria Cristina de Barros Rossi, Maria Elena Merege Vieira, Maria Isabel Imbronitto, Maria Isabel Villac, Maria Pronin, Maria Teresa de Stockler e Breia, Marília Aldegheri do Val, Marília Malzoni Marchi, Nadia Somekh, Nara Silvia Marcondes Martins, Patricia Pereira Martins, Paula Nelita da Silva Canelhas, Paula Raquel R. Jorge, Pérola Felipette Brocaneli, Regina Lara Silveira Mello, Rosangela de Souza Lima, Roseli Maria Martins D'Elboux, Ruth Verde Zein, Sasquia Hizuru Obata, Silvia Ferreira Santos Wolff, Teresa Maria Riccetti, Vera Cristina Osse, Vera Lúcia Domschke, Vera Regina G. Ludovice Antunes, Viviane Manzione Rubio, Volia Regina C. Kato e Zuleica Schincariol.

As nossas funcionárias (que são 9): Angelita Oliveira dos Santos, Claudia Cristina Ferrarezzi Pignatari, Elisabete Teixeira de Carvalho, Eva Guadalupe Galdaméz Garcia, Eleni Dumas Neves, Lilian de Fatima Nascimento, Miriam Silva Marques, Poliane Medrado Brito e Rosemary Aparecida de Souza. Totalizamos 80 mulheres, entre professoras e funcionárias. Do universo total de 207 professores, hoje, em 2017, somos 71 mulheres (34,3%).

Na página anterior:

Edifício Baviera, São Paulo, 1963. Projeto do Arquiteto Telésforo Cristófani (Mackenzie, 1952).

Referências

ARGAN, G. C. *Clássico Anticlássico*. O renascimento de Bruneleschi a Bruegel. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

______. *História da arte como história da cidade*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BANHAM, R. *Teoria e Projeto na Primeira era da Máquina*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLAU, J. L. Introdução. In: JAMES, W. *Pragmatismo*. Texto Integral. Tradução Jorge Caetano da Silva. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 13-22.

BREIA, M. T. de S. e. *O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves*. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

______. *A transição do ensino da arquitetura Beaux-arts para o ensino da arquitetura moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie – 1947-1965.* 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAPITEL, A. *La Arquitectura compuesta por partes*. Barcelona: GG, 2009.

COLQUHOUN, *A. Modernidade e tradição clássica* – Ensaio sobre a Arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

______. Três tipos de historicismo. In: NESBITT, K. (Org.). *Uma nova agenda para a Arquitetura*. Antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 221-231.

DAFAM. *Atas de Reunião*. São Paulo: Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1962.

______. *Relatório da Presidência, Gestão 1963-64* (Acadêmico José Carlos Isnard Ribeiro de Almeida). São Paulo: Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1964a.

______. *Resoluções da 1ª Assembleia Geral Extraordinária*. São Paulo: Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, 1964b.

FAU-MACKENZIE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. *Discurso Instalação da Faculdade de Arquitetura e posse do Diretor, Prof. Christiano Stockler das Neves*. São Paulo: Instituto Mackenzie, 1947.

FAU-MACKENZIE – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. *Projeto Pedagógico da FAU-Mackenzie.* São Paulo: FAU-Mackenzie, 2013.

FÁVERO, M. L. *A UNE em tempos de autoritarismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MELLO, V. de. *COPEA*. *Comissão de pesquisa e Atualização do Ensino de Arquitetura.* Relatório preliminar sobre a Linha de Projeto. São Paulo: FAU-Mackenzie, 1975 (datilografado).

MENDES, M.; ABASCAL, E. H. S.; BREIA, M. T. de S. *A arquitetura moderna no Brasil e a contribuição do Engenheiro Roberto Rossi Zuccolo para a formação dos alunos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie e sua atuação profissional.* Relatório de Pesquisa. São Paulo: MackPesquisa, 2015.

NEVES, C. S. das. A pretensa Architectura moderna. *Architectura e Construções*, São Paulo, v. 1, n. 1, ago. 1929.

PENN BIOGRAPHIES. Paul Philippe Crét (1876-1945). Pennsylvania, University of Pennsylvania, 2017. Disponível em: <http://www.archives.upenn.edu/people/1800s/cret_paul.html>. Acesso em: 12 jun. 2017.

PEREIRA, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação no Curso de Arquitetura no Mackenzie College*. Um estudo sobre a disseminação dos métodos da "École des Beaux-Arts" de Paris e das "Fine-Arts Schools" norte-americanas. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

PIMENTA, C.; ABASCAL, E. H. S.; MENDES, M. *Arquitetura Mackenzie*: os egressos e suas obras na cidade de São Paulo. Relatório técnico-científico. São Paulo: MackPesquisa, 2009.

PIMENTA, C. *Arquitetura Mackenzie*: Mestres da Transformação. São Paulo: JJ Carol Editora, 2010.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, São Paulo, Ano XXXVII, nº 107, jul./ago. 1951.

SERAPIÃO, F; ROCHA, S. Entrevista: Paulo Mendes da Rocha. "O Trabalho de Arquitetura não pode ser solitário". *Projeto Design*, Ed. 275, 2003. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/paulo-mendes-da-rocha-o-trabalho-15-01-2003>. Acesso em: 21 jul. 2017.

SUMMERSON, J. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. FAU-Mackenzie. *Histórico Escolar do egresso João Batista Martinez Corrêa*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, 1961.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SECRETARIA GERAL. *Relação de diplomados no Curso de Arquitetura da Escola de Engenharia, Faculdade de Arquitetura Mackenzie e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, de 1919 a 2017*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

______. FAU-Mackenzie. *Histórico Escolar do egresso Flavio Marcondes*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, 1962-1966.

______. *Atas do Conselho Universitário (Consu), de 14 de maio de 1962*. São Paulo: Secretaria Geral da Universidade Mackenzie, 1962.

______. *Atas do Conselho Universitário (Consu), de 14 de fevereiro de 1964*. São Paulo: Secretaria Geral da Universidade Mackenzie, 1964.

______. *Atas do Conselho Universitário (Consu), de 20 de janeiro de 1966*. São Paulo: Secretaria Geral da Universidade Mackenzie, 1966.

______. A*tas do Conselho Universitário (Consu), de 23 de setembro de 1970*. São Paulo: Secretaria Geral da Universidade Mackenzie, 1970a.

______. *Atas do Conselho Universitário (Consu), de 1 de agosto de 1970*. São Paulo: Secretaria Geral da Universidade Mackenzie, 1970b.

WÖLFFLIN, H. *Conceitos fundamentais de História da Arte*: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Foto de formatura da turma de 1962, em frente à Igreja de São Domingos (projetada em 1953 pelo Arquiteto e Professor Adolf Franz Heep), em São Paulo. A Arquiteta Maria Elena Merege (na fileira à frente, a segunda da esquerda para a direita), na ocasião da solenidade de formatura. Maria Elena é hoje professora de Paisagismo na FAU-Mackenzie.

Relato de uma trajetória[1]

Maria Elena Merege Vieira

1. O relato foi lido na mesa-redonda dos egressos das décadas de 1950 e 1960, evento organizado pela Direção da FAU-Mackenzie em 24 de março de 2017.

Se hoje é difícil reconhecer a relevância de conhecer nossas origens e saber aonde vamos em um mundo tão complexo, imagine como era há mais de 50 anos, quando eu só tinha 18 anos. Éramos 60 jovens em busca de um sonho: nos tornarmos arquitetos.

Aquele era um tempo muito bom – falo assim porque, para mim, faz muito tempo. Eu gostava muito de assistir às aulas, que praticamente se estendiam durante o dia inteiro, manhã e tarde.

O nosso trote foi peculiar; nós, calouros, deveríamos durante um mês andar com um bambolê, sempre que nos deslocávamos no *campus* até chegar à rua. O difícil era ir para casa, pois tínhamos de pegar ônibus com aquele bambolê. No entanto, a experiência valeu a pena, pois foram divertidas as estratégias que precisamos utilizar.

Quando iniciamos o curso, fomos apresentados a uma prancheta que deveria ser só nossa durante todo o curso. Começamos a estudar no "Castelinho" (Edifício Chamberlain) e só no último ano nos mudamos para o edifício Chamberlain. Éramos 60 alunos e fomos divididos em ordem alfabética em duas turmas de 30 alunos, A e B. Nos fins de semana, fazíamos festinhas no Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam), bailinhos. Cada aluno levava um prato de salgadinhos ou bebidas e todos dançavam.

Pelo fato de sermos poucos alunos, nos tornamos muito amigos (até casei com um colega de sala). Até hoje somos amigos e nos encontramos pelo menos uma vez ao ano.

Não posso me esquecer também de que foi na minha turma que entraram mais mulheres. Ingressaram 13 moçoilas em 1958, quando anteriormente entravam apenas duas ou três. Acho que inauguramos um novo tempo, com muitas dificuldades, para a mulher se inserir em uma carreira que era exclusivamente masculina.

E muito interessante foi comparar esse momento com o filme *Moonlight*, ganhador do Oscar 2017, passado na mesma década. Pude conferir que todos os problemas das mulheres lá apresentados eram os mesmos que passamos, acrescidos pelo preconceito da cor da pele: em especial, a luta da mulher para se posicionar na sociedade profissionalmente. Mas é muito bom recordar e sentir que valeu a pena.

Entretanto, o mais importante de todos os acontecimentos foi o contato com os nossos mestres que, sem dúvidas, eram especiais. Profissionais, arquitetos, engenheiros, o artista plástico Laszlo Zinner, advogados, cada um contribuía com o próprio conhecimento para a nossa formação. Nós, sem dúvida, aprendemos muito, pois aquela foi uma turma de ótimos profissionais, que em muito contribuíram para nossa sociedade.

Alguns mestres nos marcaram de forma especial, sobretudo os arquitetos, como o Franz Heep, que trazia uma nova experiência no ato de projetar; o Coroninha, que nos ensinou a desenhar de uma forma artística; o Caron; o Nolasco; o Andradinha com os desenhos a bico de pena; o Lobauer; o Zuccolo (que hoje é nome de uma ponte na Marginal Pinheiros) com seu concreto protendido (o terror dos que não gostavam de cálculos); o Golombeck, professor de mecânica de solos (esse marcou mesmo, pois fiquei de segunda época, mas estudei tanto que na prova tirei 9,0. Esse foi um feito e tanto); o Silvio Niskier; o Takeshi Suzuki; o Sergio Sonnino e o Elisario Bahiana, que, para mim, foi muito importante, pois o Elisario me deu a primeira aula de paisagismo, despertando a minha escolha de atuação profissional como arquiteta paisagista.

Um professor muito importante não só para mim, mas para todos que tiveram aula com ele, foi o engenheiro Serafim Orlandi, diretor da Faculdade de Arquitetura naquela época. Seus teodolitos para fazer as cartas topográficas são usados até hoje, pois sempre os vemos com os alunos espalhados pelo *campus*. E, para completar o conhecimento sobre topografia, fazia parte do nosso currículo uma ida, no fim do semestre, a um acampamento no sítio Cabuçu, de propriedade da Mackenzie. Ficávamos lá duas semanas, levantando o sítio o dia inteiro, e à noite fazíamos os cálculos, e muitas vezes a poligonal não fechava. Bom para recordar, mas na ocasião foi difícil.

Desenho artístico era uma disciplina que percorria o 1º, 2º e 3° anos (não semestres). Portanto, é fácil adivinhar porque provavelmente todos os senhores arquitetos que atuam ao meu lado, meus contemporâneos, em geral gostam de desenhar, e muitos são pintores, inclusive eu.

Algumas disciplinas tinham nomes bonitos, como "Estereotomia", que hoje, no word, é uma palavra não reconhecida. Ela significa técnica de dividir científica e regularmente materiais de construção (pedras, madeiras, cantarias etc.). Também tínhamos aulas em canteiros de obra no Serviço Nacional da Aprendizagem (Senac), na Vila Mariana.

Tudo isso que relatei e mais uma porção de nomes que a memória apagou foram, muito importantes para a minha formação profissional. Verificando o currículo daquele tempo, podemos observar que as disciplinas artísticas representavam 50% do curso e as técnicas, os outros 50%.

Claro que todas as disciplinas foram relevantes para a minha formação profissional, e, com o transcorrer do tempo, tenho certeza de que é a diversidade do conhecimento e da prática profissional que contribuem para acumularmos conhecimento.

Se pesquisarmos todas as disciplinas que naquele momento tivemos e as compararmos com as que são ministradas atualmente, verificaremos que elas apresentam os mesmos objetivos (a formação do arquiteto), mas a forma do aprendizado e de apreensão delas pelo aluno é muito diferente. Claro, só pode ser. Seria muito estranho se assim não fosse. O tempo com sua inexorabilidade passou, mudou, e com ele também mudamos, graças a Deus.

Estamos no século XXI, o que nos proporciona uma nova forma de vivenciar tudo o que acontece no planeta e, às vezes, até fora dele. Mas os anseios dos nossos jovens alunos são os mesmos: a busca do sonho de ser arquiteto.

Atualmente, temos, de uma forma muito mais fácil, todo o conhecimento à nossa disposição, é só saber digitar o que queremos no nosso celular, por exemplo. No entanto, o que mais gosto desse tempo é a possibilidade que ele oferece a todos, e não a poucos privilegiados. É preciso ir atrás daquilo que sonhamos.

Entretanto, quero deixar algumas palavras para os alunos que aqui estão: *Nunca vejam os problemas e os desafios como desvantagens, mas como fatos que nos levam a descobrir como maneiras de superar adversidades, e nunca deixem a sua moral mudar pela conveniência. Todos sabemos que, para manter o caráter, precisamos ter fé em Deus e muita coragem*.

E, finalmente, como ex-aluna (estou no Mackenzie desde 1955, quando ainda era uma menina), quero registrar a minha gratidão a essa entidade, por todos os anos aqui transcorridos, pela minha formação na Universidade Presbiteriana Mackenzie, assim como pela possibilidade de aumentar o meu conhecimento no mestrado e no doutorado.

Sem dúvida, é na universidade que mora o conhecimento, assim como a diversidade cultural e de pensamento, para a criação de uma sociedade mais justa, melhor e mais forte.

Na página anterior:

Sede Social do Clube Harmonia, São Paulo, 1964. Projeto dos Arquitetos Fábio Penteado (Mackenzie, 1953), Teru Tamaki (FAU-USP, 1961) e Alfredo Paesani (Mackenzie, 1954).

Na próxima página:

Maquetes dos alunos expostas no Laboratório de Maquetes, FAU-Mackenzie.

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA ACADÊMICA E ATUALIDADE (1980-2017)

Inauguração, em 1998, da Sala de Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI). Da esquerda para a direita, Profs. Mario Figueroa, Ruth Verde Zein, Denise Antonucci, Galba Osório (Coordenador de TGI), Jun Okamoto, Marcel Mendes, o então discente Paulo Olivato (Presidente do Dafam, hoje Professor na FAU-Mackenzie), Walter Saraiva Kneese (o então Diretor), Vera Osse, Francisco Spadoni, Pedro Paulo de Melo Saraiva e a discente Melissa Ribeiro (tesoureira do Dafam). Atrás, os Profs. Lauresto Couto Esher e Antonio Carlos Sant'Anna Jr.

O desenvolvimento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie nas décadas de 1980 e 1990

Roberto Righi, Luiz Guilherme Rivera de Castro, Silvio Stefanini Sant'Anna, Eleana Patta Flain

A FAU-Mackenzie é uma das cinco Faculdades de Arquitetura pioneiras do Brasil, a primeira do estado de São Paulo, fundada em 1947. O conhecimento mais apurado de sua história é fundamental para uma adequada valorização de sua memória e orientação de seu desenvolvimento futuro. Sua história está fundamentada na criação, em 1917, do Curso de Engenheiros-Arquitetos, junto à Escola de Engenharia Mackenzie, seguida, em 1947, pela fundação da Faculdade de Arquitetura.[1] No decorrer dos últimos 70 anos, as décadas de 1980 e 1990 foram pródigas em iniciativas, as quais tiveram grande repercussão em sua evolução no século XXI.

Este capítulo enfoca os aspectos mais relevantes para a compreensão dessas duas décadas. Inicia-se com o contexto da crise do desenvolvimento brasileiro e a efervescência cultural iniciada nos anos 1980, relacionada à renovação internacional da Arquitetura e Urbanismo e às mudanças provocadas pelo processo de abertura política que se iniciava. Na sequência, são apresentadas as principais reformas curriculares ocorridas na Graduação nas duas décadas mencionadas e a criação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo, que é brevemente relatada, pois será tema de capítulo específico posteriormente. São também apresentados a criação e o desenvolvimento de dois departamentos de grande relevância: o de Planejamento Urbano e Urbanismo, e o de Tecnologia. Finalmente, destacam-se as exigências de titulação e de qualificação do corpo docente nesses tempos de transição, com impactos na formação e no exercício profissional do Arquiteto e Urbanista.

O desenvolvimento brasileiro e a Arquitetura e Urbanismo nas décadas de 1980 e 1990

O Brasil sofreu, a partir de 1975, os efeitos danosos do choque do petróleo. Essa situação foi progressivamente se agravando até que, no decorrer das décadas de 1980 e 1990, ocorreu o advento de uma dramática crise. Uma sucessão de pacotes econômicos desastrosos acirrou as contradições sociais e o crescimento das taxas de urbanização provocadas por migrações e o inchaço das grandes cidades. A configuração social se alterou e a economia urbana informal cresceu. O Estado não pôde mais assumir de forma competente o seu papel. Principalmente, o Poder Federal mudou com a Constituição de 1988, que possuí caráter mais localista, em contraposição às Constituições anterio-

1. A periodização estabelecida no Projeto Pedagógico 2003 da FAU-Mackenzie para o histórico dessa unidade de ensino distingue três períodos: de 1917 a 1947; de 1947 a 1960; de 1960 a 1970; e de 1970 até os dias de hoje (i. e. 2003). (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2003, p. 18).

res, principalmente às da década de 1960. As mudanças no perfil da demanda de projetos arquitetônicos e de planos urbanísticos ocorreram com menor papel governamental. Tudo isso representava um imenso desafio para a atuação acadêmica e profissional dos Arquitetos e Urbanistas (RIGHI et al., 2002).

A Arquitetura adquiriu novas destinações e sua sustentação foi dirigida cada vez mais pela iniciativa privada, com crescente participação internacional. Os investimentos e o domínio de tecnologias avançadas por parte dos profissionais tornaram possível a sua distinção em um mercado altamente competitivo. A informatização progressiva dos processos de projetação tornou-se uma ferramenta necessária para a economia de tempo e a produção de maior quantidade de projetos a menores custos com mais qualidade, que se refletem na metodologia, na produção e na organização dos escritórios de Arquitetura. Também surgem novas demandas estético-formais, que acompanham as inovadoras demandas técnicas e de uso dos materiais (RIGHI et al., 2002).

Houve também, a partir de 1980, uma mudança paradigmática no desenvolvimento da Arquitetura brasileira, sobretudo da Arquitetura paulista. Verificaram-se mudanças dos referenciais teóricos, tais como: diversidade, heterogeneidade e pluralismo, resultantes da difusão do discurso crítico da pós-modernidade em oposição ao modernismo.

O Arquiteto em um mercado profissional na cidade global, em um país semiperiférico precisava refletir de forma crítica sobre a própria formação acadêmica e técnica. Naquele momento, ocorreu um forte aumento do número de profissionais, devido à proliferação dos cursos resultante do início do processo de privatização maciça do ensino universitário. A inserção profissional dos Arquitetos era, no início dos anos 1980 e 1990, principalmente no trabalho assalariado, contraposto ao profissional liberal do passado. Essa situação foi estimulada pela criação das empresas públicas e pelo crescimento das grandes consultorias e empreiteiras, que atuavam em prol do Estado no milagre brasileiro da década de 1970. No decorrer do período, houve a redução do papel do Estado. As realizações privadas privilegiaram o mercado em detrimento do sentido cultural e do atendimento das necessidades da sociedade como um todo.

As condições para a formação dos novos profissionais se agravaram com a explosão de muitos novos cursos particulares deficientes em corpo docente e instalações. Esse processo é acompanhado pelo sucateamento das universidades públicas, imersas na carência permanente de recursos e a perda acelerada de seus quadros docentes, devido à aposentadoria e aos baixos salários. Essa situação exigiu a rápida incorporação aos cursos de Arquitetura e Urbanismo de uma base consistente de conhecimentos históricos, de uma apreciação crítica das realidades sociais, econômicas e físico-ambientais e suas relações com o espaço construído, bem como uma inserção da universidade à realidade dos processos produtivos em aplicação (RIGHI, 2000).

Ao mesmo tempo que recentemente se vive essa crise profissional, a Arquitetura internacional apresenta profundas mudanças qualitativas. No Brasil, a repercussão do processo de mudança paradigmática é lenta e descontínua, geralmente acompanhada pela falta de compreensão de sua real extensão e natureza, devido ao isolamento e ao saudosismo, que levam à persistência de padrões superados de um lado e de outro, um forte formalismo acompanhado da falta de reflexão crítica, que resulta em uma atitude forte do mercado imobiliário e por um design elitizado e desprovido de significado social. É necessário colocar-se em sincronia com a produção cultural internacional e, ao mesmo tempo, refletir sobre as matrizes culturais nacionais, criando uma produção original e contemporânea, corretamente engajada historicamente (RIGHI, 2000).

Apesar da crise estrutural, a década de 1980 viveu a efervescência cultural na Arquitetura e Urbanismo

Inúmeros eventos na cidade de São Paulo reuniam arquitetos representantes da vanguarda para apresentar projetos de Arquitetura, e seus discursos eram inspirados nos textos de Aldo Rossi, Robert Venturi, Paolo Portoghesi,[2] entre outros. O contexto político também mudava com o enfraquecimento do Regime Militar, da censura e, finalmente, com as Diretas Já e a Constituição de 1988.

Apesar da flexibilização no regime político, ocorriam conflitos na comunidade acadêmica. Como exemplo, citamos a Moção nº 255 de 25 de agosto de 1983 do vereador Lauro Ferraz e de outros em solidariedade aos estudantes da Universidade Mackenzie na luta pela democratização da Universidade. A razão do problema foi a proibição da "Semana Charles Darwin" (CÂMARA MUNICIPAL, 1983).

Os estudantes de Arquitetura da FAU-Mackenzie eram presença garantida em eventos que traziam novas visões e paradigmas. O primeiro *must* de Arquitetura foi realizado no auditório da Fundação Getulio Vargas, entre 10 e 13 de junho de 1985, com a presença de arquitetos que teriam grande relevância no cenário das transformações, como Pitanga do Amparo, Marlene Acayaba, Sergio Prado, Anne Marie Sumner (que se tornaria professora da FAU-Mackenzie), e os egressos Carlos Bratke (Mackenzie, 1967), Roberto Loeb (Mackenzie, 1965), Tito Livio Frascino (Mackenzie, 1964) e Vasco de Mello (Mackenzie, 1964), ambos da Central de Projetos, e Vitor Lotufo, vários deles também professores. O congresso internacional "Cidades do Futuro", realizado no Palácio das Convenções do Anhembi, entre 26 e 30 de agosto de 1985, contou com a presença de Arquitetos estrangeiros, como Helge Bofinger, da Alemanha, Charles Moore, dos Estados Unidos, Yona Friedman, da França, Peter Cook, da Inglaterra, Alfonso Grassi, da Itália, Kenzo Tange, do Japão, Jorge Goldemberg, da Argentina, e brasileiros, como Oscar Niemeyer, Rosa Kliass, Roberto Burle Marx e o egresso da FAU-Mackenzie e eminente Arquiteto urbanista Jorge Wilheim (Mackenzie, 1952), entre outros.

2. Arquitetos e teóricos de grande relevância para a compreensão da Arquitetura nas décadas de 1960, 1970 e 1980: Aldo Rossi é o autor de *Arquitetura da cidade* (1966); Robert Venturi escreveu com a Arquiteta Denise Scott Brown obras seminais, tais como *Complexidade e Contradição em Arquitetura*, originalmente publicada em 1966, e ambos com Steven Izenour publicaram *Aprendendo com Las Vegas*, em 1972; Paolo Portoghesi é o autor de *Depois da Arquitetura Moderna (Dopo L'Architettura Moderna*, 1980).

Outro evento importante denominado "Tendências na Arquitetura Brasileira Contemporânea" realizou um ciclo de debates promovido e sediado pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (IAB-SP), entre 1º de setembro e 12 de outubro de 1988, com discussões sobre o futuro da Arquitetura.

Naquela época, na gestão da FAU-Mackenzie dirigida pelo Arquiteto Hoover Américo Sampaio (Mackenzie, 1954), realizada no biênio 1984-1986, houve a preocupação de incentivar e promover uma harmonia entre docentes e discentes por meio de trabalhos e concursos estudantis, garantindo o bom funcionamento do Curso.

Tudo isso agregava, fomentava os ideais e motivava os alunos a questionar e a elaborar uma produção acadêmica arquitetônica bastante incomum. Destaca-se a riqueza das apresentações inspiradas nos arquitetos mineiros, como Éolo Maia e Sylvio de Podestá,[3] que frequentavam a FAU-Mackenzie, a convite de alguns professores, e já influenciavam os alunos. O uso de cores e formas, o despojamento em relação à verdade do material, abrandando a ditadura do concreto armado, e a valorização da historicidade eram assuntos iminentes.

A consolidação da Avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini com os edifícios da construtora Bratke-Collet, projetados pelo Arquiteto Carlos Bratke, seguido pelo edifício de formas curvas revestidas de cerâmica de cor roxa, chamado "Terra Brasilis", dos Arquitetos Jorge Königsberger (Mackenzie, 1971) e Gianfranco Vannucchi (FAU-USP, 1975), reafirmavam o momento cheio de entusiasmo arquitetônico para a transformação da década de 1980. Esse entusiasmo se refletia nas apresentações das bancas de avaliação com as classes totalmente lotadas de colegas assistindo às apresentações do Trabalho Final de Graduação. Tal companheirismo não era cabotinismo, mas sim enfrentamento de posições por vezes opostas, que, sem dúvida, repercutiam no confronto de ideias de gerações que acontecia.

Um fato muito relevante desse movimento aconteceu em 1984, quando o Departamento de Projetos, sob a chefia do Professor Vasco de Mello, resolveu organizar com os alunos do quinto ano uma exposição no Museu da Imagem e do Som (MIS) com os melhores trabalhos finais de graduação. Essa exposição recebeu o nome "Próxima Paisagem", alusão feita à perspectiva de uma nova construção de cidade a ser realizada por jovens profissionais que ingressavam em outro momento de suas vidas. Esse evento ocorreu de 23 a 28 de abril de 1985 e a exposição foi um marco na história, porque deu origem a um concurso nacional de grande prestígio entre os alunos de último ano de graduação – o Ópera Prima. Também naquela ocasião foi prestada uma homenagem ao triste falecimento do Professor Joaquim Barreto (Mackenzie, 1967).

Dois anos depois, com os alunos da turma de 1986, outra exposição com o mesmo propósito aconteceu com os melhores trabalhos dos formandos da FAU-Mackenzie. Curiosamente, naquele ano foram acrescidos os melhores trabalhos dos estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Na página anterior:

MuBE – Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo, 1987. Projeto do Arquiteto Paulo Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954).

3. Arquitetos que representam uma produção arquitetônica e intelectual mineira, num momento em que se produziu um ambiente de renovação nas artes e na Arquitetura em Belo Horizonte, no final da década de 1970, em que se destaca a atuação de Éolo Maia e Sylvio Emrich de Podestá.

Banca de Trabalho Final de Graduação, anos 1980. Na foto, da esquerda para a direita, os Profs. Arquitetos José Carlos Ribeiro de Almeida (Zeca), Sami Bussab, Fabio Goldman, Tito Livio Frascino (atrás de Fabio) e Flavio Marcondes.

Essa exposição ocorreu no Museu da Casa Brasileira, entre os dias 23 e 26 de abril de 1987, com o nome "O Tombo na Mola". Naquela oportunidade, a presença de dois debatedores prestigiou o evento, que selecionaram e indicaram os trabalhos mais destacados: o Arquiteto Paulo Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954) e o jornalista Odon Pereira.

A partir de agosto de 1988, a *Revista Projeto* assumiu a organização desse importante evento, juntamente com o IAB – Nacional. Assim, outras escolas de Arquitetura passaram a participar da cerimônia apresentando sua melhor produção acadêmica. O evento ganhou prestígio e notoriedade no Brasil com o patrocínio de diversas marcas consagradas e passou a premiar os melhores trabalhos, transformando-se em um Concurso Nacional. Assim, pode-se dizer que a FAU-Mackenzie foi, de certa forma, o berço do Ópera Prima e, felizmente, tem sido premiada ou mencionada honrosamente na maioria das edições.[4]

Hoje, o concurso Ópera Prima encontra-se em sua 27ª edição e possui abrangência nacional. É inegável sua origem nas ideias dos professores do último ano da Graduação da FAU-Mackenzie, chefiados pelo professor Vasco de Mello e acompanhados dos professores Sami Bussab (Mackenzie, 1964), Tito Livio Frascino, José Carlos Ribeiro de Almeida (Mackenzie, 1964), Flávio Marcondes (Mackenzie, 1966), entre outros docentes do Departamento de Projeto.

4. O Capítulo "A contribuição da FAU--Mackenzie nos concursos de Arquitetura e Urbanismo" apresenta um quadro que relaciona todos as premiações recebidas pelos estudantes da FAU-Mackenzie no Concurso Opera Prima.

Mudanças curriculares e estruturais a partir de 1980 do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Para compreender as mudanças no currículo e a estrutura da FAU-Mackenzie no decorrer do período de 1980 a 2000, é necessário o destaque de alguns elementos precursores. Em primeiro lugar, a Reforma Universitária de 1969 empreendida pelo Governo Federal trouxe repercussões à estrutura do Curso da FAU-Mackenzie, caracterizando um período de transformações.

De acordo com o Projeto Pedagógico de 2003:

> No início da década de setenta, a Universidade Presbiteriana Mackenzie implantou a reforma universitária preconizada pelo Ministério da Educação e da Cultura, criando o Ciclo Básico composto de um conjunto de disciplinas de fundamentação no 1º ano com Coordenação autônoma, independente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo restrita aos 4 anos subsequentes.
>
> As disciplinas da Faculdade pertenciam a um único departamento, o Departamento de Arquitetura, posteriormente denominado Departamento de Pesquisas Arquitetônicas, uma vez que a denominação não deveria ser a mesma da Faculdade, pois a estrutura era departamental.

O seu primeiro regimento foi aprovado em 1975 e se destacam os seguintes artigos:

Art. 2º – O Departamento é vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e criado pela forma prevista no Regimento Geral; é responsável pelo ensino e pela pesquisa relativamente às disciplinas que lhe estejam afetas, em nível de graduação, Pós-Graduação, de especialização, aperfeiçoamento, atualização ou extensão.

Art. 6º – O Departamento é integrado por todos os professores titulares, professores adjuntos e professores assistentes em exercício efetivo de suas funções nas disciplinas abaixo listadas:

Teoria da Arquitetura I, II, III / Planejamento AI, AII, AIII, AIV, BI, BII, CI, CII[5] / Perspectiva A, B / História da Arquitetura I, II / Arquitetura de Exteriores / Arquitetura de Interiores / Arquitetura no Brasil / Projeto I, II, III, IV / Arquitetura / Urbanismo / Composição.

Art. 15 – O Departamento tem as seguintes sequências básicas:

Sequência de Projeto / Sequência de História / Sequência de Planejamento e Urbanismo / Sequência de Teoria da Arquitetura.

Art. 21 – Cada sequência é coordenada por um professor pertencente ao Departamento indicado pela Sequência e referendado pelo Departamento.

Pelo regimento observa-se que apenas um único Departamento da Faculdade possuía todas as atribuições da Faculdade porém limitado operacionalmente pela estrutura composta de apenas um professor Chefe e quatro Coordenadores de Sequência. (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2003, p. 25-26).

É importante salientar que, no período de 1980 a 2000, ocorreu a ampliação do número de vagas do Curso, de 100 alunos ingressantes por ano no final da década de 1970 para 200 ingressantes por semestre para os períodos matutino e vespertino, com a correspondente ampliação no corpo docente; além da passagem do Curso para periodicidade semestral em 1990.[6] Em setembro de 1980, a Faculdade de Arquitetura oferecia os seguintes cursos e vagas para o vestibular de 1981: Arquitetura curso matutino, 100 vagas; Arquitetura curso noturno, 100 vagas, Comunicação Visual vespertino, 50 vagas; Desenho Industrial vespertino, 100 vagas; Artes Plásticas vespertino, 30 vagas.[7] Em 1980, formaram-se 79 alunos integrantes da primeira turma do curso noturno, que, a partir de 1989, transformou-se em curso vespertino, extinto em 1991 (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2003, p. 23).

A ampliação do corpo docente nos primeiros anos da década de 1990 foi resultante da melhoria da relação aluno-professor: em projeto, de 25 para 15 alunos por professor, ocorrida em 1994. Na ocasião, a direção da FAU-Mackenzie era conduzida pelo Prof. Roberto Righi.

5. Resta elucidar quais dessas disciplinas de Planejamento referem-se ao campo de conhecimento do planejamento urbano e regional e do urbanismo, distinguindo-se de outros aspectos do planejamento do ambiente construído.

6. A aprovação do regime semestral está registrada na Ata da Reunião do Cepe de 7 de fevereiro de 1990.

7. Conforme Ata do Conselho Universitário (Consu) de 1º de setembro de 1980. Note-se que em princípios da década de 1980 cria-se a Faculdade de Comunicações e Artes, com a migração de parte dos cursos da Faculdade de Arquitetura.

Estádio do Canindé, Associação Portuguesa de Desportos, São Paulo, 1969. Projeto do Arquiteto Hoover Américo Sampaio (Mackenzie, 1954).

Para melhor compreender esse complexo período, cumpre aprofundar alguns aspectos. Em 1988, ocorreu a passagem do currículo do Curso anual para semestral. Justamente naquele final de década, aconteceram uma mudança disciplinar e uma redução da carga horária do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Comparando os dados de 1988 e do período 1992-1994, é possível verificar uma perda de 480 horas/aula correspondentes a 96 horas/ano em média (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 1994). A alteração quantitativa não foi tão grave quanto a qualitativa, consequência da redução mais acentuada nas disciplinas de formação, responsáveis pelo amadurecimento teórico e intelectual (VIANA, 1997).

No início da década de 1990, o Curso de Arquitetura já possuía 75 vagas matutinas e o mesmo número de vagas vespertinas, como atesta o vestibular do primeiro semestre de 1992, segundo a Ata nº 25 do Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe) da UPM, de 07 de agosto de 1991, que foi mantido igual no segundo semestre de 1993, conforme a Ata nº 35 do Cepe, de 7 de abril de 1993. Para o segundo semestre de 1995, o número de vagas passou para 100 no matutino e 75 no vespertino, conforme a Ata nº 49 de 2 de agosto de 1995 do Cepe.

O currículo do Curso de Graduação semestral apresentado na Bienal de Arquitetura de 1994 (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 1994), ocasião em que a FAU-Mackenzie foi reputada como uma das cinco faculdades pioneiras do Brasil, era composto por dez etapas, a saber:

> 1ª etapa (9 disciplinas)
>
> Metodologia Científica; Fundamentos de Física Geral; Matemática e Estatística; Projeto I; Expressão no Plano A 1 (Desenho); Representação Gráfica e Desenho Técnico aplicado à Arquitetura e Perspectiva I; Geometria Descritiva; Teoria da Arquitetura I; e Teoria da Informação; e Percepção I.
>
> 2ª etapa (10 disciplinas)
>
> Topografia I; Materiais e Técnicas de Construção I; Estudos de Problemas Brasileiros I; Projeto II; Resistência dos Materiais e Estabilidade das Construções I; Expressão no Plano A II (Desenho); Representação Gráfica e Desenho Técnico Aplicado à Arquitetura e Perspectiva II; Estética e História da Arte I; Evolução Urbana; Teoria da Arquitetura II; e Teoria da Informação e Percepção II.
>
> 3ª etapa (11 disciplinas)
>
> Materiais e Técnicas de Construção II; Topografia II; Estudo de Problemas Brasileiros; Higiene da Habitação I; Projeto III; Expressão no Espaço (Maquete) I; Resistência dos Materiais e Estabilidade das Construções II; Planejamento Urbano I; Estética e História da Arte II; Teoria da Arquitetura III; e História da Arquitetura I.

4ª etapa (10 disciplinas)

Sistemas de Construção I; Materiais e Técnicas de Construção III; Computação na Arquitetura I; Higiene da Habitação II; Projeto IV; Expressão no Espaço (Maquete) II; Expressão no Espaço (Plástica) I; Concreto Armado I; Planejamento Urbano II; Teoria da Arquitetura IV; e História da Arquitetura II.

5ª etapa (11 disciplinas)

Materiais e Técnicas de Construção IV; Sistemas de Construção II; Instalações Hidráulicas I; Instalações Elétricas I; Projeto V; Expressão no Espaço (Plástica) II; Estruturas de Metal/Madeira I; Concreto Armado II; Planejamento Urbano III; Teoria da Arquitetura V; História da Arquitetura III; e Arquitetura no Brasil I.

6ª etapa (11 disciplinas)

Materiais e Técnicas de Construção V; Instalações Hidráulicas II; Instalações Elétricas II; Projeto VI; Arquitetura de Interiores I; Estrutura de Metal/Madeira II; Planejamento Urbano IV; Paisagismo I; Teoria da Arquitetura VI; História da Arquitetura IV; e Arquitetura no Brasil II.

7ª etapa (10 disciplinas)

Higiene e Saneamento I; Projeto VII; Arquitetura de Interiores II; Supervisão de Estágios I; Sistemas Estruturais I; Mecânica dos Solos I; Desenho Industrial na Arquitetura I; Paisagismo II; Planejamento Urbano V; e Estudos Socioeconômicos.

8ª etapa (11 disciplinas)

Higiene e Saneamento II; Ecologia; Computação na Arquitetura II; Projeto VIII; Arquitetura de Interiores III; Supervisão de Estágios II; Sistemas Estruturais II; Mecânica dos Solos II; Desenho Industrial na Arquitetura II; Planejamento Urbano VI; e Estudos Socioeconômicos.

9ª etapa (4 disciplinas)

Projeto IX; Prática Profissional (Legislação) I; Organização e Administração I; Planejamento Urbano VII.

10ª etapa (4 disciplinas)

Projeto X; Prática Profissional (Legislação) II; Organização e Administração II; e Planejamento Urbano VIII.

Quanto ao conteúdo das disciplinas, ocorreram mudanças progressivas e lentas ao longo dos anos desde a reforma universitária dos anos 1970, preconizada pelo Ministério da Educação e da Cultura (MEC). O ciclo básico com coordenação autônoma independente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo já não existia mais, mas a primeira e a segunda etapas, ainda em 1984, eram compostas de disciplinas de fundamentação do antigo primeiro ano.

O forte peso das disciplinas tecnológicas permaneceu em 1994, com a presença explícita da Escola de Engenharia em cerca de 30 disciplinas tradicionais e algumas poucas com conteúdos novos de informática e administração, ou seja, ⅓ do número de disciplinas ministradas. O acúmulo das disciplinas nos oito primeiros semestres deve ser compreendido a partir das exigências legais do MEC, que impôs aos cursos de Arquitetura e Urbanismo um tempo de adaptação para novas reformas que reservassem os últimos dois semestres para a realização exclusiva do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI), oficializado na FAU-Mackenzie a partir de meados de 1995. A saída inicial para essa exigência seria a diminuição drástica da carga horária. A participação do Departamento de Planejamento Urbano e Urbanismo foi muito relevante, bem como o de História e Teoria na requalificação e atualização dos conteúdos das disciplinas, que se libertaram das formas anuais de desenvolvimento e avaliação.

Na segunda metade dos anos 1990, as mudanças e modernizações curriculares se aceleraram, especialmente para cumprir as exigências legais da Portaria nº 1.770 de 21 de dezembro de 1994, que fixou diretrizes curriculares e o conteúdo mínimo do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, bem como da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ambas do MEC. Como consequência, surgem diversas iniciativas. Já em 1994 foi promovida a viagem de estudos e o curso de extensão universitária "Arquitetura Vivenciada: as Cidades Planejadas Palmas (Tocantins) e Brasília". Na Ata nº 53 de 3 de abril de 1996 do Cepe é destacada a importância da informática para os arquitetos, propondo a criação de laboratório de informática e multimídia.

O crescimento do porte da FAU-Mackenzie, é expresso na Ata nº 55 de 7 de agosto de 1996 do Cepe, que registrou 1.430 alunos matriculados, enquanto a Universidade contava com 20.973 discentes. Na mesma reunião, é aprovada a nova regulamentação do TGI[8] por dois anos, já submetida ao Conselho Departamental da FAU-Mackenzie de 6 de agosto de 1995 e aprovada. Na sequência, é endossado na reunião nº 57 do Cepe de 16 de outubro de 1996 o acompanhamento pelos docentes de TGI I e II e Projeto IX e X, que deveria ser feito pelo mesmo docente do início ao término do trabalho por vantagens pedagógicas.

Na Ata nº 58 de 4 de dezembro de 1996 do Cepe é aprovada por unanimidade uma importante alteração curricular do Curso de Arquitetura e Urbanismo, já aprovada e encaminhada pelos Departamentos e o Conselho Departamental. Nela, são definidas medidas que mostram bem a situação, mas estão ainda muito distantes das que ocorrerão no final da década de 1990 e no início do século XXI. Elas envolviam: o aumento da carga horária de Projeto

8. À época, a coordenação do TGI foi atribuída ao Prof. Arquiteto Galba Osório.

Mural no 1º andar da Sede do IAB-SP, São Paulo, 1967. Projeto do Arquiteto Ubirajara Mota Lima Ribeiro (Mackenzie, 1954).

I de 6 para 8 horas semanais; a inclusão da Computação na Arquitetura III na 6ª etapa, com 3 aulas semanais; o incremento de uma aula prática por semana nas disciplinas de Teoria da Arquitetura I, II, III, IV, V e VI; e a inclusão de História e Teoria das Técnicas Retrospectivas na sétima etapa, com duas aulas semanais.

Também foram aprovadas medidas voltadas à extensão universitária, que foram concebidas com a proposta do Escritório Modelo de Arquitetura (Poema) como forma de adequação à Portaria nº 1.770 de 21 de dezembro de 1994, da Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo da Secretaria de Educação Superior (Sesu) do MEC, visando considerar o entorno social, econômico, mercadológico, que foi aprovado na reunião de 4 de junho de 1997 do Cepe.

No final do século XX, as mudanças se aceleraram. Entre outras providências, levaram à extinção dos Departamentos. Na reunião nº 73 de 7 de abril de 1999 do Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe), foi relatada nova reformulação e atualização do currículo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, assim expressa: a realocação de disciplinas entre disciplinas; a alteração da nomenclatura das disciplinas; alterações das emendas; exclusão de disciplinas da grade; inclusão de disciplinas. Toda essa profunda mudança era baseada no Projeto Pedagógico da Universidade, na Portaria nº 1.770 e dos relatórios da Comissão de Avaliação e Diagnóstico da Estrutura Curricular e do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da FAU-Mackenzie.

Na reunião seguinte, a de nº 74 de 2 de junho de 1999, foram discriminadas todas as mudanças a serem realizadas, as quais visavam a profunda alteração curricular, marcando a direção que foi impressa nos anos seguintes.

Década de 1990 – Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie: fundação e seus primeiros anos

Na década de 1990, ocorreram grandes transformações na FAU-Mackenzie. Certamente, a mais profunda e duradoura foi a aprovação e autorização da instalação do Curso de Mestrado para o imediato funcionamento, pela Reunião nº 19 de 8 de agosto de 1990 do Cepe. A proposta foi, em seguida, enviada para aprovação junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)[9] (RIGHI, 1990).

Sua existência é atrelada à implantação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* na UPM, que se demonstrava muito necessária. Na Reunião nº 43 de 3 de agosto de 1994 do Cepe discutiu-se o fato de a UPM ser criticada pela imprensa escrita por sua posição pouco lisonjeira no levantamento divulgado "A Qualificação do Corpo Docente das Universidades Brasileiras". A UPM replicou que os dados se referiam a informações coletadas entre 1984 e 1990, época em que os resultados da Pós-Graduação ainda não existiam, mostrando a urgência e a expectativa colocada na Pós-Graduação da Universidade.

9. O Prof. Dr. Roberto Righi esteve à frente da coordenação da Pós-Graduação nos primeiros oito anos de funcionamento. Um estudo mais aprofundado desta atuação é apresentado no capítulo dedicado à Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM.

O prenúncio da mudança na UPM como resultado do avanço da Pós-Graduação já era indicado no artigo de Darcy Ribeiro no *Jornal do Brasil*, de 26 de julho de 1993, "Darcy defende o domínio do saber moderno". Nele, o saudoso autor mencionava a UPM como exemplo de instituição séria e competente .

A decisão favorável ao reconhecimento foi muito importante para a história da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM, pois agregou a ela mais de dez anos de existência. Foi somente em 22 de setembro de 2000 que a Universidade teve sua proposta mais recente avaliada e recomendada pela Capes com conceito três para a implementação do Mestrado; no primeiro semestre de 2006, o Curso de Doutorado foi também recomendado, fato que levou a continuidade que levou à continuidade e a decisão retroativa tomada em 2012, quando os diplomas expedidos na primeira fase são reconhecidos (BRASIL, 2012).[10]

Criação do Departamento de Planejamento Urbano e Urbanismo

Grandes mudanças ocorreram nas décadas de 1980 e 1990 na FAU-Mackenzie. Em 1979, a faculdade passou a se chamar Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, traduzindo a ampliação do campo profissional e acadêmico. O Departamento de Planejamento e Urbanismo[11] foi criado no início da década de 1980, por iniciativa do Prof. Jairo M. Ludmer, com a participação de um pequeno grupo de professores, entre os quais se destacavam Celson Ferrari, Roberto Righi e Walter Vicente Silva. Esse processo foi devido a um desdobramento do Departamento de Pesquisas Arquitetônicas, cujo núcleo principal resultou no Departamento de Projetos Arquitetônicos. Nessa reforma, permaneceu inalterado o Departamento de História e Teoria da Arquitetura (RIGHI, 1990, p. 27).[12]

A extinção do ciclo básico ocorreu em 1988, sendo o primeiro ano de estudos reincorporado à estrutura da FAU-Mackenzie, implantando-se a sequência de disciplinas de Projeto de I a X vinculadas ao Departamento de Projeto. No período de reestruturação do Curso – que passa da periodicidade anual das disciplinas para a semestral –, ocorre o desdobramento das disciplinas anuais da sequência de Planejamento Urbano em oito disciplinas semestrais, iniciando-se no primeiro semestre do segundo ano (ou seja, no 3º semestre) e terminando no último semestre do Curso (10º semestre). A essa sequência são agregadas as disciplinas de Paisagismo I e II em substituição de Arquitetura de Exteriores na constituição do Departamento de Planejamento e Urbanismo.

Mudanças foram realizadas sucessivamente, com alterações paulatinas e sucessivas nos conteúdos programáticos das disciplinas. As modificações eram encaminhadas em reuniões de departamento com a participação dos professores das disciplinas. Ocorreu a introdução de novas questões e problemáticas, como os Estudos e os Relatórios de Impacto Ambiental. Em 1999, foram realizados dois encontros para o aprofundamento

10. No Capítulo "Mestrado e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo:uma história de sucesso" será relatada detalhadamente a história da Pós--Graduação *Stricto Sensu* da FAU-Mackenzie.

11. Conforme o Projeto Pedagógico de 2003: "Em 1979 a faculdade passou a se chamar 'Faculdade de Arquitetura e Urbanismo', traduzindo a ampliação do campo profissional e acadêmico. Em 1980 formam-se 79 alunos integrantes da 1ª turma do curso noturno, que a partir de 1989 transformou-se em curso vespertino. Em 1990 o curso foi reestruturado, passando a ser organizado de forma semestral" (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2003, p. 23). Há aqui uma sequência cronológica que necessita maior elucidação, pois mais adiante afirma-se que a estrutura semestral passou a vigorar a partir de 1990.

12. As disciplinas técnicas tradicionalmente ligadas às engenharias eram de responsabilidade do Departamento de Engenharia Civil, que não se vinculava à Faculdade de Arquitetura, seja em seus aspectos pedagógicos, seja em seus aspectos administrativos. O Departamento de Técnicas de Arquitetura foi criado e instalado apenas em novembro de 1998 por meio do Ato da Reitoria nº 13 de 25 de novembro de 1998, como se vê adiante (BRASIL, 2012, p. 31).

pedagógico no âmbito do Departamento de Planejamento e Urbanismo: o Programa de Aprofundamento Pedagógico, iniciado em 26 de março, e o I Encontro de Professores do Departamento de Planejamento e Urbanismo, ocorrido em 20 de maio, com o objetivo de discutir conteúdos e processos de aprendizagem relativos ao campo de conhecimento e atuação em Planejamento e Urbanismo.

O desenvolvimento de pesquisas vinculadas à constituição do Fundo Mackenzie de Pesquisa (MackPesquisa), bem como dos grupos de pesquisa e a consolidação da Pós-Graduação, com a regularização do Mestrado e finalmente Doutorado, em 2006, revestem-se de grande importância para a atualização temática e profissional da formação em Planejamento e Urbanismo.

A criação e a implementação do Trabalho Final de Graduação (TFG), em 2001, preenchendo o quinto e o último anos de formação com um conjunto de quatro atividades distintas em seu interior e a exigência de completar todas as demais disciplinas do Curso nos quatro anos iniciais ocorrem em processo concomitante ao deslocamento do início da sequência das oito disciplinas de Planejamento Urbano, do primeiro ao oitavo semestre, com a disciplina de Evolução Urbana permanecendo no segundo semestre. Assim, a sequência de disciplinas de Planejamento Urbano de I a VIII, em correspondência aos semestres respectivos do Curso, e a disciplina de Evolução Urbana (optativa) localizada no segundo semestre, até ali vinculadas ao Departamento de Planejamento e Urbanismo, passaram a vincular-se ao Eixo Temático de Urbanismo (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 2008, p. 2).

A difícil gênese e a breve existência do Departamento de Tecnologia

A FAU-Mackenzie sempre destacou-se em atividades que priorizam as técnicas de construção. Fato historicamente fundamentado na própria criação do Curso de Arquitetura, que se deu junto à Escola de Engenharia, em 1917, associada às suas bases protestantes, que priorizavam uma formação mais prática. Também com a intenção de reafirmar a posição de destaque da FAU-Mackenzie no mercado nacional e internacional, além de cumprir com as exigências legais contidas tanto na Portaria nº 1.770 quanto na Lei de Diretrizes e Bases do MEC, tornou-se necessária a criação do Departamento de Técnicas de Arquitetura.

O primeiro registro encontrado da tentativa de criação do Departamento de Tecnologia na FAU-Mackenzie foi a Ata nº 48 de 7 de junho de 1995 do Cepe. Porém, a matéria foi retirada de pauta sem explicações. Nova tentativa ocorreu na reunião nº 56 de 21 de agosto de 1996 do Cepe, que levou à aprovação imprópria e errônea do Departamento de Tecnologia e Construção Civil vinculado à Faculdade de Tecnologia, conforme denúncia do Professor Walter Saraiva Kneese, em Ofício de 2 de setembro de 1996 (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 1996). Novamente, em Ofício de 9 de outubro de 1997, o Professor Walter Saraiva Kneese entre outros, solicitou ao Magnífico Reitor reencaminhamento do processo de criação do Departamento de

Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo ao Cepe (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 1997). Outra vez, em 2 de março de 1998, o Diretor por ofício agradece o entendimento da solicitação, além da análise e parecer do Vice-Reitor Prof. Marcel Mendes. Anuncia também que a proposta estava em condições de retornar ao Cepe[13] (UNIVERSIDADE MACKENZIE, 1998).

Um dos objetivos da criação do Departamento de Técnicas de Arquitetura da FAU-Mackenzie era adequar as disciplinas da área técnica lecionadas na Faculdade aos anseios do Projeto Pedagógico e às novas legislações de ensino de Arquitetura. Assim, coordenava-se horizontal e verticalmente, de acordo com as especificidades de cada uma delas e em consonância com os interesses dos departamentos de Projetos Arquitetônicos, Planejamento e Urbanismo, e de Teoria e História.

Essa mudança visava fornecer aos futuros profissionais os conhecimentos e as habilidades típicas da profissão de Arquiteto e Urbanista, levando também em consideração o perfil desejado para o egresso da FAU-Mackenzie. As disciplinas do Departamento de Técnicas de Arquitetura foram estruturadas em três grupos: Tecnologia da Construção, Conforto Ambiental e Sistemas Estruturais. Houve ainda a modernização dos conteúdos programáticos e metodologias adotadas em sala de aula, para a integração horizontal e vertical da grade curricular dos demais departamentos, em consonância com o Projeto Pedagógico. As disciplinas correspondentes a cada grupo são apresentadas no quadro 1, a seguir.

Ressalta-se que outro objetivo do Departamento de Técnicas de Arquitetura era a criação do canteiro experimental. Sua intenção era colocar em prática a teoria desenvolvida em sala de aula, permitindo ao aluno contato com materiais e técnicas de construção. O canteiro experimental só foi inaugurado em 2014.

Os resultados obtidos com a criação do Departamento de Técnicas de Arquitetura foram positivos por diversas razões, por exemplo: alcançou-se autonomia em relação ao Curso de Engenharia Civil; a estrutura adotada para o novo modelo proporcionou maior integração entre as diversas disciplinas do recém-criado departamento, bem como destas com os demais departamentos da FAU-Mackenzie; decisões que afetavam o departamento e sua estrutura eram tomadas na própria unidade, visto que o departamento estava vinculado a ela; aumento do número de pesquisas desenvolvidas junto ao Curso de Pós-Graduação; aumento do número de professores doutores em áreas técnicas e afins, envolvidos com disciplinas e pesquisas relacionadas ao Departamento de Técnicas de Arquitetura, entre outras.

A existência do Departamento de Técnicas de Arquitetura foi, no entanto, curta, pois todos os Departamentos da FAU-Mackenzie foram extintos pela Comissão de Reestruturação Curricular, instituída pelo Reitor Cláudio Lembo, no início do século XXI.

Na página anterior:

Edifício João Calvino (antiga sede da Cia Nestlé, 1961), onde funcionam hoje salas de aula da Pós-Graduação (PPGAU FAU-Mackenzie), a Reitoria, Pró-Reitorias e outras instâncias administrativas acadêmicas da Universidade, em São Paulo. Projeto dos Arquitetos Alberto Botti (Mackenzie, 1954) e Marc Rubin (Mackenzie, 1955).

13. Finalmente, em Portaria da Reitoria nº 71 de 27 de novembro de 2001 foi designada a Profa. Eleana Patta Flain para exercer *pro-tempore* o cargo de Chefe do Departamento de Técnicas da Arquitetura, vinculado à FAU-Mackenzie.

Quadro 1 – Conjuntos de disciplinas do Departamento de Técnicas de Arquitetura, com sua denominação anterior e nova

Grupo	Denominação anterior	Denominação nova
TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO	Topografia I	Topografia para Arquitetos I
	Topografia II	Topografia para Arquitetos II
	Materiais e Técnicas de Construção I	Materiais e Técnicas de Construção I
	Materiais e Técnicas de Construção II	Materiais e Técnicas de Construção II
	Materiais e Técnicas de Construção III	Materiais e Técnicas de Construção III
	Materiais e Técnicas de Construção IV	Materiais e Técnicas de Construção IV
	Materiais e Técnicas de Construção V	Materiais e Técnicas de Construção V
	Higiene e Saneamento I	Saneamento Ambiental I
	Higiene e Saneamento II	Saneamento Ambiental II
	Sistemas de Construções I	Sistemas Construtivos Aplicados à Arquitetura I
	Sistemas de Construções II	Sistemas Construtivos Aplicados à Arquitetura II
CONFORTO AMBIENTAL	Instalações Elétricas I	Eletricidade Predial
	Instalações Elétricas II	Luminotécnica
	Instalações Hidráulicas	Instalações Hidráulicas e Sanitárias
SISTEMAS ESTRUTURAIS	Resistência dos Materiais	Elementos das Estruturas
	Estabilidade das Construções	Teoria e Técnicas das Estruturas Correntes
	Concreto Armado I	Concreto Armado Aplicado à Arquitetura I
	Concreto Armado II	Concreto Armado Aplicado à Arquitetura II
	Estruturas Metálicas e de Madeira	Estruturas Arquitetônicas de Metal e de Madeira
	Mecânica dos Solos I	Fundamentos de Geotecnia I
	Mecânica dos Solos II	Fundamentos de Geotecnia II
	Sistemas Estruturais I	Sistemas Estruturais Aplicados à Arquitetura I
	Sistemas Estruturais II	Sistemas Estruturais Aplicados à Arquitetura II

Fonte: Acervo de Eleana Patta Flain.

As novas qualificações do corpo docente

É importante assinalar a diversidade de formação e a crescente qualificação do corpo docente que progressivamente ocorreu, em especial nas décadas de 1980 e 1990. Esse importante processo de mudança se deu com a formação e a contratação de professores mestrandos e doutorandos. Essa nova dinâmica trouxe novas temáticas para a Graduação e a Pós-Graduação. Assim, junto com a qualificação dos professores existentes, houve contratação de novos docentes, integrando-os em uma complexa sinergia, com efeitos riquíssimos para a transformação qualitativa do capital intelectual da FAU-Mackenzie.

As estratégias de aperfeiçoamento contemplaram as mais diversas modalidades. Alguns professores desenvolveram importantes estudos na área de Urbanismo e do Planejamento Urbano, os quais eram provenientes da prática profissional ou da especialização acadêmica em Planejamento Urbano e Urbanismo em órgãos públicos e privados.[14] Também na década de 1990 passaram a lecionar na FAU-Mackenzie diversos arquitetos que participaram de projetos urbanos e de concursos urbanísticos de relevo.[15] Em outro grupo, estavam os jovens Arquitetos que desenvolveram estudos urbanísticos em nível de Pós-Graduação.[16]

É importante destacar que muitos desses professores participaram de disciplinas da sequência de Planejamento e Urbanismo, devido à expansão e à necessidade de atualização teórica e profissional. Também é importante acentuar o retorno, no sentido do aumento da diversidade de pensamento e como resgate do período repressivo, de alguns professores que foram convidados a voltar.[17]

A necessidade da crescente qualificação correspondeu também ao início do Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo ocorrido em 1990 e o seu desenvolvimento, já comentado.[18] Nela, foram introduzidos temas inovadores na área do Planejamento Urbano e Urbanismo, e Desenho Urbano. Nesse contexto estimulante, deram-se conjuntos de cursos, palestras e aulas viabilizadas pela contratação de professores que introduziram novas temáticas.

Essas novas abordagens envolviam a requalificação de áreas centrais, Desenho Urbano e operações urbanas, e professores e disciplinas no Curso de Pós-Graduação.[19] Partindo do trabalho do Professor Hans-Joachim Aminde, de Stuttgart (estudos de praças e novos espaços urbanos), em 1993 e 1994, foi estabelecido um intercâmbio com o Institut für Bauten Universität Stuttgart, para a realização de um *workshop* cujo tema era São Paulo – Anhangabaú. O laboratório durou dois anos, com a vinda de estudantes alemães, que trabalharam lado a lado com professores e estudantes da FAU-Mackenzie, permitindo a elaboração de projetos alemães e brasileiros. No lado alemão, as propostas eram mais fantasiosas, enquanto no brasileiro se desenvolveram técnicas inovadoras de desenho urbano contextualizado, de grande influência ulterior sobre as disciplinas de Planejamento Urbano e Urbanismo da Faculdade.

Nesse contexto, deve ser lembrada a participação de professores em diversos concursos e consultorias de projetos urbanos, por exemplo, no Concurso para um novo centro de São Paulo, 1996-1997:[20] o Projeto Eixo Tamanduathey,[21] em 1998.

Considerações finais

As transformações arquitetônicas e urbanísticas das décadas de 1980 e 1990 estão relacionadas às condições econômicas e sociais, por meio das novas exigências ditadas pela globalização e relação diferenciada entre o profissional e o mercado, exigindo projetos e obras de elevada qualidade formal, distinção estética e excelência tecnológica.

14. Podem-se enumerar nesta categoria os professores: Nadia Somekh, Silvana Zioni, Marcelo Bernardini, Angélica Tanus Benatti Alvim, Denise Antonucci, Luiz Ackel e outros.

15. José Magalhães, Roberto Righi, Héctor Vigliecca, José Paulo de Bem, Bruno Padovano e outros.

16. Angelica Tanus Benatti Alvim, Carlos Leite, Mario Figueiroa e outros.

17. Como: José Magalhães, Telésforo Giorgio Cristófani e outros.

18. Coordenado pelo Prof. Dr. Roberto Righi desde sua fundação até 1996.

19. Como: Vicente Del Rio e Bruno Padovano (Desenho Urbano), Paulo Bruna (Projetos Urbanos Contemporâneos); Hans Joachim Aminde, de Stutgart (estudos de praças e novos espaços urbanos).

20. Ganho pela equipe do Prof. Dr. Roberto Righi e dos Profs. José Paulo de Bem, José de Magalhães Jr. (Mackenzie, 1963), que contou com a colaboração da equipe do urbanista espanhol Eduardo Leira.

21. Que contou também com a participação dos Profs. Dr. Roberto Righi e José Paulo de Bem, na equipe do Arquiteto francês Cristian de Portzamparc e do Prof. José Magalhães., na equipe do espanhol Eduardo Leira.

No cenário urbano, destaca-se a estética formal e a técnica dos projetos de Arquitetura como um instrumento de competição empresarial. Esse fenômeno aprofundou-se em São Paulo, nas décadas de 1980 e 1990, associado ao processo de expansão imobiliária e à intensa verticalização.

As discussões que buscavam consolidar a transformação do paradigma modernista para o pós-modernismo já se esboçavam nas décadas anteriores, mas adquiriram força e profundidade nos anos 1980, devido à abertura política. Houve o desenvolvimento de importantes mudanças no currículo e na estrutura da FAU-Mackenzie no decorrer dos anos de 1980 a 2000, que buscavam estar sincrônicos com a Arquitetura e Urbanismo internacionais no contexto da sociedade brasileira.

Em 1979, houve a mudança para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que traduziu o novo comprometimento e a ampliação do campo profissional e acadêmico. Pouco tempo depois, por iniciativa de professores, criou-se o Departamento de Planejamento Urbano e Urbanismo, qualificando e consolidando essa intenção de melhoria da formação profissional dos alunos. A criação da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo em 1990 certamente foi a resposta mais intensa e persistente para esse clamor de atualização e inserção social. Infelizmente, o resultado do reconhecimento oficial tardou 22 anos, mas fez justiça ao empenho de todos que participaram dessa empreitada, que incluiu o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM entre os primeiros do país, fazendo repetir o pioneirismo do Curso de Graduação, que, neste ano de 2017, completa 100 anos de existência.

Apesar de sua breve existência, o Departamento de Técnicas de Arquitetura permitiu a autonomia da Escola de Engenharia na orientação mais adequada e a integração de diversas disciplinas associadas a esse novo departamento com outras inseridas em departamentos já existentes na FAU-Mackenzie.

Finalmente, a diferenciação e a crescente qualificação do corpo docente ocorreram progressivamente nas décadas de 1980 e 1990. Houve um processo de mudança com a formação e a contratação de professores, mestrandos e doutorandos, estimulado pela afirmação da pós-graduação nascente na segunda década. Essa nova dinâmica acadêmica trouxe novas temáticas para a graduação e principalmente para a Pós-Graduação. Também ocorreu junto com o desenvolvimento dos professores existentes a contratação de novos docentes uma complexa sinergia, riquíssima na modificação qualitativa do capital intelectual da FAU-Mackenzie.

Na página anterior:

Edifício Acal, São Paulo, 1974. Projeto dos Arquitetos Pedro Paulo de Melo Saraiva (Mackenzie, 1955), Sergio Ficher (FAU-USP, 1972) e Henrique Cambiaghi Filho (FAU-USP, 1973).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer Homologado, Despacho do Ministro. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 abr. 2012. Seção 1, p. 29.

CÂMARA MUNICIPAL de São Paulo. Seção de Protocolo. Moção nº 255 de 25 de ago. 1983 do Vereador Lauro Ferraz e outros em solidariedade com os estudantes da Universidade Mackenzie na luta pela democratização de sua universidade. 1983. Disponível em: <www2.camara.sep.gov.br/projetos/1983/00/00.OC.NA.00000CNAY.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

CURSOS FORMAM profissionais bem diferentes. *Folha de S.Paulo*, 2 out. 1997. Faculdades. Arquitetura e Urbanismo.

INSTITUT für Bauten Universität Stuttgart. *Relatório do intercâmbio com o Institut für Bauten Universität Stuttgart Workshop tendo como tema*: São Paulo – Anhangabaú. Stuttgart: IFBUS, 1994.

PROMON Engenharia. *Concurso Nacional de Ideias para um Novo Centro da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Promon, 1997.

RIGHI, R. Arquitetura moderna e contemporânea brasileira: exercício profissional e ensino. *Dynamis*, FURB, v. 8, n. 32, jul./set., p. 60-65, 2000.

______. Pós-Graduação da FAU-Mackenzie. Nascimento em 9 de agosto de 1990. *Drops*, 057.05, ano 12, jun. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.057/4378>. Acesso em: 7 jun. 2017.

______. *Uma ideia que deu certo*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1947-1997. Universidade Mackenzie. Organização Carlos Egídio Alonso. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1997.

RIGHI, R.; SIMÕES JR, J. G.; ABASCAL, E.; KATO, V.; CASTRO, L. G. R. de. *Análise crítica da arquitetura paulista nas décadas de 1980 e 1990* – Relatório Semestral da Pesquisa. J. G. L. G. São Paulo: Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2002.

RIGHI, R.; BENATTI, A. A. T.; BRUNA, G. C.; SIMÕES, Jr., J. G.; CASTRO, L. G. R. de. *Avaliação comparativa da formação e atuação profissional do urbanista no Brasil e em Portugal* – Relatório Final da Pesquisa. J. G. L. G. São Paulo: Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2011.

RIGHI, R.; CASTRO, L. G. R. de. A edificação como produto imobiliário no desenvolvimento da arquitetura contemporânea em São Paulo. In: DUARTE, C. R. (Org.). *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. (Contra capa). Rio de Janeiro: Proarq UFRJ, 2007.

UNIVERSIDADE MACKENZIE. *FAU – Ofício 02/09/1996, Prof. Walter Saraiva Kneese*. São Paulo: UPM, 1996.

______. *FAU – Ofício 09/10/1997, Prof. Walter Saraiva Kneese*. São Paulo: UPM, 1997.

______. *FAU – Ofício 02/03/1998, Prof. Walter Saraiva Kneese*. São Paulo: UPM, 1998.

______. *Painéis de apresentação da FAU-Mack na Bienal de Arquitetura de 1994*. Pesquisas, programação visual e textos: Carlos Eduardo T. Packer, Celso Lomonte Minozzi, Galba Ozório, Marcia Serra Ribeiro Viana, Maria Teresa S. e Breia, Monica Junqueira Camargo e Roberto Righi. São Paulo: Laboratório D-76, 1994.

______. *Projeto memória UPM*. Entrevista do Prof. Hoover Américo Sampaio, nov. 1997a.

______. *Projeto memória UPM*. Entrevista do Prof. Walter Saraiva Kneese, nov. 1997b.

______. *Projeto Pedagógico*. São Paulo: UPM, 2003.

______. *Projeto Pedagógico*. São Paulo: UPM, 2008.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1979 a 1980*. Nº 147 a Nº 167. São Paulo: UPM, 1998a.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1980 a 1981*. Nº 168 a Nº 191. São Paulo: UPM, 1998b.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1982 a 1984*. Nº 192 a Nº 234. São Paulo: UPM, 1998c.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1985 a 1986*. Nº 235 a Nº 253. São Paulo: UPM, 1998d.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1986 a 1987*. Nº 254 a Nº 271. São Paulo: UPM, 1998e.

______. Secretaria Geral. Conselho Universitário. *Livro de Atas de 1988 a 1990*. Nº 272 a Nº 291. São Paulo: UPM, 1998f.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1987 a 1990*. Nº 01 a Nº 21. São Paulo: UPM, 1998g.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1991 a 1993*. Nº 22 a Nº 39. São Paulo: UPM, 1998h.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1994 a 1998*. Nº 40 a Nº 58. São Paulo: UPM, 1998i.

Edifício Albatroz, São Paulo, 1960.
Projeto do Arquiteto João Kon
(Mackenzie, 1955).

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1998 a 1999*. Nº 59 a Nº 76. São Paulo: UPM, 2000.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 2000 a 2002*. Nº 77 a Nº 97. São Paulo: UPM, 2003.

______. *Regimento*: Anexos. São Paulo. Universidade Mackenzie, 1991.

______. *Catálogo Geral*: Setor de Artes e Comunicação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1992-1994.

VIANA, M. S. R. *Reflexões*: breve análise curricular. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1947-1997. Universidade Mackenzie. Organização Carlos Egídio Alonso. São Paulo: Universidade Mackenzie, 1997.

Semana Viver Metrópole, 2013. Atividades envolvendo alunos, professores e convidados na FAU-Mackenzie.

Arquitetura Mackenzie 100 anos | FAU-Mackenzie 70 anos
O início do século XXI[1]

Valter Caldana

Na FAU-Mackenzie, o século XXI começou mais cedo, lá pelos anos 1997, 1998, 1999. Podemos dizer que iniciou nas comemorações de seu cinquentenário ou antes, ainda, com a renovação dos quadros docentes levada a efeito paulatinamente a partir de meados da década de 1990.

Mas foi entre 1998 e 2002 que algumas das ações mais objetivas começaram a se materializar e a ganhar corpo, preparando as profundas modificações estruturais na organização da Escola, tanto administrativas quanto relativas ao processo de ensino-aprendizagem, que ocorreriam nos anos subsequentes.

Essas ações propostas pela direção da Faculdade[2] partiram de uma análise inicial que detectara a necessidade de rápida superação de três contradições na estruturação do ensino naquele momento: a pequena presença, a baixa autonomia e a pouca responsabilização dos estudantes pela própria formação; a excessiva fragmentação do Curso e, por fim, seu isolamento em relação ao universo nacional e internacional do ensino e pesquisa em Arquitetura e Urbanismo.

Como consequência dessa análise, colocaram-se em andamento, então, algumas ações, entre as quais podemos ressaltar a implantação do Trabalho Final de Graduação (TFG), das Atividades Paracurriculares de Atribuições Profissionais (Apap), o programa de internacionalização e a realização do Planejamento Horizontal de Disciplinas (PHD), que acabaram por se tornar preparatórias da elaboração de um novo Projeto Político Pedagógico que iria preparar o Curso e a Faculdade para as grandes transformações que já se faziam sentir e as que ainda estavam por vir na organização da sociedade, da economia e, por decorrência, da Arquitetura e Urbanismo e do seu ensino.

Na verdade, antes mesmo da implantação dos projetos citados, já ficara clara a necessidade de uma rápida revisão na grade horária e um ajuste nos horários de aulas.[3]

Colocar o matutino no período da manhã e o vespertino no período da tarde foi uma das primeiras tarefas naquele momento, de modo a viabilizar o aumento do número de vagas para 200 alunos por semestre e, principalmente, nivelar o Curso dos dois períodos, uma vez que principalmente o vespertino ainda se ressentia do fechamento do Curso noturno dez anos antes.

1. Em memória de Ladislao Szabo (1958-2007).

2. Gestão do professor Carlos Egídio Alonso, conhecido por Carlão, em suas duas atuações como diretor: 1999-2001; 2001-2005.

3. Essa reformulação foi efetuada por Carlos Egídio Alonso (Carlão) e Ladislao Szabo, então chefe do Departamento de Projeto e os demais chefes de Departamento.

4. A primeira chefe do Departamento de Técnicas foi a Profa. Ms. Eleana Patta Flain.

Cabe lembrar, por exemplo, que até então o horário de aulas do matutino se estendia, em alguns dias da semana, até o meio da tarde e o horário de aulas do vespertino, em dias alternados, se iniciava às 10h da manhã, herança de ajustes realizados ao longo dos anos anteriores em função dos novos horários e das disponibilidades do corpo docente.

Assim, fazendo jus ao pioneirismo que marcou sua existência desde o início do Curso, em 1917, e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em 1947, a primeira do estado de São Paulo e a segunda do Brasil, os últimos momentos do século XX não foram nem de contemplação, nem de preocupação com o *bug* do milênio. Ao contrário, foram de intensa movimentação e desejo de se rever, se reconhecer, se reinventar e se preparar com alegria e consistência para o futuro.

Liberdade, liberdade

Uma ação preliminar de grande importância para que projetos mais ambiciosos pudessem ser imaginados, e fundamental para que as providências imediatas a serem tomadas pudessem se concretizar, era a afirmação da identidade do Curso e a proclamação de sua independência definitiva no tocante aos conteúdos programáticos e à administração da grade horária.

Assim, antes mesmo de qualquer outra ação subsequente, realizou-se um esforço para a criação do Departamento de Técnicas Arquitetônicas, que passaria a reunir, sob o comando da FAU-Mackenzie, todas as disciplinas da área tecnológica ministradas no Curso, o que possibilitou, por exemplo, a primeira reorganização da grade horária. Dessa forma, essas disciplinas e seus professores passavam a ser responsabilidade da própria Faculdade.

A gestão da Faculdade, portanto, ficou responsável por seus conteúdos programáticos e instrumentos didático-pedagógicos, cuja atualização e adaptação à realidade da formação em Arquitetura e Urbanismo começaram imediatamente. Habilidades, competências e posturas passaram a ser definidas de acordo com as necessidades do Curso pelos Conselhos Departamental e Interdepartamental.[4]

Ainda que indelevelmente ligada à Escola de Engenharia Mackenzie, no seio da qual nasceu, cresceu e amadureceu, dela herdando seus valores éticos e seu gosto pela inovação, pelo conhecimento, pelo empreendedorismo, pela competição e por São Paulo, o desligamento completo, do ponto de vista administrativo, se colocava como uma necessidade imperiosa para os próximos passos a trilhar.

Se em 1947 a criação da Faculdade de Arquitetura significou a possibilidade de o Curso trilhar novos caminhos e ampliar seus horizontes, caminhando com as "próprias pernas", o que fez com graça e firmeza, naquele momento, já cinquentenária, a Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo finalizava seu processo de desligamento administrativo e didático-pedagógico da Escola de Engenharia, não como quem rompe uma amizade histórica, mas como uma filha que pega seus últimos pertences na casa dos pais e anuncia que pretende ganhar o mundo, mas sempre grata pela segurança da formação que teve.

Ganhar o mundo, ali, significava ousar alterar de forma radical, de raiz, a estrutura do processo de ensino de Arquitetura e Urbanismo no Mackenzie, com implicações ainda não completamente avaliadas. Significava colocar em andamento, ao menos, as ferramentas previstas para a superação das contradições detectadas.

Como será visto adiante, para a fragmentação excessiva do Curso, implantaram-se o Planejamento Horizontal de Disciplinas (PHD) e um novo Trabalho Final de Graduação (TFG). Para elevar o nível de autonomia e participação do estudante em sua própria formação, foram propostos o TFG e as Atividades Paracurriculares das Atribuições Profissionais (Apap). E, por fim, para superar seu isolamento, um intenso programa de relacionamento com outras escolas e com outros países.

O Planejamento Horizontal de Disciplinas (PHD)

O PHD foi, inicialmente, um programa de encontros plenários realizados com o intuito de melhor organizar a distribuição das disciplinas e seus conteúdos em cada semestre. Sobrecarga e sobreposição de avaliações, além de tarefismo, são preocupações necessárias e constantes em Cursos de Arquitetura e Urbanismo, que historicamente são maiores do que o tempo que lhes é destinado para a consecução de seus objetivos.

No entanto, com o estímulo da direção e o envolvimento de praticamente todo o corpo docente e da representação estudantil, esse programa de reuniões, encontros e plenárias foi capaz de ampliar sua abrangência e fazer emergir uma série de necessidades e contradições existentes no Curso de Arquitetura e Urbanismo, naquele momento ainda o único curso de Graduação abrigado na Faculdade.

A partir dessa série de encontros foi possível estabelecer um quadro geral do processo de ensino-aprendizagem existente na Faculdade, detectando suas virtudes e seus pontos fortes, mas também suas fragilidades, contradições e ameaças.

Num misto de análise Swot[5] e Planejamento Estratégico Participativo, com forte cunho intuitivo e até mesmo voluntarista em alguns momentos, o processo teve o mérito de agitar e energizar as discussões sobre o processo ensino-aprendizagem no corpo docente e em parcela importante do corpo discente.

Assim sendo, os encontros passaram rapidamente da pauta de discussão localizada nas questões relativas às etapas/semestres para, em seguida, ampliarem seus horizontes e

5. Análise utilizada para identificar pontos fortes e debilidades das organizações, oportunidades e ameaças. Ferramenta de planejamento estratégico (BASTOS, 2014).

Alunos do Curso de Arquitetura em aula
de marcenaria na FAU-Mackenzie, 2017.

assumirem a discussão de questões relativas à estruturação vertical dos conteúdos programáticos, assim como suas transversalidades, importantes para a formação do Arquiteto e Urbanista a qualquer tempo.

No tocante às sequências de disciplinas, à estruturação vertical, buscou-se detectar defasagens, sombreamentos e lacunas em conteúdos programáticos. Ajustá-los à escala crescente de complexidade, por exemplo, colocava em pauta a necessidade de fortalecer o ensino de Desenho Urbano na sequência de disciplinas de Projeto. Entretanto, ficava patente a necessidade de atualizar os conteúdos das disciplinas da área tecnológica, entre outras tantas questões levantadas.

Com relação à transversalidade, buscaram-se definir os pontos de encontro entre as várias matérias e escalas que compõem o Curso de Arquitetura e Urbanismo. A transversalidade, nesse caso, se dá, portanto, não apenas por haver pontos de contato que podem se dar em etapas diferentes, mas também em níveis diferentes. Tema caro e sempre presente nas discussões sobre ensino de Arquitetura e Urbanismo, já se fez presente sob diversas formas em vários cursos pelo Brasil e mundo afora. Foi possível, também, em determinado momento, avançar as discussões para os temas básicos porém fundamentais: o perfil do egresso, os objetivos a serem alcançados pelo Curso, quais as competências, as habilidades e as posturas a serem desenvolvidas e, por fim, quais metodologias de ensino seriam privilegiadas e incentivadas.

Sem esgotar nenhum desses temas, ao contrário, abrindo ainda mais o leque de visões e possibilidades, chegou-se a alguns consensos. O mais importante deles foi a reafirmação da valorização de nossa história e a de que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie é uma escola que tem no projeto sua peça estrutural mais sólida, sua espinha dorsal, como se disse à época. Essa definição foi preliminar para todas as demais que se seguiriam.

Entender o projeto e o projetar no seu mais amplo senso, desde o seu sentido técnico mais restrito e particular até o seu sentido mais amplo de conhecimento, de desenho, de desígnio, de desejo, sem subdimensionar ou se esquecer de sua grandeza política e social foi o desafio que nos colocamos. Afinal, projetar, como nos ensina Tomás Maldonado (1972, p. 29), é "a vontade de sobreviver, a necessidade de nos provermos das mais elementares estruturas que possibilitem afrontar a hostilidade repressiva da indigência".

No entanto, como já foi dito, antes mesmo de deflagrados os PHDs, já estava claro que, salvo alguns ajustes imediatos, as transformações pretendidas para a escola não seriam realizadas rapidamente, muito menos apressadamente.

Por isso, haviam sido definidos pela direção da escola os três eixos de atuação imediata, que deveriam mostrar resultados práticos com brevidade para sinalizar e anunciar as mudanças pretendidas.

6. O então Diretor da Faculdade, Carlos Egídio Alonso, foi candidato a presidente da Abea e tornou-se presidente da Unión de Escuelas y Facultades de Arquitectura de Latinoamérica (Udefal).

Saindo da toca: as relações interinstitucionais e a internacionalização

Peça estrutural para que o tripé de sustentação das alterações projetadas se materializasse, o rompimento do isolamento da Faculdade e do Curso decorrente dos modelos de ensino utilizados nas décadas anteriores era necessário.

Por serem transformações sobre as quais ainda não se tinha completa clareza, tampouco uma gama de exemplos suficientemente ampla para serem analisados em outras instituições – uma vez que o ensino superior, em especial o de Arquitetura e Urbanismo, passava por um momento de perplexidade e reorganização em todo o país –, estava claro que duas ações paralelas deveriam ser realizadas: de um lado, a preparação do terreno internamente, explicitando nossas deficiências e contradições, e, de outro, uma vasta pesquisa sobre experiências em outras instituições e países, o que também auxiliaria na superação do isolamento que já havia sido detectado.

Assim, a convite inicial da FAU-Mackenzie, prontamente encampada por outras instituições, uma série de encontros para discutir a estruturação do ensino de Arquitetura e Urbanismo no estado de São Paulo foram realizados entre 2000 e 2002, com a participação de algumas dezenas de cursos. Foram encontros que ocorreram mais de uma vez no próprio Mackenzie, na FAU Santos, na Anhembi Morumbi, em Ribeirão Preto, e na São Judas, entre outros locais. Por meio deles, buscou-se o aprofundamento de discussões sobre modelos de ensino, estrutura curricular, diretrizes curriculares nacionais e condições de oferta de curso, documento do Ministério da Educação e Cultura (MEC) com seus, à época, 82 quesitos. Dali chegou a ser articulada uma chapa, não vitoriosa, para concorrer à direção da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (Abea).[6]

Também experiências internacionais foram analisadas e data desse período o início, o embrião da política de internacionalização da escola, um sucesso até os dias de hoje, como se verá adiante. Os primeiros contatos com a Holanda (Eindhoven) e o Canadá (Winnipeg) foram de grande relevância para que se dimensionassem as "ousadias" pretendidas. Cabe destacar que essas conexões se desenvolveram, como se dá até hoje, a partir de contatos preliminares e relações pessoais de membros do corpo docente da Escola, o que é vital para sua agilidade e eficácia.

No contexto da estratégia de superação do isolamento, um marco: a XIX Conferência Latino-Americana de Escolas e Faculdades de Arquitetura (Clefa), realizada em 2001.

Realizada a cada dois anos em um dos países que integram a América Latina e o Caribe, é promovida pela Unión de Escuelas y Facultades de Arquitectura de Latinoamérica (Udefal) e patrocinada pela Unión de Universidades de América Latina y el Caribe (Udual). Seu principal objetivo é discutir o aprimoramento, a reavaliação e a atualização do sistema de ensino da Arquitetura, a formação do arquiteto contemporâneo e a integração dos povos latino-americanos e caribenhos. Procura ainda promover um efetivo intercâmbio de co-

nhecimentos científicos e artísticos, e trocas de experiências nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão. Ou seja, realizar a Clefa no Mackenzie e receber escolas de Arquitetura e Urbanismo de toda a América Latina, incluindo da Califórnia, era um passo ambicioso, mas que, se vitorioso, aceleraria fortemente o processo de rompimento do isolamento, inserindo a Faculdade e o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo no cenário internacional do ensino de Arquitetura e Urbanismo.

Como não poderia ser de outra forma, o tema central escolhido foi "A formação do arquiteto e a integração latino-americana", e o evento se deu com enorme sucesso, mobilizando professores e alunos e recebendo representações de dezenas de países. O duplo objetivo de fazer um evento grande e produtivo e nos inserir em um ambiente de rede e troca de experiências estava cumprido.

Ainda no âmbito internacional, na sequência, com apoio da Universidade e da Mantenedora, o Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM), foi possível organizar um ágil e consistente programa de mobilidade estudantil com foco não apenas no envio de estudantes ao estrangeiro, mas também no recebimento de discentes vindos de outros países. Vale destacar que a presença em sala de aula e nas demais atividades do Curso de alunos de instituições de ensino estrangeiras aperfeiçoa os esforços e abre os horizontes de todos os colegas que possam ali com eles conviver.

Esse programa hoje é modelo para toda a Universidade e já conta com o intercâmbio de alunos de Graduação e Pós-Graduação, além de ter formado duas duplas titulações em nível de Doutorado, com a Bélgica e com a Itália.[7]

Envolvimento, vivência e repertório: as Apap

Mais que uma necessidade, a superação de uma contradição.

Assim foram tratadas a pequena presença ativa dos estudantes em sala de aula e na escola de modo geral, pouca autonomia e responsabilização pela própria formação e o nível cultural geral, e não o específico, intelectual e crítico oferecido e aferido no processo de formação do jovem Arquiteto e Urbanista cidadão.

Uma das saídas encontradas foi a implantação, pelo Curso, de um programa de estímulo ao aluno, para que ele mantivesse um grau mais elevado de participação nas atividades culturais e profissionais inerentes à sua formação ocorridas na Universidade e, principalmente, fora dela.

Afinal, esta era a contradição: um profissional necessariamente crítico, humanista e com uma visão ampla e variada do mundo não poderia ficar preso à sala de aula, nem se poderia imaginar que toda a sua formação ali se encerraria.

7. As discentes Eliana Rosa de Queiroz Barbosa (orientanda da Profa. Dra. Nadia Somekh) e Mariana de Souza Rolim (orientanda do Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota) realizaram estágios de Doutorado Sanduíche com Bolsa Capes/PDSE e cotitularam-se, respectivamente, em 2016 e 2017, co-supervisionadas por docentes da Universidade Católica de Leuven (Bélgica) e Università di Studi di Ferrara. Foram as primeiras duplas-titulações da UPM.

Escola viva: alunos em suas atividades diárias no saguão da Faculdade.

Sendo o desenvolvimento de competências, habilidades e postura três dos elementos estruturadores do processo de ensino-aprendizagem, de imediato ficou definido que o objetivo não era discutir, então, a composição do repertório técnico do aluno, considerado bastante elevado e de bom nível; tampouco discutir o desenvolvimento de suas competências pela estrutura do Curso, também de alto nível. Tratava-se, sim, de verificar o desenvolvimento de suas habilidades e, sobretudo, sua postura.

Indelevelmente ligada à sua formação cultural, entendida *amplo senso*, a formação da postura do aluno diante do conhecimento, da sociedade, da cidade deveria passar por uma vivência mais ampla do cenário cultural e profissional ao seu redor. Surgia, assim, outro projeto inovador no âmbito da Universidade e também ainda pouco utilizado na estrutura da maioria dos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, as Atividades Paracurriculares de Atribuições Profissionais (Apap).[8]

Hoje presente em boa parte dos cursos e chamada de forma reducionista de Atividades Complementares, as Apap nasceram para estimular os estudantes a desenvolver atividades fora da sala de aula e além do ambiente seguro e muitas vezes ascético da universidade. Mais do que simples atividades complementares, em geral passivas, em que o estudante colhe informações ou conhecimentos já formatados e prontos, em sua proposta estava incluída, ao contrário, uma estreita ligação com as atribuições profissionais, com o empreendedorismo e, ambiciosamente, com a pesquisa e a produção de conhecimento.

Por isso, a versão implantada partia do princípio de que a formação da postura do aluno diante do conhecimento, da cidade e de suas responsabilidades sociais individuais e coletivas deveria passar pelo aprofundamento de seu conhecimento e de sua vivência no campo das artes, das viagens culturais, dos estágios profissionais e acadêmicos, da iniciação científica, do trabalho voluntário, do empreendedorismo e de um sem-número de outras experiências que poderiam ser relatadas, registradas e analisadas criticamente.

> A Apap, Atividades Paracurriculares de Atribuições Profissionais, é uma atividade idealizada, estruturada e implantada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
>
> É um experimento novo no ensino, particularmente dos arquitetos e urbanistas. Possui objetivos didáticos específicos contribuintes à formação do cidadão e ao futuro profissional.
>
> Trata-se de promover a complementação da formação profissional através da realização de atividades, reais ou simuladas, em vivências profissionalizantes e eventos extracurriculares e complementares fora dos horários curriculares do estudante participante do sistema.
>
> A completa conclusão da atividade Apap é condição obrigatória a todos os estudantes para graduarem-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie em conformidade com o Parágrafo Único, Art. 14°, Cap. V do Regulamento Apap. (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2017).

8. O responsável pela estruturação das Apap foi o Prof. Ms. Wagner Amodeo.

9. Regulamento Apap, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, 2017.

Fica claro, neste momento, que dois dos vários pilares fundamentais para a estruturação de um novo modo de ensinar e aprender Arquitetura e Urbanismo para a formação do aluno no século XXI estavam lançados. Os objetivos das Apap[9] registram vários deles, como se veem:

- Promover e fortalecer a formação profissional do estudante por meio de atividades realizadas fora do horário normal das aulas.
- Promover condições ao estudante de vivenciar experiências diversificadas e enriquecedoras para a sua formação profissional e ampliar sua visão quanto às oportunidades do exercício profissional.
- Promover uma melhor interdisciplinaridade do conhecimento.
- Propiciar uma maximização dos objetivos didáticos do Curso, favorecendo a orientação dos professores.
- Motivar, no estudante, o hábito da aprendizagem constante mesmo após a graduação.
- Promover condições de participação do corpo docente e de todos os discentes em atividades relacionadas à graduação, à extensão universitária e à pesquisa.
- Motivar, no estudante, o hábito do estudo e da busca de experiências contribuintes para a sua formação profissionalizante, além das oferecidas no currículo da faculdade.
- • Propiciar o estímulo à participação em atividades para o desenvolvimento do ensino e da profissão.
- Motivar, no estudante, o hábito da participação em atividades culturais.
- Propiciar condições para a conscientização da responsabilidade social do profissional arquiteto e urbanista, inclusive com participação em entidades e organizações não governamentais e similares.
- Estimular ações comunitárias.

É possível notar que há, de um lado, a possibilidade de organizar o conhecimento por matérias, e não apenas por disciplinas, inter-relacionando-o de modo transversal e baseado no tripé ensino, pesquisa e extensão, como previsto em nossa Constituição Federal de 1988; e, de outro, o reconhecimento da importância das atividades fora da sala de aula na formação do estudante, em que expressões como interdisciplinaridade, aprendizagem constante – hoje chamada de formação continuada –, extensão universitária, pesquisa, conscientização da responsabilidade social e participação em atividades culturais ganharam materialidade e consistência no processo de ensino-aprendizagem.

Conjuntura de mudanças

Ainda no âmbito das decisões estratégicas tomadas no início de todo o processo, no século passado, uma delas foi a de que as transformações estruturais na Faculdade e no Curso de Arquitetura e Urbanismo deveriam passar a valer imediatamente, como já se viu, e, no âmbito do ensino, as mudanças deveriam começar pelo quinto ano para depois serem implantadas no primeiro ano e, em seguida, no restante do Curso. Alteradas as duas pontas, o que se esperava é que a transformação das etapas intermediárias, ainda que demorasse um pouco mais, ocorreria com menor resistência e mais eficiência, o que de fato aconteceu na década seguinte.

No âmbito nacional, foram realizadas pesquisas intensas nos marcos legais estruturadores do ensino superior e de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996; o Plano Nacional da Educação, de 2001; e as Diretrizes Curriculares Nacionais de Arquitetura e Urbanismo.

> O que se vive é um movimento de transição na realidade ainda mais complexo do que mostram seus dados quantitativos. Entende-se aqui que o foco da questão não esteja no número de profissionais, mas sim em como e para quem este profissional irá prestar serviço, o que tem ligação direta e inequívoca com o ensino, sua estrutura, seus paradigmas conceituais e seu posicionamento ideológico.
>
> Esta expansão dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil provocou o recrudescimento do debate sobre o ensino e a formação do arquiteto, sobretudo quando observada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. (BRASIL, 1996).
>
> Em seu Capítulo IV – Da Educação Superior, no inciso II do artigo 43, a LDB estabelece que uma das finalidades da educação superior é "formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua" [...] e "suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração".
>
> A estas determinações segue-se, no artigo 48, que "os diplomas de cursos superiores reconhecidos, quando registrados, terão validade nacional como prova da formação recebida", que se combina com o artigo 53 inciso II, que estabelece que cabe às universidades, no exercício de sua autonomia, "fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes".[10]

10. O Parecer CNE/CES nº 67, de 11/03/2003 (BRASIL, 2003), eliminou a exigência de currículos mínimos nacionais.

Montagem de instalação no Laboratório
Canteiro Experimental da escola, 2017.

> Complementando as disposições da LDB, em 2001 foi promulgado o Plano Nacional de Educação – PNE, com os objetivos, entre outros, de promover "a elevação global do nível de escolaridade da população; a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis; a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública, e democratização da gestão do ensino público [...]".[11]
>
> Para a educação superior, entre outros vinte e três objetivos, se destaca: "Estabelecer, em nível nacional, diretrizes curriculares que assegurem a necessária flexibilidade e diversidade nos programas de estudos oferecidos pelas diferentes instituições de educação superior, de forma a melhor atender às necessidades diferenciais de suas clientelas e às peculiaridades das regiões nas quais se inserem.[12] (CALDANA, 2005, p. 88).

11. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 (BRASIL, 2001), que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE).

12. Contribuiu para este levantamento o parecer CNE/CES nº 329/2004 (BRASIL, 2004), sobre a carga horária mínima dos cursos profissionalizantes no Brasil, aprovado em 11 de novembro de 2004, dos relatores Edson de Oliveira Nunes e Antônio Carlos Caruso Ronca.

Ainda que elaboradas simultaneamente, diversidade, flexibilidade, autonomia estudantil, formação crítica e aperfeiçoamento cultural passam a ser palavras-chave na política pública oficial, e já se tornaram preocupações inerentes aos projetos em andamento na FAU-Mackenzie.

Assim, paralelamente à realização das plenárias do PHD e às alterações pontuais em disciplinas, foi realizada, entre 2000 e 2001, a implantação do Trabalho Final de Graduação (TFG), sucessor do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI), que foi também uma experiência didático-pedagógica peculiar da FAU-Mackenzie, iniciada no final dos anos 1980.

TFG, o maior experimento

De início, foram definidas, então, algumas questões estratégicas e estruturais do novo Curso que se tornaram balizadoras do projeto do quinto ano, como o novo TFG. Foram também pauta para as discussões do PHD: organização de matérias e disciplinas com a otimização de recursos humanos e materiais; autonomia (hoje chamada de protagonismo) estudantil; introdução da experimentação como instrumento importante do processo de ensino-aprendizagem; e ampliação da abrangência cultural e aprofundamento teórico e crítico da formação dos alunos.

A primeira ação e também a primeira batalha a ser vencida nesse processo de evolução do ensino de Arquitetura e Urbanismo no Mackenzie, como visto anteriormente, foi a implantação do Trabalho Final de Graduação, o TFG. Até então, vale lembrar, o Curso de Arquitetura e Urbanismo exigia do aluno, no seu quinto ano, além das disciplinas habituais, como Planejamento Urbano ou ainda Legislação e Prática Profissional, e Administração e Organização, a elaboração de dois trabalhos anuais chamados de Trabalho de Graduação (TG), exercício prático realizado nas disciplinas de Projeto IX e Projeto X, além do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI), uma disciplina específica.

13. É fundamental citar a contribuição dos diversos setores da UPM, em especial os funcionários da Secretaria Geral, liderados pelo Engenheiro Nelson Callegari, entre eles Brás, Rosângela e toda a equipe.

Transformado no grande experimento das novas ideias e da nova estrutura, cujos resultados serviriam para alimentar as próprias discussões dos PHDs, sua implantação passou a ser decisiva para a continuidade de todo o projeto. "Se o TFG funcionar, vai. Se não, tchau...", diziam os integrantes da equipe responsável pelos projetos à época.

Tal expectativa e a função estratégica do TFG em relação ao Projeto Político--Pedagógico que se delineava se explicam: para implantar o novo "quinto ano" seriam necessárias a aceitação e a participação de um sem-número de segmentos e departamentos da instituição, além de arranjos estruturais na grade horária e o envolvimento dos professores e, sobretudo, dos alunos.

Eram modificações que abrangeriam desde a locação de docentes até o envolvimento dos alunos, que passariam a ter um grau de autonomia sobre sua formação até então inexistente no Curso. Estariam envolvidos desde as instâncias deliberativas superiores da Universidade, Reitoria, Conselho de Ensino e Pesquisa e Conselho Universitário, até departamentos estratégicos da instituição mantenedora, como o Setor Financeiro e a Secretaria Geral, pois se alterava ali a sistemática de matrícula e de cobrança das mensalidades, que seriam únicas e fora do padrão de toda a universidade.[13]

Havia, portanto, que se provar a sustentabilidade financeira e a viabilidade operacional da nova proposta que, sabiam ou meramente desejavam seus artífices, um dia seria estendida a todo o Curso.

Não por outro motivo foram tão importantes as participações desses departamentos, assim como da assessoria jurídica prestada pela Faculdade de Direito na redação de toda a regulamentação da nova experiência.

Isso tudo porque, concebido já atendendo aos princípios iniciais do que seria a nova estruturação do Curso, então ainda não completamente sistematizados, o Trabalho Final de Graduação projetado e implantado inovava duplamente ao associar indelevelmente ensino e pesquisa e se constituir numa disciplina e numa atividade supradepartamental e ao lançar mão de uma organização didático-pedagógica inédita na Universidade e pouquíssimo utilizada no Brasil, que ainda vivia a era das horas-aula.

Inaugurava-se ali, de maneira ainda incipiente e experimental, a utilização do conceito de matéria se sobrepondo ao de disciplina; e da transversalidade da organização do conhecimento superando sua fragmentação e a compartimentalização dos departamentos, aspectos que foram ampliados para toda a estrutura de ensino nas revisões do Projeto Pedagógico do Curso de 2006, 2010, e sacramentado em sua atual versão, de 2014. Para tanto, mostrou-se fundamental a proposição da utilização de atividades ligadas à matéria como elemento organizador das disciplinas, diminuindo assim a fragmentação e a dispersão de energia por parte do aluno e reduzindo fortemente a quantidade de disciplinas e turmas.

Para que se tenha uma ideia, foram substituídas cinco disciplinas, entre elas Planejamento Urbano e Projeto, o famoso Projetão ou TG, e o TGI, por uma única disciplina composta por quatro atividades com 21 horas-aula semanais de carga horária. No caso de Planejamento Urbano, por exemplo, houve a necessidade de deslocar toda a sequência de disciplinas na grade horária, que passaram a ser ministradas a partir da primeira etapa.

Desse modo, nascia ali o TFG da FAU-Mackenzie, projeto didático-pedagógico inovador que trazia em si os elementos estruturadores da nova organização do Curso a ser implantado nos próximos anos. O TFG era uma disciplina organizada em quatro atividades, a saber: Orientação, Exercício Projetual, Fundamentação e Crítica, e Experimentação.

Como se vê, trata-se de uma estruturação bastante maleável quanto à composição de seus conteúdos, o que possibilita sua utilização em várias matérias. O TFG está assim definido em seu Regulamento:[14]

> Artigo 1º – O Trabalho Final de Graduação–TFG, atividade de formação obrigatória para a conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, em atendimento ao disposto nas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação, consiste da realização de um trabalho acadêmico individual, de caráter projetual, obrigatoriamente relacionado com as atribuições profissionais, que expresse os conhecimentos adquiridos pelo graduando durante o Curso de Arquitetura e Urbanismo e seja adequado ao seu histórico escolar e à sua capacidade de realização em relação à sua realidade, ao método de trabalho e à temática escolhida.

Um dos objetivos norteadores do projeto pedagógico do novo TFG, além de atender às disposições do MEC, é a introdução da discussão científica, cultural e experimental no cotidiano de trabalho do aluno como elemento necessário à prática projetual e à síntese habitualmente praticada pelo formando na finalização do Curso e pelo Arquiteto na finalização de seu trabalho.

> Outro objetivo deste projeto foi despertar no futuro profissional seu interesse pela dimensão social e cultural dos vários elementos e fatores intervenientes no processo de elaboração do projeto, tais como o lugar, o contexto, a história, as relações sociais e econômicas e outros aspectos direta ou indiretamente envolvidos, que contribuem sempre de modo significativo para o estabelecimento dos nexos necessários ao desencadear da criatividade. [...] Cabe o registro de que o maior apoio à implantação do projeto como um todo, vencida a perplexidade inicial, veio do corpo discente, que nela encontrou a possibilidade de expressar e manipular boa parte das angústias que acompanham o formando. (CALDANA, 2005, p. 135).

14. Ato nº 4/2001 da Reitoria da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Institui e regulamenta o Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e dá outras providências. O Regulamento do TFG encontra-se disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/TFG/RegulTFG.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2011.

Alunos em atividades no Laboratório
de Maquete, 2017.

Vencidas as dificuldades iniciais e graças ao envolvimento dos alunos que participaram da transição, além, naturalmente, dos professores, funcionários e todos os demais envolvidos, e uma vez aprovado no Conselho Departamental, na Congregação da Faculdade e nas instâncias superiores da Universidade – Conselho de Ensino e Pesquisa e Conselho Universitário –, o sucesso do novo projeto foi motivador para a continuidade de todo o processo de transformação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, até então estrela solitária da Faculdade.

O Projeto Pedagógico de 2003

Assim, em 2003, nascia, com o Departamento de Técnicas consolidado, o TFG e as Apap já implantados, a Clefa realizada, as primeiras experiências de mobilidade internacional de alunos indo e vindo oficializadas e o resultado das reuniões dos PHDs compilado e sistematizado, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Esse PPC tinha validade prevista para dez anos, com proposta de revisão no seu quinto ano de implantação. Como consta no PPC de Arquitetura e Urbanismo:

> Este Projeto procura sintetizar o esforço de mobilização para mudanças existente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie desde o final da década de 90. Em 2001 a direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie concluiu ser prioritária a atualização de seu Projeto Pedagógico que sintetizasse as propostas pedagógicas da faculdade. Para tanto estruturou-se uma comissão de trabalho, composta pelos professores Dr. Carlos Egídio Alonso, Msc. Ivana Bedendo e Dr. Ladislao Pedro Szabo, que ficou com a responsabilidade de organizar o documento que refletisse tanto as concepções históricas de ensino de Arquitetura e Urbanismo como a definição de diretrizes e estratégias atuais visando a qualidade de ensino, que deverão ser revistas semestralmente durante as reuniões que discutem a organização tanto horizontal como vertical do Curso. (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2003, p. 4).

Foi assim de suma importância que todas aquelas iniciativas estivessem já implantadas e em funcionamento para que o PPC fosse finalizado, pois, considerando-se as condições da época e a pouca experiência nesse tipo de tarefa, partir da prática acabou por se mostrar um método mais eficiente e seguro.

Afinal, aqueles três elementos selecionados como alvos de ação prioritária seis anos antes, ou seja, a baixa autonomia dos estudantes, a excessiva fragmentação do Curso e seu isolamento, vinham sendo trabalhados com sucesso, abrindo, inclusive, portas e oportunidades para novas propostas e ações no mesmo sentido.

15. Os professores contratados em regime de período integral naquele momento foram Ladislao Szabo e Ivana Bedendo, que integravam o GT Projeto Pedagógico, e Eleana Patta Flain.

Todo o material coletado, propostas encaminhadas, atas de reuniões e de plenárias, além de tantos outros documentos diversos foram organizados, sistematizados e compilados por um grupo de trabalho composto por professores e estudantes que lhes deu a forma de um Projeto Político-Pedagógico para o Curso de Arquitetura e Urbanismo. Vale destacar que alguns dos professores desse grupo de trabalho foram os primeiros contratados em regime de tempo integral da Faculdade, também antecipando uma tendência que se confirmaria apenas anos depois.[15]

Naquele tempo bastante inovador, quer pelo seu processo participativo de elaboração, quer por seu resultado, o Projeto Pedagógico da Arquitetura se serviu então das já implantadas experiências ligadas ao protagonismo estudantil, ao processo de "abertura dos portos", como se dizia à época, e ao enfrentamento da fragmentação para avançar e propor novos elementos estruturadores do processo de ensino-aprendizagem na Faculdade. Entre esses elementos incluídos no Projeto Pedagógico estavam a valorização da experimentação, por meio da implantação de um canteiro experimental e de um escritório modelo, e a elevação das atividades de pesquisa na Escola, conforme previsto no próprio TFG e nas Apap, por meio da criação de grupos de pesquisa formados por professores e alunos. Desse modo, o Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie passava, então, a contar com um projeto político-pedagógico que trazia diretrizes claras e objetivas quanto aos caminhos a serem trilhados pelo ensino, pesquisa e extensão nos anos seguintes, o que foi feito.

Sendo o Mackenzie e a própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo instituições sólidas e tradicionais, durante todo o tempo se levaram em consideração mecanismos que dotassem de segurança e reversibilidade as propostas colocadas em prática. Ainda que à custa de alguma lentidão indesejada, que hoje temos clareza que não houve, o fato é que essas primeiras alterações foram implantadas com bastante parcimônia e controle por parte de seus coordenadores.

2005/2006 – O ciclo se completa: chega a Pós-Graduação

O ciclo de alterações de base na estrutura da Faculdade, iniciado no final dos anos 1990 e necessário para o salto de qualidade pretendido para os anos seguintes, se completa de maneira fortemente positiva em meados da década 2000, paradoxalmente com uma sequência de três decisões tomadas externamente à FAU-Mackenzie, mas que vieram no encontro do que ali já se organizava. Essas três decisões, tomadas pela Reitoria da Universidade com o apoio da mantenedora, foram: a determinação de que os programas de Pós-Graduação passassem a ser integrantes das Unidades Universitárias (atuais Unidades Acadêmicas), a alteração da estrutura das unidades e seu modelo de gestão e, por fim, a vinda do Curso de Graduação em Desenho Industrial (hoje Design) para a unidade.

É fundamental destacar que o retorno do Curso de Design para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, além de recolocar o Curso no seu ambiente de origem, já que foi na FAU-Mackenzie que ele nascera 30 anos antes, foi de grande valia para ambos os cursos e a unidade como um todo. Para os cursos, valeu pela simples sinergia possível entre dois cursos de criação que se complementam do ponto de vista de sua inserção social, escalas de intervenção e metodologias de atuação. Isso sem falar na ajuda mútua e no ganho de escala no que diz respeito a corpo docente, instalações, laboratórios e abrangência dos exercícios propostos. Para a Faculdade, significou, ao lado da vinda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e, mais tarde, do programa de *Lato Sensu*, um amadurecimento que fez jus à sua história, à sua capacidade e à sua importância.

Vale registrar que essas decisões foram precedidas por outra, de cunho absolutamente estratégico, que foi tornar o Mackenzie uma universidade completa, ou seja, com ensino, pesquisa e extensão. Explica-se: naquele momento, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) estava reorganizando o ensino superior no Brasil e passara a exigir – e dar prazo para as necessárias adaptações – que as instituições de ensino se definissem enquanto universidades, centros universitários ou escolas isoladas. Para as primeiras (as universidades), a exigência era que contassem com estrutura completa de ensino, de extensão e de pesquisa, fossem capacitadas para a produção de conhecimento e mantivessem programas de pós-graduação *stricto sensu*. O Mackenzie assumiu, naquele instante, a tarefa de se manter como universidade e, para tanto, tratou de se reestruturar de modo a ampliar fortemente sua participação no campo da pesquisa e da Pós-Graduação.

Essas três medidas, então partes de um todo que foi a reestruturação da própria Universidade, tiveram grande impacto. Tomadas em sequência, com um intervalo de poucos meses entre cada uma, se somaram às grandes alterações que já estavam em curso na Arquitetura. Vieram em um bom momento e, melhor, apontavam na mesma direção e sentido das alterações propostas nos anos anteriores pela própria Faculdade.

A primeira, a chegada do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, foi de extrema importância. Note-se que o projeto pedagógico e as experiências já implantadas da Apap e do TFG apontavam para a necessidade de elevar significativamente o papel da pesquisa e da experimentação no processo de ensino-aprendizagem. Nada mais eficaz para que isso pudesse acontecer do que a aproximação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo com o ensino de Graduação.

Chegando com o peso de um programa que já tinha um Mestrado consolidado, havia naquele momento a incumbência de abrir o seu Doutorado, tarefa delicada e de grande envergadura que foi superada, em parte, como se verá em outro capítulo deste livro, pela utilização da recém-organizada estrutura de grupos de pesquisa da Faculdade. Houve ali, como já visto, uma grande sinergia e o nascimento da possibilidade de projetos futuros bastante fecundos.

Na página anterior:

Edifício Gemini, Curitiba, 1973. Projeto do Engenheiro Civil (UFPR, 1941) e Arquiteto Elgson Ribeiro Gomes (Mackenzie, 1958).

Hoje, as fronteiras entre os cursos de Graduação e os programas de Pós-Graduação *Stricto* e *Lato Sensu* estão fortemente atenuadas, havendo laços bastante consistentes entre os vários níveis no processo de ensino-aprendizagem e produção do conhecimento. Muitos dos novos professores dos cursos de Graduação aqui chegaram após conquistarem seus títulos nos programas, como também muitos professores e ex-alunos da Graduação passaram a fazer parte deles.

Isso se dá, em boa medida, é inegável, graças ao papel cada vez mais importante que os grupos de pesquisa vêm desempenhando na Faculdade. Hoje já são mais de duas dezenas de grupos credenciados pela Universidade e reconhecidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com boa produção, inclusive, internacional. Desses grupos participam desde alunos de Pós-Graduação até pesquisadores visitantes internacionais, cumprindo programas de Pós-Doutoramento.

2006, a feliz coincidência: nova estrutura administrativa na Universidade

O segundo movimento ocorrido naquele momento, e também de grande significado para a preparação da Escola para o século XXI, foi a reforma administrativo-pedagógica promovida pela Reitoria na própria estrutura das Unidades Universitárias. A Universidade passava do clássico modelo departamental, fragmentado, para o modelo de conhecimentos organizados em cursos, e, nos cursos, em matérias. Esse foi, certamente, o momento em que boa parte das propostas, mesmo que incipientes, dos anos 1997 a 2002, passou a ter retaguarda institucional para se consolidar. Explique-se: a maior parte das inovações propostas até então – TFG, Apap, mobilidade, Grupos de Pesquisa – e mesmo novos fóruns de debate, como as reuniões de etapa, de sequência e plenárias de PHD, eram frutos de uma visão alternativa, contrária mesmo, à estrutura departamental da Universidade, à departamentalização do conhecimento.

Basta perceber que em todas elas a superação da fragmentação era uma das prioridades no projeto e na ação. Por esse motivo, quase todas se mostravam razoavelmente incompatíveis com as estruturas administrativas vigentes, fosse ao nível de Coordenadorias e de Colegiados, fosse ao nível de administração geral da própria Universidade, como seu estatuto, regimento e, também, rotinas administrativas.

Para que se tenha uma ideia, todas as iniciativas já citadas são de caráter eminentemente "transversal" no que tange à apropriação dos conhecimentos existentes para sua utilização no processo de ensino-aprendizagem e à perspectiva da produção de novos conhecimentos. Essa é uma apropriação que valoriza, portanto, a matéria, e não a disciplina, que valoriza a atividade, e não a tarefa.

16. Nesta ocasião a Direção da FAU-Mackenzie estava a cargo da Profa. Dra. Nadia Somekh (2005-2010).

Pode-se dizer que na primeira década do século XXI essa dicotomia gerou lacunas regimentais bastante significativas, que foram paulatinamente preenchidas pela ação conjunta da Faculdade e de outros órgãos da Universidade, em especial a Reitoria e a Secretaria Geral. Processos e métodos precisaram, e alguns ainda precisam, ser revistos.

O fim dos departamentos, que na FAU-Mackenzie já se consumara um semestre antes do que no Mackenzie, provocou a necessidade de revisão do papel dos diversos órgãos de participação e decisão da Unidade, da Congregação – mantida naquele momento, porém, sem grande clareza de seu futuro papel – aos conselhos departamentais, também extintos.

Essa transformação na estrutura da Universidade veio ao encontro dos projetos que já se praticavam na FAU-Mackenzie nos últimos cinco anos e possibilitou uma aceleração nas transformações pretendidas. Como já dito, o Projeto Político-Pedagógico do Curso trazia diretrizes claras e, mais que isso, abria portas para que novas propostas e iniciativas se concretizassem.

O fim dos departamentos e a criação do Curso como unidade mínima simultaneamente administrativa e didático-pedagógica possibilitaram uma série de diálogos impossíveis na estrutura anterior. Ou, se não impossíveis, como já vínhamos demonstrando, extremamente dificultosos.

A partir de 2006,[16] com a instalação da Coordenação de Curso surge a possibilidade de criação e instalação do Conselho de Curso, outra inovação local que viria a ser oficializada pela Universidade apenas alguns anos depois. Este foi o órgão responsável pela discussão e acompanhamento da implantação do projeto pedagógico e suas alterações até 2011.

No entanto, o mais importante dessa feliz coincidência foi o fato de que a reforma administrativa da Universidade propiciou a oportunidade de revisão do Projeto Político-Pedagógico do Curso (PPC) dois anos antes do previsto e, assim, de sua oficialização.

Sendo o primeiro projeto o de 2003, um produto elaborado por iniciativa da própria Escola, sua tramitação nos órgãos colegiados superiores da Universidade se dera por comunicações e informações, não por aprovações. No entanto, a partir da reestruturação da UPM, houve a oportunidade de consolidar o PPC anterior e de incluir ações e projetos já em andamento, aprovando-os naqueles órgãos. Dessa forma, em 2006, surge a primeira revisão do projeto pedagógico, e este primeiro quinquênio do novo século se encerra com grandes transformações já realizadas que produziram efeito na Faculdade.

2006-2010: indo mais longe

Para o Curso de Arquitetura e Urbanismo, do ponto de vista de sua recém-instituída Coordenação, o período compreendido entre os anos 2006 e 2010 foi ainda mais intenso e radical quando comparado com seu período anterior.

A partir dessa nova estrutura e por iniciativa da Coordenação de Curso,[17] que passou a ter condições de olhar para a sua totalidade, e não para seus diversos fragmentos, novos projetos e iniciativas foram tomando corpo e se materializando: Semana Viver Metrópole, *Atelier* Vertical, Escritório Modelo,[18] ampliação da biblioteca, valorização da produção docente e discente, ampliação do papel da pesquisa e da fundamentação teórica e crítica como elementos articuladores do ensino, ampliação do papel da experimentação enquanto instrumento privilegiado no processo de ensino e formação do jovem Arquiteto e Urbanista, entre outros.

Como visto, com a nova estrutura da Universidade e os projetos já previstos no PPC, acrescido da chegada do Curso de Desenho Industrial e da Pós-Graduação, várias decisões e ações estratégicas foram colocadas em marcha simultaneamente. Entre elas, podemos destacar a nova grade horária, a prevalência das matérias e a definição de eixos temáticos, a diminuição do número de disciplinas, novas disciplinas propostas, novos conselhos e canais de participação a serem reconhecidos e construídos, a finalização de transições lentas, tais como a compreensão de que o Curso detinha, no âmbito da unidade, autonomia sobre a construção de seu destino e que passara a se organizar em torno de matérias, e não mais sobre disciplinas estanques, e que estas pertencem ao Curso, e não apenas ao seu corpo docente. Essas alterações demandaram um enorme esforço de toda a comunidade acadêmica, uma vez que hábitos e costumes arraigados por vezes há décadas e que, também por décadas, haviam dado bons resultados precisariam ser alterados.

Em uma escola tradicional, com corpo docente estável e de grande competência, o que poderia, por isso mesmo, parecer algo simples se transforma em uma tarefa complexa. Mais do que um processo de convencimento, houve a necessidade de um grande e profundo processo de autoconvencimento por parte de todos os atores – alunos, professores e funcionários da Faculdade, além da estrutura administrativa superior – de que tudo aquilo era necessário e fazia sentido. Nesse ambiente, foi feita a primeira proposição e as tentativas iniciais de implantação dos eixos temáticos, um novo sistema de organização dos conhecimentos ministrados.[19] Duas medidas da Coordenação de Curso da Arquitetura se destacam nesse período: a fixação da grade horária do Curso e a estabilização do número de turmas. Ambas trouxeram enormes ganhos tanto no aspecto administrativo quanto no didático-pedagógico.

Foram a fixação e a estabilidade da grade horária que possibilitaram a professores e alunos o planejamento e a organização de suas atividades fora da escola com antecedência e segurança. Até então, não se sabia qual seria a grade horária do semestre seguinte e, quanto aos professores, eles não sabiam se haveria turma para darem aulas. Tempos em que se disputavam as turmas A1 e E1 por serem as últimas a ser "cortadas"...

17. O primeiro Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo, em sua nova estrutura, foi o Prof. Dr. Valter Caldana.

18. Essas atividades e estruturas, fundamentais ao protagonismo estudantil, são desenvolvidas na Parte 3 desta publicação.

19. Em 2005, a Universidade passa por importante reestruturação, quando a estrutura departamental deixa de existir e o ensino, a pesquisa e a extensão passaram a se organizar por cursos. Na FAU- Mackenzie, a Coordenação de Curso propõe a organização das matérias e disciplinas, do ponto de vista didático-pedagógico, em eixos temáticos e, do ponto de vista administrativo, em grupos de disciplinas por etapa e sequências de disciplinas (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2013-2014).

Também nesse momento se consolidaram, via revisão do projeto pedagógico de 2006, as relações quantitativas professor/aluno de 1/50 em disciplinas teóricas, 1/25 em disciplinas teórico-práticas e 1/15 em disciplinas práticas projetuais. Relação histórica, implantada desde meados da década de 1990, essa característica é fundamental para a manutenção da qualidade de ensino no Curso de Arquitetura, mesmo em situação de ampliação do número de vagas.

São dessa época a finalização da implantação do TFG e a consolidação do novo número de vagas, 400 anuais, que desencadearam a elaboração de um projeto de reforma das instalações do Curso no Prédio 9, o edifício Cristiano Stockler das Neves.[20]

Alguns dos efeitos desejados e que estiveram na base de todas as alterações na estrutura do Curso projetadas desde o final dos anos 1990 foram a elevação da permanência do aluno na escola e sua participação na própria formação, assim como a elevação da maturidade pessoal e intelectual e a consequente transformação da faculdade no centro de vivência dessas novas experiências. Partiu-se sempre do princípio de que o jovem arquiteto cidadão se formaria no ambiente acadêmico, universitário, de trocas, descobertas, pesquisas, e não necessariamente em sala de aula.

Foi projetada e construída uma nova relação do estudante com sua faculdade e sua universidade. Seus espaços, recursos humanos, materiais, e recursos tecnológicos.

É também nesse período que surge a série "Arquitetura em debate", que trouxe não só elementos de informação para alunos da graduação, mas elementos de aprofundamento das questões essenciais à Pós-Graduação, com a presença de convidados nacionais e internacionais de grande expressão no campo da Arquitetura e Urbanismo e do Design.[21]

Um marco no período foi a comemoração em 2007 dos 60 anos da FAU-Mackenzie, cujo ponto alto foi a atribuição do título de *Doutor Honoris* Causa a Paulo Mendes da Rocha, egresso em 1955.[22]

Data dessa época a retomada, durante a Semana Viver Metrópole, da organização de *workshops* internacionais e do *Atelier* Vertical. Nesse período, depois de décadas, pôde-se utilizar o edifício durante toda a madrugada, com alunos dormindo no prédio no contexto de um trabalho escolar. Esse novo cotidiano acadêmico deveria ser acompanhado, necessariamente, por uma reestruturação dos espaços destinados ao Curso – a essa altura, não apenas ao Curso de Arquitetura, mas também ao de Design, Pós-Graduação, pesquisa e demais atividades da escola. Vale lembrar que ainda em 2005 o prédio não era todo destinado às atividades dos cursos. No terceiro andar havia laboratórios de outros cursos e no subsolo sobreviviam, junto a alguns laboratórios recém-montados, como o de Conforto Ambiental, um auditório e departamentos administrativos da Universidade.

Assim, como já foi dito, foi elaborado um projeto de Arquitetura para a readequação do edifício Cristiano Stockler das Neves às novas necessidades da Faculdade, não ape-

Na página anterior:

Campus Vila Olímpia da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2002. Projeto do Arquiteto Francisco Petracco (Mackenzie, 1958).

20. O projeto de Arquitetura de reforma do prédio 9 ficou a cargo dos professores Valter Caldana e Luiz Benedito de Castro Telles, auxiliados por uma equipe de alunos formandos.

21. Dois grandes seminários internacionais tiveram lugar na FAU-Mackenzie entre 2005 e 2009: o seminário Solo Criado, apoiado pelo Lincoln Institute of Land Policy, e o SHCU 2008, em parceria com as pós-graduações da FAU-USP, USP São Carlos e PUC-Campinas.

22. Durante a gestão da Profa. Nadia Somekh (2005/2009).

23. O projeto de Arquitetura foi realizado pelos professores Luiz Telles e Valter Caldana com o auxílio de uma equipe de alunos do quinto ano do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

24. Relato de gestão apresentado por Valter Caldana, então coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

nas físicas, mas também administrativas e didático-pedagógicas.[23] O projeto elaborado por professores da escola teve suas obras realizadas em duas etapas, porém, bem depois do que se desejava, provocando uma perda de tempo e um descompasso entre as transformações na estrutura administrativa, no processo de ensino-aprendizagem e no edifício, que levou a consequências indesejáveis e bastante traumáticas.

Essas grandes e intensas alterações foram parcialmente sintetizadas no texto a seguir, parte do relatório de atividades do período.

O século XXI decolou

> Já vivemos a fase da transição. Aumentou significativamente o número de alunos, foram extintos departamentos, foram criadas as Coordenações de Curso. A Pós-Graduação passou a fazer parte da Unidade. Chegou finalmente o plano de carreira e hoje temos professores contratados em tempo integral, dedicados à pesquisa e à docência. O Curso de Design retornou à sua Faculdade de origem, onde nasceu e onde continuará crescendo.
>
> Hoje nossos alunos vivenciam mais a escola que há cinco anos. Temos o saguão (finalmente) e as salas de aula mais usadas, os espaços de exposição repletos.
>
> A experimentação cada vez mais ganha seu espaço, privilegiado e imprescindível neste início de século, no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa é hoje uma realidade com o funcionamento pleno dos Grupos de Pesquisa e o crescimento contínuo das atividades de iniciação científica e de extensão. No último ano finalmente conseguimos ampliar a oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu*.
>
> Temos horário de almoço! Numa escola em que até poucos anos atrás o matutino se encerrava às 12h50 e o vespertino começava às 13h00.
>
> Nos cursos de graduação as grades foram reformuladas, o número de disciplinas diminuiu, os eixos temáticos foram criados, as sequências de disciplinas redefinidas. Temos uma política de convênios e mobilidade internacional ágil e pioneira dentro do Mackenzie, que faz com que nossa escola seja hoje a que tem o maior número de alunos em trânsito no âmbito da Universidade.
>
> No entanto, e ainda bem, novos problemas surgiram.
>
> Se nossos alunos estão mais na escola, isso evidencia nossos problemas crônicos e agudos de espaço físico. Se a experimentação ganha espaço, isso evidencia as deficiências de nossos laboratórios e de nossa biblioteca.[24] (CALDANA, 2009).

Assim se inicia a segunda década do século XXI. Já não se está no início do século, muito menos na Faculdade de Arquitetura, na qual, como vimos, este começou bem antes. Na virada da primeira década, a Faculdade já era outra. Projetos idealizados dez, doze anos antes se concretizaram e, mais importante, abriram espaço para o próprio desenvolvimento e para o início de outros, ainda mais ambiciosos dos pontos de vista didático-pedagógico e administrativo.

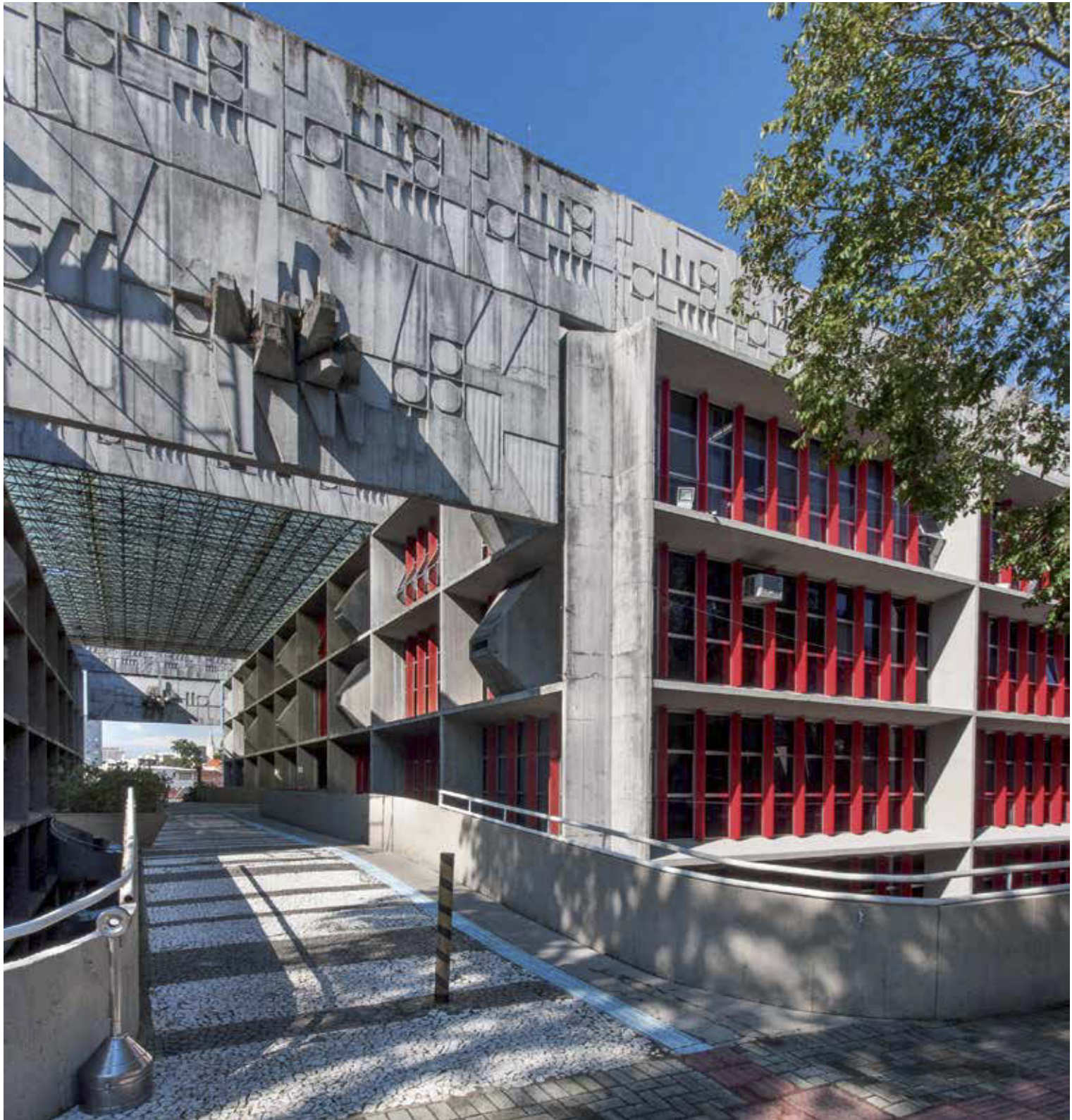
A Faculdade abre 2010 composta por dois Cursos de Graduação, pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e cursos de *Lato Sensu*, um programa de pesquisas já de nível internacional, um programa de Atividades de Extensão, um programa de Atividades Complementares e um programa de Estágio Supervisionado. Incluem-se aí os programas de Mobilidade Internacional, de convênios interinstitucionais e a participação em inúmeros projetos especiais.

Na prática, sua estrutura administrativa e didático-pedagógica é composta por uma Congregação, um Colegiado de Diretoria, duas Coordenadorias de Curso, uma Coordenadoria de Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, uma Coordenadoria de *Lato Sensu*, uma Coordenadoria de Pesquisa, uma Coordenadoria de Extensão, uma Coordenadoria para as Atividades Complementares e outra para o Estágio Supervisionado. O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* é organizado em linhas de pesquisa e os Cursos de Graduação são organizados em eixos temáticos, a partir dos quais deveriam se organizar matérias, disciplinas e atividades. Ou seja, encontra-se aqui uma realidade bastante diversa daquela existente pouco mais de cinco anos antes, quando a Faculdade era composta por um único Curso de Graduação, o de Arquitetura e Urbanismo, de grande qualidade e ponto.

A consolidação das transformações iniciadas com o Projeto Pedagógico de 2002/2003 e suas evoluções de 2006, 2008 e 2010, somadas às alterações implantadas na própria Universidade, como o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e a *Visão 150*,[25] permitiram avançar significativamente na direção prevista: desfragmentação, protagonismo estudantil, experimentação, internacionalização e inserção social. Começa uma nova fase na Faculdade: de consolidação de conquistas e de abertura de novos desafios. As obras de reforma do edifício, tão desejadas, aguardadas e necessárias, finalmente avançam. Avançam e se aceleram, também, as reformas no ensino.

Do ponto de vista da organização conceitual da Faculdade, assume-se que todas as atividades científicas e acadêmicas da unidade, incluindo, portanto, o Ensino e a Extensão, devam se articular em torno de um eixo: a Pesquisa. E que, nesse contexto, as atividades de Ensino na Graduação dos dois Cursos, respeitando sua história e principais características, se organizam em torno das atividades projetuais.

A grade horária fixa, conquista anterior do Curso de Arquitetura e Urbanismo, amplia-se para o Curso de Design, que passa a usufruir das mesmas vantagens. Também a organização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Design passa por transformações importantes, aumentando seu valor no Curso e dando sequência à experiência muito bem-sucedida dos Projetos Integrados.

25. O *Plano de Desenvolvimento Institucional* da Universidade e a *Visão 150* são documentos que definem as estratégias e as ações de médio e longo prazos para a instituição. A *Visão 150*, um conjunto de metas a serem atingidas até 2020, quando o Mackenzie completará 150 anos de existência, em especial, é bastante focado nas questões didático-pedagógicas e suas decorrências científicas e administrativas.

Há uma nova rodada de ajustes na composição de disciplinas, sempre no sentido de se evitar a sobreposição de conteúdos e a fragmentação excessiva e, sob o manto de mais uma tentativa de implantação dos eixos temáticos como elementos estruturadores do ensino na graduação, uma radical alteração de seu papel nessa organização.

O conceito de Atividades incluídas em matérias, já fartamente experimentado com sucesso no TFG desde 2002 na organização da primeira etapa cinco anos antes, assim como o de Programas, complementando e, por que não dizer, convivendo de igual para igual com as disciplinas, norteavam as ações, que se davam em meio a um ambiente de obras civis envolvendo todo o Prédio 9.

Acelera-se, desse modo, a implantação de alterações profundas na Faculdade. Alterações de conceito, de forma e de conteúdo, pelas quais a conscientização de que a fragmentação precisava ser superada e que com isso também o papel das disciplinas como *célula mater* da estrutura didático-pedagógica dos Cursos não seria mais o mesmo, eram fundamentais.

É no contexto da já mencionada transformação por que passou nossa Faculdade nos últimos dez anos que se coloca aqui a implantação plena, de fato, dos eixos temáticos como a mais importante tarefa administrativa didático-pedagógica neste momento.

Sobretudo por se tratarem os eixos temáticos do espaço privilegiado para o estabelecimento do diálogo, das trocas, do realinhamento e da organicidade entre os vários instrumentos e os vários institutos em que se organiza o ensino em nossa Faculdade. De disciplinas a atividades, de programas a projetos especiais, da graduação à pós-graduação.

A implantação plena dos eixos temáticos depende necessariamente da compreensão de que esta ação significa uma alteração estrutural na organização do ensino (e da pesquisa e da extensão) na Faculdade, e não a simples substituição da nomenclatura dos antigos departamentos.

Basta perceber que enquanto no extinto sistema departamental se privilegiava a apropriação do conhecimento de forma fragmentada, especializada e cumulativa através de disciplinas autóctones, num modelo que prevê desmontar para entender, no atual sistema se privilegiam a apropriação e a produção do conhecimento, o que se dá através da aproximação sucessiva às totalidades inerentes ao nosso objeto de estudo, a Arquitetura e Urbanismo e o Design. Neste caso prática e teoria, experimentação, fundamentação e crítica se realinham constantemente, de forma articulada e orgânica.

Enfim, trata-se de uma organização que está ligada a uma compreensão do ensino e da pesquisa baseada na amplitude, na horizontalidade e na complementaridade dos conhecimentos e das ações, em contraposição à organização departamental que estava baseada numa visão especializada, compartimentalizada (departamentalizada), fragmentada e hierarquizada deste mesmo conhecimento.

Na página anterior:

Instituto de Previdência do Estado do Paraná, Curitiba, 1967. Projeto dos Arquitetos José Maria Gandolfi (Mackenzie, 1958), Luiz Forte Netto (Mackenzie, 1958), Joel Ramalho Junior (Mackenzie, 1959).

26. Documento de abertura do I Fórum de Ensino da FAU-Mackenzie sobre os Departamentos e os Eixos Temáticos.

Assim sendo, para que a implantação plena deste modelo, que comemora seis anos de vigência em nossa Universidade e está indicado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nas Diretrizes Curriculares de Arquitetura e Urbanismo e de Design há mais de dez anos, produza os efeitos esperados é imprescindível e urgente que despertemos para a necessidade de finalizarmos as alterações e a evolução dos cursos e programas já em andamento.

É chegada a hora, portanto, de encararmos o fato de que o modelo administrativo e didático-pedagógico vigente, organizado em Cursos e Programas, nos leva à necessidade de trabalhar ainda mais claramente no sentido de superar a visão corporativa, cartesiana e fragmentada inerente ao *ancien régime*, onde cada disciplina conseguia se encapsular em sua própria "totalidade individualizada", sendo sempre entre todas a mais bela, e sobreviver, inebriada de si mesma, se retroalimentando de seus próprios critérios, conteúdos, sistemas de avaliação e bibliografias, pressuposta, porém ilusoriamente universais em sua singularidade.

Disciplinas pertencem aos Cursos e não a grupos ou a si mesmas, sendo um entre diversos institutos e instrumentos de organização do processo de ensino-aprendizagem e de produção do conhecimento existentes e utilizados em nossa escola. E, como tal, devem concorrer para a consecução dos objetivos gerais do ensino (e da pesquisa e da extensão) praticados na Faculdade, ampliando sua capacidade de diálogo e de reconhecimento de seu posicionamento diante do todo.

Não obstante, e apesar da urgência das transformações, é também possível afirmar que estas podem se dar através de proposições, da reformulação e da evolução das próprias disciplinas existentes, como em alguns casos já se vem praticando em nossa faculdade neste período.[26] (CALDANA, 2010).

Aproximava-se a hora, prevista no Projeto Pedagógico de 2002, de sua revisão. Para tanto, realizou-se, de início, o I Fórum de Ensino da FAU-Mackenzie, em que professores e alunos tiveram a oportunidade de enviar proposições que foram publicadas e debatidas, agora já abrangendo também o Design. Os Conselhos, em especial o Conselho de Curso, também se consolidam paulatinamente, organizando a discussão sobre o ensino. Na ocasião, a Direção da Faculdade emite o seguinte documento síntese, fruto dos debates acumulados, com a função de lastrear os trabalhos que se iniciavam:

Voltamos ao ponto: é neste contexto que se dará nosso trabalho.

Por isso, por estarmos em uma situação conhecida e estável, para iniciá-lo é necessário estarmos atentos para uma questão importante: a diferença entre o tradicional e o conservador.

Precisamos respeitar nossa tradição mackenzista, visão e missão, sem receios e sem conservadorismos imobilistas. Este é o nosso desafio.

Vamos ousar, reconhecendo as profundas alterações havidas em nosso campo do conhecimento – criação, fundamentação, crítica, processo, projeto e prática – nos últimos tempos.

Todos sabemos que são alterações que se deram tanto do ponto de vista teórico-conceitual quanto do ponto de vista prático-instrumental, modificando sobremaneira a atuação profissional e a necessária e correspondente produção do conhecimento na área.

Neste desafio, além de todas as contribuições que teremos no processo, seis pontos nos parecem importantes de serem destacados neste momento inicial dos trabalhos:

– O reconhecimento de que estamos numa escola de diferentes e diferenças, não de iguais. E que são estas diferenças, esta diversidade de pensamentos e posições diante do Design e da Arquitetura e Urbanismo que nos fortalecem e nos enriquecem.

– A valorização e a preocupação com a inserção social dos cursos e sua aderência às grandes questões locais, regionais, nacionais e internacionais.

– A formação de um profissional-cidadão que seja crítico, criativo, engajado e empreendedor, capaz de uma atuação profissional ágil e planetária, capaz de interagir e trocar, mas também de valorizar nossa história e nossa cultura.

– A utilização de novos instrumentos no processo de ensino-aprendizagem em que a experimentação seja protagonista, tais como: o amplo e intenso uso dos laboratórios nas disciplinas regulares (e não apenas nas laboratoriais); a iniciação científica; o ensino a distância; as atividades complementares e de extensão e; as disciplinas optativas, muitas optativas.

– A superação da excessiva fragmentação do conhecimento e da especialização precoce através da diminuição do número de disciplinas, do aumento da carga horária total e da valorização da formação continuada, integrando de fato a extensão e a pesquisa/pós-graduação ao cotidiano da graduação.

– O destaque aos valores éticos e deontológicos ligados à solidariedade e à justiça no desenvolvimento das habilidades, competências e atitudes dos estudantes, para que sejam capazes de se tornar profissionais criativos e lideranças legítimas e transformadoras em suas áreas de atuação.

Uma comissão composta por professores dos dois cursos foi designada para iniciar este trabalho, discutindo os aspectos gerais que deverão estar contemplados nesta atualização dos projetos pedagógicos, e que subsidiarão o Núcleo Docente Estruturante e o Conselho de Curso nesta tarefa.

Também no programa de pós-graduação este processo se inicia, ainda que a atualização de seu projeto seja objeto de trabalho mais intenso no próximo ano letivo.

Para tanto, dando sequência ao trabalho iniciado este ano e atendendo ao chamado da Reitoria da Universidade, estamos todos instados a participar de maneira generosa, ampla e produtiva deste processo, que é da maior importância.

Parque Villa-Lobos, região oeste da
capital de São Paulo, 1990-2004,
com ampliação em 2006. Projeto do
Arquiteto Decio Tozzi (Mackenzie,1959).

Pela primeira vez em décadas se paralisavam as atividades da Faculdade por um dia para que se pudesse fazer uma discussão sobre ensino e sobre a sua própria organização, naquilo que deveria ser um marco para o início da preparação do novo Projeto Político Pedagógico dos Cursos, tanto de Arquitetura e Urbanismo quanto de Design e, mesmo, da Pós-Graduação. Um caderno com teses e propostas foi preparado com a participação de uma dezena de professores.

Paralelamente, uma grande alteração de locação de aulas e reajuste das equipes das disciplinas projetuais no Curso de Arquitetura e Urbanismo e a reforma do edifício, mais do que necessária. Mudanças, muitas mudanças.

Como era de se esperar, este quadro provocou grandes debates internos e também grandes expectativas e, claro, algumas frustrações e legítimas discordâncias. Em uma Faculdade cujo histórico de debates sempre foi intenso não poderia, nem deveria, ser diferente.

Mack ou MEC: o tropeço catalisador[27]

Foi neste quadro de ebulição e com transformações radicais em pleno voo que a Escola foi sacudida, em janeiro de 2013, com sua presença nas manchetes dos dois principais veículos de comunicação de São Paulo, os jornais O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo, no site UOL e em pleno Jornal Nacional com uma das piores notícias de sua história: a nota 2,00 no Enade[28] para o Curso de Arquitetura e Urbanismo, obtida na avaliação de novembro de 2011 e processada no final de dezembro de 2012.

Muito se discutiu sobre seus motivos. O final de 2011, momento da avaliação, coincidiu com o ápice do processo de mudanças e dos incômodos por ele causados, o que por certo muito contribuiu para uma posição de desconforto por parte de parcela do corpo docente e a avaliação negativa realizada pelos alunos.

Não se pode esquecer, como já foi registrado neste artigo, que a Escola passara de 350 para 400 ingressantes/ano em 2002/2003. Assim, oito anos depois, o número de alunos na Faculdade aumentara significativamente, chegando ao seu ponto máximo, acarretando necessidades de infraestrutura que ao lado da chegada das novas tecnologias ligadas à informática, ao CAD (Computer Aided Design) e às técnicas de prototipagem rápida, se faziam cada vez mais urgentes e inadiáveis.

Contribuiu, também, o fato de que naquele contexto num determinado momento a tradicional capacidade de diálogo entre Direção, Coordenação, corpo docente, funcionários e corpo discente falhou gravemente. Não ficou claro o alcance de todas as propostas em marcha e nem mesmo seus possíveis pontos de consenso, sobretudo entre direção e corpo discente.

Como já se disse anteriormente, não há alteração importante no processo de ensino-aprendizagem que não se dê com a explícita compreensão e o expressivo apoio do corpo discente. Foi assim com o TFG e todas as demais alterações. É assim hoje e será sempre assim.

27. Mack ou Mec, esta foi a chamada de capa da revista Projeto, especializada em Arquitetura e Urbanismo e Design, uma das mais importantes do país, em março de 2013.

28. Enade – Exame Nacional de Desempenho das Instituições de Ensino Superior do Brasil, organizado pelo Inep-Ministério da Educação, que avalia a cada três anos os cursos superiores no Brasil.

Cerimônia de outorga do título de Notório Saber aos Profs. Arquitetos (da esquerda para a direita) Nelson Dupré, Pedro Paulo de Melo Saraiva (*in memoriam*), Sami Bussab e Antônio Carlos Sant'Anna Jr (Auditório Escola Americana, UPM, agosto de 2014).

É fato que não era a primeira vez que o Curso de Arquitetura e Urbanismo recebia uma avaliação negativa no Enade. No início dos anos 2000, quando a avaliação ainda estava em sua fase inicial e era conhecida por "Provão" o Curso recebera um "D" numa escala que variava de "A" a "E". Fruto, entre outros, de uma adesão claudicante dos estudantes a um movimento nacional de boicote (cuja intenção geral era tirar "E"), o fato é que na ocasião serviu para acelerar várias das discussões e ações já descritas aqui.

Desta vez, com o Enade não poderia ser diferente. Ao invés de se ater na improdutiva tarefa de culpar este ou aquele agente do processo, incluindo-se aí a própria avaliação, de natureza fortemente discutível na área de Arquitetura e Urbanismo, ocuparam-se as Direções do Curso, da Faculdade, da Reitoria e do Instituto, em compreender os motivos estruturais que levaram àquela avaliação e a acelerar as transformações que já se encontravam em curso.

Assim, ao invés de promover uma "caça às bruxas" como se poderia esperar de instituições menos maduras ou sólidas, o que houve foi, ao contrário, o investimento na formação e na titulação de professores da casa e a aceleração da revisão do Projeto Político Pedagógico iniciada um ano antes, com a reafirmação de seus princípios e elementos norteadores. Uma atitude que foi complementada, num ato ousado, pela solicitação de visita de inspeção do MEC seis meses antes dos prazos habituais para casos como estes.[29]

Mesmo sob a sombra desse tropeço histórico, a nota 2,0 no Enade, a FAU-Mackenzie se mobilizou com vigor e tranquilidade em torno da questão do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Diante da má notícia e de sua repercussão nacional (o assunto continuou notícia por mais de quinze dias nos jornais da época) e internacional, visto o grande número de convênios e projetos em comum com Universidades estrangeiras, boa parte da comunidade se lançou à tarefa de verificar o que ocorrera, acelerar a revisão do Projeto Pedagógico e garantir brevidade na finalização das reformas que necessitava o prédio 09 e seus laboratórios.

Vale destacar que mesmo não sendo atingido pela avaliação do Curso de Arquitetura e Urbanismo houve também por parte do Curso de Design um envolvimento importante e solidário, senão por que passaria ele também por uma avaliação semelhante em breve, mas, sobretudo, por que já fazia parte da política da administração da Escola procurar aproximar cada vez mais os dois Cursos naquilo que ambos têm em comum.

Se é verdade que realizada, como se percebeu à época, sob um certo estado de tensão e expectativa no ar, o fato é que a revisão do Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo ao longo de 2013 e implantada em 2014 serviu para fortalecer os conceitos pretendidos e implantados a partir de 2006, que antecipavam uma tendência que viria a vigorar na Universidade: redução da fragmentação, diminuição do número de disciplinas, elevação do envolvimento dos alunos com o Curso e sua formação, aumento de sua permanência na Universidade, engajado em atividades acadêmicas, de Pesquisa, experimentação e Extensão, onde o protagonismo estudantil, a flexibilidade, a experimentação, a valorização da pesquisa e a internacionalização são elementos de ponta.

29. As ações foram planejadas e executadas, além do Conselho de Curso e do Núcleo Docente Estruturante, por uma comissão composta por professores, alunos e funcionários formada especificamente para este fim, que trabalhou sob a coordenação geral do então Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo, professor Paulo Roberto Corrêa.

O novo Projeto Pedagógico e as novas instalações foram aprovadas nos órgãos superiores da Universidade e validadas pelo MEC em visita de inspeção no final de 2013, o que recolocou o Curso de Arquitetura e Urbanismo em sua tradicional nota 4,0 (quatro) encerrando com chave de ouro um processo tenso, porém, ao final, paradoxalmente produtivo.

Arquiteto Luiz Telles (*in memoriam*), Professor da FAU-Mackenzie por mais de 15 anos, com grupo de alunos.

Céu de brigadeiro

Jamais uma Faculdade de Arquitetura e Urbanismo que abrigue Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design, além de cursos de Pós-Graduação (*Stricto Sensu* e *Lato Sensu*) poderá viver a tranquilidade de um céu de brigadeiro. Isto, por certo, é saudavelmente impossível. Se assim fosse de duas uma: ou não seria uma Escola com estes Cursos ou seria uma Escola passiva, amorfa, pálida, o oposto daquilo que ensina, pesquisa, interage com a sociedade.

Uma Escola de criação e de criadores, onde a inquietude e os questionamentos são elementos primários de sua metodologia de ação, não para, não pode parar.

Assim, como se viu, foram remarcáveis neste período aqui relatado o amadurecimento da Faculdade e os avanços obtidos graças ao esforço coletivo de uma comunidade de mais de 3500 pessoas entre alunos, professores, funcionários e alta administração da Universidade e do Instituto.

No período, foi possível, por exemplo, sediar outros tantos encontros, seminários e oficinas, como o Projetar, o Sigradi, o Enanparq, as várias versões da oficina internacional "Projetar Arquitetura, construir cidade". Professores e alunos ganharam prêmios importantíssimos como o Ópera Prima, o Machado de Assis, o Jabuti, o prêmio Capes de Teses e tantos concursos de Arquitetura e Urbanismo. Foi possível sediar a presidência da Anparq.[30]

Merece destaque a conquista da nota 5 (para uma máximo de 7) pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na avaliação da Capes e, dando mostras desta maturidade, o grande esforço de realização, nesse período, de um Minter (Mestrado Interinstitucional) com a Universidade de Fortaleza, no Ceará (já encerrado com sucesso), e um Mestrado Associado com o UniRitter em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (em andamento), histórias contadas de modo mais profundo em outro capítulo desta publicação. Ambas iniciativas de grande sucesso e que vêm ampliando os horizontes das atividades de produção de conhecimento na Faculdade

Também neste período foi revisto de maneira radical o Projeto Político Pedagógico do Curso de Design colocando-o entre os melhores do país e consolidando de modo inconteste os princípios que nortearam a condução da Faculdade nos últimos quinze anos: como já foi dito insistentemente, muita experimentação, internacionalização, flexibilidade e protagonismo estudantil, articulados em torno das atividades de Pesquisa e Extensão.

30. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Anparq), cuja presidente foi a Professora Angélica Tanus Benatti Alvim no biênio 2015/2016.

Cabe destacar que o Projeto Pedagógico do Curso de Design, reafirmando a tendência de antecipação característica da Escola, traz em sua estrutura várias das alterações a serem realizadas em outros Cursos da Universidade.

Deste modo, pela primeira vez no Brasil projetos pedagógicos apresentam, para o ensino de Arquitetura e Urbanismo e de Design, caminho de avanço com relação à última evolução havida neste campo, cinquenta anos atrás, com a implantação dos ateliês.

Quanto às instalações, registre-se a reforma do prédio 09 – Edifício Cristiano Stockler das Neves, sua destinação integral à FAU, sua climatização, ampliação da Biblioteca e dos Laboratórios. Foi este, também, o período da triplicação dos laboratórios nas áreas disponíveis na Rua Maria Antônia, da modernização de suas instalações e equipamentos e, enfim, a conquista da implantação e o funcionamento do Canteiro Experimental.

A Escola conquistou, também, um alto grau de participação nas atividades de Pesquisa e Extensão se tornando saudavelmente ativa no tocante à apresentação de projetos de Iniciação Científica, Pibic e Pivic e se tornando a cada dia mais presente na obtenção de fomentos de fundos como o MackPesquisa e outras agências nacionais e internacionais como Fapesp, Capes, CNPq, Finep e União Europeia. Seu índice de internacionalização aumentou fortemente e sua inserção social como agente formador de opinião é significativa.

A Congregação e demais órgãos colegiados, hoje todos oficiais, estão operantes e cada dia mais influentes na gestão dos cursos, e mais de dois terços de professores são contratados para se dedicar também à pesquisa e à extensão.

Cabe registrar a consolidação da internacionalização, da criação da Empresa Júnior de Design, da alta qualidade da participação no ProUni e a 1ª colocação no Ranking Universitário do Brasil (RUF) da *Folha de São Paulo*, entre os Cursos de Arquitetura e Urbanismo não públicos de todo o país.[31]

E, por fim, com especial destaque e força simbólica, a retomada do prédio 10, o "Castelinho", que voltou a ser sede da Faculdade e a materialização de dois projetos acalentados durante anos: o fim das listas de presença, afirmando na prática o discurso do protagonismo estudantil e, momento especialíssimo, a reabertura do Curso noturno de Arquitetura e Urbanismo, reafirmando compromissos históricos com a sociedade.

Na página anterior:

Teatro Ruth Escobar, São Paulo, 1963. Projeto do Arquiteto Raymundo de Paschoal (Mackenzie, 1963).

31. A Faculdade ostenta em 2016 as seguintes avaliações públicas: Programa Capes Pós Graduação Stricto Sensu nota 5/7, Enade Arquitetura e Urbanismo e Design nota 4, Guia do Estudante Arquitetura e Urbanismo e Design 4 estrelas e Ranking Universitário Folha Design 14ª posição na classificação geral nacional e Arquitetura e Urbanismo 7ª posição na classificação geral nacional e 1ª posição na classificação geral nacional entre os cursos não públicos.

Tradição e pioneirismo

A tradição implica continuidade. Certamente a continuidade do reconhecimento de que esta Escola se faz, se inventa e se reinventa a cada dia. Uma Escola de artistas, inquietos, insatisfeitos, criativos, e que pretende cumprir seu destino e sua função social com clareza, firmeza, alegria e solidariedade. Que quer interferir na cidade e no país, que quer formar cidadãos capazes e críticos, solidários em primeiro lugar, justos, competentes, comprometidos, hábeis e sensíveis para realizar e transformar. Isso é o que temos, todos, feito. Passo a passo, fase a fase.

Temos o privilégio, a responsabilidade e a oportunidade de não precisarmos iniciar nada do zero. Somos herdeiros do trabalho de muitos... Temos história.

Como se viu, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UPM, nos seus 70 anos, aos 100 anos do Curso de Arquitetura e Urbanismo, quase 50 anos do Curso de Design e mais de 20 anos do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, tem o pioneirismo por tradição.

Por tudo isso, e por ter sabido se construir como uma escola de diferentes, não de iguais, abrigo da diversidade, da tolerância e do espírito público, se pode dizer que está preparada para o que virá neste seu segundo século de existência.

Referências

BASTOS, M. Análise SWOT (Matriz): conceito e aplicação. *Portal Administração*, (2014). Disponível em: <http://www.portal-administracao.com/2014/01/analise-swot-conceito-e-aplicacao.html>. Acesso em: 5 jun. 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da Uniã*o, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

______. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2001. Seção 1, p. 1.

______. *Parecer CNE/CES nº 67, de 11/03/2003*. Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação. Brasília, DF: Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação, 2003.

______. *Parecer CNE/CES nº 329/2004*. Carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial. Brasília, DF: Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação, 2004.

CALDANA, V. *Projeto de arquitetura*: caminhos. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

______. *Relatório de Gestão na Coordenação de Curso*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

MALDONADO, T. *Ambiente humano e ideologia:* notas para uma ecologia crítica. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2003.

______. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2013-2014. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_SP/2016/matriz/Projeto_Pedagogico_do_Curso_de_Arquitetura_e_Urbanismo.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.

______. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *Manual da Apap*. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2017.

Alunos estudando na Biblioteca Setorial
da FAU-Mackenzie, 2017.

Formação acadêmica e atuação profissional: opiniões e perspectivas de ex-alunos da FAU-Mackenzie (1994-2000)

Volia Regina Costa Kato[1]

1. A pesquisa que originou este texto, em agosto de 2006, teve a colaboração da Profa. Ms. Silvana Maria Zioni e dos discentes da graduação Vanessa Kavey Mo, Elaine Akemi Niyama e Maíra Rodeghir Soliko.

A pesquisa realizada com Arquitetos e Urbanistas formados pela FAU-Mackenzie, no período de 1994 a 2005, surgiu no contexto das discussões pedagógicas no início de 2005, momento em que foi levantada a relevância do conhecimento sobre o percurso profissional de egressos. Embora objetivasse, primordialmente, caracterizar a inserção profissional dos ex-alunos e suas opiniões pessoais sobre as relações entre a qualidade de sua formação acadêmica e as condições e as exigências do mercado de trabalho atual, a pesquisa apresentou resultados surpreendentes em termos de percepções vivenciadas no interior do campo da produção arquitetônica.

As hipóteses iniciais remetiam, por um lado, à percepção de que o Arquiteto recém-formado atualmente se insere predominantemente no universo de transformações das relações de trabalho, que envolve, sobretudo, modalidades de trabalho informal e temporário, em um contexto mais amplo de precariedades que perpassam outras áreas de atuação profissional, inclusive em termos de remuneração. Essas condições objetivas tenderiam a acentuar as tensões entre o imaginário social de autonomia profissional e as possibilidades de sua concretização.

Um dos objetivos era conhecer algumas particularidades das relações entre a formação acadêmica e a atuação profissional. No entanto, colocava-se ainda um leque de indagações sobre as experiências vivenciadas no exercício profissional em termos das competências profissionais exigidas pelo mercado de trabalho e dos vínculos com o preparo obtido no Curso de Graduação.

Definida do ponto de vista metodológico como uma sondagem exploratória de cunho qualitativo e de adesão voluntária, a realização dessa pesquisa foi operacionalizada por meio de entrevistas formais estruturadas, compostas de questões fechadas e algumas abertas voltadas à obtenção de opiniões e de percepções subjetivas, enviadas para endereços eletrônicos e outras elaboradas por contato telefônico. A ausência de subsídios financeiros imprimiu à pesquisa uma necessidade de trabalho colaborativo e voluntário entre professores e alunos, que atuaram criativamente diante de inúmeras dificuldades operacionais, especialmente em relação à adesão dos entrevistados e/ou dificuldades de acesso. A amostra é composta por 59 entrevistas. Quanto à análise de dados, foram aplicados procedimentos quantitativos e qualitativos, agrupados segundo os blocos de conteúdos temáticos do questionário. No caso das respostas abertas, houve um uso combinado de análise qualitativa do discurso do entrevistado e sistematização das principais questões temáticas referenciadas.

Cabe salientar que a composição dos participantes por ano de formação não foi homogênea, com uma concentração significativa no intervalo entre 1999 a 2002 (30 entrevistas). Destaca-se no perfil da amostra a predominância de mulheres (66%), em sua maioria solteiras (72%), e de jovens profissionais entre 25 e 35 anos (85%).

Do ponto de vista da inserção profissional, 95% eram atuantes no mercado de trabalho, dos quais 17% simultaneamente trabalhavam e estudavam.

Alunos realizando a montagem de instalações no jardim da UPM – *campus* Itambé, em frente ao edifício da FAU-Mackenzie, em maio de 2017, para o componente curricular "Arquitetura e Cultura Contemporânea".

Um fenômeno importante a ser destacado é que 84% desenvolviam atividades profissionais relacionadas à formação acadêmica. Entretanto, como um fenômeno indicativo das condições contextuais de trabalho, praticamente 50% deles desempenhavam mais de uma atividade de trabalho.

Ainda em relação às atividades profissionais presentes no momento da pesquisa, duas áreas de atuação são predominantes: projeto arquitetônico (40 referências) e arquitetura de interiores (30 referências), seguindo em importância numérica atividades vinculadas ao design e à construção civil.

As características da atividade atual dos entrevistados revelavam a predominância de relações instáveis, precárias e mal remuneradas, aspectos fortemente reafirmados e detalhados pelas opiniões pessoais dos entrevistados. No geral, o emprego atual dos entrevistados é recente (69,5%), marcado por baixas remunerações (cerca de 30% recebe menos de um salário mínimo), e, ainda, por relações de trabalho autônomas e temporárias ou assalariadas sem registro em carteira profissional. O emprego assalariado possuía pouca representatividade, da mesma forma que os que se declararam como proprietários de escritórios também constituem uma categoria pouco significativa.

Sobre o significado do trabalho, as opiniões desses profissionais revelaram uma compreensão, ainda que fragmentada, das relações complexas no campo de produção arquitetônica, campo este entendido como uma arena competitiva, na qual atuam conjuntamente instituições sociais, indivíduos e discursos que se suportam mutuamente – Arquitetos, críticos, profissionais de Arquitetura, construtores, clientes, parcela do Estado, instituições financeiras, exigências legais, discurso arquitetônico etc.

De acordo com os depoimentos, as percepções desse jogo são vistas como problemas inter-relacionados: envolvem as precariedades das condições de trabalho, incluindo o baixo nível de remuneração e as práticas competitivas entre profissionais que tendem a reforçar o rebaixamento dos valores das remunerações por trabalhos e produtos. Além disso, para eles, a inserção profissional supõe conhecimento e preparo para atuar competitivamente na área, como revelaram inúmeros depoimentos.

Diante das condições de inserção fragmentada e pontuais nos processos produtivos associadas a baixas remunerações, a valorização subjetiva do trabalho fica comprometida e, muitas vezes, é vista como resultado da diminuição da relevância social do Arquiteto enquanto profissional. Ao mesmo tempo, revela-se de forma ambígua o valor pessoal do trabalho: embora possa ser chamada de uma inserção conformista às condições impostas, existe um desejo manifesto de aperfeiçoamento profissional e de adequação às exigências constantemente em mutação do mercado de trabalho, que se apresentam em constante transformação. Um exemplo é a percepção de que as relações de trabalho autônomas representam uma tendência definitiva e de que os Arquitetos não foram formados ou não estão preparados para gerenciar as atividades profissionais tendo em vista essas novas condições. Apesar de maioria dos ex-alunos reconhecer que sua formação foi adequada, esse distanciamento é visto como problema substancial.

Em vários outros aspectos, as percepções e as avaliações qualitativas possuem uma riqueza inusitada, não apenas porque inauguram a importância efetiva desse tipo de investigação no interior da FAU-Mackenzie, mas, sobretudo, porque dão voz aos ex-alunos e permitem a sua aproximação com um dos elementos estratégicos de identidade pessoal – a Escola na qual se formaram.

Alunos em atividade no Laboratório de Metais e Vidros, 2017.

A trajetória do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie: 45 anos de ensino

Andrea de Souza Almeida, Nara Silvia Marcondes Martins e Teresa Maria Riccetti

Introdução

A história do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) se entrelaça com a história do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Pertencentes à área das ciências humanas e sociais aplicadas, ambos têm como característica a interdisciplinaridade e o projeto como conhecimento intrínseco. Comparado com outras áreas do conhecimento, o ensino do Design no Brasil é recente, mas nem por isso menos importante. Durante décadas, os experimentos acadêmicos e as práticas profissionais desse amplo campo de atuação interdisciplinar/transdisciplinar vêm suscitando resgates culturais e novas práticas criativas. Isso se verifica desde os projetos de escopo racionalista/funcionalista às mutações morfológicas oriundas do design contemporâneo, culminando no atual estado da arte, que indica caminhos diversos e muitos até então desconhecidos para os atuais designers, decorrente da fusão tecnológica entre os mundos físicos, digitais e biológicos denominada por Klaus Schwab (2016) de "a quarta revolução industrial".

Em 2016, o Curso de Design da UPM completou 45 anos. Considerado um dos mais tradicionais da cidade de São Paulo, o Curso acompanhou as transformações socioeconômicas e culturais da cidade e do país. Devido à sua diversidade de conhecimento, corroborada pelo corpo docente com conhecimento em áreas afins, como Artes Plásticas, Arquitetura e Comunicação, foi possível nutrir um ensino que contribuiu e ainda contribui para a disseminação da cultura do design.

Design no Brasil: contexto histórico

Sua origem é associada à Revolução Industrial, mas foi a partir da Escola Bauhaus, instituição alemã dedicada ao ensino, que o design foi compreendido como uma nova disciplina da industrialização moderna.

Na metade do século XX, surgem no Brasil as primeiras iniciativas de instalação de cursos de design, que se constituem a partir do desenvolvimento da industrialização. Nesse contexto, várias personalidades – Arquitetos, Publicitários, Engenheiros, Designers de outros países, Sociólogos, Autodidatas, Artistas Plásticos e Mestres de Ofícios – contribuíram para a difusão da cultura do projeto. Para o incremento da indústria brasileira, o governo, em

Explorando os móveis de Rietvelt – modelos físicos desenvolvido por alunos na disciplina Projeto 3.

âmbito nacional, incentivara o ingresso do capital estrangeiro e a importação de tecnologia; em contrapartida, o Estado incitaria o sistema educacional por meio de centros de pesquisas, qualificando pessoas ao mercado de trabalho. As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo são as primeiras a abrigar cursos de ensino superior em design no país. A afirmação de uma "unidade nacional" por meio da valorização de fontes históricas, étnicas e culturais era primordial não apenas para o crescimento econômico, mas também para a conformação de nossa cultura material (NIEMEYER,1997).

Em 1951, é fundado em São Paulo o Instituto de Arte Contemporânea (IAC), considerado o primeiro Curso de Desenho Industrial da América Latina. O IAC fazia parte do Museu de Arte de São Paulo (Masp) e foi dirigido por Lina Bo Bardi e Giancarlo Palanti (COUTO, 2008). A permanência do IAC no cenário nacional foi de apenas três anos, mas nomes importantes se consagraram no panorama brasileiro, como os Designers Gráficos Alexandre Wollner, Emilie Chamie e Ludovico Martino. Para Pietro Maria Bardi, diretor do Masp, o fato de que na maior cidade industrial da América Latina não existisse preocupação alguma com a forma do produto industrializado, era um absurdo, e ele expressou em um informe do museu, o objetivo do IAC:

> O Instituto não pretende ser apenas uma escola de iniciação artesanal e artística, mas um centro de atividades para estudo e divulgação dos princípios das artes plásticas, visando formar jovens que se dediquem à arte industrial e se mostrem capazes de desenhar objetos de formas racionais correspondentes ao progresso: aclarar a função social do desenho industrial, resultando na responsabilidade do projetista no campo da arte aplicada. (WOLLNER, 2003, p. 49).

Em 1962, disciplinas específicas de Desenho Industrial e de Comunicação Visual foram introduzidas na grade do Curso de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e, segundo Witter (1985), essa Escola passou a ser considerada uma das primeiras Instituições de ensino de Design, constando no levantamento de estudos sobre esse campo acadêmico elaborado para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Arquiteto João Batista Vilanova Artigas foi o incentivador da introdução do pensamento de Design no Curso de Arquitetura da USP, em decorrência de uma visão globalizante da Arquitetura, o que, segundo Lucy Niemeyer (1997), era um comportamento exclusivo da FAU-USP, portanto, inexistente nas outras escolas de Arquitetura do país.

O reconhecimento da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) no Rio de Janeiro como a primeira Escola de Design no Brasil, fundada em 1963, deve-se ao fato de ser a pioneira na contemplação do 1º Currículo Mínimo para Cursos de Bacharelado em Desenho Industrial no país. Inicialmente, a Esdi teve influência do ensino da Escola de Ulm, na Alemanha, com sua estrutura curricular, pois entre os seus fundadores há ex-alunos da Ulm, como Alexandre

Wollner, Décio Pignatari e Karl Heinz Bergmiller. Além disso, "as idas e vindas de docentes da *Hochschule für Gestaltung – HfG*, como Max Bill e Tomás Maldonado, ao Rio de Janeiro determinaram a influência da pedagogia e da metodologia do ensino de design alemão sobre o modelo acadêmico adotado para a Esdi" (COUTO, 2008, p. 20).

Em 1964, a Fundação Mineira de Arte Aleijadinho (Fuma), em Minas Gerais, recebe autorização para criar um Curso superior de Desenho Industrial. Com uma história intimamente ligada ao desenvolvimento do Design no país, a Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UFMG) foi criada em 1955 com o nome de Escola de Artes Plásticas, subordinada à já existente Escola de Música da Universidade Mineira de Arte – Fundação Educacional (UMA). Por sua vez, a UMA foi inaugurada em 1954 como resultado da associação de outras três instituições: Sociedade Coral, Cultura Artística e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Em 1956, a Escola de Artes Plásticas instala um curso preparatório, realiza seu primeiro vestibular e entra em pleno funcionamento em 1957 (ESCOLA DE DESIGN, 2017).

A criação da Associação Brasileira de Desenhistas Industriais (ABDI), em 1963, representou também um marco importante para o ensino do Design paulistano, fomentando junto à comunidade a reflexão acerca da necessidade de um ensino estruturado de Design em São Paulo. Na oportunidade do surto desenvolvimentista dos anos 1960, o percurso do Design volta ao contexto da cidade de São Paulo. A Fundação Armando Álvares Penteado (Faap) cria, em 1967, a Faculdade de Artes Plásticas, e, em 1969, inicia o Curso de Bacharelado em Desenho Industrial, com as habilitações de Desenho Industrial ou Comunicação Visual. Em 1971, integra-se a esse cenário histórico o Curso de Desenho Industrial da UPM (ALMEIDA; MARTINS; RICCETTI, 2012).

É importante ressaltar que alguns professores que fizeram parte das escolas listadas anteriormente foram personalidades presentes e atuantes na concepção do Curso na FAU-Mackenzie, como relatado por Wollner (ALMEIDA et al., 2012), convidado a organizar o Curso de Desenho Industrial da UPM no início dos anos 1970 pelo então professor e responsável o artista húngaro Laslo Zinner. A estrutura inicial do curso dialogava com a da Esdi no Rio de Janeiro, e ambas defendiam os princípios racionalistas das Escolas de Ulm e da Bauhaus.

No decorrer dos anos 1970, o número de escolas relacionadas à área do Design se ampliou – a região sudeste concentrou o maior número de cursos, no polo do desenvolvimento industrial nacional, e várias empresas de design foram estabelecidas. Em 1979, decorrente de um convênio entre o Governo do Estado de São Paulo e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), foi instituído o Núcleo de Desenho Industrial (NDI), que tinha como objetivo a conscientização dos empresários sobre a importância do Design no país.

Na década de 1980, o ensino do design se expande nacionalmente não só devido às escolas e aos cursos novos, mas também aos importantes incentivos, como o Laboratório Brasileiro de Design (LBDI), criado em março de 1984 na cidade de Florianópolis, por meio

Poltrona Ergonômica Kiri, 1998.
Reclinável, com ajustes individuais
para o apoio de cabeça, espaldar e
apoio para os pés.
Estrutura e base em aço, espuma
moldada e couro. Projeto do Arquiteto
Percival Lafer (Mackenzie, 1960).

de um Protocolo de Cooperação firmado entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), a Universidade Federal do Estado de Santa Catarina (UFSC), a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc) e o Governo do Estado de Santa Catarina, com as suas Secretarias de Estado e Administração, e Indústria e Comércio. Em seus 15 anos de existência, o LBDI foi coordenado por Gui Bonsiepe, ex-aluno e ex-professor da Escola de Ulm, e pelos designers mineiros Eduardo Barroso, Marcelo Resende e Pedro Paulo Delphino.

Outro dado importante no contexto histórico foi a criação do Prêmio Design[1] do Museu da Casa Brasileira, em 1986, na cidade de São Paulo. A premiação, que recentemente completou 30 anos, é considerada a mais antiga e tradicional na categoria. Atualmente, o Prêmio incorpora uma ampla gama de ações possíveis nos diversos campos de criação do design, reforçando seu papel em promover o debate e a reflexão sobre a produção contemporânea de objetos ligados ao cotidiano que contribuem para a construção do nosso *habitat* (MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 2017).

Em 1989, é fundada a Associação do Design Gráfico (ADG), que, com as Bienais, vem divulgando a produção do design gráfico, com uma grande atuação no mercado durante as décadas de 1990 e 2000, por meio de palestras e publicação de livros no cenário brasileiro. Fundada em 2002, a Associação dos Designers de Produto (ADP) está envolvida em diversos projetos que visam apoiar, promover, divulgar e regulamentar a atividade de profissionais, estudantes, instituições e empresas no Brasil e em outros países.

Considerado a principal vitrine nacional de estudos na área do Design, o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento no Design realizou, em 2016, sua 12ª edição. Durante esse período, os cursos de Design amadureceram e consagraram-se com a característica de preparar não só profissionais atuantes no mercado, mas pesquisadores envolvidos com as questões sociais, culturais e tecnológicas do país. Isso determinou a criação de vários cursos de pós-graduação, com programas de mestrado e doutorado na área de Design espalhados pelo Brasil (P&D, 2017).

A trajetória do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie

A Universidade Mackenzie foi reconhecida pelo presidente Getulio Vargas por meio do Decreto nº 30.511 em 7 de fevereiro de 1952 (BRASIL, 1952). Nesse período, contava com quatro Faculdades: Engenharia; Ciências Econômicas; Filosofia, Ciências e Letras; e Arquitetura e Urbanismo, com cerca de 1.155 alunos. Em 1970, precisamente no dia 23 de setembro, foram aprovados três novos Cursos vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho e Plástica, tendo como diretor o Prof. Jun Okamoto. A primeira turma discente teve início em 1972, com um currículo distribuído em três anos, sendo o primeiro ano relativo à formação básica, que atendia conjuntamente às três modalidades do Curso (ALMEIDA et al., 2012).

1. O Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira engloba atualmente diversos professores do Curso de Design da FAU-Mackenzie. A coordenação da comissão avaliadora de produtos do júri em 2016 e 2017 esteve sob a responsabilidade do então Coordenador do Curso de Design, Prof. Dr. Marcelo Silva Oliveira.

Exposição de fotogramas, 2012.

> [...] III – Aprovação dos Cursos de Desenho e Plástica (Licenciatura Comunicação Visual, e Desenho Industrial). O Prof. Roberto Frade Monte, relator do processo, fez o sumário de sua exposição ao Magnífico Reitor sobre a matéria; posta em votação, esta foi aprovada por unanimidade (Livro 5, Termo de Abertura, 1970. Início 22-04-1970. Ata nº 17 do dia 23 de setembro de 1970, folhas 29 a 30).

O Curso de Desenho Industrial do Mackenzie tem relevância no cenário histórico do Design no Brasil por estar entre os primeiros cursos criados no estado de São Paulo. Perdurando sem interrupção, vem acompanhando a evolução da discussão do Design mundial com a participação do corpo docente de áreas afins, o que possibilita os modos de visão interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar, necessários à cultura de projeto.

Em 2011, o Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq "Design, Teoria e Projeto" desenvolveu a investigação intitulada "Registro de Memória: 40 anos do Curso de Desenho Industrial Mackenzie" fomentada pelo MackPesquisa. O resgate da construção da memória do Curso, com base em documentos oficiais da Universidade e depoimentos de personalidades, ex-alunos, docentes e diretores que construíram essa história, possibilitou um detalhamento das quatro décadas de sua existência, resultando na compilação de três fases distintas que delinearam sua narrativa de percurso. A primeira é representada pelo seu nascimento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; a segunda, por sua migração para a então Faculdade de Comunicação e Artes; e a terceira, pelo retorno às suas origens.

1ª fase: os Cursos de Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho e Plástica na FAU-Mackenzie

A fase de 1971 a 1978 refere-se à implantação do Curso na Faculdade de Arquitetura, subdividido em Desenho Industrial, Comunicação Visual e Desenho e Plástica, com uma estrutura própria de coordenação para os três cursos, paralelo ao Curso de Arquitetura e Urbanismo. Inicialmente, a direção é do Prof. Ms. Jun Okamoto (1971-1973), seguida pelo Prof. Luis Teixeira Torres (1974-1978), que assume como Diretor. Com duração de três anos, os Cursos eram ministrados em dois turnos: vespertino e noturno.

Esse foi um período de eclosão de cursos relacionados à arte, uma vez que, por determinação do Governo Federal, o ensino de Educação Artística tornou-se disciplina obrigatória em escolas primárias e secundárias, e, na ocasião, não havia professores capacitados. Esse é um dos episódios que justificam e sinalizam, conforme o artista plástico e Prof. Norberto Stori, a aproximação do Curso de Design da UPM com a Escola Bauhaus, por sua ligação entre arte, artesanato e conhecimento, e pela convivência entre artesãos e artistas, argumento reforçado pelo ex-aluno Carlos Perrone:

> Essas disciplinas de representação gráfica trabalhavam o raciocínio visual, o pensamento visual e plástico, o pensamento construtivo bastante em voga na época, ainda no rescaldo da questão da arquitetura e da arte construtivista brasileira, fundamentalmente paulista.[2] (ALMEIDA et al., 2012).

2. Entrevista de Carlos Perrone concedida a Andrea de Souza Almeida em 21 de maio de 2011.

Apesar das aproximações, havia diferenças, segundo Alexandre Wollner, pois os cursos da Bauhaus e de Ulm eram mais flexíveis, desprovidos do caráter acadêmico requerido por uma estrutura universitária como a da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Se constava nos cursos de Desenho Industrial e de Comunicação Visual uma estrutura bastante rígida, segundo depoimento da professora Ana Maria di Sessa (ALMEIDA et al., 2012), a parte relativa à representação gráfica era comum aos cursos de Arquitetura e de Engenharia. Na visão do Professor Teixeira Coelho (ALMEIDA et al., 2012), ex-docente do Curso, no início dos anos 1970 aconteceu uma mudança inédita nos estudos de Arquitetura no Brasil, que foi a introdução de uma abordagem mais humana em paralelo ao cálculo matemático e estrutural. Nesse momento, as disciplinas de Teoria da Informação, Estética e Sociologia foram incorporadas ao Curso, cujo intuito era situar o aluno numa visão da Arquitetura mais ampla. Teixeira Coelho concluiu que isso era decorrente da definição de um currículo para o ensino nessa área do conhecimento e que serviu tanto para o Curso de Arquitetura quanto para o de Design.

Apesar das articulações entre Arquitetura, Desenho Industrial e Comunicação Visual, a criação dos novos cursos implicou uma série de dificuldades. Por um lado, como relata o Designer e Professor Wollner (2011), muitos alunos ingressavam na habilitação de Comunicação Visual com a intenção de ser ilustradores e pintores, e, por outro, o curso buscava a dimensão da função, e não unicamente a dimensão estética.

Quadro 1 – Corpo diretivo da primeira fase do Curso de Design da UPM

<table>
<tr><th colspan="2">1ª Fase do Curso de Desenho Industrial vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU-Mackenzie</th></tr>
<tr><td colspan="2">Diretores da FAU neste período:
Prof. Jun Okamoto (1971-1973)
Prof. Luis Teixeira Torres (1974-1978)</td></tr>
<tr><td rowspan="5">Anos 1970
Corpo diretivo do Curso de Design</td><td>Cursos: Desenho Industrial, Comunicação Visual, Desenho e Plástica Mackenzie</td></tr>
<tr><td>Período de 1971-1978</td></tr>
<tr><td>Coordenador Curso Comunicação Visual – Prof. Laslo Zinner</td></tr>
<tr><td>Coordenador Curso Desenho Industrial – Prof. Roberto Frade Monte</td></tr>
<tr><td>Coordenadora Desenho e Plástica – Profa. Sônia Maria Paula e Silva de Lima</td></tr>
</table>

Fonte: Almeida et al. (2012).

Alunos em atividade no Laboratório
de Serigrafia, 2017.

Os cursos de Desenho Industrial e de Comunicação Visual foram criados em um momento em que ainda havia dificuldade de compreensão do que seria Design, tanto na área de Produto quanto na Visual. O Arquiteto e Designer Giorgio Giorgi Jr., aluno desse período e Professor do Curso na década de 1980, comentou como era curioso estudar Design naquele momento, pois a todo tempo era necessário explicar a profissão para familiares e amigos. Esse aspecto também é ressaltado por Wollner – havia discussões e dificuldades entre os próprios professores das diversas áreas, incluindo Arquitetura e Engenharia, em relação à compreensão da ideia de Design, da metodologia em Design adotada no curso e da configuração de disciplinas. A ausência de uma política de incentivo, por parte da instituição, à pesquisa de docentes e discentes também era uma queixa frequente naquele momento. Hoje, sabe-se que ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis da formação do conhecimento (ALMEIDA et al., 2012).

É interessante apontar que, apesar das diferenças e da dificuldade de trocas entre professores, houve integração e interdisciplinaridade na Arquitetura e no Design, mesmo que de forma localizada, como recorda Perrone:

> Eu tive, como estudante do Mackenzie, contato entre disciplinas memoráveis. Recordo-me de um trabalho realizado conjuntamente entre Alexandre Wollner e Laszlo Zinner enquanto professores. Porque Alexandre Wollner dava a disciplina que lhe correspondia relativa ao design, não me lembro exatamente do nome que tinha, e o Laszlo Zinner dava Plástica, acho que era esse o nome, em que a gente trabalhava fazendo modelos a partir de argila e transformando com as mãos, a partir daquela coisa marrom e suja, que passava por um processo de projeto, até redundarem em uma forma em gesso branca, impecável, perfeita e limpa, wollneriana. Esse trabalho era conjunto. Nós desenvolvemos projetos com o Wollner como professor. Ele usava algumas expressões em inglês naquela época, talvez em decorrência de seu tempo fora, aprendi a expressão "pattern", que ficou definitivamente gravada. Que é mais que uma expressão, é toda uma noção que transcende uma noção de padrão, essencial para desenho industrial, para reprodução, para modulação e coisas do gênero. E foi o que trabalhamos nesse semestre. Foi um exercício que me marcou demais, esse exercício interdisciplinar. E no início da minha vida acadêmica como professor eu apliquei esse exercício, não repetindo, mas o mesmo raciocínio em duas elaborações diferentes, o que deu muito certo. Ele foi um exercício básico para o meu trabalho como designer também.[3] (ALMEIDA et al., 2012).

3. Entrevista de Carlos Perrone concedida a Andrea de Souza Almeida em 21 de maio de 2011.

Alunos do Curso de Design trabalhando em sala de aula.

4. Entrevista do professor Djalma Barros concedida a Andrea de Souza Almeida em 30 de abril de 2011.

2ª fase: os Cursos de Desenho Industrial, Comunicação Visual e Educação Artística na FCA-UPM

A segunda fase, de 1978 a 2005, compreende a migração dos Cursos para a recém-criada Faculdade de Comunicação e Artes, na qual os Cursos de Desenho Industrial, Comunicação Visual (reconhecidos pelo Decreto Federal nº 78.852, de 29 de novembro de 1976) e Desenho e Plástica (alterado para Educação Artística, reconhecido pelo Decreto Federal nº 83.371, de 16 de abril de 1979) passam a ser vinculados. Os Cursos são oferecidos no período vespertino, com três anos de duração. A partir dos anos 1990, consolida-se o Curso de Desenho Industrial com a subdivisão em habilitações – Projeto de Produto e Programação Visual – com duração de quatro anos. A estrutura administrativa passa a ser departamental: Departamento de Artes e Técnicas Industriais e Departamento de Ciências Gráficas.

Ao final dos anos 1970, o Design consolida-se como atividade superior. Havia no país 23 cursos, ministrados por 14 instituições de ensino (CERQUEIRA, 2008). As ações principiadas com a migração do Curso de Desenho Industrial à recente instituída Faculdade de Comunicação e Artes distinguiram os anos consecutivos.

Em decorrência da formação e da atuação como artista plástico do Professor e Diretor Itajahy Martins à frente da Faculdade de Comunicação e Artes e de outros docentes, também atuantes na área das Artes Plásticas, como Laszlo Zinner e João Rossi, o Curso de Desenho Industrial reforça a presença de artistas plásticos em seu corpo docente por estes trazerem, nas palavras de Luise Weiss (2011 apud ALMEIDA, et al., 2012), uma visão mais abrangente. Esse conceito é alentado por outras personalidades entrevistadas, que consideram o fato como o maior diferencial em relação aos outros cursos. A boa formação e bagagem cultural caracterizam o perfil dos alunos desse período, que participavam das atividades disciplinares de forma intensa. O horário do Curso também proporcionava esse comportamento. Conforme relato do ex-aluno e docente Djalma Barros, priorizavam-se horários específicos para as disciplinas práticas e teóricas.

> Entrava as 8:20, 8:30 da manhã. Tinha duas disciplinas na manhã. Saía para almoçar, voltava por volta de 13:00, 13:30 e ia até 18:00, 18:30 da tarde. Havia uma diferença na sequência de aulas sim. Inclusive, essas grades eram estudadas, para o aluno, se tiver matérias mais práticas na parte da manhã, a tarde ele tinha matérias teóricas. Para ele ter possibilidade de ler mais, de estudar mais, de desenhar mais. Mesmo fazer mais desenho técnico, e assim por diante.[4] (ALMEIDA et al., 2012).

Quadro 2 – Corpo diretivo da segunda fase do Curso de Design da UPM

2ª Fase do Curso de Desenho Industrial vinculado à Faculdade de Comunicação e Artes – FCA
Diretores da FCA neste período: Prof. Dr. Itajahy Martins (1978-1991) Profa. Dra. Márcia Holland (1991-1999) Prof. Me. Oswaldo Hattori (1999-2004) Profa. Dra. Esmeralda Rizzo (2004-2005)

Anos 1980 Corpo diretivo do Curso de Design	Departamento de Artes e Técnicas Industriais
	Período de 1988-1990
	Chefe de Departamento – Prof. Antonio Laffratta
	Departamento de Ciências Gráficas
	Período 1986-1988
	Chefe de Departamento – Profa. Sylvia Sans Magano
	Período 1988-1990
	Chefe de Departamento – Prof. Celso A. Monteiro
Anos 1990/2000 Corpo diretivo do Curso de Design	Departamento de Artes e Técnicas Industriais
	Período 1991
	Chefe de Departamento – Profa. Dra. Márcia Holland
	Período 1992-2001
	Chefe de Departamento – Profa. Dra. Eliana Z. Lindenberg
	Departamento de Ciências Gráficas
	Período 1990-1992
	Chefe de Departamento – Prof. Celso A. Monteiro
	Período 1993-1998
	Chefe de Departamento – Profa. Dra. Luise Weiss
	Período 1999-2001
	Chefe de Departamento – Prof. Dr. Luiz Geraldo F. Martins
Anos 2000/2005 Corpo diretivo do Curso de Design	Departamento de Artes e Técnicas Industriais
	Período 2002-2004
	Chefe de Departamento – Prof. Eugenio Ruiz
	Departamento de Ciências Gráficas
	Período 2002-2004
	Chefe de Departamento – Profa. Dra. Denise Dantas
	Período 2005 *encerramento do tipo de estrutura departamental
	Chefe de Departamento – Profa. Dra. Nara Silvia M. Martins
	Coordenação de Curso
	Período 2005
	Coord. Curso – Profa. Dra. Nara Silvia M. Martins

Fonte: Almeida et al. (2012).

Alunos em atividade com metais, 2017.

Como o Curso do Mackenzie contemplava três anos de duração, a carga horária era distribuída em dois horários: no primeiro ano básico, manhã e tarde, e posteriormente, nos outros anos, somente no período da tarde. Havia certa imersão dos alunos tanto no Curso como no convívio na Faculdade, já que as disciplinas e os alunos mais disponíveis promoviam mais envolvimento.

Em 1987, com o intuito de reestruturar o ensino de Design no Brasil, o Ministério da Educação estabeleceu a adoção, por parte das instituições de ensino, de um Currículo Mínimo,[5] no qual se destacam o estabelecimento de um conjunto de conhecimentos próprios e específicos, um padrão mínimo de qualidade dos cursos, a uniformização de conteúdos didáticos e pedagógicos, e a interlocução disciplinar entre os diversos cursos no país. Segundo Márcia Holland, docente do curso naquele momento, a adoção de uma matriz curricular única para todo o território nacional conferiu aos cursos uma camisa de força, sem respeitar características regionais ou a cultura local. No entanto, por ser vinculado a uma instituição de ensino universitária, o Curso da Universidade Presbiteriana Mackenzie possuía certa autonomia, o que era diferente em outras instituições de Ensino. Esse atributo possibilitou uma adequação favorável no arranjo de disciplinas que configuravam o Curso de Desenho Industrial, assim como foi possível que os docentes ampliassem as referências impostas e mostrassem um universo mais amplo no campo de design, com o intuito de formar profissionais reflexivos e questionadores.

Um dos frutos desses ajustes para hierarquizar a função de cada disciplina foi a implantação do Trabalho de Graduação Interdisciplinar (TGI). Segundo Luise Weiss, idealizadora e responsável da implantação do TGI,

> O que eu lembro é que tinha muita competição de disciplinas, no último ano, com o TGI. Então isso foram discussões, foram reuniões, isso levou certo tempo pra ser entendido. Como um projeto que tinha que acontecer e que tinha que sair do aluno, então não era mais hora do professor chegar e falar, agora você vai projetar uma máquina nova, ou uma cadeira ou um livro novo. Era um momento em que ele tinha que decidir o projeto. A gente percebeu que isso enriqueceu o trabalho de alguns alunos com pesquisas muito sérias.[6] (ALMEIDA et al., 2012).

A partir dessa prospecção, tem-se que o trabalho de graduação interdisciplinar é uma primeira experiência na atividade que visa estabelecer relação efetiva entre disciplinas do Curso, o que reforça o tirocínio na área do conhecimento. O TGI nasceu da necessidade de validar o Curso de Desenho Industrial com um trabalho de qualidade, em vista das discussões que estavam ocorrendo sobre a mudança de terminologia para a área, de Desenho Industrial para Design, denominação já amplamente utilizada em várias cidades da Europa e nos Estados Unidos, mas que só foi adotada no Brasil no fim da década de 1980, nos Cursos novos, com a permissão do MEC (ALMEIDA et al., 2012).

5. Portaria nº 852/87 – Regulamenta o Currículo Pleno para os Cursos de Desenho Industrial, com as habilitações de Projeto do Produto e Programação Visual.

6. Entrevista da professora Luise Weiss concedida a Andrea de Souza Almeida em 26 de maio de 2011.

7. Entrevista de Luís Alexandre Ogasawara concedida a Andrea de Souza Almeida em 16 de abril de 2011.

8. Entrevista de Juliana Bertolini concedida a Andrea de Souza Almeida em 9 de abril de 2011.

9. Entrevista da professora Eliana Zaroni Lindenberg concedida a Andrea de Souza Almeida em 5 de maio de 2011.

10. Entrevista da professora Denise Dantas concedida a Andrea de Souza Almeida em 30 de abril de 2011.

Embora fizesse parte da grade curricular de 1989, procedimento do TGI só foi particularizado e levado à admissão como quesito obrigatório para a conclusão do Curso e implantado a partir de 1995, conforme relato da Profa. Dra. Márcia Holland (ALMEIDA et al., 2012).

Os anos 1990 foram determinantes para a consolidação do Curso de Design no Mackenzie, que naquele momento já havia adquirido visibilidade entre as diversas instituições existentes em São Paulo. Com 20 anos de atividade e várias turmas formadas, a Universidade era procurada por alunos que acreditavam e confiavam na qualidade e tradição do ensino, como salientado em relato dos ex-alunos desse período e atuais docentes do Curso, os Professores Luís Alexandre Ogasawara e Juliana Bertolini.

> Tradição, então eu escolhi o curso de DI pelo nome da instituição. Eu me lembro também de uma coisa muito subjetiva, mas eu me encantei pelo *campus*, a primeira vez que eu entrei no campus do Mackenzie, para prestar vestibular, aí eu pensei "eu quero estudar aqui".[7] (ALMEIDA et al. 2012).

> Eu entrei em 98. Eu não pesquisei muito. Eu vim pela tradição, pelo nome, minha irmã fazia arquitetura aqui.[8] (ALMEIDA et al., 2012).

No decorrer da implantação da grade curricular, iniciada em 1989, o Curso adquire maior solidez. Nesse período, conforme Márcia Holland (ALMEIDA et al., 2012), ocorreram outras duas estruturações. Uma em decorrência do avanço tecnológico e do conhecimento que o aluno deveria adquirir. Outra foi paralela às discussões em âmbito nacional sobre o ensino superior baseado na nova Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, que possibilitou repensar a terminologia dos cursos novos e principalmente colocar em xeque os preceitos do Currículo Mínimo.

As referidas ocorrências assinalam que esse foi o primeiro momento na história do Curso de Desenho Industrial do Mackenzie em que houve uma reflexão para se traçar uma nova estrutura, atualizada e coerente com as necessidades dos estudantes.

> Acho que aos poucos com a mudança de diretores, com a política da própria Universidade que fomentou a formação de mestrado, e mais discussões e cobranças maiores em relação ao ensino acho que fizemos um curso mais atualizado. Foi a primeira vez que houve um encontro que durou mais de duas semanas, a que era obrigatório o professor ir e participar dessas reuniões com os chefes de departamento.[9] (ALMEIDA et al., 2012).

Essa reflexão conjunta de 1999 foi denominada "Repensando Novos Caminhos". Conforme muitos relatos obtidos, as discussões ocorridas foram primordiais naquele momento do Curso e abriram espaço para alterações pertinentes.[10] (ALMEIDA et al., 2012).

Outro fator importante que colaborou para o comportamento reflexivo no Curso foi a exigência da titulação básica de Mestre para todos os docentes da Instituição, proveniente da

Entidade Mantenedora. Assim, foram criados Cursos de Pós-Graduação em todas as áreas, no início da década de 1990, e em dez anos a maioria dos professores em atividade realizou pesquisas e concluiu o seu Mestrado. Segundo a Professora Luise Weiss (ALMEIDA et al., 2012), a Pesquisa é fundamental para os Cursos de Graduação, já que a função da Universidade é estimular a prática da pesquisa como um diferencial em relação aos cursos técnicos.

A implantação de disciplinas específicas nas áreas de habilitação – Projeto do Produto e Programação Visual – possibilitou ao Curso uma situação privilegiada, como apontado pelo Prof. Luiz Geraldo Martins (ALMEIDA et al., 2012), na época Chefe do Departamento de Ciências Gráficas:

> Essa disciplina História em Quadrinho deve ter sido incorporada aos currículos das faculdades de comunicação visual na década de 70, quando ocorreu o "boom" de quadrinhos. Surgiram vários professores que começaram a escrever e produzir livros e material nessa época, e quase todas as faculdades criaram esses cursos. A maioria continuou sendo teórica, mas aqui tinha essa tradição de ser prática, de produzir.[11] (ALMEIDA et al., 2012).

Os diversos *ateliers* que configuram o espaço físico da Faculdade também promovem essa visibilidade, e principalmente fornecem aos alunos a possibilidade de desenvolver sua criatividade por meio do conhecimento e experimentação de técnicas e materiais.

Outro aspecto preponderante no Curso do Mackenzie é a prova de habilidade específica, presente até hoje. No exame de seleção, o que desperta o aluno ingressante é a preocupação e a valorização do desenho como forma de expressão e representação presente no dia a dia do Designer. Outras instituições retiraram ou nunca tiveram essa preocupação, e, conforme apontou Weiss (ALMEIDA et al., 2012), o desenho é fundamental nos cursos de Design.

Além disso, a valorização da base artística apontada nas décadas anteriores com a união da experiência prática é outro fator importante desse período, já que muitos alunos do passado se tornaram professores ao longo do tempo. Como frisou a Ex-Diretora Márcia Holland, isso é importante para o Curso – pessoas consolidadas na área de projeto trazendo contribuições valiosas, além de outras vindas de áreas correlatas ao Design, contribuíram para as relações interdisciplinares ou multidisciplinares necessárias ao Curso.

Durante esses anos, o Curso de Desenho Industrial realça sua diferença em relação às outras instituições de ensino com um currículo abrangente e base artística. Amadureceu consagrando-se pela característica de preparar profissionais atuantes no mercado em expansão.

11. Entrevista do professor Luiz Geraldo F. Martins concedida a Andrea de Souza Almeida em 21 de maio de 2011.

Alunos em atividade no Laboratório
de Cerâmica, 2017.

3ª fase: os Cursos de Design na FAU-Mackenzie

A 3ª fase é marcada pelo retorno do Curso de Desenho Industrial à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no ano de 2005. O regresso à FAU-Mackenzie foi justificado pela Instituição como uma adequação à natureza das áreas do conhecimento. O Curso mantém sua duração em quatro anos e é ministrado no período noturno. Em 2009, foi implantada uma nova grade curricular, cuja denominação do Curso de Desenho Industrial passa a ser Curso de Design, com habilitações em Projeto do Produto e Programação Visual, de acordo com a determinação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Bacharelados em Design, publicadas no *Diário Oficial da União* em 8 de março de 2004.[12]

Recentemente, o Curso passou por mudanças de Direção, de espaço físico, de Faculdade, de grade curricular e de terminologia. Transformações importantes para a história do Curso de Desenho Industrial, decorrentes de uma época em que tudo acontece de forma rápida. É importante apontar, nesse período, a modificação na estrutura diretiva do Curso, baseada agora em Coordenação, e não mais em Chefia de Departamento, que se deu na Universidade como um todo.

Para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo foi um ganho receber o Curso de Desenho Industrial de volta depois de 27 anos, segundo depoimento da Profa. Dra. Nadia Somekh, Diretora no período de 2005-2009, que alegou que foi o resgate de uma concepção do Curso de Arquitetura, que de alguma forma se desintegrou nos anos de 1980. Para o Curso de Desenho Industrial, voltar para a Faculdade de Arquitetura demonstrou coerência na similaridade do fazer criativo.

Quadro 3 – Corpo diretivo da 3ª fase do Curso de Design da UPM

<table>
<tr><th colspan="2">3ª Fase do Curso de Desenho Industrial vinculado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo</th></tr>
<tr><td colspan="2">Diretores da FAU neste período:
Profa. Dra. Nadia Somekh (2005-2009)
Prof. Dr. Valter Caldana (2010-2016)
Profa. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim (2016-atual)</td></tr>
<tr><td rowspan="9">Anos 2005 até o presente momento
Corpo diretivo do Curso de Design</td><td>Curso Design com habilitação em Design de Produto e Design Gráfico</td></tr>
<tr><td>Coordenação de Curso</td></tr>
<tr><td>Período de 2005 a 2010</td></tr>
<tr><td>Coordenadora Curso – Profa. Dra. Nara Silvia M. Martins</td></tr>
<tr><td>Período de 2010 a 2014</td></tr>
<tr><td>Coordenador Curso – Prof. Dr. Charles Vincent</td></tr>
<tr><td>2014 * Curso Design</td></tr>
<tr><td>Período de 2014 até o presente momento</td></tr>
<tr><td>Coordenador Curso – Prof. Dr. Marcelo Oliveira</td></tr>
</table>

Fonte: Almeida et al. (2012).

12. Portaria nº 852/87 – Regulamenta o Currículo Pleno para os Cursos de Desenho Industrial, com as habilitações de Projeto do Produto e Programação Visual.

13. Entrevista da diretora, na época, Nadia Somekh concedida a Andréa de Souza Almeida em 27 de junho de 2011.

> Se a gente for pensar na Bauhaus e toda a concepção humanista do arquiteto, nós entendemos que a formação é a mesma. E que Design, é a essência do projeto, que Design é projeto em inglês, mas nós podemos entender que é uma parte de designo que é o projeto em si. E, portanto, reintegrar o design na arquitetura e urbanismo fez com que houvesse a possibilidade de uma articulação maior e um resgate de uma formação mais ampla do arquiteto e do designer ao mesmo tempo em que nós entendemos isso como uma necessidade de especialização. Então nós temos uma formação mais ampla e humanista e a possibilidade de articulação entre os dois cursos e ao mesmo tempo a necessidade que o mundo nos impõe, a contemporaneidade nos impõe uma especialização. Então temos que jogar com essas duas vertentes, da concepção mais ampla e da possibilidade de intercâmbio dos cursos, e ao mesmo tempo a especialização que é uma imposição do mundo contemporâneo, mas nós temos que dar limites a essa especialização. Nós formamos arquitetos e designers cidadãos. Então essa questão de uma formação mais ampla é bastante importante.[13] (ALMEIDA et al., 2012).

O Curso cresceu nesse período de afastamento. Foi importante o envolvimento com outras áreas do conhecimento; consagrou-se não só pelos estudantes, mas pela própria repercussão na mídia e pela avaliação do MEC, fatos estes também apontados por Somekh (ALMEIDA et al., 2012).

Em 2009, com o intuito de articular ensino, pesquisa e extensão na área do Design, foram estruturados e implantados no arcabouço conceitual do Curso de Design Mackenzie os três eixos temáticos: Teoria de Crítica, Projeto e Sustentabilidade. Entre suas finalidades estavam: direcionar a ação dos docentes e acompanhar a aprendizagem dos discentes; estimular e articular a interdisciplinaridade; contribuir para a formação de um profissional intelectualmente autônomo, capaz de atuar de forma integrada com áreas diversas do conhecimento; desenvolver habilidades, expressando atitudes e valores; provocar a reflexão crítica e pautar a linha de pensamento de cada etapa do Curso.

O Projeto Integrado foi uma atividade fruto dessa conformação de eixos temáticos. Tinha como objetivo efetivar a interdisciplinaridade para ampliar o raciocínio criativo do aluno, com o subsídio de um conjunto de disciplinas da mesma etapa do Curso. O projeto ocorria do terceiro ao sexto semestres, evoluindo em graus de complexidade sob a coordenação da disciplina de Projeto. Nesse momento adotava-se como partida estrutural do eixo e, consequentemente, do Curso uma linha de pensamento que pauta, em particular, a sequência de disciplinas de Projeto para as duas habilitações em vigor. A complexidade dos projetos desenvolvidos era de ordem crescente, acompanhando do acesso ao conhecimento e repertório do aluno. A cada etapa se acrescenta um novo objetivo na linha de pensamento, enfatizando a estrutura da cultura do Design (RICCETTI; MARTINS, 2016).

Em 2014 foi implantada a atual grade curricular em vigor. A abordagem pedagógica do Curso, ao longo dos anos, sempre privilegiou a formação de um profissional voltado à atuação ampla em Design, com a distinção entre duas grandes áreas (Projeto de Produto e Programação Visual). Nessa fase, o Curso dá lugar ao pensamento generalista do Design. Entende-se que a aceleração e a complexidade das transformações sociais, advindas especialmente dos processos produtivos e culturais ligados à sociedade da informação, demandam aprofundamento da formação generalista, por meio do qual se estabeleçam bases sólidas para atuação e o enfrentamento desses desafios. Visualiza-se a necessidade de o designer responder às demandas sociais articulando, cada vez mais, saberes multidisciplinares e transdisciplinares, unindo de forma muito efetiva a teoria com a prática.

Prof. Dr. Marco Hovnanian (Cursos de Design e de Arquitetura e Urbanismo) em passeio fotográfico com alunos no Pateo do Collegio, no centro de São Paulo.

Assim, a atual finalidade do Curso de Design é a capacitação do profissional para a flexibilidade de ações e para a autonomia na aquisição de conhecimentos, a fim de que protagonize contribuições nos diversos campos do Design, seja no setor produtivo, seja na de serviços, na esfera pública ou privada, nas associações sem fins lucrativos, em atividades de pesquisa acadêmica e como agente empreendedor (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2014).

A matriz curricular do Curso foi organizada de forma a propiciar a interdisciplinaridade de conteúdos por meio de uma organização didático-pedagógica que privilegia o agrupamento de saberes por competências e habilidades e que se estrutura por meio de atividades, contrapondo-se à excessiva fragmentação e compartimentação dos conhecimentos, decorrentes do excessivo número de disciplinas na matriz curricular anterior. Com duração de três anos e meio, o Curso de Design é organizado por seis eixos temáticos, cada um correspondente a uma das seis etapas do curso, que orientam o desenvolvimento da formação do aluno, permeando cada uma das instâncias.

Considerações finais

No Brasil, a constituição de Cursos de Graduação em Design não segue um padrão. Uns se originaram do Curso de Arquitetura, outros de Cursos de Comunicação Social e há também os oriundos das Artes Plásticas. Essa característica é inerente à própria cultura do Design, que, com seu caráter inter/transdisciplinar, permeia as áreas do conhecimento para nutrir a concepção de projetos e o desenvolvimento de seus processos criativos.

Com o Curso de Design Mackenzie não foi diferente. Procedente do processo de desenvolvimento cultural, econômico e tecnológico do Brasil e da cidade de São Paulo, o Curso surge do anseio da Universidade e de profissionais oriundos de áreas em que a criatividade se alia à técnica – Artes, Comunicação, Arquitetura –, nas quais o projeto, entendido como intenção de viabilizar algo de concreto, é o elemento norteador.

Alunos desenvolvendo projetos gráficos.

Ao longo desses 45 anos, o Curso de Design do Mackenzie passou por várias reformulações, e atualmente contempla as exigências necessárias à formação condizente para o futuro profissional e pesquisador na área. Podemos considerar que a primeira fase do Curso foi delineada por uma experimentação do ensino em uma nova área do conhecimento – o Design. Os Cursos que se iniciavam buscavam seus alicerces na arte e na sua experiência de manufatura (artesanal), no modelo importado pela Bauhaus e pela Ulm. Naquele tempo, estudar e ensinar Design (Desenho Industrial) era fazer parte de um vasto laboratório de experimentações. Os resultados dessas experiências foram corporificando conceitos e difundindo a cultura do Design.

Em 2012, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), já havia 267 instituições em todo o território nacional com cerca de 538 cursos de graduação em Design (DIAGNÓSTICO DO DESIGN BRASILEIRO, 2014, p. 102).

Com a expansão dos cursos de Design, as questões administrativas do ensino requereram mais atenção e supervisão pelos órgãos governamentais da educação. Desse modo, as instituições de ensino tiveram que se amoldar a uma estruturação mínima de currículo e outros artifícios metodológicos ao seu arcabouço.

O conceito de "aldeia global", cunhado nos anos 1960 por McLuhan (1998), confirma-se a partir dos anos 1990 com os avanços tecnológicos, que proporcionaram grandes transformações sociais, econômicas e culturais. A abertura dos mercados econômicos, a busca pela diversidade e o incremento dos procedimentos metodológicos e processos criativos aproximaram o Designer das questões sociais e promoveram seu papel como um dos agentes da cultura material.

No ano de 2005, o Curso de Design retorna à sua Unidade de origem, a FAU-Mackenzie. O tirocínio interdisciplinar e transdisciplinar é hoje essencial à formação e prática do profissional da área; por um lado, há o interesse pelo processo criativo, a tecnologia, e, por outro, a atenção para as dinâmicas socioeconômicas e culturais.

Muitos nomes foram considerados precursores da área de projeto, atuando em diversas áreas do design. O Designer Mario Fioretti, aluno do curso no final da década de 1970 e começo de 1980, foi responsável pelo lançamento de muitos eletrodomésticos da Whirlpool Latin American, empresa à qual dedicou sua carreira por quase 27 anos como diretor de projetos de inovação (FIORETTI, 2015).

O Designer Raul Pires, formado nos anos 1990, é reconhecido na área de Design automotivo, projetando o modelo do carro Continental GT da Bentley (MACKENZISTA, 2002). Outros designers da área automotiva são os irmãos Pavone, formados no início dos anos 2000 – José Carlos Pavone foi chefe de Design da Volkswagen da América do Sul, hoje indicado

Prensa do Laboratório de Gravura com matrizes produzidas por alunos, 2017.

a participar do *board members* da Volkswagen da América do Sul e da Alemanha; Marco Antonio Pavone comanda uma equipe na Alemanha. Ambos são os responsáveis por projetos e lançamentos de diversos carros da Volkswagen, entre eles carros globais como o Jetta e o Up (PAIXÃO, 2016).

Diante das transformações da tecnologia, do complexo socioeconômico e do meio ambiente, o designer deve propor soluções criativas que inovem a cultura material e comportamental, além de promover ideias voltadas à problemática da ecologia humana e social. Ivo Pons, Designer, ex-aluno, Professor e pesquisador, premiado no Brasil e no meio internacional, nos últimos anos foi finalista em diversos concursos que discutem o Design Socioambiental: Prêmio Objeto Brasileiro, Concurso Planeta Casa, Mostra Design & Natureza (MARTINS, 2006). Atualmente é fundador da Scipopulis, empresa de inovação focada em cidades inteligentes e dedicada à mobilidade urbana. Os produtos entregam soluções aos usuários e gestores do sistema de mobilidade nas áreas de monitoramento, análise de dados, relacionamento, compartilhamento e mobilidade ativa (SCIPOPULIS, 2017).

Ex-alunos são responsáveis pelo sucesso do Curso de Design do Mackenzie, reconhecidos no mercado profissional em áreas distintas do Design. Leo Matsuda, formado em Comunicação Visual, sempre interessado em animação, desde 2008 trabalha para a Disney. Começou como aprendiz no departamento de *storyboard* e nos anos seguintes trabalhou em animações que ganharam o Oscar em 2014, 2015 e 2016, com *Zootopia*. Colaborou para o desenvolvimento do filme *Os Simpsons* (2007) e *Rio* (2011). Ele foi o primeiro brasileiro a dirigir um curta-metragem de animação da maior indústria de filmes, a Disney, com *Trabalho Interno* (2017), o curta concorrente ao Oscar deste ano (DO MACKENZIE, 2017). Assim como Leo, Felipe Rocha desenvolve projetos, estratégia e design em todas as plataformas na Sagmeister & Walsh, empresa com sede em Nova York que cria identidades de marca, comerciais, *sites*, aplicativos, filmes, livros e objetos para clientes, público e designers (SAGMEISTER; WALSH, 2017).

Vários são os campos de atuação. Designers mackenzistas são premiados e exercem a profissão em diversas áreas, como embalagem, história em quadrinhos e *branding*, entre outras. Mika Takahashi, formada recentemente, tem publicado *graphic novels*, narrativas visuais e ilustrações (PINGADOPRESS, 2017). Gabriela Tischer trabalhou em empresas como Lid, BC&H e Seragini Design, especializadas em design de embalagem. Acumulou experiência e atualmente "solta a criatividade e confirma sua paixão pelo design como proprietária Spice Design" (SPICE DESIGN, 2017, s/p). A designer Margot Takeda é sócia-fundadora e diretora de criação da A10 Design, empresa brasileira especializada em estratégia de marca e design. Seu nome foi indicado para participar do júri do Cannes Lions Awards 2016 (A10, 2017).

Atualmente, muitos egressos do Curso de Design do Mackenzie projetam formas, artefatos e ideias em escritórios e estúdios de Design pelo Brasil e pelo mundo. No cenário contemporâneo, o Design não se circunscreve apenas nas categorias tradicionais – Industrial, Gráfico, Produtos e Moda. Hoje, agregam-se à orbe desse sistema novas áreas do Design, como Design de Serviços e Estratégico.

O Design hodierno deve ser capaz de estabelecer uma interface imediata entre o ser humano e o mundo das mercadorias, das tecnologias, das informações e dos serviços, definindo a verdadeira qualidade cultural das áreas materiais e imateriais da vida social.

O Design é uma profissão criativa, inovadora e voltada à busca de melhorias e soluções de problemas. Também se relaciona diretamente com o tripé ensino, extensão e pesquisa, que são questões que norteiam os princípios educacionais visando a formação do profissional intelectualmente autônomo, capaz de atuar de forma integrada com os diversos campos do conhecimento. Todos esses valores e preceitos estão em atuação e em constante averiguação por parte dos docentes e discentes do Curso de Design Mackenzie, que no decorrer de seus 45 anos de vida entendem o Design como processo para desenvolver contextos necessários à sociedade.

Referências

A10. São Paulo, 2017. Disponível em:<http://www.a10.com.mbr>. Acesso em: 9 mar. 2017.

ALMEIDA, A. et al. *Relatório de pesquisa registro de memória*: 40 anos do curso de desenho industrial Mackenzie. São Paulo: MackPesquisa UPM, 2012.

ALMEIDA, A.; MARTINS, N. S.; RICCETTI, T. M. O curso de design Mackenzie: participação na história e ensino paulistano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 10., 2012, São Luís. *Anais*... São Luís: P&D, 2012.

BARROSO NETO, E. LBDI – Laboratório Brasileiro de Design: uma história que não terminou, 1984–1997. Fortaleza, 1998. Disponível em: <http://eduardobarroso.blogspot.com/serach/label/Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 24 mar. 2012.

BRASIL. Decreto nº 30.511, de 7 de fevereiro de 1952. Concede prerrogativas de equiparação à Universidades Mackenzie e aprova seu estatuto. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1º mar. 1952. Seção 1, p. 3113.

CARVALHO, A. P. C. de. *O ensino paulistano de design*: a formação das escolas pioneiras. 2011. Dissertação (Memorial de qualificação)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Peças produzidas por alunos nos Laboratórios de Cerâmica e de Metais e Vidros, 2017.

CERQUEIRA, V. Sinaes – Considerações sobre o processo de avaliação de cursos de graduação em Desenho Industrial/Design. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 8., 2008, São Paulo. *Anais*... São Paulo: Senac, 2008.

COUTO, R. M. de S. *Escritos sobre ensino de design no Brasil.* Rio de Janeiro: Rio Book's, 2008.

DIAGNÓSTICO DO DESIGN BRASILEIRO, 2014. Disponível em: <http://www.cdb.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Diagnostico_Design_Brasileiro_Web.pdf.>. Acesso em: 3 fev. 2017.

DO MACKENZIE para os estúdios Disney. Entrevista Leo Matsuda. *Revista Mackenzie*, São Paulo, v. 4, n. 67, p. 8-11, 1º out. 2017.

ESCOLA DE DESIGN: História. Universidade Estadual de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://www.ed.uemg.br/sobre-ed/historia>. Acesso em: 23 ago. 2011.

FIORETTI, M. A força do Design. *Instituto Informa: diálogos*, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://institutoinforma.com.br/912-2/>. Acesso em: 6 mar. 2017.

MACKENZISTA na corte do rei Arthur. Entrevista Raul Pires. *Revista Mackenzie*, São Paulo, Ano IV, n. 21, p. 26-29, 2002. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Mackenzie/pdfs/m21/mack21_pag26_29.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2017.

MARTINS, N. S. M. The conscience of sustainability in Brazilian contemporary design. The sustainable design is realized in the São Paulo city at Florescer an Aldeia do Futuro. In: DESIGN RESEARCH SOCIETY INTERNACIONAL CONFERENCE, 2006, Lisboa. *Anais*... Lisboa: Lisboa Design Internacional Congress, 2006. p. 1-4.

McLUHAN, H. M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Tradução Décio Pignatari. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.mcb.org.br/pt-BR/institucional/apresentacao>. Acesso em: 6 mar. 2017.

NIEMEYER, L. *Design no Brasil:* origens e instalação. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

P&D. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://www.ped2016.com.br/apresentacao.html>. Acesso em: 9 mar. 2017.

PAIXÃO por automóveis. Entrevista José Carlos Pavone. *Revista Mackenzie*, São Paulo, v. 4, n. 66, p. 8-11, 1º out. 2016.

PINGADOPRESS. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.pingadopres.com/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

RIBEIRO, A. D. (Ed.). *Fundação Armando Álvares Penteado 1947-1997*. São Paulo: DBA, 1997.

Mackenzie Day, setembro de 2016. Evento de divulgação e apresentação dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design à comunidade externa. Na foto, oficinas e atividades ofertadas por professores, alunos e funcionários da FAU-Mackenzie.

RICCETTI, T. M.; MARTINS, N. S. M. A prática docente e discente da atividade do projeto integrado – uma experiência do Curso de Design de Produto. In: ACTAS DE DISEÑO, 21., ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO "DISEÑO EN PALERMO", 11., CONGRESO LATINOAMERICANO DE ENSEÑANZA DEL DISEÑO, 7., 2016, Buenos Aires. *Anais*... Buenos Aires, 2016. p. 100-104.

SAGMEISTER & WALSH. New York, 2017. Disponível em: <http://sagmeisterwalsh.com/work/>. Acesso em: 9 mar. 2016.

SCHWAB, K. *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipro, 2016.

SCIPOPULIS. 2017. Disponível em: <http://www.scipopulis.com.br/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

SOUZA, P. L. P. de. *Esdi*: biografia de uma ideia. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SPICE DESIGN. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.spicedesign.com.br/>. Acesso em: 9 mar. 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Projeto pedagógico do curso de design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2014.

WITTER, G. P. *Desenho industrial:* uma perspectiva educacional. Brasília, DF: Arquivo do Estado de São Paulo: CNPq, 1985.

WOLLNER, A. *Design visual 50 anos*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Defesa de Doutorado de Debora Sanches (2015), com a participação em banca do Prof. António Baptista Coelho, do Laboratório de Engenharia Civil Lisboa (LNEC), utilizando recurso de vídeoconferência (imagem ao fundo). Na mesa, da esquerda para a direita, os Professores Denise Antonucci, Maria Augusta Justi Pisani, Angélica Tanus Benatti Alvim (orientadora), Ricardo Moretti (docente da UFBAC) e a Doutoranda Debora Sanches.

Mestrado e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo: uma história de sucesso

Angélica Tanus Benatti Alvim, Eunice Helena Sguizzardi Abascal, José Geraldo Simões Jr., Nadia Somekh e Roberto Righi

A Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo no Brasil insere-se no Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) em conjunto com os programas de Pós-Graduação em Design. Trata-se de um campo recente no âmbito da Coordenadoria de Aperfeiçoamento em Pessoal de Nível Superior (Capes), quando comparado às demais áreas do SNPG. Em 2014, a área de Arquitetura, Urbanismo e Design (AUD) representava 1,42% do total de 3.791 programas em funcionamento no país.

Os primeiros Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (AU) datam dos anos 1970, e os de Design, de meados de 1990. Até junho de 2017, a área de AUD possuía 67 programas, totalizando 91 cursos, a saber: 42 programas em Arquitetura e Urbanismo (16 com Mestrado e Doutorado, 17 com Mestrado Acadêmico e nove com Mestrado Profissional) e 25 programas em Design (11 com Mestrado Acadêmico e Doutorado, seis com Mestrado Acadêmico e oito com Mestrado Profissional) (CURSOS RECOMENDADOS, 2016).

Reconhecer e reforçar as especificidades da área de Arquitetura e Urbanismo, articular as formas de produzir conhecimento à inovação e às áreas estratégicas do país é fundamental. A pesquisa aplicada em Arquitetura e Urbanismo, traduzida por reflexões científicas aliadas a proposições projetuais, é, a nosso ver, um possível caminho. É nesse contexto que se insere o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGAU/FAU-Mackenzie), que deriva do papel destacado que, há um século, o Curso de Arquitetura do Mackenzie vem desempenhando no panorama arquitetônico brasileiro, além da tradição e pioneirismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), um dos mais antigos centros de ensino superior do país.

Com cursos de Mestrado Acadêmico e Doutorado, o PPGAU/FAU-Mackenzie tem como principal objetivo produzir uma reflexão sobre o campo do projeto de Arquitetura e Urbanismo. Destina-se à capacitação de docentes, pesquisadores e profissionais de excelência, que atuam com projeto em suas diversas escalas e perspectivas de representação e intervenção, promovendo reflexão sobre processos socioculturais de atuação e transformação da Arquitetura e da cidade.

Em sua primeira fase, o Programa funcionou durante dez anos de modo experimental e pioneiro. Mesmo sem o reconhecimento oficial da Capes, a fase inicial contribuiu

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie em 2006, durante a inauguração do Curso de Doutorado: ao fundo, da esquerda para a direita, a doutoranda, prof. Claudia Virginia Stinco, Profa. Nadia Somekh (então Diretora) e o mestrando Arquiteto Jaime Cupertino. À frente, o doutorando Engenheiro Prof. Izac Roisemblatt.

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie em 2006, durante a inauguração do Curso de Doutorado: da esquerda para a direita, trás, o mestrando Ricardo Luís Silva; na fileira da frente, da esquerda para a direita, o então doutorando Prof. Alfredo Mario Savelli, e o mestrando Vinicius Stump.

para disseminar a relevância da Pós-Graduação para a carreira acadêmica no âmbito dos professores da Faculdade. Em sua versão atual, o Curso de Mestrado Acadêmico foi aprovado pela Capes em 2000 e o de Doutorado, em 2006. Com área de concentração em Projeto de Arquitetura e Urbanismo, o Programa privilegia o avanço do pensamento arquitetônico e urbanístico no que diz respeito às suas relações com a prática do projeto; estimula e desenvolve atividades de pesquisa avançada com finalidades didática, científica e profissional nas áreas específicas de Arquitetura e Urbanismo.

Este capítulo busca regatar, ainda que de modo sumário, a trajetória do Programa de Pós-Graduação da FAU-Mackenzie, indicando alguns desafios futuros para o ensino, a pesquisa e a extensão neste nível de formação.

Os primeiros anos da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: 1990-1999

A primeira fase da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM corresponde ao período compreendido entre 1990 e 1999, época em que ocorreram grandes transformações na FAU-Mackenzie. Os anos iniciais de funcionamento permitiram, até sua reestruturação e reconhecimento, em 2000, o acúmulo de experiência, tendo em vista sua organização e estruturação definitivas, inaugurando disciplinas e outras atividades posteriormente incorporadas ao Programa, e possibilitaram a abertura para a incorporação de professores convidados de outras Universidades, os quais ajudaram a consolidar a identidade do Curso.

O Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo teve início em 1990,[1] representando o ápice de um movimento de renovação acadêmica e cultural da FAU-Mackenzie, que vinha acontecendo desde o final do regime autoritário. O Curso foi concebido na Congregação da Escola e mobilizou parte do corpo docente, que precisou se preparar e se titular numa época em que apenas existiam em São Paulo os cursos de Mestrado e Doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).[2]

Na sequência dos primeiros anos, o prestígio da instituição angariou também muitos alunos externos, certos da qualidade e segurança do Curso nascente. Nessa trajetória pioneira, também se deve dar relevância à figura da Profa. Dra. Aurora Albanese, então Reitora da Universidade, pela iniciativa e hercúlea tarefa de implementar 14 programas de Mestrado e três de Doutorado na UPM, muitos que, ao longo dos anos, desdobraram-se nos atuais Programas. A proposta do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UPM, com os cursos de Mestrado e Doutorado na área de Arquitetura e Urbanismo, foi enviada à Capes pela primeira vez em agosto de 1990, não tendo sido aprovada naquele período. No entanto, a oferta de disciplinas e as pesquisas prosseguiram contribuindo para titular diversos colegas. A estrutura de gestão adotada era de que a coordenação de pós-graduação possuía

1. O Curso foi decorrente de uma iniciativa do Prof. Dr. Roberto Righi, então docente de Planejamento Urbano.

2. Nesse contexto, destaca-se também o papel do Prof. Galba Osório, então Chefe do Departamento de Projetos Arquitetônicos, que muito ajudou ao enfrentar as inúmeras dificuldades iniciais e a consolidar o Mestrado na escola.

o *status* de uma unidade independente da direção da escola, ligada à Reitoria, por meio de uma Coordenadoria de Pós-Graduação. Essa estratégia superava as dificuldades políticas e a natural oposição encontrada diante da novidade que parecia ameaçar as estruturas vigentes.

O sucesso da Pós-Graduação da UPM como um todo está evidenciado em balanço realizado na Reunião nº 69, de 5 de agosto de 1998, do Conselho de Ensino e Pesquisa (Cepe). Segundo esse documento, nos cursos de *Stricto Sensu*, entre 1992 e aquela ano, haviam sido finalizados 32 Doutorados e 299 Mestrados.

Em linhas gerais, a estrutura deste Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo se fundamentava em duas áreas de concentração de ensino e pesquisa que se interpenetravam, com suas respectivas disciplinas: a) *Planejamento e Projeto do Espaço Urbano, com as disciplinas: Economia Urbana e Regional*; A Qualidade do Meio Ambiente Urbano; Planejamento e Desenho Urbano; Produção e Planejamento do Espaço Urbano; Teoria e Prática do Planejamento Urbano e Regional; Processo de Criação Aplicado a Arquitetura e Urbanismo; Tópicos Avançados em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo; b) *Planejamento e Projeto da Edificação*, com as disciplinas: Computação Gráfica na Projetação Arquitetônica; Espaço no Projeto Arquitetônico; História Crítica da Arquitetura Contemporânea no Brasil; A Percepção Espacial e Sintaxe da Representação Bidimensional; Teoria da Projetação Arquitetural; Fundamentos do Gerenciamento da Construção Civil; Trabalhos Programados na Área de Projetação Arquitetônica.

A ênfase nas duas áreas traduzia a tradição e a vocação de planos e projetos presentes no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UPM, sintetizada pelos Departamentos de Projeto, Planejamento Urbano e Urbanismo, e de História e Teoria da Arquitetura. Naquela ocasião, o edifício Chamberlain passou a abrigar a Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (RIGHI, 1997)

Nessa etapa pioneira da Pós-Graduação houve a participação de docentes internos, alguns ainda hoje atuantes no Programa, formadores do núcleo constituído pelo Prof. Dr. Roberto Righi, e os também dedicados Profs. Carlos Egídio Alonso, Haroldo Gallo, Maria Assunção Ribeiro Franco e Nadia Somekh, que se alinharam a esse desafio (RIGHI, 1997).

Devido à exiguidade de tamanho e carência de titulação do quadro próprio, participaram prestigiosos docentes externos da área de Arquitetura e Urbanismo, principalmente da FAU-USP, que colaboraram de forma generosa e construtiva, como os Doutores: Abrahão Sanovicz, Bruno Roberto Padovano, Carlos Eduardo Zahn, Eduardo Abdo Yazigi, Harold Cruz Hirth Jr., João Walter Toscano, João da Rocha Lima Jr., Paulo Julio Valentino Bruna, Percival Tirapeli e Vicente Del Rio (este último advindo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Devem ser lembrados os que participaram de forma ímpar das bancas, que se somaram aos docentes internos e externos desta etapa, como os Profs. Drs.: Adilson Macedo,

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie, em 2006, durante a inauguração do Curso de Doutorado. Na foto, da esquerda para a direita, na fileira de trás, o então doutorando Prof. Dominique Fretin; na fileira imediatamente à frente, a doutoranda Arquiteta Elisabete França e outros colegas. À frente, da esquerda para a direita, Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota e em primeiro plano, a então mestranda Arquiteta Maria Cecilia Barbieri Gorski.

Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie, em 2006, durante a inauguração do Curso de Doutorado. Na foto, da esquerda para a direita, na fileira de trás, o então doutorando Prof. Paulo Giaquinto; na fileira imediatamente à frente, o Prof. Rafael Perrone, a doutoranda Profa. Claudia Virginia Stinco; na primeira fileira, a Profa. Gilda Collet Bruna, então Coordenadora do Programa.

Anésia Barros Frota, Brenno Cyrino Nogueira, Carlos Westphal, Eduardo Corona, Geraldo Gomes Serra, Hugo Segawa, Issao Minami, José Cláudio Gomes, Ludovico Martino, Percival Tirapeli, Sylvio de Barros Sawaya, Telmo Luiz Pamplona e outros.

Porém, não apenas a docência se destacou, como também as atividades de Pesquisa e Extensão foram relevantes. O saldo desses primeiros anos da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM foi muito expressivo. Já em 1991, o Prof. Hans Joachin Aminde, da Universidade de Stuttgart, atuou como visitante e proferiu um curso intitulado "Teoria e prática do urbanismo – novas praças nas cidades", incorporado à disciplina do Curso de Mestrado e Doutorado.

O Curso de Mestrado foi muito importante, embora não tivesse sido aprovado naquele momento, e até recentemente houvesse um processo em tramitação que tratava do pedido de convalidação dos títulos obtidos[3] sob a égide da Resolução CFE nº 5/83, ou seja, antes da publicação da Resolução CNE/CES nº 1/2001. A decisão favorável foi baseada no parecer CNE/CES nº 504/2011 do relator Milton Linhares, de 6 de dezembro de 2012, do processo nº 23001.000062/2010-97, homologado por despacho do ministro (BRASIL, 2012), constante do *website* do Ministério da Educação. A resposta favorável mostra que tudo foi feito de acordo com o necessário na elaboração e desenvolvimento desse programa pioneiro.

Apesar de o resultado do reconhecimento oficial tardar 22 anos, fez-se justiça ao empenho de todos que participaram dessa empreitada, colocando a Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM entre as primeiras do país, fazendo repetir em 1990 o pioneirismo do Curso de Graduação, que neste ano de 2017 completa 100 anos de existência, junto à Escola de Engenharia do Mackenzie College, e 70 anos de vida autônoma, a partir da fundação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie.

Os anos 2000 a 2005: Mestrado com a chancela da Capes

Em fins de 1999, sob a coordenação da Profa. Dra. Nadia Somekh, o Curso de Mestrado Acadêmico foi reformulado de forma a atender aos requisitos exigidos pela Capes. Uma nova proposta foi elaborada e enviada para a análise desse órgão, que a validou, recomendando oficialmente a abertura do Curso em 21 de setembro de 2000 – com a nota 3, atribuída aos cursos novos. Suas atividades foram iniciadas formalmente em 2001 com o funcionamento da primeira turma.

A proposta enviada em fevereiro de 2000, resultado de uma construção coletiva, contou com a colaboração de colegas atuantes na área de Arquitetura junto à Capes, em especial dos Profs. Paulo Bruna, Carlos Martins e Carlos Eduardo Comas. Todo esse processo obteve também grande apoio institucional, por meio do então Reitor Prof. Dr. Cláudio Lembo, que em sua gestão reorganizou todo o setor de Pós-Graduação da UPM, sob a eficiente co-

Na página anterior:

Edifício Funcef, antigo Banco de Crédito Comercial, São Paulo, 1978. Projeto dos Arquitetos Samuel Szpigel (Mackenzie, 1960) e José Magalhães Junior (Mackenzie, 1964).

3. Foram convalidados 86 requerentes de Mestrado e três de Doutorado.

Evento de abertura da XIX Clefa 2001, Conferência Latino-Americana de Escuelas y Facultades de Arquitectura, organizada pela FAU-Mackenzie. A organização envolveu o Prof. Carlos Egídio Alonso (o primeiro, da esquerda para a direita), então Diretor da FAU--Mackenzie e Diretor Regional da Udefal Unión de Escuelas y Facultades de Arquitectura de Latinoamerica. Na foto vê-se o então Reitor da UPM, Prof. Dr. Claudio Lembo (o terceiro, da esquerda para a direita).

ordenação da Profa. Dra. Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos, conseguindo nesse mesmo ano a validação de seis novos cursos pela Capes.

No novo desenho, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) passava a ter uma única área de concentração – Projeto de Arquitetura e Urbanismo –, valorizando os atributos históricos do Curso de Arquitetura do Mackenzie, associados à prática projetual, atributos esses advindos do início do Curso no Mackenzie College, concebido por Christiano Stockler das Neves e fundamentado nos exercícios projetuais e práticas em *ateliers*, próprios das *fine-arts schools* norte-americanas (PEREIRA, 2005). O Curso foi estruturado em duas linhas de pesquisa em formato espelho, que se mantêm até os dias atuais: *Arquitetura Moderna e Contemporânea: representação e intervenção e Urbanismo Moderno e Contemporâneo: representação e intervenção* – por sugestão dos avaliadores da Capes, o Mestrado previa dar conta de um campo de pesquisa em processo de consolidação.

Nos dois primeiros anos,[4] a participação do Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota foi essencial para imprimir um caráter diferenciado ao Programa em relação aos outros similares do estado de São Paulo. A concepção do Mestrado era baseada no tripé Arquitetura-Urbanismo-Cultura, em que as duas linhas básicas de pesquisa articulavam-se entre si com enfoque globalizante, de forma a promover, por meio das disciplinas e pesquisas associadas, uma reflexão histórica e crítica baseada na contextualização de processos inerentes à produção da Arquitetura e do Urbanismo, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Nessa esfera, a disciplina obrigatória *Teoria do Conhecimento: História e Cultura* possuía essa missão integradora, articulando-se aos conteúdos ministrados em outras duas obrigatórias: *O Edifício e a Cidade: Produção, Planejamento e Projeto e Teoria e Metodologia do Projeto de Arquitetura e Urbanismo*. Os créditos eram complementados por mais três disciplinas optativas (escolhidas dentre as 11 existentes) e Atividades Programadas Obrigatórias (APO): Metodologia de Pesquisa Aplicada à Arquitetura e Urbanismo, Jornadas de Comunicação Discente e Leituras Programadas de Textos Referenciais. Essa estrutura se mantém até os dias atuais, com ampliação das disciplinas optativas, após a criação do Curso de Doutorado.

Desde os primeiros anos, a internacionalização foi construída, inicialmente com Universidades portuguesas e espanholas (Universidade Técnica de Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e Universidade de Salamanca) e logo ampliada para o contexto latino-americano, com a inserção do Programa no âmbito da Unión de Escuelas y Facultades de Arquitectura de América Latina (Udefal), responsável pela organização da Conferência Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura (Clefa).

O Fundo MackPesquisa, então recém-criado, teve papel fundamental na expansão das pesquisas e no financiamento da Pós-Graduação nessa fase inicial, num cenário em que a obtenção de financiamentos externos (Capes, CNPq e Fapesp) era ainda difícil, pelo fato de o Curso ser recente. Mesmo assim, foi obtida uma verba da Capes que viabilizou o primeiro

4. O corpo docente à época era formado pelos Profs. Drs. Candido Malta Campos Neto, Carlos Egídio Alonso, Haroldo Gallo, José Geraldo Simões Jr., Nadia Somekh, Rafael Perrone, Roberto Righi e Fernanda Magalhães. Colaborava com esse grupo o Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da UPM. Em 2001, os Profs. Drs. Gilda Collet Bruna e Paulo Correa passaram a compor o quadro de docentes. Em 2003, acrescenta-se ao grupo o Prof. Dr. Carlos Leite. Esse quadro de professores se modificou ao longo do tempo.

grande projeto de âmbito internacional: "A cidade ibero-americana: o espaço urbano brasileiro e hispano-americano em perspectiva comparada", coordenado pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Júnior, cujos resultados foram divulgados em meio digital. Pela primeira vez o PPGAU recebeu docentes estrangeiros, da mesma forma que seus professores estavam participando de visitas internacionais para coleta de dados e projetos de estudo.

Semana de Atividade Programada da Pós-Graduação. Alunos desenvolvendo atividade projetual, 2012.

O MackPesquisa, por sua vez, financiou e permitiu a publicação dos primeiros e relevantes resultados de pesquisa, com os livros *A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX* (coordenado pelos Profs. Drs. Nadia Somekh e Candido Malta Campos Neto) e *Projeto residencial contemporâneo: análise gráfica dos princípios da forma, ordem e espaço de exemplares da produção arquitetônica residencial paulista de 1980/1990* (coordenado pelos Profs. Drs. Haroldo Gallo e Wilson Florio, este último docente da Graduação, naquele momento).

Merece destaque também outra produção coletiva do grupo, desta vez com apoio da editora Scipione, que deu origem a uma pesquisa e livro sobre o bairro da Luz, em São Paulo, intitulado *Um século de luz*.

Semana de Atividade Programada da Pós-Graduação. Alunos desenvolvendo atividade projetual, 2012.

Esses anos iniciais foram de grande sinergia do pequeno núcleo de integrantes. As disciplinas eram ministradas sempre por dois docentes, o que favorecia a discussão e a visão crítica junto aos alunos. O Programa era ainda pequeno e funcionava em uma única sala do Edifício João Calvino, onde os docentes tinham suas estações de trabalho junto com o coordenador e o secretário.

O Mestrado contava com 20 vagas por semestre e demandava um importante trabalho a ser feito: divulgação nas mídias específicas (revistas da área) e grande imprensa; atualização e ampliação do acervo da Biblioteca – ocasião em que foram adquiridos mais de 1.500 livros; organização de uma publicação para divulgar os resultados das pesquisas dos alunos – o periódico do Programa, *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie* (2001), que adquiriu uma forma mais ampliada e hoje se constitui em periódico de referência na área.

Importantes eventos também começaram a ser organizados e sediados no Mackenzie, favorecendo a integração regional e nacional com outras faculdades e cursos de Pós-Graduação da área. Merecem destaque a XX Conferéncia Latinoamericana de Escuelas e Facultades de Arquitectura (Clefa), o encontro regional do DoCoMoMo SP (Documentação e Conservação dos Monumentos Modernos, núcleo São Paulo), o Encontro do Lincoln Institute of Land Policy e o Colóquio Richard Morse.

Em meados da década de 2000, durante a gestão do então Reitor, Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles (2003-2010), a criação dos Decanatos (atuais Pró-Reitorias), vinculando a Coordenação Geral de Pós-Graduação ao então Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, foi

Mesa-Redonda com representantes da Capes e CNPq, realizada durante o III ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Anparq), um dos mais relevantes eventos nacionais da área de Arquitetura e Urbanismo. O encontro foi sediado pelo PPGAU/FAU-Mackenzie, em 2014.

fundamental para o percurso ascendente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Adquirindo visibilidade, fortalecendo as parcerias nacionais e internacionais e divulgando em congressos, anais de eventos, artigos em periódicos e livros os resultados de suas pesquisas, o Programa em pouco tempo conseguiu congregar os atributos para obter bons indicadores já na primeira avaliação trienal, realizada em 2004, quando então conseguiu elevar para 4 seu conceito junto à Capes, coroando com sucesso esses primeiros anos, resultado da intensa dedicação de todos, sob a coordenação do Prof. Dr. José Geraldo Simões Jr.

A partir de 2004, no último ano da gestão do Prof. Dr. Carlos Egídio Alonso, instala-se na FAU-Mackenzie uma importante mudança de espírito, advinda de diretrizes emanadas da Reitoria, com a ampliação do regime de trabalho de um terço dos docentes da Graduação para dedicação em tempo integral e a formação de vários grupos de pesquisa integrando Pós-Graduação e Graduação.

A conquista do conceito 4 abriu portas para que no ano de 2005 o PPGAU, já agora sob a coordenação da Profa. Dra. Gilda Bruna e tendo na direção da unidade a Profa. Dra. Nadia Somekh, conseguisse elaborar um projeto de Curso de Doutorado e aprová-lo no ano seguinte, ampliando assim a relevância do Programa e agregando novos docentes ao seu corpo permanente.

O Doutorado e o percurso ascendente no contexto nacional

Em 2005 a Profa. Dra. Nadia Somekh assumiu a direção da FAU-Mackenzie com o objetivo precípuo de integrar Graduação e Pós-Graduação e estruturar o Curso de Doutorado. Naquele ano, a UPM passava por uma importante reestruturação, com destaque para a gestão dos Programas de Pós-Graduação pelas unidades acadêmicas e a definição das Coordenações de Curso e da Coordenação de Pesquisa e de Extensão (Copex), também no âmbito de cada unidade. Perante o novo desafio, a Profa. Nadia Somekh integra à sua equipe os Professores Gilda Collet Bruna, que se manteve como Coordenadora do Programa, Valter Caldana, que assumiu a Coordenação do Curso de Graduação em Arquitetura, e Carlos Leite, que assumiu a Copex. Em 2006, o Curso de Design se integra à FAU-Mackenzie, sob coordenação da Profa. Dra. Nara Martins (alocado anteriormente na Faculdade de Comunicação e Artes).

A partir de 2005, o PPGAU experimentou uma série de relevantes transformações, que determinaram um novo momento de sua evolução, com ampliação significativa de seus componentes curriculares e atividades. Com a ajuda de diversos professores, e de forma articulada pelas disciplinas de Projeto e de Urbanismo e com os Grupos de Pesquisa, iniciou-se a elaboração de uma proposta para o Curso de Doutorado. Foi essencial para esse novo passo contar com um mosaico de temáticas e questões que os Grupos de Pesquisa vinham debatendo.

Com a implantação do Curso de Doutorado, foram incorporados outros docentes que incrementaram substancialmente o núcleo permanente, em termos quantitativos e qualitativos, de acordo com as necessidades derivadas dessa nova etapa. Eles foram contratados ou aproveitados do Curso de Graduação para compor, com aqueles citados anteriormente, o corpo permanente do Programa.[5]

Entre 2008 e 2010, a Coordenação do Programa esteve sob responsabilidade da Profa. Dra. Maria Isabel Villac, que teve como principal propósito fortalecer a relação com as disciplinas de projeto e valorizar a identidade da área de concentração. Data daquele período a intensificação das parcerias nacionais com cursos de Arquitetura e Urbanismo que tinham o projeto de Arquitetura e Urbanismo como principal mote, com destaque para a primeira proposta elaborada para o futuro Mestrado em Associação Temporária do País na área, em parceria com o Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter).[6]

O período correspondeu a uma nova etapa do Programa: ocorreram as primeiras defesas de Doutorado; maior integração com o Curso de Graduação, com destaque para o desenvolvimento de projetos de pesquisa integrados no âmbito dos Grupos de Pesquisa; o aprimoramento das disciplinas e atividades acadêmicas; o incremento qualitativo e quantitativo da produção científica; e ainda os intercâmbios de pesquisa e publicações conjuntas com instituições nacionais e internacionais.

Importante destacar que em 2008 foi organizada a primeira edição do Colóquio Brasil-Portugal – evento que já vinha acontecendo em forma de seminários integrados desde 2001 –, vindo a fortalecer a internacionalização e as parcerias nacionais. Com o objetivo de discutir os principais problemas da metrópole contemporânea e as novas estratégias desenvolvidas para a intervenção urbanística na atualidade, o evento é fruto de parceria com o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa e o Curso de Urbanismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, também de Lisboa. No âmbito dessa parceria, merece menção a oferta da disciplina conjunta Novas Estratégias de Projeto e Intervenção Urbana com o Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e a participação dos colegas portugueses, desde 2002.

A partir de 2010, na gestão do então diretor da FAU-Mackenzie Prof. Dr. Valter Caldana, assume a coordenação do PPGAU a Profa. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim, com a principal meta de elevar o conceito do Programa e consolidá-lo nos cenários nacional e internacional. As ações estruturadas, a partir de então, foram realizadas com base em um processo de planejamento anual, buscando valorizar a relação entre teoria e prática e contribuir para a formação científica, em bases consolidadas, de docentes e pesquisadores com ênfase na maior integração da área de concentração Projeto de Arquitetura e Urbanismo, com suas duas linhas de pesquisa.

5. Em 2006, foram incorporados mais sete docentes ao corpo permanente, além dos nove já existentes, totalizando 16 Professores Doutores: Abílio da Silva Guerra Neto, Ana Gabriela Godinho Lima, Angélica Tanus Benatti Alvim, Candido Malta Campos Neto, Carlos Egídio Alonso, Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota, Carlos Leite de Souza, Gilda Collet Bruna, José Geraldo Simões Jr., o saudoso Ladislao Pedro Szabo, falecido em julho de 2007, Maria Augusta Justi Pisani, Maria Isabel Villac, Nadia Somekh, Rafael Antonio Cunha Perrone, Roberto Righi e Ruth Verde Zein. Em 2007, contou com três professores colaboradores: Eunice Helena Sguizzardi Abascal, Mario Figueroa Rosales e Wilson Florio. A partir de 2008, com o falecimento de Ladislao Szabo, a Profa. Eunice Abascal é credenciada ao corpo docente permanente, e o Prof. Ricardo Medrano ao conjunto de colaboradores. Entre os anos de 2009 e 2010, os professores colaboradores se alteram: Célia Regina Meirelles, Charles Vincent e Valter Caldana passam a compor o conjunto. Recentemente, em 2017, o Prof. Carlos Egídio Alonso se afastou do Programa, por motivo de saúde. Realizou-se processo de credenciamento de docentes permanentes e colaboradores. A relação atual de docentes é a seguinte: permanentes (17) – Abílio da Silva Guerra Neto, Ana Gabriela Godinho Lima, Angélica Tanus Benatti Alvim, Candido Malta Campos Neto, Carlos Guilherme Mota, Carlos Leite de Souza, Eunice Helena S. Abascal, Gilda Collet Bruna, José Geraldo Simões Jr., Luiz Guilherme R. de Castro, Maria Augusta Justi Pisani, Maria Isabel Villac, Nadia Somekh, Rafael Antonio Cunha Perrone, Roberto Righi, Ruth Verde Zein e Wilson Florio; colaboradores (5) – Celia Regina M. Meirelles, Charles Vincent, Denise Antonucci, Igor Guatelli e Valter Caldana.

6. Naquele momento, a modalidade em Associação Temporária, prevista por seis anos, foi considerada inovadora, e tinha como propósito contribuir para o desenvolvimento e consolidação de um Mestrado independente, junto à UniRitter. O primeiro desenho do Mestrado em Associação Temporária já definiu como área de concentração Projeto: Arquitetura e Cidade, e as disciplinas foram gestadas na forma de laboratórios.

No período, o planejamento do Programa buscou alinhar-se às recomendações advindas da Avaliação Trienal da Capes, realizada no triênio anterior (2006-2009). Um conjunto de diretrizes e ações integradas foi paulatinamente implementado ao longo do período: revisão da estrutura curricular; ampliação da produção docente e discente em veículos qualificados; aumento do número de pesquisas financiadas; fortalecimento dos intercâmbios internacionais e implementação de parcerias interinstitucionais com instituições de ensino superior (IES) localizadas em regiões prioritárias, ampliando a solidariedade, a nucleação e a abrangência do Programa no âmbito nacional.

Se no início de 2010 o Programa atendia à demanda crescente de discentes provenientes da região Sudeste do país, as ações empreendidas em 2012 ampliaram a sua área de abrangência para as regiões Nordeste e Sul, com a proposta e aprovação de um Mestrado Interinstitucional (Minter) com a Universidade de Fortaleza, Ceará (Unifor), e com a aprovação do Mestrado em Associação Temporária com o UniRitter, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Merece destaque a atuação dos Professores Maria Augusta Justi Pisani, que coordenou o Minter com a Unifor, Carlos Egídio Alonso, José Geraldo Simões Jr., Nadia Somekh e Wilson Florio, que, em parceria com os colegas da UniRitter (liderados pela Profa. Dra. Anna Paula Canez), passaram a participar da primeira iniciativa de um Mestrado em Associação Temporária de Arquitetura e Urbanismo e Design da Capes, no Brasil.

O patamar de excelência alcançado na avaliação trienal da Capes 2010-2012 levou o Programa a obter o conceito 5, tornando-o um dos oito Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na área de Arquitetura, Urbanismo e Design da Capes, do Brasil, a atingir essa posição, o único de instituição privada.

O apoio institucional da UPM, nas gestões do então Reitor Prof. Dr. Manassés Fonteles e do atual Reitor, Prof. Dr. Benedito Guimarães Aguiar Neto,[7] foi fundamental para a evolução positiva do PPGAU neste triênio. Algumas ações fundamentais que ocorreram no período merecem ser lembradas: a autorização em 2010 para o PPGAU empreender o Minter com a Unifor e a Associação Temporária com o UniRitter de forma simultânea; o auxílio à participação em reuniões científicas; o incentivo à formação pós-doutoral dos docentes a partir de 2011; a implementação em 2012 da bolsa de Isenção Integral de Mensalidades e Taxas para importante parcela dos doutorandos; e a concessão de apoio financeiro aos discentes, pelo Fundo MackPesquisa, para a participação em eventos e tradução de artigos, ampliando significativamente a internacionalização, também em 2012.

A partir de 2013, o Programa, sob coordenação da Prof. Dra. Eunice Abascal, volta-se à manutenção da qualidade alcançada até então e à implementação das ações de solidariedade e nucleação deflagradas no período anterior. Em 2013 implementou-se o Minter com a Unifor/CE, encerrado em 2015 com a titulação de 12 professores daquela Instituição. Também em 2013 deu-se início ao Mestrado em Associação Temporária (MAT UniRitter-Mackenzie)

7. A gestão do Reitor Prof. Dr. Manassés C. Fonteles se encerrou na metade do triênio em questão. Durante o período em que esteve frente da Reitoria, o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação foi conduzido pela Profa. Dra. Sandra Stump e pelos coordenadores de Pós-Graduação, Prof. Dr. José Geraldo Simões Jr. (2004-2008) e Prof. Dr. Marcos Rizolli (2008-2011). A partir de 2011, assume a Reitoria o Prof. Dr. Benedito Guimarães Aguiar Neto; para o Decanato é nomeado o Prof. Dr. Moises Ary Zilber (2011-2014) e como Coordenadora Geral da Pós-Graduação (CGPG), a Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros (2011-2013). Em ambas as fases, o PPGAU contou com o apoio da Reitoria, do Decanato e da CGPG. Destaca-se a elaboração do novo Regulamento Geral da Pós-Graduação da UPM e dos regulamentos específicos dos programas de Pós-Graduação conduzida pela CGPG de maneira participativa, que introduziu modificações fundamentais aos cursos, com destaque para a ampliação do prazo regulamentar do Doutorado no PPGAU de 36 para 42 meses.

Abertura do 4º Senau – Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Anparq, 2015. Na mesa, da esquerda para a direita, Prof. Eduardo Nardell (Coordenador de Pesquisa), Profa. Angélica Tanus Benatti Alvim (Coordenadora Geral de Pós--Graduação e Presidente da Anparq, Profa. Helena Bonito (Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação), Prof. Marcel Mendes (Vice-Reitor), Prof. Valter Caldana (Diretor da FAU-Mackenzie), Profa. Eunice Abascal (Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) e Reverendo José Carlos Piacente (Capelania).

com o Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter), cuja parceria tem duração prevista de seis anos, até 2018. O apoio institucional no período, representado pela Reitoria e pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação[8] tem sido fundamental.

Atualmente, o Programa é composto por 21 docentes, sendo 17 permanentes e 5 colaboradores; ingressam anualmente 56 novos alunos, 40 mestrandos e 16 doutorandos . Até 2017, ano do aniversário da FAU-Mackenzie, o PPGAU formou aproximadamente 482 mestres e 73 doutores que atuam em instituições de ensino (públicas e privadas), organismos públicos e empresas privadas da área de Arquitetura e Urbanismo e áreas afins.

A maioria dos projetos de pesquisa possui financiamento e envolve docentes e discentes da Pós-Graduação e da Graduação, com bolsas advindas das agências de fomento interna ou públicas. O Programa conta hoje com sete bolsistas Produtividade (CNPq).[9] No rol de pesquisas financiadas ao longo desta segunda fase, destacam-se: *Arquitetura brasileira, tradição moderna, cultura contemporânea*, com recursos do edital Capes-Procad, desenvolvida pelo Propar-UFRGS (Carlos Eduardo Comas), PPG-FAU-USP (Paulo Bruna) e PPGAU-UPM (Ruth Verde Zein); *Feminino e plural: percursos e projetos de arquitetas* (Ana Gabriela G. Lima), com recurso da Fapesp; *A cidade ibero-americana – história, cultura e urbanismo: passagens do ideário urbanístico entre Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo* (Candido Malta Campos Neto); *Culturas e cidade – teorias e projeto* (Maria Isabel Villac), *Habitação social no Brasil: projetos e sustentabilidade no século XXI* (Maria Augusta Pisani); *A geometria das colunas, rampas e coberturas curvilíneas nos projetos de Oscar Niemeyer* (Wilson Florio); *O ideário urbanístico internacional: referências para os projetos e atuação dos primeiros urbanistas em São Paulo* (José Geraldo Simões Jr.); *Das políticas ambientais e urbanas às intervenções: conflitos, desafios e possibilidades para áreas protegidas* (Angélica Tanus Benatti Alvim); *Operações urbanas: entre o poder público e o mercado imobiliário. Conflitos entre plano e realidade* (Eunice Abascal), todas com recursos CNPq; *Metrópole contemporânea, projetos urbanos, patrimônio e inclusão: um manual de experiências e Projetos urbanos, desenvolvimento local e inclusão social* (Nadia Somekh), com financiamento do Fundo MackPesquisa, entre muitas outras.

Foram vários os projetos de pesquisa, teses e dissertações que resultaram em importantes publicações com financiamentos de agências de pesquisa, algumas premiadas, com segunda edição etc. Entre as publicações, destacam-se: *América, cidade e natureza* (Maria Isabel Villac, Estação Liberdade Editora, 2012); *Avaliação de políticas urbanas: contexto e perspectivas* (Angélica Tanus Benatti Alvim e Luiz Guilherme Rivera de Castro, Editoras MackPesquisa e Romano Guerra, 2010); *Brasil: arquiteturas após 1950* (Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein, Perspectiva, 2010); *Cidades sustentáveis, cidades inteligentes* (Carlos Leite, Editora Bookman, 2012); *Anhangabau: história e urbanismo* (José Geraldo Simões Jr, Imprensa Oficial/Senac, 2005); *Palacete Santa Helena: um pioneiro da modernidade em São Paulo* (José Geraldo Simões Jr. e Candido Malta Campos, Editora Senac, 2006); *Textos fundamentais sobre história da Arquitetura Moderna brasileira – Parte 1 e Parte 2* (Abílio Guerra, Editora Romano Guerra, 2010),[10] *Urbanismo de colina: uma tradição luso-brasileira* (José Geraldo Simões Jr. e Manuel

8. Entre os anos de 2013 e 2016, a Profa. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim exerceu o cargo de Coordenadora Geral de Pós--Graduação da UPM. Com o apoio do Reitor, Prof. Dr. Benedito Aguiar Neto, e do então Decano de Pesquisa e Pós--Graduação, Prof. Dr. Moises Ary Zilber e, posteriormente da Profa. Dra. Helena Bonito Pereira (que assume o Decanato, atual Pró-Reitoria, em 2014), realiza-se importante revisão do Regulamento Geral de Pós-Graduação da UPM e dos regulamentos específicos dos programas de Pós-Graduação, aperfeiçoando-os em questões relativas ao Doutorado Direto, ao Pós-Doutorado e à internacionalização, com destaque para a implementação de artigo que dá autonomia para os PPGs da UPM disporem de cotutela e dupla titulação. A partir de 2016, a CGPG está sob responsabilidade da Profa. Dra. Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira, que vem dando continuidade às ações, estimulando com ênfase a internacionalização dos PPGs da UPM.

9. São eles: Angélica Tanus Benatti Alvim, Candido Malta Campos Neto, Eunice Helena Abascal, Gilda Bruna, José Geraldo Simões Jr., Nadia Somekh e Ruth Verde Zein.

10. Em 2010, a coleção de bolso da Editora Romano Guerra publicou diversas pesquisas de professores do PPGAU: *Primitivismo em Mario de Andrade*, Oswald de Andrade e Raul Bopp (Abilio Guerra), *Textos fundamentais sobre história da Arquitetura Moderna brasileira – Parte 1 e Parte 2* (Abílio Guerra), *Un habitat – Das declarações aos compromissos*, de Denise Antonucci, Angélica Tanus Benatti Alvim, Silvana Zioni e Volia Kato; e a tradução de *Les Nouveaux Principes de L'Urbanisme*, de Françoise Ascher, por Nadia Somekh (Os novos princípios do urbanismo).
Em 2014, dando continuidade à coleção, a editora publicou *A aventura das palavras da cidade através dos tempos* (Christian Topalov, Stella Bresciani, Laurent Coudroy de Lille e Hélène Rivière d'Arc (Org.) – verbete Urbanismo, de Candido Malta Campos Neto).

Cerimônia de outorga de título de Doutor (2016). A Dra. Eliana Rosa de Queiroz Barbosa (cuja tese foi orientada pela Profa. Dra. Nadia Somekh) recebeu o título fruto da primeira cotitulação realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM com a Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica), sob supervisão do Prof. Dr. Bruno de Meulder. Na foto, da direita para a esquerda, o Reverendo Davi Charles Gomes (Chanceler da UPM), o Presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie José Inácio Ramos entregando o título à Eliana Barbosa, observados pelo Magnífico Reitor Benedito Guimarães Aguiar Neto, e o então Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Acadêmicos, Prof. Cleverson Pereira de Almeida.

Leal da Costa Lobo, Editora Mackenzie e IST Press, Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2012), *Brutalist connections* (Ruth Verde Zein, Altamira Editorial, 2014), entre outros. Com edições revistas e ampliadas, importantes publicações também são referências, como: *História do Brasil: uma interpretação* (Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez; 4ª edição, Editora 34, 2016); *A cidade que não pode parar e Planos urbanísticos de São Paulo no século XX* (Nadia Somekh e Candido Malta, 2ª edição, coedição Editora Mackenzie e Romano Guerra, 2014); *A cidade vertical e o urbanismo modernizador* (Nadia Somekh, 2ª edição, coedição Editora Mackenzie e Romano Guerra, 2014).

O avanço da internacionalização foi notável desde a aprovação do Curso de Doutorado. Várias são as universidades com as quais o Programa mantém convênios, prevendo a realização de mobilidade discente e docente, pesquisas e publicações conjuntas: Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica), que propiciou a primeira defesa de Doutorado internacional da UPM em cotitulação e Universita' degli Studi di Ferrara.[11] Desde 2006, após a implantação do Curso de Doutorado, 22 discentes passaram um período de sua pesquisa no exterior, em importantes universidades: École Supériure d'Architecture de Versailles; Friedrisch-Schiller Universität-Jena; Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST); Leibniz Hannover Universität; Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), Lisboa; Lund University; Pennsylvania University e Universidade de Ferrara.

Outras universidades conveniadas geram importantes interlocuções e parcerias: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Universidade de Coimbra, Universidade do Minho, Universidade da Beira Interior (Portugal); École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Val de Seine, L'École Nationale Supérieure d'Architecture de Versailles (Ensa-V), Université de Sorbonne (França). Importantes convênios foram firmados com organizações não governamentais, a exemplo do Instituto Cidade e Movimento (IVM), Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH) e Secretaria de Desenvolvimento Urbano Municipal (SMDU).

Vale destacar a atuação do PPGAU/FAU-Mackenzie na realização de importantes eventos da área, de âmbitos nacional e internacional, com financiamentos de agências de fomento como Capes, CNPq e Fapesp, e do MackPesquisa: IV Projetar (2009), Sigrad (2009), Colóquio Brasil-Portugal (2008, 2010, 2012 e 2016); I Seminário Diálogos França–Brasil (2012), Congresso Internacional "O que é uma escola de Projeto na contemporaneidade; Clefa Intermédia (2013); III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação – Enanparq (2014); IV Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação da Anparq (SeNAU 2015); Conferéncia Latinoamericana de Escuelas y Facultades de Arquitectura – Clefa (Intermediária, 2015); 3º Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono (Cihel, 2015), International Planning History Society Conference (IPHS, 2012); DoCoMoMo – SP (2017).

11. A discente Mariana de Souza Rolim obteve dupla titulação no primeiro semestre de 2017 e foi orientada pelos Profs. Drs. Carlos Guilherme Mota (UPM) e Marcello Balzani (Ferrara).

Projetos de extensão também são parte da atuação dos docentes do PPGAU, com destaque para a *Jornada da Habitação São Paulo Calling*, desenvolvido em 2012 em parceria com a Secretaria Municipal de Habitação (Sehab);[12] o *Laboratório de Cocriação em Territórios Informais*, em parceria com a Parsons School for Design de Nova York, a Academia de Arquitetura de Amsterdã, a ONG Cedeca/CasaDez e a Etec Heliópolis;[13] as I e II edições da *Jornada do Patrimônio* (2015 e 2016),[14] em parceria com o Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo (DPH), e o projeto em formato de curso intitulado *Arquitetura e Construção: Materiais, Técnicas e Aplicações*,[15] em parceria com diversas empresas da construção civil (Associação Brasileira de Cimento Portland [ABCP]; Associação Brasileira do Alumínio [Abal], Abravidro, Instituto do PVC e Associação Brasileira da Construção Metálica [Abcem]).

Considerações finais

Na atualidade, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie é um importante espaço de formação voltado à capacitação e aprimoramento de novos pesquisadores e docentes, disseminando conhecimento em bases científicas de modo a garantir a qualidade ao ensino e à pesquisa, com efeito multiplicador na área de Arquitetura e Urbanismo.

Longe de esgotarmos as inúmeras atividades que envolvem o PPGU/FAU--Mackenzie, e na certeza de termos valorizado apenas aspectos que o enaltecem, não podemos nos esquecer de que são inúmeras as dificuldades que o coletivo do Programa enfrenta hoje, particularmente num contexto de recessão econômica, dificuldades de financiamento à pesquisa, retraimento do Estado diante da gestão da cidade, descontinuidades técnico-políticas enfrentadas na gestão urbana pública, desvalorização da profissão e de sua atividade-meio, o projeto de Arquitetura e Urbanismo.

De modo geral, a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo tem como propósito a qualificação de Arquitetos, Urbanistas e profissionais de áreas afins para o exercício da pesquisa e da docência no ensino superior, contribuindo também para uma melhor atuação profissional em órgãos públicos e privados, no âmbito de um círculo virtuoso em prol de uma transformação da sociedade.

Com certeza, o PPGAU/FAU-Mackenzie, ao longo dos últimos 27 anos, foi (e tem sido) um importante investimento realizado pela UPM. O percurso ascendente do Programa sinaliza o alcance de um nível de excelência, em um futuro próximo, indicando que novos investimentos por parte da instituição serão necessários, especialmente aqueles voltados para a qualificação e a ampliação de recursos humanos, para o incremento da infraestrutura

Alunos e professores da Graduação e da Pós-Graduação em atividade extensionista em 2012: Jornada de Habitação (SP Calling), evento realizado pela Secretaria de Habitação do Município de São Paulo. Na foto, a Arquiteta e Profa. Maria Augusta Justi Pisani, na quarta posição da esquerda para a direita.

12. O projeto *São Paulo Calling* foi iniciativa da Secretaria de Habitação (Sehab) por meio da Arquiteta (egressa do Doutorado do PPGAU) Elisabete França, que convidou os Profs. Angélica Tanus Benatti Alvim, Maria Augusta Justi Pisani e Luiz Guilherme Rivera de Castro para integrá-lo. Contou com aproximadamente 30 estudantes de Graduação e 12 de Pós-Graduação.

13. O projeto foi liderado pelo Prof. Dr. Carlos Leite em 2012.

14. Projeto idealizado pela Profa. Dra. Nadia Somekh como Diretora do DPH/PMSP (2013-2016) e circunscrito no âmbito das pesquisas que envolvem a equipe liderada pela docente.

15. Projeto de extensão que se encontra em sua terceira edição, sob a liderança da Profa. Dra. Maria Augusta Justi Pisani e participação dos Profs. Drs. Valter Caldana, Paulo Corrêa e Erika Figueiredo.

Trecho parcial do projeto Nova Avenida Paulista, São Paulo, 1967. Projeto do Arquiteto Nadir Curi Mezerani (Mackenzie, 1964).

de pesquisa e extensão, bem como para a intensificação de ações ligadas à internacionalização. Com certeza, tal percurso envolverá muito trabalho do coletivo de docentes e discentes do Programa e, por consequência, da FAU-Mackenzie, cuja sinergia indica um horizonte promissor para a Escola.

Na condição contemporânea da área de Arquitetura e Urbanismo se observa, junto à crescente produção teórica, o pluralismo de abordagens em forte articulação com a produção técnica. No Programa de Pós-Graduação da FAU-Mackenzie, a pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, que tem como matriz principal a ação de projeto, tem sido objeto de pesquisas historiográficas, teóricas, críticas e analíticas. São várias aquelas que discutem os resultados e efeitos de projetos em suas diversas escalas e se empenham em buscar sentido para aprimorar a Arquitetura e a cidade.

Nos processos de ensino e pesquisa da Pós-Graduação, é fundamental refletir sobre o projeto, o ensino de projeto, as práticas projetuais e os resultados das ações do projeto, em suas diversas escalas. Pesquisas com tal amplitude assumem um caráter inovador, à medida que extrapolam os muros da Universidade e se integram a propostas efetivas em prol da melhoria da qualidade de vida das cidades. É nesse espaço que a produção acadêmica do PPGAU/FAU-Mackenzie vem construindo seu percurso.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer homologado, despacho do ministro. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 abr. 2012. Seção 1, p. 29.

CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2001. Semestral. ISSN 1809-4120.

CURSOS RECOMENDADOS e reconhecidos. *Plataforma Sucupira*, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=29>. Acesso em: 7 jun. 2017.

INSTITUT FÜR BAUTEN UNIVERSITÄT STUTTGART. *Relatório do intercâmbio com o Institut für Bauten Universität Stuttgart*. Workshop São Paulo – Anhangabaú. Stuttgart: IFBUS, 1994.

PEREIRA, G. *Christiano Stockler das Neves e a formação no curso de arquitetura no Mackenzie College*. Um estudo sobre a disseminação dos métodos da École des Beaux-Arts de Paris e das "Fine-Arts Schools" norte-americanas. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)– Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

RIGHI, R. Pós-Graduação da FAU Mackenzie. Nascimento em 9 de agosto de 1990. *Drops Vitruvius*, 057.05, ano 12, jun. 2012.

RIGHI, R. *Pós-graduação*: uma ideia que deu certo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1947-1997. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1997. p. 19-20. (V. Único, Publicação Comemorativa Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie).

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Painéis de apresentação da FAU-Mack na Bienal de Arquitetura de 1994*. Pesquisas, programação visual e textos: Carlos Eduardo T. Packer, Celso Lomonte Minozzi, Galba Ozório, Marcia Serra Ribeiro Viana, Maria Teresa S. B. Szolnoky, Monica Junqueira Camargo e Roberto Righi. Laboratório D-76, 1994.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1987 a 1990*. São Paulo, n. 01-21, 1998.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1991 a 1993*. São Paulo, n. 22-39, 1998.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1994 a 1998*. São Paulo, n. 40-58, 1998.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 1998 a 1999*. São Paulo, n. 59-76, 2000.

______. Secretaria Geral. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. *Livro de Atas de 2000 a 2002*. São Paulo, n. 77-97, 2003.

______. *Coleta Capes*. São Paulo: PPGAU-UPM, 2000.

______. *Coleta Capes*. São Paulo: PPGAU-UPM, 2001

______. *Coleta Capes*. São Paulo: PPGAU-UPM, 2002.

______. *Coleta Capes*. São Paulo: PPGAU-UPM, 2003.

______. *Coleta Capes*. São Paulo: PPGAU-UPM, 2004.

______. *Coleta Capes*. São Paulo, PPGAU-UPM, 2005.

______. *Coleta Capes*. São Paulo, PPGAU-UPM, 2006.

______. *Coleta Capes*. São Paulo, PPGAU-UPM, 2010.

______. *Coleta Capes*. São Paulo, PPGAU-UPM, 2012.

______. *Relatório Capes* – Plataforma Sucupira. São Paulo: PPGAU-UPM, 2013.

______. *Relatório Capes* – Plataforma Sucupira. São Paulo: PPGAU-UPM, 2014.

______. *Relatório Capes* – Plataforma Sucupira. São Paulo: PPGAU-UPM, 2015.

______. *Relatório Capes* – Plataforma Sucupira. São Paulo, PPGAU-UPM, 2016.

Integrando Graduação e Pós-Graduação: FAU-Mackenzie

Nadia Somekh

Após anos lecionando no Mestrado dirigido pelo professor Roberto Righi, nos anos 1990, ao assumir a coordenação da pós-graduação em 1999, o desafio era alcançar a recomendação da Capes.

A experiência anterior, apesar de muito rica, nos conduzia a um Mestrado Profissional. A recomendação da alta direção da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com a reitoria dirigida pelo Prof. Claudio Lembo e tendo a Profa. Maria Lúcia Marcondes Machado como coordenadora geral da pós-graduação, sinalizava a necessidade de promovermos pesquisa avançada em Arquitetura e Urbanismo.

A proposta das nossas pesquisas tinha a ver com nossa identidade já consolidada: a do Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Não se tratava de ampliar estudos em um mestrado profissional, mas de enveredar para a reflexão e produção de conhecimento a partir do Projeto.

Foi muito enriquecedor construir nosso Mestrado Acadêmico a partir dos arquitetos titulados que já estavam envolvidos na experiência anterior, mas ainda em número reduzido.

Buscamos então ampliar o quadro docente com profissionais titulados que, complementarmente ao quadro anterior, compusessem o núcleo permanente da nova fase do Programa de Pós-Graduação. Os professores Rafael Perrone, Candido Malta Campos e José Geraldo Simões, abrilhantados ainda pelo professor emérito Carlos Guilherme Mota, constituíram o grupo inicial do nosso mestrado, aprovado no ano seguinte.

Foi numa sexta-feira, véspera do carnaval do ano 2000, que o Prof. Candido e eu enviamos a proposta do Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo à Capes, com nova concepção. Com apenas uma área de concentração "Projeto de Arquitetura e Urbanismo", foram propostas duas linhas de pesquisa interligadas: Arquitetura Moderna e Contemporânea: representação e intervenção e Urbanismo Moderno e Contemporâneo: representação e intervenção. Previa-se dar conta do nosso campo de pesquisa em processo de consolidação. Apesar de genéricas e sofrendo algumas críticas, as duas linhas se mantêm até hoje.

A proposta enviada em fevereiro, resultado de um processo coletivo de construção, foi aprovada em outubro do mesmo ano pela Capes. Contou com grande ajuda dos representantes de área, professores Paulo Bruna, Carlos Martins e Carlos Eduardo Comas.

Foram também fundamentais a mudança de espírito, a partir de então, de incentivar grupos de pesquisa e a contratação de professores em tempo integral na graduação, que se efetivou em 2005 tendo a frente da Reitoria o Prof. Dr. Manassés Claudino Fonteles.

Naquela ocasião, o Curso de Mestrado havia sido avaliado com Nota 4 pela Capes, fato que nos permitiu passar à estruturação do Curso de Doutorado. Entre 2001 e 2004, ao assumir funções públicas, não foi possível seguir com dedicação integral, mas prossegui com a dedicação especial que o Mestrado requeria da minha atividade docente.

Em 2005, por sugestão do Prof. Rafael Perrone, candidatei-me à direção da FAU-Mackenzie com o objetivo precípuo de integrar graduação e pós-graduação e estruturar o Curso de Doutorado. Apesar de uma reação negativa inicial, conseguimos, com a ajuda dos professores Antonio Cláudio Fonseca e Valter Caldana, articular as cadeiras de projeto de Arquitetura e Urbanismo e iniciar, junto com os grupos de pesquisa já estruturados, a construção da proposta.

Foi essencial para esse novo passo contar com um mosaico de questões levantadas pelos grupos de pesquisa em andamento. Novos professores foram agregados ao quadro da graduação, agora com mais Professores Doutores: Angélica Tanus Benatti Alvim, Carlos Leite, Maria Isabel Villac, Ladislao Szabo, Gilda Bruna, , que assumiu a coordenação, e Abílio Guerra, que deixara a PUC de Campinas para se juntar ao núcleo inicial.

Nosso doutorado foi aprovado em 2006 – um dos desafios ao assumir a diretoria da FAU-Mackenzie fora alcançado. Restavam muitos outros.

O primeiro deles foi acolher a escola de Design egressa da então Unidade Universitária de Comunicação e Artes e articulá-la ao Curso de Arquitetura e Urbanismo. A professora Nara Martins ajudou nessa tarefa, que incluiu também a preocupação com a pesquisa junto ao corpo de professores de Design.

Os professores Carlos Leite, Angélica Tanus Benatti Alvim e Maria Isabel Villac, com a ajuda de Ruth Verde Zein, compuseram um grupo que incentivou a articulação e a pesquisa integrada na pós e na graduação.

Ajudou também a inovação de gestão por colegiado, que incluía coordenadores e alunos na condução da escola. Foi nesse momento que percebemos a importância do diálogo na gestão acadêmica. Ouvir é uma das tarefas mais importantes do cargo de direção.

O debate e a ação foram marcas da nossa gestão. A série *Arquitetura em debate* trouxe não só elementos de informação para alunos da graduação, mas elementos de aprofundamento das questões essenciais à pós-graduação. Estiveram presentes Carlos Lemos, Vicente Del Rio, Ceça Guimarães, entre outros. Dois grandes seminários internacionais tiveram lugar na FAU-Mackenzie entre 2005 e 2009: o *Solo Criado*, apoiado pelo Lincoln Institute of Land Policy, e o *X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo 2008*, em parceria com as pós-graduações da FAU-USP, USP São Carlos e PUC de Campinas. Nomes como Samuel Jaramillo, Martim Smolka e Christian Topalov estiveram presentes.

Um marco da gestão também foi a comemoração, em 2007, dos 60 anos da FAU-Mackenzie. O ponto alto dos debates foi a atribuição do título de Doutor *Honoris Causa* a Paulo Mendes da Rocha, egresso em 1955 da nossa Escola e ganhador do Prêmio Pritzker em 2006.

Meu braço direito na coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo foi o Prof. Valter Caldana. Em 2008 fui reeleita à Direção da Escola, desta vez com grande apoio de alunos e professores. Em 2009 fui convidada a assumir a Secretaria de Planejamento e Ação Regional de São Bernardo do Campo. Apoiada pela Reitoria, aceitei o convite e creio ter deixado uma Escola mais integrada e democrática nas mãos do Prof. Caldana.

Na página anterior:

Edifício Residencial Advance Living, São Paulo, 1990. Projeto dos Arquitetos Tito Livio Frascino (Mackenzie, 1964) e Vasco de Mello (Mackenzie, 1964).

Na próxima página:

Escola viva: aulas nos laboratórios da FAU-Mackenzie com o Prof. Carlos Leite, em meados dos anos 2000.

PROTAGONISMO DOCENTE E ESTUDANTIL: PESQUISA E EXTENSÃO NA CONTEMPORANEIDADE E DESAFIOS FUTUROS

Mackenzie Day, setembro de 2016.
Evento de divulgação e apresentação
dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo
e de Design à comunidade externa. Na
foto, oficinas e atividades ofertadas e
orientadas por professores e funcionários
da FAU-Mackenzie.

O percurso da Pesquisa e da Extensão na FAU-Mackenzie

Wilson Florio, Angélica Tanus Benatti Alvim, Eunice Helena Sguizzardi Abascal,
Pérola Felipette Brocaneli

Entre as escolas de maior tradição no país, a FAU-Mackenzie, criada em 1947, é reconhecida por sua excelência no ensino de Projeto, transmitindo uma gama de conhecimentos sobre a produção do espaço em suas diversas escalas. A Pesquisa e a Extensão na FAU-Mackenzie são atividades recentes. Durante 15 anos, com a criação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* na década de 1990, a Pesquisa esteve predominantemente ligada a esse nível de formação.

No início dos anos 2000, a aprovação pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)[1] do Programa de Pós-Graduação, com Mestrado Acadêmico, permitiu a ampliação das atividades de Pesquisa, iniciando um percurso integrado. A elaboração do *Projeto Político-Pedagógico da FAU-Mackenzie* ao longo de 2002, sob o estímulo das Diretrizes Curriculares Nacionais de Arquitetura e Urbanismo, teve como objetivo delinear instrumentos para uma reforma do processo de ensino-aprendizagem, para torná-lo integrado à Pesquisa e à Extensão, e irrigado pela produção de conhecimentos no âmbito de grupos e projetos de pesquisa.

A reforma universitária institucional de 2005[2] abriu oportunidade para considerar a Pesquisa atividade fundamental à produção de conhecimento, indissociável do Ensino e da Extensão em seus diversos níveis, tendo a Pós-Graduação *Stricto Sensu* estreitado seus vínculos com as Unidades Acadêmicas. Ao transformar a estrutura da Universidade, conferiu-se à Pesquisa papel seminal na produção e difusão de conhecimento nos cursos, evitando a fragmentação do ensino e a segmentação disciplinar.

Em 2004, criaram-se os primeiros Grupos de Pesquisa da FAU-Mackenzie, vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Os grupos logo foram definidos como unidades fundamentais de produção de conhecimento e interlocução de pesquisadores. A Extensão foi sendo construída em paralelo, muitas vezes articulada às pesquisas, e em outras ocasiões derivada de iniciativas isoladas (mas não menos importantes) de professores e alunos.

Outros fatos decorrentes da reforma universitária foram fundamentais ao fortalecimento da Pesquisa e da Extensão: (i) em 2005, a incorporação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* à Unidade e a criação da Coordenadoria de Pesquisa e Extensão (Cepex); (ii) em 2006, a incorporação do Curso de Design e a aprovação do Curso de Doutorado. Tais avanços permitiram ampliar as atividades de Pesquisa e Extensão, articular os cursos de

1. Órgão do governo federal incumbido de regrar a Pós-Graduação *Stricto Sensu* no país.

2. Nos anos 2000, a Universidade Mackenzie extinguiu a estrutura departamental vigente desde a década de 1970. Após a dissolução dos departamentos, as unidades universitárias passaram por uma reformulação para atender às Diretrizes Curriculares Nacionais, conforme a Resolução CNE/CES 06/2006.

Mackenzie Day, setembro de 2016. Evento de divulgação e apresentação dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design à comunidade externa. Na foto, da esquerda para a direita, Profs. Mauro Claro (Curso de Design); Lucas Fehr (Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo); Nara Martins (Curso de Design); Angélica Tanus Benatti Alvim (Diretora da FAU--Mackenzie); Reitor da UPM Benedito Guimarães Aguiar Neto, Vice-Reitor da UPM Marco Tullio de Castro Vasconcelos.

Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design, envolver o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* com as atividades da Faculdade e implementar um rol de Cursos em nível de educação continuada.[3]

Data de 2005 a criação do Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie, idealizado a princípio para difundir a produção científico-acadêmica de professores e alunos e reforçar a cultura de Pesquisa nos níveis de Graduação e Pós-Graduação. O evento se estendeu a partir de 2008 à comunidade acadêmica nacional.

Nesse período, empreendeu-se reestruturação e aprofundamento das linhas de pesquisa existentes e dos Grupos de Pesquisa, e deu-se continuidade ao desenvolvimento de projetos de pesquisa, agora envolvendo docentes, discentes e pesquisadores, da Graduação à Pós-Graduação, além de participantes de outras instituições. No âmbito da Pós-Graduação, buscou-se o aprimoramento de disciplinas com novas propostas e novo elenco de optativas, além de disciplinas e atividades obrigatórias específicas do Doutorado.

Pesquisa e Extensão em Arquitetura e Urbanismo

Em Arquitetura e Urbanismo, a Pesquisa e a Extensão se tornaram atividades indissociáveis do ensino-aprendizado, o que justifica a realização de pesquisas exploratórias, elaboração de métodos e abordagens científico-acadêmicas em Arquitetura, Urbanismo e Design, para estimular a produção de conhecimento como parte da dinâmica de ensinar e aprender.

Latour (2011) define duas modalidades de pesquisa: a *positiva* – sentenças que afastam o enunciado de suas condições de produção; e a *negativa* – sentenças que levam o enunciado na direção de suas condições de produção. Ao aplicar essas proposições à pesquisa em Projeto de Arquitetura e Urbanismo, pode-se dizer que em geral comparecem as duas modalidades. Quando o pesquisador investiga a produção de artefatos como croqui de concepção, opera na modalidade negativa, da mesma forma ao produzir ideias e conceitos que norteiam as decisões arquitetônicas. No entanto, quando o pesquisador estuda o projeto acabado, opera na modalidade positiva, investigando as condições de produção do artefato, no contexto social e histórico-cultural.

O exame atento dos estágios iniciais de elaboração dos fatos, no processo de projeto, é no mínimo instigante, uma vez que o pesquisador se vê obrigado a enfrentar o desafio de interpretar as decisões e os caminhos trilhados pelo arquiteto no momento em que as ideias não estavam claras, e havia muitas possibilidades ainda abertas para explorar, constituindo-se em importante campo de pesquisa.

3. Desde 2006, as Coordenações de Pesquisa e Extensão vêm passando por transformações na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Ora estão a cargo de uma coordenação, ora se desdobram em duas coordenações. Em julho de 2016, a UPM redefiniu nova estrutura das coordenações das Unidades Acadêmicas que propiciaram melhor desempenho de algumas áreas: a Coordenação de Pesquisa foi substituída pela Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso e de Pesquisa; a Coordenação de Atividades Complementares pela Coordenação de Atividades Complementares e Extensão; a Coordenação de Estágios pela Coordenação de Estágios e Protagonismo Estudantil. Nesse período, as Coordenações de Trabalho Final de Graduação e Pesquisa e de Atividades Complementares e Extensão da FAU ganharam dois coordenadores adjuntos, visando distribuir melhor o trabalho e as responsabilidades dessas duas importantes áreas.

Assim, ao mesmo tempo que os problemas relativos à abordagem científica parecem se tornar mais complexos, observa-se crescente elaboração, da parte dos arquitetos, da produção teórica, cujos instrumentos múltiplos e interlocuções definem um pluralismo de abordagens, o que dificulta qualquer chance de uma única e definitiva teoria. Esse *pluralismo* também é característica da produção arquitetônica recente. Na prática, o projeto devolve conceitos à teoria, permitindo que esta se enriqueça, confirmando-a ou negando-a. E de nada adiantará se o discurso teórico não se debruçar sobre o processo de projeto e o projeto em si, dessa maneira renovando e desafiando os conceitos e sua legitimação no âmbito da forma, da utilidade e dos procedimentos (ALVIM; ABASCAL, 2012).

Magnífico Reitor da UPM, Prof. Dr. Benedito Guimarães Aguiar Neto, conversa com o público no Mackenzie Day, setembro de 2016.

Múltiplas possibilidades conceituais, formais e tecnológicas – *posturas arquitetônicas* (MONTANER, 2003) – ampliam os critérios de crítica e julgamento de excelência. É nesse espaço plural que a produção acadêmica, compromissada com o ensino e a profissão, propicia reflexão que aproxima teoria e prática, contribuindo para enunciar os parâmetros de valor da Arquitetura e do Urbanismo, por um lado, e, por outro, para revelar os processos que geram a cidade e conformam a cultura arquitetônica.

A elaboração e a interpretação dos fatos e eventos constituem um processo social, em que cada pesquisador acrescenta uma camada ao conhecimento anterior, de modo que caminhe em direção à verdade, mesmo sendo provisória no âmbito do entendimento do que é a ciência hoje. Como tecnologia social, a ciência depende de olhares sobre a realidade, provindos de múltiplas experiências. Nesse campo de criação de ambiente de pesquisa amplo, é possível introduzir a inseparabilidade de Pesquisa e Extensão, que se alimentam reciprocamente.

A presença ou a ausência de referências a outros textos pode conferir credibilidade e consistência às argumentações, criando múltiplas referências para ampliar as abordagens de Pesquisa. Somente um texto carregado de referências provindas da experiência multifacetada é capaz de demonstrar quanto o pesquisador tem conhecimento da própria área de pesquisa e consciência de quais controvérsias existem e, sobretudo, quais são as lacunas de conhecimento e quais fronteiras devem ser ultrapassadas.

As ciências não são autônomas, pois dependem da ação coletiva. Pesquisas acadêmicas não são realizadas apenas no interior das universidades, tampouco se mantêm restritas ao conhecimento produzido nos laboratórios; elas se estendem para além dos muros das instituições e sinalizam forte viés extensionista. Grande número de esferas abrange o pesquisador, que deve ser capaz de atuar para realizar uma investigação de impacto em sua área de atuação. A visão sistêmica, propiciada pela interdisciplinaridade, favorece essa construção e troca de conhecimentos de modo mais intenso.

Latour (2016) diferencia o termo *cogito*, de Descartes, que significa o pensamento em sua acepção ideal, do termo *cogitamos*, uma construção coletiva do conhecimento, realizado nas experimentações em laboratórios, nas Instituições de Ensino Superior (IES) e fora delas, com o apoio de agências públicas e privadas de financiamento. Do sujeito isolado ao sujeito coletivo, é o movimento que se relaciona à Pesquisa contemporânea, no qual o conhecimento avança sob estímulo de comprovações e refutações constantes que permitem que a ciência prossiga seu rumo. A definição de Latour (2016) lança um desafio de realizar pesquisas verdadeiramente interdisciplinares, e com abertura ao mundo extra-acadêmico, com financiamento e reconhecimento.

Na atuação profissional, é fundamental ter consciência dos saberes acumulados pela área de conhecimento, e, particularmente, da disciplina com a qual se está intimamente envolvido. Nesse sentido, torna-se essencial a consciência e a autopercepção do pesquisador para se posicionar diante do domínio de seu campo de atuação. A Teoria dos Campos (*Field Theory*, 1994), criada por Mihaly Csikszentmihalyi, permite explicar a relação entre o indivíduo, o campo (os pares) e a área (domínio) na qual ele está envolvido.

Para suprir essa condição contemporânea da Pesquisa e Extensão, a FAU-Mackenzie, a partir de meados dos anos 2000, apostou na estrutura de Grupos de Pesquisa e elevou a ação de pesquisar à posição de oportunidade de aprimoramento contínuo do ensino, nos níveis de Graduação e Pós-Graduação.

A integração entre Pesquisa e Extensão é uma das condições fundamentais à produção de conhecimento na Universidade do século XXI, que enfrenta grandes desafios: uma nova cultura de aprendizado, produção coletiva de conhecimento científico, adaptação às novas tecnologias e à ciência em construção e financiamento e eficiência. Para as universidades enfrentarem os quatro principais desafios gerais apresentados anteriormente, os conhecimentos produzidos devem ser amplamente difundidos e disseminados, e, para isso, são fundamentais as ações extensionistas.

A Constituição Brasileira, no Capítulo III, intitulado "Da Educação, da Cultura e do Desporto", seção I, Artigo 207, define que "As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (EC n° 11/1996)" (BRASIL, 2016, p. 180). Desde então, o tripé Ensino-Pesquisa-Extensão tem sido um mote, porque não basta ensinar e produzir conhecimentos, é necessário planejar estratégias para transmiti-las a toda a sociedade. As ações de Extensão, que transcendem os muros das universidades, são formas de medida do impacto social do conhecimento.

Essa abordagem sistêmica na FAU-Mackenzie vem sendo um grande desafio há pelo menos uma década; justifica-se pelo fato de que o indivíduo, embora talentoso, somente extrai os melhores conhecimentos e desenvolve experiências e habilidades a partir de sua

Na página anterior:

Centro de Cultura Judaica, São Paulo, 2003. Projeto do Arquiteto Roberto Loeb (Mackenzie, 1965).

atuação no meio social. O campo da Pesquisa e Extensão é formado por coletividade que domina conhecimentos diversos e acumulados, e que não somente controla e influencia a área de conhecimento, mas pode ampliá-la ao compartilhar visões e perspectivas. A área, ou o domínio, é constituída pelos conhecimentos acumulados pelo campo; nela, encontram-se os juízes, os pares que arbitram debates e discussões acadêmicas. Essa é a justificativa que fundamenta os Projetos Político-Pedagógicos da FAU-Mackenzie que insistem no protagonismo estudantil e na ação coletiva de grupos e projetos de pesquisa, que se materializam com o fomento de recursos provindos de agências públicas e privadas – entre eles, o Fundo Mackenzie de Pesquisa (MackPesquisa), com excepcional contribuição à realização da Pesquisa no Mackenzie hoje.

Nesse âmbito, justifica-se cada vez mais a realização da pesquisa acadêmica e científica para o enriquecimento do ensino e da profissão de Arquiteto e Urbanista. A Extensão alia-se à Pesquisa como parte de uma ação fundamental de aplicação do conhecimento, visando o seu retorno à sociedade.

As ações de Extensão, que transcendem os muros das Universidades, são formas de mensuração do impacto social do conhecimento.[4] De forma geral, a maneira mais usual de medir o impacto científico é contabilizar publicações compartilhadas pelos pares de uma mesma área de atuação. Mas o impacto social é derivado da capacidade de cada Instituição de atingir e de beneficiar pessoas em outras áreas, e de todas as idades e extratos sociais, sendo esses o objetivo e o público-alvo da Extensão. Os cursos gratuitos concedidos pelas Universidades a toda a sociedade, as ações sociais realizadas em comunidades carentes, as prestações de serviço dos pesquisadores aos menos favorecidos e as palestras e oficinas sobre temas de interesse público são alguns dos exemplos de atividades de Extensão que professores e alunos podem oferecer.

Ideias criativas podem ser testadas a partir de experimentações. Tanto as ações extensionistas que têm impacto social, bem como as ações inovadoras, com potencial de impacto econômico e tecnológico, contribuem para fortalecer a missão da Universidade na sociedade contemporânea. Além das pesquisas científicas, várias ações socioculturais podem e devem ser realizadas em benefício de toda a sociedade, uma vez que os aportes financeiros públicos e incentivos fiscais devem dar retorno a todos aqueles que contribuem com seus impostos.

Nesse contexto, vale relembrar que, no âmbito da reestruturação da UPM ocorrida entre 2004 e 2005, a estrutura departamental vigente foi suprimida e o Ensino, Pesquisa e a Extensão passaram a se organizar por unidades e cursos, e em eixos temáticos e coordenações pedagógicas. A fim de consolidar a tríade nas Unidades Universitárias, o Art. 1º, da Resolução 03/2013, do Conselho Universitário da UPM, de 20 de março de 2013, define que "o objetivo das Atividades Complementares é fomentar complementação da formação acadêmica do corpo discente, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de competências e de habilidades imprescindíveis à formação profissional".

4. A Extensão foi integrada oficialmente à Universidade com sua inclusão na Constituição Federal de 1988 e regulamentação pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. A LDB explicita nos incisos VI e VII do artigo 43º – as finalidades da educação superior:

"[...] estimular os conhecimentos do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados a comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade."

E, ainda

"[...] promover a extensão aberta a participação da população, visando a difusão das conquistas e benefícios relutantes da criação cultural e da pesquisa cientifica e tecnológica geradas na instituição."

Além disso, o Plano Nacional de Extensão (2001) define Extensão Universitária como: "prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da população".

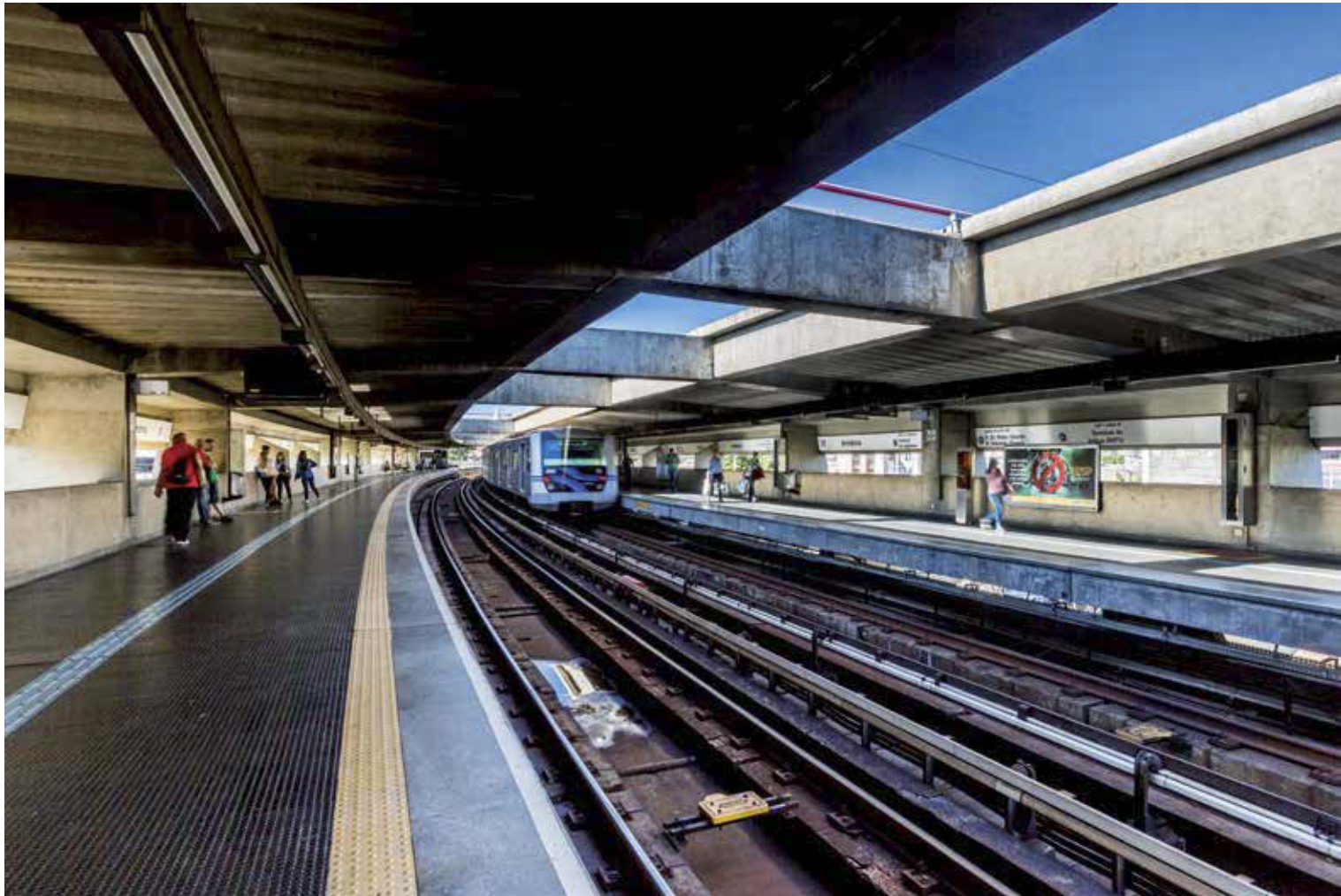
Ainda em seu Art. 7º, a resolução estabelece que:

> [...] as Atividades Complementares têm a finalidade de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem destinando-se a:
>
> I – Ampliar os horizontes do conhecimento, bem como de sua prática, para além da sala de aula, em atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, viabilizando sua integração complementar à formação profissional e social;
>
> II – Encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referirem às experiências profissionalizantes, julgadas relevantes para a área de formação considerada;
>
> III – Estimular práticas de estudo independentes, visando à progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno;
>
> IV – Propiciar a inter e a transdisciplinaridade no currículo, dentro e entre os semestres;
>
> V – Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando tanto a pesquisa individual e coletiva quanto a participação em atividades de extensão;
>
> VI – Favorecer o relacionamento entre grupos e a convivência com as diferenças sociais no contexto regional em que se insere a instituição.

Evento de premiação do Desafio OpenLab São Paulo 2030 (Mobilidade e a Cidade do Futuro). Concurso promovido no segundo semestre de 2016 pela FAU-Mackenzie em parceria com o Instituto Cidade em Movimento (IVM–Brasil) e com apoio do Grupo PSA. Da esquerda para a direita, Luiza Andrada e Silva, Diretora-Executiva do IVM-Brasil, Prof. Luís Alexandre Ogasawara (Curso de Design e Coordenador do concurso), Emmanuel Hedouin, do Grupo PSA, e a Equipe 1 vencedora recebendo o troféu e os certificados.

A Reitoria, ainda preocupada com a qualidade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, adota políticas institucionais que constam da *Visão 150*, plano que estabelece uma série de diretrizes que norteiam a atuação de todos os segmentos e instâncias da UPM no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2013-2018. O PDI orienta que as ações devem atender a um perfil de formação holística de concepção dos fenômenos naturais, do meio ambiente e da sociedade, contudo, sem abandonar demandas mais específicas da sociedade, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão universitária.

Na FAU-Mackenzie, Pesquisa e Extensão na atualidade integram o processo de ensino-aprendizagem, tendo na experimentação importante protagonista, ao envolver docentes e discentes, da Graduação à Pós-Graduação. No último Projeto Político-Pedagógico dos seus cursos de Graduação (FACULDADE DE ARQUITETURA, 2013) previu-se a incorporação de instrumentais ao processo de ensino-aprendizagem em que a experimentação e a ação do estudante e seu protagonismo na produção de conhecimento são o cerne da formação universitária, incentivando-se o uso dos diversos laboratórios nas disciplinas regulares, a participação em projetos de pesquisa, realização de Iniciação Científica (IC) e de atividades extensionistas. O Projeto Pedagógico visou eliminar a fragmentação do conhecimento e a especialização precoce, diminuindo o número de disciplinas, valorizando a formação continuada e a escolha de componentes curriculares pelo aluno, possibilitando modalidades diversas para a prática da tríade Ensino, Pesquisa e Extensão.

Linha 1 – Azul (Norte – Sul), do Metrô, São Paulo, anos 1970. Projeto dos Arquitetos Marcello Fragelli (Coordenador Geral), Vasco de Mello (Mackenzie, 1964), Luiz Gonzaga de Oliveira Camargo (Mackenzie, 1966), Álvaro de Macedo Neto (Mackenzie, 1966), Flavio Marcondes (Mackenzie, 1966), Silvio John Heilbut (Mackenzie, 1966) e João Batista Martinez Corrêa (Mackenzie, 1967).

A Pesquisa na FAU-Mackenzie: da Iniciação Científica aos Grupos de Pesquisa

Inicialmente, a Pesquisa na FAU-Mackenzie estava restrita aos docentes da Pós-Graduação, e tinha como principal financiador MackPesquisa, órgão vinculado ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, que financiou importantes projetos de pesquisa para a consolidação do Programa em sua etapa inicial. Em 2004, como já ressaltado, deu-se a formação de vários Grupos de Pesquisa com chancela do CNPq, articulando docentes e discentes de Graduação e Pós-Graduação, permitindo iniciar uma nova etapa de contínua alimentação do Ensino pela Pesquisa e Extensão.

Os Grupos de Pesquisa elaboraram seu patrimônio intelectual fundamentado na atividade de investigação científica – do Doutorado à Iniciação Científica. Atualmente, a FAU-Mackenzie conta com 22 grupos de pesquisa devidamente cadastrados no CNPq e certificados pela instituição, sendo 20 alocados no Curso de Arquitetura e Urbanismo, e dois, no Curso de Design.

A Iniciação Científica é importante protagonista nesse contexto, permitindo que professores e alunos, principalmente aqueles que ainda não participam da Pós-Graduação, adentrem o universo da Pesquisa.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do Mackenzie foi estruturado na UPM pelo Ato da Reitoria nº 47/2003, de forma inteiramente compatível com as determinações do CNPq, contando com subsídios não só da Entidade Mantenedora da Universidade, como também do MackPesquisa. Em 2005, a UPM obteve o credenciamento de seu Pibic no CNPq, quando foram concedidas 24 bolsas Pibic/CNPq; em 2006, a universidade disponibilizou mais seis cotas, totalizando 30 bolsas Pibic/CNPq, as quais foram mantidas para o período de agosto de 2007 a julho de 2008. Atualmente, o CNPq disponibiliza 42 bolsas de Iniciação Científica.

A Iniciação Científica é um período especial, quando os estudantes de Graduação, sob a supervisão de seu orientador, têm a possibilidade de se integrar, por meio da vivência em pesquisa, com mestrandos e doutorandos. Esses objetivos são alcançados pelo envolvimento do aluno em atividades práticas e teóricas de Pesquisa, sob a orientação de um professor-pesquisador e principalmente pela participação em um Grupo de Pesquisa, convivendo com pesquisadores de diversos níveis. Os resultados são apresentados nas Jornadas de Iniciação Científica, eventos realizados anualmente pela Pró-Reitoria e Pós-Graduação via Coordenadoria de Pesquisa da UPM.[5]

Até 2016, a Iniciação Científica da UPM incluía dois processos seletivos: no início do semestre letivo, contando com bolsas subsidiadas pelo MackPesquisa, e, em agosto, com bolsas subsidiadas pela Entidade Mantenedora da UPM e pelo CNPq. A partir de 2017, o processo passou a ser anual. O número de projetos inscritos tem sido crescente a cada processo

5. A Jornada de Iniciação Científica da UPM encontra-se em sua 13ª edição. Promovida pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, via Coordenadoria de Pesquisa, atualmente, se soma à Mostra de Iniciação em Tecnologia e Inovação e à Mostra de Extensão, ambos eventos de responsabilidade da Pró-Reitoria de Extensão e Educação Continuada. As pesquisas desenvolvidas pelos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (Pivic) são apresentadas durante o evento e posteriormente publicada em seus anais.

seletivo, propiciando relevante e dinâmico vínculo entre o Ensino e a Pesquisa na Graduação, assim como proporcionando a contínua integração entre os docentes da Pós-Graduação com os discentes dos diversos Cursos de nossa UPM.

Na FAU-Mackenzie, muitos alunos de Graduação receberam bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic); o primeiro processo Pibic-Mackenzie para a Arquitetura e Urbanismo iniciou-se em março de 2004 com 33 bolsistas e 42 voluntários. Até 2017, cerca de 500 alunos estiveram envolvidos com o Pibic, 80% deles provenientes do Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Quadro 1 – Relação dos Grupos de Pesquisa em funcionamento na FAU-Mackenzie (2017)

GRUPO	LÍDER(ES)
A Paisagem da Cidade Sustentável	Pérola Felipette Brocaneli
Arquitetura e Construção	Maria Augusta Justi Pisani e Valter Caldana
Arquitetura Ensino e Profissão	Eunice Helena Sguizzardi Abascal
Arquitetura: Projeto & Pesquisa & Ensino	Rafael Antonio Perrone
Arquitetura: Projeto e Crítica	Maria Isabel Villac
Arquitetura, Processo de Projeto e Análise Digital	Wilson Florio
A Construção da Cidade: Arquitetura, Documentação e Crítica	Marcos José Carrilho
Cidades e Edifícios Sustentáveis	Gilda Collet Bruna
Cidade, Arquitetura e Filosofia	Igor Guatelli
Design, Arte, Linguagens e Processos	Ariane Daniella Cole
Design, Teoria e Projeto	Nara Silvia M. Martins
Estratégias Projetuais em Territórios Urbanos/ Degradados e Portuários	Carlos Andrés Arriagada
Laboratório de Projetos e Políticas Públicas	Valter Caldana
Paradigmas para o Estudo de Cidades Ibero-americanas no Século XXI	Eunice Helena Sguizzardi Abascal
Políticas Públicas e Habitação Social	Denise Antonucci
Projetos Urbanos e Desenvolvimento Urbano Sustentável	Carlos Leite de Souza
Questões Urbanas: Design, Arquitetura, Planejamento, Paisagem	Mauro Claro
Sistemas Construtivos na Arquitetura Contemporânea	Celia Moretti Meirelles
Teoria e Projeto na Era Digital	Eduardo Sampaio Nardelli
Urbanismo Brasileiro e Ibero-americano	José Geraldo Simões Jr.
Urbanismo Contemporâneo, Redes, Sistemas e Processos	Angélica Tanus Benatti Alvim e Luiz G. R. de Castro
Verticalização, Patrimônio Cultural e Urbanidade	Nadia Somekh

Fonte: Elaborado pelos autores.

O Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie: breve histórico[6]

Criado em 2005, o Fórum de Pesquisa nasceu como uma realização endógena, tendo sido aberto ao público externo a partir de 2008. Em 2010, foi consolidado em âmbito nacional, com repercussões internacionais. Concebido como espaço privilegiado de debate das pesquisas em Arquitetura e Urbanismo e Design, pretendeu valorizar e aprofundar a inter e a transdisciplinaridade.[7]

Em seu início, constituiu-se no âmbito da II Semana Viver Metrópole (Semana de Arquitetura e Urbanismo e Design da FAU-Mackenzie)[8] com o objetivo de disseminar e integrar a pesquisa aos diversos níveis de ensino – da Pós-Graduação à Graduação.

Entre os anos de 2005 e 2007 o evento, organizado pela Coordenação de Pesquisa e Extensão (Copex),[9] era realizado pelos Grupos de Pesquisa, que concebiam atividades como apresentação de trabalhos e mesas de debates envolvendo diversos pesquisadores internos e externos, convidados para compartilhar pesquisas e difundir suas atividades. Os dois primeiros fóruns obtiveram sucesso expressivo, com total adesão dos Grupos de Pesquisa, atraindo alunos interessados nas atividades, quer de Iniciação Científica, quer de Pós-Graduação.

Nessa primeira fase, houve importantes avanços, com destaque para o reconhecimento e consequente fortalecimento dos Grupos de Pesquisa no âmbito da própria Unidade e da Universidade, assim como a publicação de artigos científicos, frutos de pesquisas em andamento, nos Anais do evento e em *site* específico, estimulando alunos e professores a sistematizarem o conhecimento para a sua divulgação.

Nos anos de 2008 e 2009, o evento inicia sua segunda fase, buscando remodelar seu formato. Organizado pela Coordenação de Pesquisa e com a participação das Coordenações de Extensão e de Pós-Graduação *Stricto Sensu*,[10] propôs-se um novo desenho, procurando integrar os Grupos de Pesquisa, estabelecer interlocuções entre os trabalhos dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design em andamento, registrar o estado da arte das pesquisas nesses campos do conhecimento e, principalmente, divulgar às comunidades interna e externa a produção dos Grupos de Pesquisa da FAU-Mackenzie, favorecendo sua integração a todas as instâncias de ensino e pesquisa da Escola – da Iniciação Científica ao Doutorado. A partir do 4º Fórum de Pesquisa,[11] o evento foi indexado[12] e os artigos, selecionados e publicados digitalmente.

Ao comemorar cinco anos do Fórum de Pesquisa FAU-Mackenzie,[13] e, ao mesmo tempo, dando o passo inicial para a sua terceira fase, aberta à comunidade nacional, definiu-se como tema central *Retrospectivas e Desafios para a Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. Compreendeu-se que era necessário iniciar maior interlocução com as agências de fomento, disseminando a pesquisa da FAU-Mackenzie em âmbito maior. Naquele momento, foi fundamental a participação de pesquisadores representantes de área no CNPq: Prof. Marco Aurélio

6. Texto com base em Alvim e Abascal (2012).

7. "[...] Um dos principais pressupostos para se caminhar interdisciplinarmente é o diálogo, para se reconhecer aquilo que falta de um lado e que pode ou deve receber do outro. Ou [...] quebrar o isolamento disciplinar pela negociação de pontos de vista, projetos e interesses divergentes/convergentes" (CALEGARE; SILVA JR., 2012, p. 240).

8. A Semana Viver Metrópole foi criada em 2004 pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam) em parceria com um grupo de professores. Atualmente, encontra-se em sua 15ª edição.

9. O Coordenador de Pesquisa e Extensão, entre 2005 e 2006, era o Prof. Dr. Carlos Leite de Souza.

10. Entre os anos de 2008 e 2010, a Coordenação de Pesquisa esteve sob a responsabilidade da Profa. Angélica Tanus Benatti Alvim, a Coordenação de Extensão, da Profa. Eunice Abascal, e a Coordenação de Pós-Graduação, da Profa. Maria Isabel Villac.

11. No 4º Fórum, organizou-se a produção dos Grupos de Pesquisa a partir dos Eixos Temáticos que estruturavam na ocasião o ensino na escola, com a participação de um conjunto de pesquisadores de renome nacional para aprofundar os debates: Projeto – Prof. João Walter Toscano (USP); Urbanismo – Profa. Heloisa Soares Moura Costa (UFMG e CNPq); Fundamentação e Crítica – Profa. Monica Junqueira (FAU-USP), e Sustentabilidade + Tecnologia – Prof. Marcelo Romero (USP); Design: teoria e projeto – Prof. Ari Antonio da Rocha, (FAAP); Design de comunicação: formas visuais de narração, interação e representação – Profa. Maria Cecília Loschiavo dos Santos (USP); Design, arte, linguagens e processos – Prof. Marcos Rizzoli (UPM).

12. Os artigos dos Grupos de Pesquisa e dos conferencistas foram publicados em meio digital ISSN: 2176-1809.

13. Nessa ocasião, o Fórum foi indexado pelo ISBN, quando os artigos científicos foram publicados em seus Anais em formato digital.

Casa Bola, São Paulo, 1979. Projeto do Arquiteto Eduardo Longo (Mackenzie, 1966).

Andrade Filgueiras Gomes (UFBA), representando a Arquitetura e o Urbanismo; e Profa. Maria Cecilia Loschiavo dos Santos (FAU-USP), representando a área de Design.

Ampliou-se a Comissão Organizadora envolvendo todas as áreas de conhecimento da Escola, tendo, então, sido proposto um comitê científico, ainda em âmbito interno, integrado pelos pesquisadores mais destacados, responsáveis por selecionar os melhores artigos a serem apresentados nas diversas mesas do Fórum. Essas mesas foram organizadas a partir das seguintes temáticas de pesquisas em curso: Arquitetura Moderna e Cidade; Cidade, Ambiente e Política Pública; Design, Cultura e Ambiente; Habitação, Mercado e Ambiente; Pesquisa, Ensino e Tecnologia; Política e Projeto Urbano; Projeto e Meio Ambiente; Projeto e Cultura; Projeto, Representação e Processo Criativo; Projeto, Construção e Cidade; Urbanização e Meio Ambiente.

Entre 2010 e 2014, em sua terceira fase, e, respectivamente, a partir de sua 6ª edição,[14] o evento assumiu o formato recente, aberto à comunidade científica nacional.

As últimas edições do evento estruturaram-se em três frentes: conferências de pesquisadores de renome nacional e internacional; sessões de comunicação com apresentação de um conjunto de artigos selecionados; e mesas-redondas, com o objetivo de estabelecer diálogos e interlocuções que expressam uma amostra do universo de pesquisas produzidas pelos Grupos de Pesquisa, em instituições de ensino.

Sob o tema geral *Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design: interlocuções e perspectivas*, o 6º Fórum teve como objetivos diálogos e interlocuções entre Arquitetura e Urbanismo e Design, enfatizando o estado da arte das pesquisas nesses campos do conhecimento. Procurou ainda divulgar informações e experiências referentes a abordagens, tipos de pesquisa, abrangência e metodologias, e aprofundar e debater a produção de conhecimento realizada nacionalmente.

O 7º Fórum, cujo tópico foi *Pesquisa em Arquitetura Urbanismo Design: Transdisciplinaridades*, assumiu a reflexão crítica contemporânea em Arquitetura e Urbanismo e Design como expressão de relações e afinidades possíveis de campos temáticos. Com base no entendimento de que a transdisciplinaridade compreende diálogos e um amplo e complexo tecido de relações a partir da aproximação de disciplinas e saberes, apostou na possibilidade de articulação recíproca entre conhecimento prático e teórico, ensino e crítica.

O 8º Fórum de Pesquisa, intitulado *A Condição Contemporânea do Projeto: Arquitetura, Urbanismo e Design*, abordou o projeto como agenciamento, mediação de temas e agendas complexas, como proposta para nossa condição histórica. Além disso, teve outros temas, tais como o projeto como instrumento de participação social – Projeto Inclusivo e de Ecologia Reverencial, Projeto, Programa e Agenciamento foram tratados. Nesse momento, também foi realizada a Conferência inaugural *Mil Palavras-Chave sobre a Condição Contemporânea do Projeto*.

14. A partir da experiência do 5º Fórum de Pesquisa, em agosto de 2009, como coordenadora de Pesquisa, a Profa. Angélica Tanus Benatti Alvim idealiza seu novo formato e submete-o ao MackPesquisa para obtenção de recursos, recebendo parecer positivo em dezembro. Em abril de 2010, assume a Coordenação de Pesquisa a Profa. Eunice Helena Abascal, e juntamente com a Profa. Angélica Tanus Benatti Alvim, que assume a função de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação, organizam os dois eventos abertos. Os Coordenadores de Extensão, Prof. Charles Vincent (2008-2010) e Prof. Paulo Corrêa (2011) contribuem ativamente articulando o evento à Semana Viver Metrópole, organizada pelos alunos dos Cursos de Graduação. Entre os anos de 2013 e 2014, a Coordenação de Pesquisa esteve sob responsabilidade da Profa. Denise Antonucci, que deu continuidade à oitava edição do evento.

15. No 6º Fórum, organizaram-se as seguintes Sessões de Comunicação: Ambiente Construído; Memória e Identidade; Arquitetura Moderna e Cidade; Ensino e Práticas Projetuais; Espaço Urbano, Sustentabilidade e Projeto; Habitar a Cidade Contemporânea; Tecnologia, Projeto e Sustentabilidade. No 7º Fórum, organizaram-se as seguintes Sessões Temáticas: Ambiente, Projeto e Materialidade; Práxis e Proposição Teórica; Ambiente Construído, Projeto e Gestão do Território; Arte e Cidade; e Tecnologia, Experimentação e Projeto. No 8º Fórum, foram organizadas Sessões Temáticas, denominadas A&U e DI, e Mesas-Redondas, além de Conferências.

As conferências de Pesquisadores, Arquitetos e Designers buscaram enfatizar o papel da pesquisa em projeto em suas diversas escalas.

As mesas-redondas constituíram-se em locais privilegiados de estímulo a intercâmbios de conhecimento e divulgação dos avanços das pesquisas. Foram propostas pelos Grupos de Pesquisa de diversas Instituições de Ensino, que de certa forma possuem parcerias e/ou interlocuções com os Grupos de Pesquisa da FAU-Mackenzie. Nas mesas das últimas edições, contaram-se com interlocutores privilegiados, com experiência na atuação e na política de fomento à Pesquisa das agências de pesquisa – CNPq, Capes e Fapesp –, debatendo as especificidades da Pesquisa na área de Arquitetura e Urbanismo e Design.

Os artigos destinados às Sessões de Comunicação foram submetidos ao Comitê Científico e passaram por seleção rigorosa; em seguida, foram apresentados e publicados nos Anais do Evento.[15] De modo geral, os artigos selecionados, frutos de pesquisas concluídas ou em andamento, foram distribuídos em sessões organizadas a partir de temas que se inter-relacionavam.

As mesas-redondas e artigos propostos evidenciam amplo leque de assuntos inter e transdisciplinares, que refletem sobre teoria e prática, em suas diversas escalas – do objeto ao urbano/regional –, congregando temas como: fundamentos teóricos; história; processos e métodos de projetação; ensino; representação; arte e cultura; processos construtivos; tecnologias e modelagem; políticas públicas; gestão do espaço e do objeto; meio ambiente e sustentabilidade urbana e ambiental, entre outros.

O percurso do evento contribuiu para a maior integração entre a Pós-Graduação e os dois cursos de Graduação, para o avanço da produção do conhecimento científico sobre as temáticas em que atuamos, e, principalmente, para a ampliação dos intercâmbios com outras Instituições de Ensino, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas conjuntas, eventos, convênios, entre outros.

A Extensão na FAU-Mackenzie

A FAU-Mackenzie vem se mostrando proativa no campo da Extensão ao enfatizar o relacionamento dinâmico da tríade ensino, pesquisa e extensão com a rotina acadêmica. É hoje da natureza de seu funcionamento pedagógico a abertura do conhecimento produzido em pesquisa e disseminado em sala de aula à comunidade, quer científica, quer acadêmica e à sociedade em geral, sem distinção de classe, raça ou gênero. A Arquitetura, por se compreender como arte e técnica a serviço da sociedade, afirma por definição o ímpeto de se estender para além dos estreitos e tímidos limites universitários. Por essa razão, o trabalho da Coordenação de Extensão tem sido estimular essa comunidade ativa e empenhada à consolidação extensionista, na figura de Programas, Projetos e Eventos que possam ganhar em densidade, por sua importância, alcance e vitalidade sociais.

Após 2005, a UPM instituiu a Coordenação de Extensão nas Unidades Acadêmicas, que é então exercida pelo Coordenador de Extensão,[16] nomeado pelo Reitor, sendo o órgão responsável por zelar pela excelência das atividades de extensão na unidade.

Conforme orienta o Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo de 2013, a Coordenação de Extensão da FAU-Mackenzie pauta-se por uma política que contempla os seguintes aspectos: a harmonia com o pensamento institucional da UPM, sua Missão, Visão e seus Princípios Institucionais, o pleno envolvimento de alunos da Graduação à Pós-Graduação, a elaboração de propostas que contribuam para o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico da universidade, assumindo um compromisso com "o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade, respeitando o meio ambiente; e que permita a socialização do conhecimento" (FACULDADE DE ARQUITETURA, 2013, p. 90).

São também previstas a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. A Extensão visa o desenvolvimento docente e das atividades de pesquisa e da habilidade acadêmica dos alunos envolvidos, de sua vivência profissional a integração de conhecimentos teóricos e práticos (FACULDADE DE ARQUITETURA, 2013, p. 90).

Ao entender as atividades de Extensão como integrantes e essenciais à formação discente, o Projeto Pedagógico (2013) caracteriza as seguintes atividades:

a) consultoria ou participação consultiva em instituições privadas ou da administração pública;

b) cursos de difusão cultural ou de extensão universitária, visando a propagar conhecimentos para o tecido social, conscientizando-o de aspectos sociais ou culturais relevantes;

c) palestras, conferências e simpósios, tendo como alvo a difusão de conhecimentos especializados e o intercâmbio com profissionais e especialistas. A outra modalidade, também relacionada às práticas da docência e profissional, como também à pesquisa, mas que se diferencia da primeira em virtude de sua abrangência, responsabilidade ou custos operacionais envolvidos, necessitando, portanto, do estabelecimento de convênios ou da elaboração de documentos bilaterais, caracterizando-se por:

d) elaboração de planos diretores, urbanísticos e paisagísticos para municípios carentes de corpo técnico adequado ou sem possibilidades orçamentárias para a utilização dos serviços de escritórios profissionais especializados;

e) planejamento e orientação de projetos arquitetônicos que representem efetivamente propostas inovadoras ou modelos didáticos para a comunidade;

f) serviços técnicos especializados nas condições ambientais, que envolvam aspectos ergonômicos ou sanitários;

Participação de alunos e professores da FAU-Mackenzie na Jornada da Habitação – SÃO PAULO CALLING, evento organizado em 2012/1, pela Sehab/PMSP, que contou com o Projeto de Extensão da Escola. Na foto, o Arquiteto Marcos Boldarini e as Professoras Angélica Tanus Benatti Alvim e Maria Augusta Justi Pisani discutem com alunos da Graduação e da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo aspectos da intervenção proposta no Loteamento Cantinho do Céu.

16. Na FAU-Mackenzie, os Coordenadores de Extensão, nos diferentes períodos (2008 a 2016), foram: Prof. Carlos Leite, Profa. Eunice Helena S. Abascal, Prof. Marcelo Oliveira, Prof. Charles Vincent, Prof. Paulo Correa, Prof. Eduardo Sampaio Nardelli. No período entre 2016/2 a 2017/1, as Profas. Pérola Felipette Brocaneli e Nara Silvia Martins são responsáveis pela Extensão na Unidade, atuando como Coordenadora e Coordenadora adjunta, respectivamente.

Centro Cultural São Paulo, 1982.
Projeto dos Arquitetos Eurico Prado Lopes (Mackenzie, 1963) e Luiz Telles (Mackenzie, 1966).

g) cursos de extensão ou especialização, presenciais ou a distância, que necessitam formalização, por envolverem outras entidades (públicas ou privadas) e responsabilidades financeiras de maior vulto (FACULDADE DE ARQUITETURA, 2013, p. 90-91).

Na FAU-Mackenzie, a Extensão perpassa diferentes instâncias de Ensino e Pesquisa, de forma que um projeto extensionista pode ser idealizado em sala de aula, acolhido em um grupo de pesquisa e alcançar desenvolvimento técnico nos vários laboratórios, para desenvolver-se parcialmente no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Arquitetura e Urbanismo (NAU), no MoSaIco Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Emau) e na Empresa Júnior. Além de poder se valer de todos os laboratórios e espaços comuns à Escola para as experimentações físicas, os projetos vinculados às atividades de Extensão podem utilizar o canteiro experimental, espaço que conta com enorme potencial para ampliação de seu uso. Idealizado para o desenvolvimento de atividades experimentais relativas à prática construtiva, as atividades de Pesquisa e Extensão no canteiro buscam incentivar o pensamento crítico.

Projetos e Programas de Extensão contam com a participação de alunos e professores dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design. Desde meados dos anos 2000, muitos foram os programas e projetos extensionistas desenvolvidos, promovidos por docentes e discentes. Podemos destacar alguns que, ao longo dos anos, obtiveram mais repercussão:

Design Possível: caracterizado como projeto inovador para o desenvolvimento de propostas fundamentadas em preceitos de autogestão e sustentabilidade atuando em rede, este projeto foi pioneiro na Escola em meados dos anos 2000. Liderado por docentes do Curso de Design,[17] desde sua origem visou o desenvolvimento social ao aplicar o design para desenvolver produtos, executar gestões produtivas, contribuindo para geração de renda, desenvolvimento humano e social em comunidades carentes. O Design Possível também se articulou com o Programa MackVida, coordenado pelo então Decanato de Extensão (DEX), atual Pró-Reitoria de Extensão e Educação Continuada (PREC), como política extensionista universitária.

MoSaIco Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Emau): apoia atividades relacionadas ao cotidiano da prática profissional, por meio de desenvolvimento de projetos arquitetônicos, conforme define o Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo (2013). Além disso, dá suporte para atividades de Extensão, dentre as quais se pode ressaltar o *Programa de Extensão Comunidade Mackenzie: Arquitetura e responsabilidade social no entorno do* campus *Itambé*, vinculando o trabalho do MoSaIco ao Programa MackVida, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e

17. O projeto teve como Coordenador o Prof. Ivo Eduardo Roman Pons e contou com ampla participação dos docentes do Curso, especialmente da Profa. Nara Martins.

Projeto de Extensão integrado à atividade Tópicos Especiais em 2017/1: Imagine Paraisópolis – Oficina de Produção de Lugar. Responsável pelo Projeto: Prof. Ms. Wagner Resende (Doutorando do PPGAU/FAU--Mackenzie), integrante do Grupo de Pesquisa Urbanismo Contemporâneo, Redes, Sistemas e Processos (Líderes: Profa. Dra. Angélica Tanus Benatti Alvim e Prof. Dr. Luiz Guilherme Rivera de Castro).

Educação Continuada (Prec). O Programa obteve grande visibilidade com a gravação pela TV Mackenzie do evento *Arena da Solidariedade*, com participação dos Profs. Lucas Fehr e Luiz Benedito C. Telles (*in memoriam*). Nos dias atuais, outras ações do Escritório Modelo se desenvolvem com a comunidade, por exemplo, atuando na recuperação e requalificação da Praça Capitão Gino Struffaldi, no bairro da Bela Vista, em São Paulo; na elaboração de projeto e montagem de uma brinquedoteca para Casa do Índio (Casai), em São Paulo; e na proposta de transformação de um dos abrigos da entidade Abba.[18]

Semana Viver Metrópole: evento organizado pelo Dafam, e desde 2003, realizado anualmente em outubro, envolvendo todos os alunos e professores durante a Semana de Arquitetura. Com temas diversificados, envolve inúmeras atividades, oficinas e palestras realizadas por convidados reconhecidos no âmbito da Arquitetura e Urbanismo e Design e áreas afins.

Além desses projetos, outros apresentam importantes desdobramentos e envolvem professores e alunos: projeto de pesquisa *Design, Videografismo e Efeitos para TV*, que promove a integração entre o Curso de Design e a TV Mackenzie, por meio do núcleo de produção MackPro; projeto *Comunicação Visual para Regularização Fundiária e Plano de Bairro dos Jardins Piratininga e São Francisco (Penha, São Paulo)*, que promove a integração entre o Curso de Design e comunidades assentadas em áreas de risco de inundação;[19] projeto *Educação para a Formação da Cidadania Ambiental Urbana: Colégio Claretiano SP*, que promove o debate entre alunos e professores do Ensino Médio do Colégio Claretiano e da Graduação e Pós-Graduação da FAU-Mackenzie.[20]

As atividades desenvolvidas pela Empresa Júnior de Design, que acabou de completar dois anos de atividades com pleno sucesso, destacam-se como fundamentais ao protagonismo estudantil, complementando a formação dos futuros profissionais e cidadãos.

Com o intuito de dar suporte à formação complementar dos alunos e amparar tantas ações de Extensão, a FAU-Mackenzie desenvolve o programa *Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo*, que se destaca como importante meio de Ensino, articulado à Pesquisa e à Extensão, e contribui para a formação docente e discente. Tratam-se de componentes curriculares complementares à formação regular oferecida na FAU-Mackenzie, na forma de atividades propostas por professores e pós-graduandos (doutorandos e mestrandos), que podem assumir as modalidades de aulas, visitas guiadas, cursos concentrados, atividades culturais e similares. Tem como propósito colaborar para a formação dos alunos e ampliar a experiência docente dos pós-graduandos – integrando Graduação e Pós-Graduação, e proporcionando experiências de colaboração e integração social.

18. A Associação Brasileira Beneficente Aslan (Abba) é uma entidade ligada à comunidade cristã que associa igrejas locais no trabalho de resgate de crianças e adolescentes em situações de risco social. Disponível em: <http://abbabrasil.com.br/>.

19. O projeto tem como coordenador o Prof. Mauro Claro e conta com ampla participação dos docentes do Curso de Design e Arquitetura e Urbanismo, especialmente das Profas. Ana Paula Calvo e Denise Antonucci.

20. O projeto tem como coordenadora a Profa. Pérola Felipette Brocaneli e conta com a parceria do PPGAU FAU-Mackenzie (Profa. Dra. Eunice Helena S. Abascal), com ampla participação dos alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo e dos Profs. dos Cursos de Design, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e Administração da UPM, além dos Profs. e alunos do Ensino Médio do Colégio Claretiano – SP.

Esta importante atividade está definida no Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura de 2013:

> "Tópicos especiais" tratam-se de instrumentos totalmente desvinculados de quaisquer programação e conteúdo definidos *a priori* no curso e, portanto, abertos para serem preenchidos por eventos acadêmicos que contribuam para a complementação dos saberes ligados diretamente à formação profissional, ou de natureza simplesmente cultural. (FACULDADE DE ARQUITETURA, 2013, p. 24-25).

O programa *Tópicos Especiais* apresenta resultados bastante satisfatórios, pois abrange a cada semestre de 10% a 15% dos graduandos da FAU–Mackenzie em atividades de extensão acadêmica, com importantes impactos na integração direta com a Pós-Graduação.

Além dos Projetos e Programas de Extensão, a FAU-Mackenzie vem sediando inúmeros *workshops* e eventos nacionais e internacionais, realizados com o espírito integrador da Graduação à Pós-Graduação, dos quais se pode ressaltar, em 2016, o *IV Colóquio Brasil Portugal – Estratégias de Projeto e Intervenção nas Metrópoles Contemporâneas: experiências e perspectivas*, evento histórico internacional, organizado pelo PPGAU/FAU-Mackenzie[21] que abrigou exposição organizada pelo Prof. Roberto Righi, em homenagem ao Prof. Manuel da Costa Lobo, emérito Urbanista português; *Desafio Openlab Mobilidade: São Paulo 2030*, que explorou cenários de aplicação do transporte na São Paulo de 2030, incluindo carros autômatos – realizado em parceria com o Instituto Cidade e Movimento (IVM) e a Citroen/PSA;[22] Palestras Internacionais das Designers Ellen Lupton e Susan Melshop; eventos dedicados à elaboração de protótipos, como o *RhinoDay*[23] *e Prototype Is Cool*[24] (Escola de Protótipos) e, ainda, a integração de atividades às *Jornadas do Patrimônio*, parceria com o DPH/PMSP.[25]

Deve-se ressaltar que as visitas e consequente abertura à integração com instituições, empresas e outras escolas consistem em prática quase diária, distribuídas a cada etapa e a cada ano para os cursos da FAU-Mackenzie. Realizam-se ainda cursos de extensão e de atualização, dos quais se destacam aqueles promovidos em parceria com a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP); a Associação Brasileira da Construção Metálica (ABCEM); a Associação Brasileira de Distribuidores e Processadores de Vidros Planos (Abravidro); a Associação Brasileira do Alumínio (Abal); e o Instituto do PVC.[26]

Considerações finais

A última década corresponde a uma nova etapa para a FAU-Mackenzie, decorrente principalmente do incremento qualitativo e quantitativo das atividades de Pesquisa e de Extensão, como fundamentais à formação de profissionais protagonistas e conscientes.

21. O projeto teve como organizador o Prof. José Geraldo Simões Júnior e foi realizado pelo PPGAU em parceria com o Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade de Lisboa (Instituto Superior Técnico – IST) e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Conta com ampla participação dos docentes do Curso de Design e Arquitetura e Urbanismo, especialmente dos Profs. Angélica Tanus Benatti Alvim e Roberto Righi. O evento foi financiado pelo MackPesquisa.

22. O projeto teve como organizador o Prof. Luís Alexandre Ogawasara e contou com ampla participação dos docentes do Curso de Design, Jornalismo, Engenharia e Arquitetura e Urbanismo, reunindo equipes multidisciplinares que integraram os discentes intercambistas de Nantes com os alunos dos cursos de Design, de Arquitetura e Urbanismo, da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, e de outros cursos da UPM: Computação e Informática, Publicidade, Direito, Engenharia Civil e Mecânica. Disponível em: <http://cidadeemmovimento.org/premiacao-do-desafio-sao-paulo-2030-saiba-como-foi-cerimonia/>. Acesso em: 15 mar. 2017.

23. Evento Coordenado pelo Prof. Wilson Florio, Coordenador de Pesquisa, e pelo Arquiteto Affonso Orciuoli, da Rede Brasileira de Fabricação Digital (RBFD).

24. Evento Coordenado pelo Prof. Guilherme Michelin.

25. O evento teve como organizadora a Profa. Nadia Somekh e contou com ampla participação dos docentes do Curso, especialmente dos Profs. Angélica Tanus Benatti Alvim, Eunice Abascal, José Geraldo Simões Jr. e Carlos Guilherme Mota, fortalecendo a cooperação do Programa de Pós-Graduação (PPGAU UPM) com a PMSP, para sua organização e execução.

26. O Projeto Arquitetura e Construção encontra-se em sua quarta edição e vem sendo coordenado pela Prof. Dra. Maria Augusta Justi Pisani, que envolve vários docentes, alunos da Graduação e da Pós-Graduação.

Tópico Especial em Fotografia de Arquitetura e Interiores – ao centro na foto, Arquiteto Prof. Dr. Rafael Schimidt com uma turma em frente ao Centro Histórico e Cultural Mackenzie, no primeiro semestre de 2015.

A participação expressiva da FAU-Mackenzie no cenário do ensino e da produção de novos conhecimentos contribui na atualidade para seu posicionamento como uma das mais qualificadas escolas de Arquitetura e Urbanismo e Design do país, alcançando patamares expressivos de Pesquisa e Extensão.

A FAU-Mackenzie tem como princípio educar o ser humano para o exercício consciente e crítico da cidadania, preparando-o para a liderança e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade. Com certeza, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão proporciona o fortalecimento dos processos de ensino e aprendizagem no âmbito acadêmico e contribui para a formação de profissionais e cidadãos comprometidos com a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Referências

ALVIM, A. T. B.; ABASCAL, E. H. S. Fórum de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: percurso e desafios futuros. In: COLÓQUIO DE PESQUISA PROARQ, 3., 2012, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Proarq: UFRJ, 2012. p. 1-10. v. único.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 50. ed. Série textos básicos, n. 139 (EPUB). Brasília, DF: Câmara dos Deputados: Edições Câmara, 2016. 610 p.

CALEGARE, M. G. A; SILVA Jr., N. da S. Inter e/ou transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais. *Internacional Interdisciplinar InterThesis*, v. 9, n. 2, p. 216-245, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/18071384.2012v9n2p216/23558>. Acesso em: 21 maio 2017.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Creativity*: flow and the psychology of discovery and invention. New York: HarperCollins Publishers, 1996.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO. *Projeto Pedagógico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie*. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2013.

LATOUR, B. *Cogitamus*: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

______. *Ciência em ação*: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARQUES, F. O DNA da inovação nas metrópoles. *Pesquisa*, n. 237, p. 28-32, 2015.

MONTANER, J. M. *Depois do movimento moderno*. Arquitetura e Arte na segunda metade do século XX. Rio de Janeiro: GG, 2003.

Alunos reunidos em atividade no MoSaIco, Escritório Modelo da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, abril de 2017.

MoSaIco: notas sobre o Escritório Modelo da FAU-Mackenzie

Lizete Maria Rubano, Lucas Fehr

O Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (Emau) tem como perspectiva viabilizar, na formação dos estudantes, experiências de cidadania e de construção do pensamento crítico. Apresentar esse objetivo não traduz, entretanto, o que tem sido nossa vivência de discussão, debate, aprendizagem, trabalho conjunto e complementar, enfim, de interesse pela realidade e, essencialmente, de formação, que temos experienciado ao longo desses 13 anos de Emau.

O MoSaIco se constituiu com poucos (alunos e professores) em pequeníssimo espaço dentro da Escola. Hoje, habita o terceiro andar e abriga muitos cacos, conquistados – ano a ano – pelo mês de imersão (evento de recepção dos calouros em que o escritório é apresentado de maneira precisa e sedutora).

Com o Emau, identificamos que oferecer aquilo que aprendemos a fazer (projetos, fotos, mobiliário, publicações etc.) pode não só ser muito útil (ou até imprescindível) a quem recebe, mas também tem trazido a cada um de nós, participantes desse mosaico, experiências de força e valor, ambos aplicados no sentido do reconhecimento do papel social do arquiteto e da construção da cidadania, traduzidos em visão de mundo e nosso papel nele.

Aqui, estamos falando da universalização dos direitos, concepção do processo civilizatório que estrutura a motivação do escritório. Estrutura, também, a vontade de aprendermos uns com os outros quanto à ampliação de nossa possibilidade de tangenciar o mundo – do ambiente e das pessoas – para atribuir-lhe uma possível – e desejada – qualidade nova.

O MoSaIco tem como perspectiva uma gestão horizontal e coletiva, e assim tem se organizado. Representa importante instrumento de formação, e ali estudantes de todos os períodos do Curso contribuem e trocam suas experiências. Os trabalhos são compactuados com as instâncias da sociedade civil, com as quais estabelece relação de colaboração e parceria. E é ainda dessa maneira que o Emau se organiza internamente.

O forte e estrutural nessa experiência para todos nós – professores e alunos – é o fato de que os trabalhos são motivações de discussão de temas significativos para a realidade de nossas cidades e sociedade, e para que uma ética, de trabalho e de cooperação, seja valorizada em experiência de troca e de prestação de serviço de mão dupla.

O Emau-MoSaIco também conforma, como um caco, estrutura maior do movimento estudantil – a Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (FeNEA) e os Conselhos de Entidades Estudantis de Arquitetura e Urbanismo (nacionais e regionais).

Ele tem participado, com intensidade, dos encontros que agregam os escritórios-modelo (Seminário Nacional dos Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo, SeNEMAU) e colocado, em debate, nossas experiências coletivas de formação, atuação nos grupos organizados e, essencialmente, de construção de frentes de trabalho fundamentais a diversas demandas sociais. Constitui possibilidade de apresentar, dentro da própria escola – e para a sociedade –, uma alternativa de apoio pelo projeto, entendido amplamente.

O projeto pode ser um instrumento solidário aos movimentos de resistência urbana, um instrumento emancipatório aos grupos sociais distanciados do acesso e do direito à cidade, de requalificação de equipamentos de uso coletivo e público, de proposta para se viver junto. E é nesse sentido que buscamos atuar no cotidiano da experiência coletiva e nas tarefas postas ao MoSaIco que, para além de desafios, representam importante contribuição à formação dos Arquitetos e Urbanistas de nossa escola.

Na página anterior:

Edifício Jorge Rizkallah Jorge, São Paulo, 1976. Projeto do Arquiteto Sami Bussab (Mackenzie, 1967). Painel em concreto da artista plástica Maria Bonomi.

Um caco, dois cacos, três cacos... conformando um mosaico: depoimentos

"A experiência de formação vai além de uma grade curricular. Ela só é uma base primária do universo de saberes que devemos descobrir. Meu desejo era o de começar a enxergar a cidade real e questionar qual seria o meu papel nela... A partir dessa questão, começamos a ver nossa autonomia como estudantes e a decidir que tipo de profissionais queremos ser, ou não ser, quando sairmos da academia. [...] Cinco anos de MoSaIco e carrego comigo um dever de poder transmitir isso para os outros cacos, alunos e professores que irão passar por ali. Pois o Emau é um espaço criado por alunos, transformado por todos aqueles que buscam construir, de alguma forma, um mosaico." – Nathália Conte (aluna do 9º semestre da FAU-Mackenzie).

"O MoSaIco representou uma grande aprendizagem para mim. [...] O projeto que mais me marcou e me transformou foi o da Vila Itororó. Esse projeto me mostrou claramente que o território da cidade é um local de disputa em diversas dimensões. [...] Houve também grande aprendizagem pelas inúmeras trocas que vivenciei junto às famílias que viviam na Vila Itororó, junto aos demais colegas do MoSaIco, aos professores e amigos. [...] Se é verdade que eu, como caquinho, ajudei a formar o MoSaIco, o MoSaIco ajudou a me formar não só como arquiteto e urbanista, mas, sobretudo, como cidadão." – Felipe Moreira (Arquiteto formado pela FAU-Mackenzie em 2009).

"Quando entrei na FAU-Mackenzie não sabia ao certo o que um Arquiteto poderia fazer, e durante as primeiras semanas de aula tentei descobrir tudo que a Faculdade podia oferecer além da sala de aula. Foi quando um pessoal entrou numa das aulas, com os olhinhos brilhando, e perguntou: 'vocês conhecem o mosaico?'. Depois desse dia eu não consegui mais sair do sótão. [...] Durante esse período participei dos Grupos de Trabalho e da organização do Seminário Nacional dos Escritórios Modelos de Arquitetura e Urbanismo 2015 (SeNEMAU). Acredito que todas essas experiências tenham contribuído mais do que qualquer outra coisa para a minha formação acadêmica." – Larissa Cortezani (aluna do 10º semestre da FAU-Mackenzie).

Atividades de alunos e professores na Empresa Junior de Design. Ao fundo o IVM Brasil (Instituto Cidade em Movimento), ambos escritórios funcionam nas dependências da Universidade, ligados à FAU-Mackenzie, abril de 2017.

Empresa Júnior de Design Mackenzie

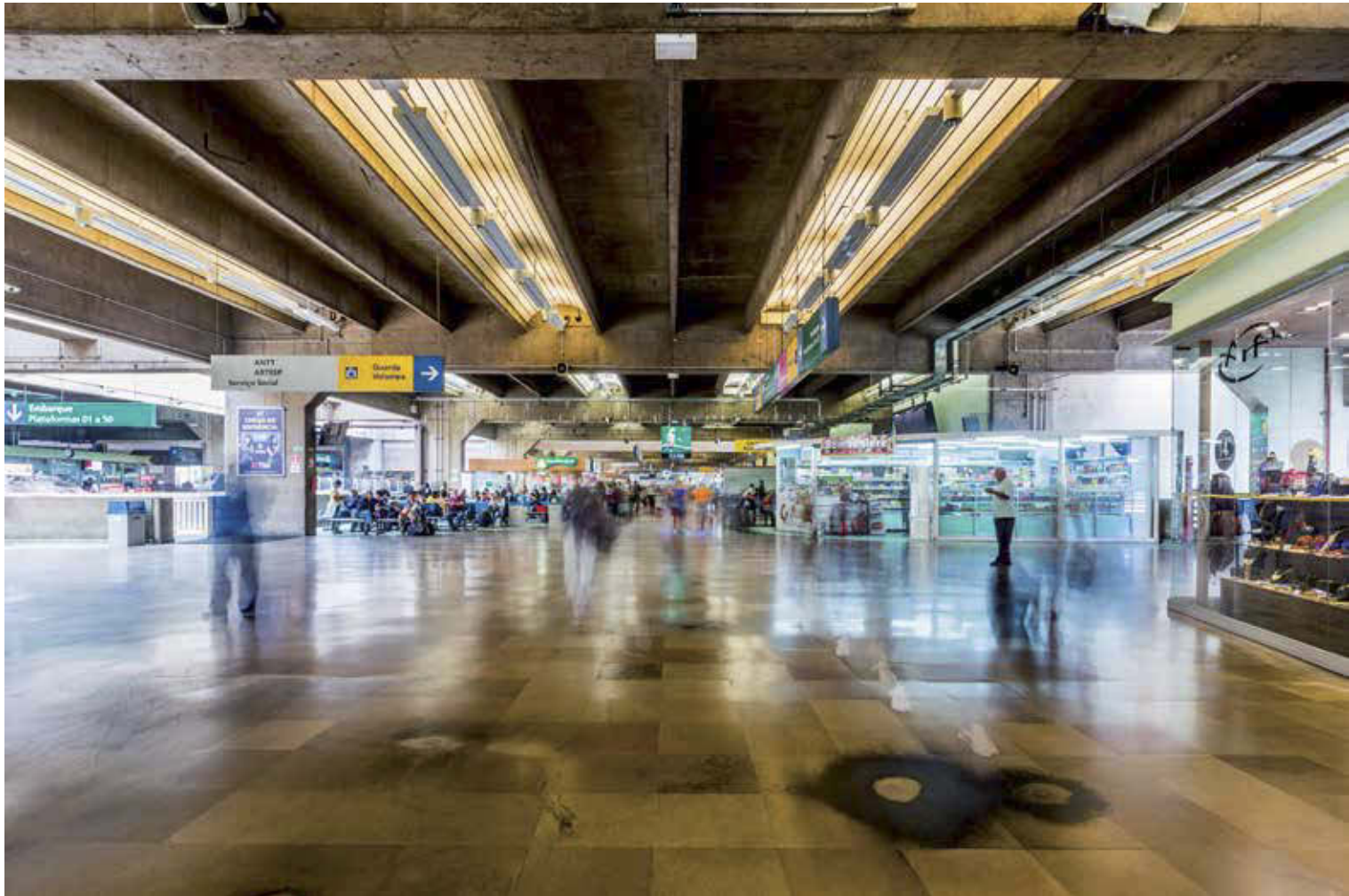
Kito Castanha, Luís Alexandre F. Ogasawara

O Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) vem se modificando durante os tempos, acompanhando a ampliação do campo de atuação profissional e articulando diferentes áreas do saber. O designer, ao desenvolver olhar sistêmico que dê conta da complexidade dos problemas contemporâneos, apresenta--se como profissional transdisciplinar apto a propor soluções às demandas de seu tempo.

Nesse contexto, nasce a Empresa Júnior de Design Mackenzie, fruto da vontade genuína da comunidade da FAU-Design para exercitar os conhecimentos e técnicas aprendidos durante o Curso. Ao atender clientes dos mais diversos setores da sociedade, proporciona a seus membros a possibilidade de adquirir experiência e capacitação profissional ao mesmo tempo que tem papel estratégico para o Curso ao se configurar como espaço privilegiado de extensão universitária.

Por meio de estrutura organizacional bastante atualizada e modelo de gestão alinhado aos mais expressivos escritórios de Design do mercado, a Empresa Júnior de Design Mackenzie consolida a atividade projetual contingenciada pela realidade dos clientes e amparada pela universidade.

Por fim, a Empresa Júnior de Design Mackenzie incrementa a experiência de ensino-aprendizagem e incentiva o desenvolvimento da capacidade empreendedora dos alunos, valorizando seu protagonismo nas relações éticas inerentes à prática do profissional do Design.

Terminal Rodoviário Tietê, São Paulo, 1977. Projeto dos Arquitetos Renato Viégas (Mackenzie, 1967) e Roberto Mac Fadden (Mackenzie, 1967).

A contribuição da FAU-Mackenzie nos concursos de Arquitetura e Urbanismo

Ricardo Carvalho Lima Ramos, Daniel Candia Alcantara Oliveira, Felipe de S. S. Rodrigues, Vinicius da Costa Lopes

1. Licença poética utilizada por Arquitetos para se referirem à participação da classe profissional em concursos e à grande disposição e importância desses eventos.

Introdução

Este capítulo apresenta um panorama sintético da participação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (FAU-Mackenzie) em concursos de Arquitetura e Urbanismo, especialmente na modalidade nacional, procurando expressar o espírito *concurseiro*[1] mackenzista. Sem pretender esgotar o assunto, tem o propósito de abrir algumas portas do passado e do presente relativas ao tema. Organiza-se em três partes: a primeira traz uma reflexão sobre a formação do que denominamos "corpo" mackenzista e relaciona um conjunto de concursos importantes vencidos por egressos da FAU-Mackenzie; a segunda apresenta um panorama da participação de docentes e egressos em concursos no século XXI; e a terceira, preocupa-se com o momento de passagem para a condição de profissional, enfatizando o concurso nacional de estudantes de Arquitetura e Urbanismo Opera Prima, que envolve o Trabalho Final de Graduação (TFG).

Como metodologia, adotou-se o critério de abordar projetos vencedores em primeiro lugar ou em posição destacada (que de certa forma privilegiam os jovens Arquitetos recém-formados, mesmo que em segundo ou terceiro lugares) em concursos cujos titulares fossem egressos e/ou docentes da FAU-Mackenzie. Valorizou-se, ainda, o trabalho em equipes e a marca de identidade que aponta para o fato de que o trabalho em parceria, executado por estudantes e professores, bem como por profissionais da área, é prática recorrente na vida dos mackenzistas. Em alguns casos, buscou-se destacar a citação dos jurados nas atas dos concursos, aspecto que auxiliou também a compreender os critérios que contribuíram para a crítica ao projeto indicado ou à própria Arquitetura. Valores como clareza estrutural, apuro técnico, economia de elementos e pouca ou muita valorização do conjunto e da síntese formal (pregnância) são também critérios analíticos de grande relevância, pois balizam o julgamento das obras nos concursos.

O visível êxito dos Arquitetos formados ou que desempenharam atividades profissionais e acadêmicas na FAU-Mackenzie em concursos de Arquitetura, os quais sobre todas as escalas, temas e possibilidades, comprova a sintonia entre concepção e construção, uma tônica arquitetural que permanece.

O capítulo[2] não esgota todas as propostas vencedoras em concursos nacionais e estrangeiros que envolveram colegas mackenzistas. Busca resgatar, por meio de alguns exemplos significativos, a relevância da prática para a consolidação de identidade da profissão do Arquiteto e Urbanista, que prima pela formação não apenas individual, mas pelo espírito de cooperação e trabalho coletivo.[3]

Genealogia

> Quando na arquitetura, ocorrem-me imagens. Muitas destas imagens são relacionadas com minha formação e com o meu trabalho como arquiteto. Contêm o conhecimento profissional de arquitetura que pude ganhar no decorrer do tempo. Outras imagens têm a ver com minha infância. Lembro-me desse tempo em que vivia a arquitetura sem pensar sobre isso. Ainda consigo sentir na minha mão a maçaneta do portão, esta peça de metal moldada como as costas de uma colher. (ZUMTHOR, 2005, p. 7).

Sempre há um *corpo*. A ideia em Arquitetura, concebida por quem projeta individual e coletivamente, vem desse *corpo*. Nas palavras de Zumthor,[4] a maçaneta evoca o tato, a tecnologia e o momento. A infância traz o tempo corrido e a memória; o trabalho, o ofício. O curso, em processo, une tudo isso pelas reflexões e ações constituídas em cada individualidade criadora.

A formação na FAU-Mackenzie envolve um amplo e complexo contexto de percursos, que inclui um outro corpo: o ser e a história da própria Faculdade. Existe, portanto, uma contaminação positiva entre o edifício da FAU-Mackenzie propriamente, o espaço acadêmico, a estrutura acadêmica, os docentes, os discentes e os egressos. Dessa maneira, a memória extrapola a herança das histórias de vida dos egressos mackenzistas, sendo todo o coletivo da Faculdade formado por uma pluralidade acadêmica, cultural e multidisciplinar. Nesse sentido, é possível afirmar que os concursos de Arquitetura para os estudantes e profissionais sempre tiveram grande relevância na Escola e fizeram com que muitos de seus participantes mackenzistas passassem noites em claro. A FAU-Mackenzie tem tradição em fazer-e-pensar o projeto do edifício à cidade, abundando em participação nas variadas temáticas oferecidas pelos concursos nacionais e internacionais de Arquitetura, Urbanismo e Design.

A contribuição que se apresenta nas respostas projetuais dos concursos é imensa, não só como registro cultural de reflexões em dado momento histórico, mas também como retroalimentação revigorada por visões críticas de futuro para Arquitetura e Urbanismo, no ambiente acadêmico e profissional. É o *imaginário identificatório*, preconizado por Lucia Santaella e Winfried Nöth (2010, p. 190): sugere-se, pelas propostas projetuais dos concursos, que as imagens e desenhos obtidos em projeção sejam posteriormente transformados em paisagem urbana, moldando a construção da realidade, a percepção dos espaços e indicando os caminhos a trilhar criticamente na construção coletiva das cidades junto à sociedade.

2. Optou-se por não incluir imagens dos projetos selecionados, visto que a quantidade de concursos relacionados no capitulo é enorme; a escolha de alguns em detrimento de outros não se justifica.

3. Mesmo não sendo objeto direto deste capitulo, é fundamental ressaltar que o concurso de projetos, no Brasil, vem sendo deixado de lado e seus resultados são muitas vezes desconsiderados nas etapas posteriores que envolvem o projeto executivo e obras. Recentemente, em função das alterações da legislação de licitações (Lei nº 8.666 de 1993) e da introdução do Regime de Contratação Diferenciada (RDC), o problema se agrava e alia às sucessivas crises e escândalos políticos ligados às obras de infraestruturas. Considera-se fundamental a valorização dos concursos como etapa inicial de uma importante política pública, que pode dar sentido transformador ao projeto e qualificar nossas cidades. As entidades de Arquitetos têm importante papel a cumprir.

4. Peter Zumthor: Arquiteto suíço que recebeu em 2009 o Prêmio Pritzker, considerado a maior láurea da área atualmente. Estudou no Pratt Institute em Nova Iorque, na década de 1960. Disponível em: <http://www.archdaily.com/tag/peter-zumthor>.

Os concursos são expressos e comunicados por imagens, desenhos e textos, mas as sínteses gráficas, sobretudo, ocupam papel primordial na revelação de conceitos e da complexidade das reflexões do pensamento por meio dessa linguagem. Nesse sentido, o *imaginário identificatório* (SANTAELLA; NÖTH, 2010) é interpretado aqui como expressão do *eu criativo do Arquiteto* e sua visão de cidade. Esse processo é elaborado conforme repertório pregresso e imagens que identificam uma trajetória de pensamento projetual.

Os projetos premiados nos Concursos de Arquitetura são, por assim dizer, expressão de uma visão de sociedade, representada pela comissão julgadora. Essa comissão leva em conta fatores diversos, muitas vezes controversos, representativos de uma gama de interesses presentes no momento, sejam de grupos da elite intelectual, grandes empreiteiras, bancadas políticas, sindicatos, entidades filantrópicas, religiosas etc. Trata-se de relevante amostra da pluralidade, complexidade e conflitos que enfrenta a gestão pública, na tarefa de dar forma ao cotidiano da cidade e às necessidades da sociedade.

As palavras *concurso*[5] e concorrência provêm do latim correr junto, que traz à memória a ideia de acompanhar, exercer parceria e solidariedade, diferentemente do sentido da palavra inglesa *competition*, que carrega especificamente o significado de competição (HOUAISS, 2008).

Em 1978, na XX Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), recomendou-se a todos os países-membros que utilizassem os concursos públicos como modelos adequados de licitação para a realização de projetos de Arquitetura e Urbanismo[6] (BAETA, 2014). No entanto, a ideia de concurso não é nova. Inúmeros edifícios importantes no mundo, desde o Renascimento, foram objeto de concursos públicos. A União Internacional dos Arquitetos (UIA) defende o concurso público principalmente no contexto da internacionalização da Arquitetura, ocorrida com o movimento moderno. No Brasil, diversas entidades ligadas à profissão de Arquiteto e Urbanista, com destaque para o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) defendem o concurso público como oportunidade fundamental à cidade, em contraposição à defesa exclusiva de interesses privados.

Os concursos possibilitam a manifestação e divulgação de um novo ideário. Daí a grande relevância teórica dos memoriais e partidos arquitetônicos propostos, o que evidencia uma excepcional e cativante possibilidade para a revelação de novos talentos e novas tecnologias, para o surgimento de temáticas inovadoras e para a intensificação da atuação dos Arquitetos (FIALHO, 2001, p. 6).

Com relação à atuação dos mackenzistas, verifica-se a presença de uma rede profissional que qualifica Arquitetos de perfil *concurseiro*, o que pode ser constatado nas diversas gerações formadas até hoje. São muitas as menções às parcerias estudantis e profissionais de egressos e docentes do Mackenzie, em concursos e atividades projetuais (FERRONI, 2010). Antes de adentrar propriamente o panorama dos concursos de que participaram essas

5. No Diccionario Metápolis Arquitectura Avanzada (GAUSA, 2000, p. 124), o autor propõe uma definição de concurso na qual os que realmente estão em julgamento são os jurados.

6.. A Unesco, pela XX Conferência Geral, de 1978, da qual o Brasil é signatário, recomenda aos países membros a adoção do concurso de projeto segundo normas e princípios que indica – júri técnico; contratação do vencedor para desenvolver o projeto; garantia dos direitos de autor. Após tal recomendação, a Lei nº 8.666 de 1993 adotou o concurso como modalidade de licitação para "serviços técnicos profissionais especializados" (MAGALHÃES, 2016).

primeiras gerações formadas no Mackenzie, o editorial do Arquiteto Pedro Paulo de Melo Saraiva (1933-2016) escrito para a *Revista Se...* especial sobre concursos traz uma visão histórica e revela o espírito de parceria e trabalho coletivo presente à época, o qual se tornaria marca entre mackenzistas dessas gerações (REVISTA SE..., 2001, p. 1):

> À guisa de Editorial
>
> Concurso de Arquitetura – maneira de escolher um projeto ou um arquiteto
>
> A questão nos remete, talvez, ao fim da Idade Média, ao renascimento. Desde então concursos de arquitetura tem sido uma maneira de escolha de um projeto ou um arquiteto.
>
> Entre nós, nos anos 50, Rino Levi defendia a tese de que num concurso se escolhe o arquiteto, e não o projeto. A verdade é que naquela época Rino Levi já era um arquiteto consagrado! Nós, jovens arquitetos, víamos nos concursos uma forma de afirmação e desta prática alguns de nós surgimos do anonimato. Dos anos 60 aos 70, jovens como Rubens C. Viana, Adolfo R. Morales, Paulo M. da Rocha, Alfredo S. Paesani, Ricardo Sievers, Julio Neves, Julio Katinsky, Ruy Ohtake, Mauricio Tuck Schneider, Carlos Millan, Jorge Wilheim, Abrahão Sanowicz e eu próprio, só para falar os de São Paulo, destacaram-se profissionalmente principalmente através de concursos públicos ou privados.
>
> Naquela época, é bom salientar, Lúcio Costa venceu o concurso do Plano Piloto de Brasília em certame público, em que os participantes assinavam seus projetos (eu inclusive) O anonimato era uma reivindicação geral, pois além de eticamente desejável, era uma forma de proteger o corpo de jurados da inevitável pressão e "peso" dos nomes consagrados. Não foi evidentemente o caso do concurso em que Lúcio Costa venceu; houve aqui a infeliz postura de Paulo Antunes Ribeiro (um dos membros do júri), que em voto separado pretendia fazer uma comissão de cerca de seis concorrentes (não de seis arquitetos!) para fazer Brasília.
>
> Depois de uma época promissora, em que jovens arquitetos surgiram no cenário profissional, o sonho de desvaneceu. Não eram raros os arquitetos que discordavam desta forma de acesso aos trabalhos. Alguns viam nos concursos um meio de exploração de nosso trabalho por considera-los aviltantes e pouco significativos em termos culturais.
>
> O fato real é que o anonimato continuou a prevalecer ainda que, em certos casos, o desenho e certos "tiques" (escrever o memorial a mão, p. ex.) entregavam a autoria do projeto, e então...
>
> Essa prática foi coibida veementemente no concurso do Centre Beauburg (Museu Georges Pompidou) em que foi limitada a um metro quadrado a prancha de cada concorrente, exigindo-se padronização total na apresentação. Hoje, o computador acabou por "pasteurizar" todas as apresentações.
>
> Os tempos do concurso do Pavilhão L'Orloge (Louvre) em que ocorreram Lourenzo Bernini e François Blondel já vão longe. Ninguém na época supunha que o autor da colunata de São Pedro perderia para o autor da fórmula do passo das escadas (2e +p).

Na página anterior:

Centro Empresarial e Cultural João Domingues de Araújo (IDA), São Paulo, 2005. Projeto do Arquiteto Carlos Bratke (Mackenzie, 1967).

Como naquela época, às vezes os concursos surpreendem, mas não colocam em cheque a democrática forma ancestral de escolha do arquiteto, mas sim um júri que assuma coletivamente uma postura crítica em relação à nossa produção arquitetônica, isto é, a arquitetura que interessa à nossa cultura, que invoque nosso passado e que insinue nosso futuro. Episódios lamentáveis ocorridos em concursos recentes só poderão ser sanados na medida em que os membros dos júris forem compostos a partir de critérios transparentes, livres de modismos e personalismos deletérios, com uma postura que reconheça nossos valores e nossa história.

De qualquer modo, os concursos de Arquitetura têm servido como fenômeno elucidador do estágio de desenvolvimento da profissão, pois, pelo número sempre expressivo de participantes, temos um quadro dinâmico capaz de identificar tendências e apontar caminhos.

No amplo contexto de sua formação, o Arquiteto Pedro Paulo de Melo Saraiva (Mackenzie, 1955) demonstra ter convivido e atuado em parceria na Faculdade com outros colegas e contemporâneos que se tornariam destacados Arquitetos: Alberto Botti (Mackenzie, 1954), Alfredo Paesani (Mackenzie, 1954), Carlos Barjas Millan (Mackenzie, 1951), Fábio Penteado (Mackenzie, 1953), João Kon (Mackenzie, 1955), José Maria Gandolfi (Mackenzie, 1958), Júlio Neves (Mackenzie, 1954), João Eduardo de Gennaro (Mackenzie, 1954), Jorge Wilheim (Mackenzie, 1952), Luiz Forte Netto (Mackenzie, 1958), Marc Rubin (Mackenzie, 1955), Francisco Petracco (Mackenzie, 1958), Maurício Tuck Schneider (Mackenzie, 1956), Paulo Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954), Roberto Aflalo (Mackenzie, 1950), entre outros (GIMENEZ, 2016, p. 21). A reflexão sobre os concursos de Arquitetura compõe um ideário que permite não só destacar a efetiva produção do corpo discente e docente da FAU-Mackenzie e sua genealogia no século XX, mas também revelar a grande contribuição social prestada, fato que pode ser verificado por alguns importantes concursos, realizados entre os anos 1950 e 2000, em que Arquitetos mackenzistas ganharam o primeiro lugar: São eles:

- Palácio da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1957. Pedro Paulo de Melo Saraiva, Paulo Mendes da Rocha e Alfredo Paesani (1º lugar).
- Ginásio do Club Athletico Paulistano, 1958. Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro (1º lugar).
- Sede Social do Clube XV de Santos, 1963. Francisco Petracco e Pedro Paulo de Melo Saraiva (1º lugar).
- Salão de Festas do Clube Sírio, 1966. Pedro Paulo de Melo Saraiva, Miguel Juliano e Sami Bussab (1º lugar).
- Palácio da Justiça do Estado de Santa Catarina e Fórum de Florianópolis, 1966. Francisco Petracco, Pedro Paulo de Melo Saraiva e Sami Bussab (1º lugar).

- Monumento aos Mortos do Atlântico Sul, 1968. Flávio Marcondes, Vasco de Mello e Luiz Gonzaga de Oliveira Camargo (1º lugar).
- Escola de Administração Fazendária, 1973. Pedro Paulo de Melo Saraiva, Mayumi de Souza Lima e Sérgio Ficher (1º lugar).
- Reurbanização do Vale do Anhangabaú, 1981. Jorge Wilheim e Rosa Kliass (1º lugar).
- Museu Brasileiro da Escultura, 1988. Paulo Mendes da Rocha (1º lugar).
- Avenida Paulista, 1996. José Magalhães Jr. e José Francisco Xavier Magalhães. (1º lugar).
- Concurso Nacional de Ideias para um Novo Centro de São Paulo, 1997. Equipe multidisciplinar, que inclui: João Batista Martinez Corrêa (Mackenzie, 1968), José Paulo de Bem, Roberto Righi, Ronan Ayer, Ernesto Zamboni, Flávio Pastore, Marcelo Fragelli, Sérgio Coelho, Hércules Fidalli, Luiz Eduardo Sózio, Renato Mendonça, Shigeru Yamamoto, Cláudio de Mattos Falcão, Leonardo Lorenzo, Edison Borges Lopes, Cássio Norio Hosomi, Maria Luíza Oieno de Oliveira, Rita Guimarães, Walter Maximiliam Gosslar, Alessandra Gizella da Silva, Francisco Denon e Mauro Lima.
- Reurbanização de Ilhabela, 1998. José Magalhães Jr. (Mackenzie, 1965) e José Francisco Xavier Magalhães (Mackenzie, 1988) (1º lugar).

A participação de docentes e egressos da FAU-Mackenzie em concursos a partir dos anos 2000

É possível dizer que, a partir dos anos 2000, os concursos de Arquitetura explicitaram, por meio de muitas propostas vencedoras, maneiras de abordagem e de julgamento que já vinham sendo transformadas no decênio anterior, e proposições puderam se tornar exercícios de síntese. Nos concursos públicos, as propostas têm em comum a valorização do rigor estrutural, sem tanta ênfase nos elementos formais; em concursos particulares, a experimentação formal é grandemente valorizada, enfatizando-se a formulação de novas espacialidades.

Ainda no final da década de 1990, o Concurso Nacional de Ideias para Revitalização das Marginais Pinheiros e Tietê – São Paulo/SP, realizado pelo IAB/SP em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo, inaugura o início do século XXI, classificando egressos e docentes da FAU-Mackenzie em segundo e terceiro lugares, a saber: 2° colocados – Arquiteto Francisco Spadoni e Arquiteto Carlos Leite (docentes da FAU-Mackenzie); 3ª colocadas – Arquiteta Maria Elena Merege Vieira (Mackenzie, 1962), Arquiteta Pérola Felipette Broncaneli (Mackenzie, 1992) e Arquiteta Maria Silvia Merege Vieira.

Possivelmente, o primeiro concurso de maior repercussão do início da década de 2000 tenha sido o Concurso Público Nacional Reconversão Urbana do Largo da Batata, em 2002 (CONCURSO PÚBLICO NACIONAL, 2002),[7] organizado pela Prefeitura de São Paulo e o IAB-SP. A equipe[8] de Tito Livio Frascino (Mackenzie, 1964) conquistou o primeiro lugar ao apresentar proposta de requalificação urbana. A leitura apropriada das esferas local e metropolitana, dos antecedentes históricos e, ao mesmo tempo, uma visão de futuro para a cidade conferida pelo projeto, valorizando as singularidades, levou à premiação.

Em 2004, outro relevante certame vencido por mackenzistas que merece menção foi o Concurso Público de Arquitetura para o Aeroporto Internacional de Florianópolis, organizado pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) e IAB-DF. Na competição, as duas equipes finalistas,[9] a primeira de Mario Biselli (Mackenzie, 1985) e Artur Katchborian (Mackenzie, 1985), e a segunda, de Marcelo Barbosa (Mackenzie, 1984), disputavam o certame. Naquele momento, o programa aeroportuário não constava da experiência de Biselli e Katchborian, contando com o mérito de ficar entre os finalistas (FINALISTAS DO AEROPORTO, 2004). A inexperiência no desenvolvimento do programa não foi impedimento para que fosse reconhecido o mérito da proposta – nesta, a qualidade formal não foi constrangida pela magnitude das soluções técnicas utilizadas no projeto. À dupla e à sua equipe[10] foi concedido o primeiro prêmio, com destaque para a apreciação da comissão julgadora, que sintetiza a conquista: "Este projeto destacou-se pela integração entre forma e função, do qual resultou uma concepção simples e integrada à paisagem" (CONCURSO PÚBLICO, 2002, p. 1).[11]

Ainda em 2004 é lançado o Concurso Bairro Novo, organizado pelo IAB/SP em parceria com a Prefeitura de São Paulo, cujo desafio era a elaboração de projeto urbano para um bairro inteiro de uso predominantemente residencial. O bairro escolhido para a proposta foi a Água Branca, uma área com aproximadamente 1 milhão de metros quadrados (RAMOS, 2010, p. 13). Pode-se dizer que no concurso houve uma conjunção de mackenzistas, uma vez que o segundo e o terceiro lugares foram concedidos a equipes formadas por vários Arquitetos atuantes no Mackenzie, egressos, professores e estudantes. O trabalho apresentado pela equipe formada por José Paulo de Bem, Joan Villà (Mackenzie, 1968) e Luiz Guilherme Rivera de Castro, professores da FAU-Mackenzie, ganhou o segundo lugar e recebeu o seguinte comentário do júri: "Boa integração viária com o entorno, bom traçado viário dando unidade ao bairro, havendo indicações claras para a composição volumétrica das quadras" (CONCURSO BAIRRO, 2004).

Francisco Spadoni e Lauresto Esher (Mackenzie, 1967), também professores da casa, e agraciados com o terceiro lugar, atribuem o título "Conceito: recomposição e centralidade" ao projeto premiado (CONCURSO BAIRRO, 2004). Definem o projeto como uma proposta para um dos grandes vazios da cidade de São Paulo, o qual, junto a uma densa urbanidade, requer um complexo programa de atividades composto "por um desenho ordenador que assuma as estruturas existentes dando-lhes novos sentidos e as complemente com novas matrizes de organização territorial" (CONCURSO BAIRRO, 2004).

Na página anterior:

Teatro Oficina, São Paulo, 1989. Projeto da Arquiteta Lina Bo Bardi (Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, 1939) e do Arquiteto Edson Jorge Elito (Mackenzie, 1971).

7. O primeiro grande certame da virada do século foi o concurso fechado e internacional para o novo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), que contou com a proposta do Arquiteto Paulo Mendes da Rocha (Mackenzie, 1954). Também concorreram os Arquitetos Arata Isozaki, Eduardo de Almeida e Bernard Tschumi, o vencedor do concurso.

8. A equipe vencedora foi composta por Tito Livio Frascino (Mackenzie, 1964), Rosa Ribeiro, Leticia Lodi, Alexandre Stefani, Andrea Soares e Rosa Maria Leal.

9. Também era finalista a equipe de Sérgio Roberto Parada, Arquiteto especialista em aeroportos.

10. Equipe formada por Mario Biselli (Mackenzie, 1985), Guilherme Motta, Orlando Pudenzi, Cristiana Rodrigues, Daniel Corsi da Silva (Mackenzie, 2003), Artur Katchborian (Mackenzie, 1985). Colaboraram também Sérgio Matera, Laura Paes Barretto Pardo, Ana Carolina Pudenzi (Mackenzie, 2001), Tais Cristina da Silva (Mackenzie, 2004), Andre Biselli Sauaia (Mackenzie, 2006) e Victor da Paixão (Mackenzie, 2006).

11. Segundo colocado: equipe formada pelos Arquitetos Jaime M. Cupertino, José Paulo de Bem, Joan Villà (Mackenzie, 1968), Luis Guilherme R. Castro, Silvia Chile (Mackenzie, 1998) e Maria Augusta Bueno (Mackenzie, 1998); terceiro colocado: equipe formada por Francisco Spadoni, Lauresto Esher (Mackenzie, 1967), Selma Bosquê e Tiago Andrade.

12. Também colaboraram Christian Michael Seegerer, Cristiane Tashiro (Mackenzie, 2000), Daniel Fonseca (Mackenzie, 2002), Érika Engels (Mackenzie, 2006), Fabiana Lima (Mackenzie, 2009) e Yuri Vital (Mackenzie, 2004).

13. Completam a equipe: Júlio César Corbucci, Ana Cecília Parente (Mackenzie, 2003), Carlos Rivera, Fabio Mosaner, Heralcir Cesari (Mackenzie, 1994), Luiz Fernando Farkas, Sophia Telles, Laura Elisa Poggio (Mackenzie, 2005) e Sarah Mota (Mackenzie, 2006).

14. *Arquitectum* é a mais antiga plataforma internacional de competições de Arquitetura do seu tipo, focada na organização de competições e eventos cobrindo uma gama de projetos promocionais, conceituais e profissionais.

Em outro estado no mesmo ano, no Concurso Público Nacional de Arquitetura Sede da Procuradoria Regional da República da 4ª Região, organizado pelo IAB-RS (CONCURSO PÚBLICO NACIONAL, 2004), destacaram-se entre Arquitetos de grande experiência, como Candi Hirano (Mackenzie, 1968; então docente da FAU-Mackenzie), os recém-formados Daniel Corsi (Mackenzie, 2003) e Dani Hirano, egressos em 1999.[12] O quinto lugar foi um reconhecimento inicial importante para aquilo que viria a ser apenas ponto de partida para os próximos certames. Sobre a proposta, o júri levanta relevantes questões e acentua que "A funcionalidade e economicidade são efetivamente atributos que [...] o qualificam" (CONCURSO PÚBLICO, 2004).

O terceiro lugar atribuído à equipe de Marcelo Barbosa (Mackenzie,1984)[13] no Concurso para a Sede da Petrobras em Vitória, organizado pelo IAB-ES em 2005 (SEDE DA PETROBRAS, 2005), evoca perenidade em vez de contrariedade. A constância com que alguns desses personagens participam de competições é justamente o elemento motivador que tem influenciado as gerações seguintes. No certame, a ata qualifica a proposta ao mesmo tempo em que reforça os parâmetros regentes da Arquitetura dessa década: "a correta e baixa ocupação do terreno, assim como a concisa solução do programa de necessidades, a excelente solução do estacionamento coberto e a simplicidade prevista para a ampliação futura" (SEDE DA PETROBRAS, 2005).

A expressiva participação dos mackenzistas em concursos não deixa de ser reflexo da construção de um repertório coletivo, a partir da colaboração de alunos com seus mestres; não à toa, muitos desses profissionais também lecionam na instituição que um dia lhes conferiu o título de Arquiteto. Por vezes, esses jovens Arquitetos se sentem confortáveis e vão além, apostando em concursos internacionais, quando então a língua poderia ser uma barreira. Em 2005, os contemporâneos de formação Daniel Corsi, Victor da Paixão (Mackenzie, 2006), André Sauaia (Mackenzie, 2007), Reinaldo Nishimura (Mackenzie, 2006) e Daniel Fonseca (Mackenzie, 2002), foram agraciados com o segundo lugar no 1º International Competition Global House for Young Architects (1º INTERNATIONAL, 2006), organizado pela plataforma Arquitectum,[14] com o tema "A Casa para o Mundo Globalizado do Século 21", selecionados entre 250 trabalhos e 400 Arquitetos (BRASILEIROS SE DESTACAM, 2006).

Outras vezes, não são tão explícitas essas colaborações. No Concurso Público Nacional de Arquitetura para o Teatro de Natal, ocorrido em 2005 e organizado pelo governo do Rio Grande do Norte (TEATRO DE NATAL, 2010), o IAB-RN e a Fundação José Augusto, a equipe de Mario Biselli e Guilherme Motta conquistou o primeiro prêmio (SEGUNDO COBERTURA, 2006), com os colaboradores Daniel Corsi, Tais Cristina da Silva (Mackenzie, 2004), Renata Castanho (Mackenzie, 2008), André Sauaia, Fernanda Castilho (Mackenzie, 2005), Victor da Paixão, Marcela Ernani (Mackenzie, 2007), egressos no primeiro decênio do século XXI e quase todos colaboradores em certames anteriores. Em meio a tantos trabalhos de qualidade similar, a proposta vencedora, segundo os jurados, distinguiu-se, malgrado terem notado sua solução formal simples, como um edifício expressivo, uma Arquitetura referencial para a cidade (SEGUNDO COBERTURA, 2006).

No começo de 2006 foi divulgado o resultado do Concurso Público Nacional de Projeto de Arquitetura para o *campus* da Universidade Federal do ABC (UFABC), organizado pelo IAB-DN, o que configurou uma rara oportunidade de projetar um campus universitário de acordo com as demandas contemporâneas. Conquistaram o primeiro prêmio Claudio Libeskind, Sandra Llovet, David Ruscalleda e Mario Lotfi, este formado pelo Mackenzie em 2005.[15] Segundo o júri, a criação de praças na parte frontal da área, na Avenida dos Estados e a forte imagem urbana foram decisivos para a escolha (NOVA FACHADA, 2006).

No mesmo ano, no Concurso Público Nacional de Anteprojetos de Arquitetura do Centro Judiciário de Curitiba, organizado pelo IAB-PR e pela municipalidade, as equipes de Mario Biselli e de Jorge Königsberger (Mackenzie, 1971) obtiveram o primeiro prêmio. Segundo o memorial elaborado pelos autores, o projeto apresenta uma grande unidade, que se expressa em vários de seus elementos, de forma criativa e inovadora: partido arquitetônico, detalhes construtivos, funcionalidade, plástica, inovações tecnológicas e elementos de conforto ambiental voltados à sustentabilidade (CONCURSO NACIONAL CENTRO, 2006).

Em 2007, uma descrição aproximada pôde caracterizar a proposta de Mário Biselli e parceiros, os jovens Arquitetos Dani Hirano e Daniel Corsi, no Concurso Público Nacional de Estudo Preliminar de Arquitetura para a Sede da Capes – Brasília, DF. No certame, a equipe garantiu o terceiro lugar (CONCURSO NACIONAL CENTRO, 2006).

No Concurso Público Nacional de Arquitetura para o Teatro Municipal de Londrina (CONCURSO PÚBLICO NACIONAL, 2007), organizado pelo IAB-PR e a municipalidade, conquistou o primeiro prêmio o grupo de Arquitetos egressos do início dos anos 2000: André Luque (Mackenzie, 2011), Thiago Nieves (Mackenzie, 2002), Pablo Leite Chakur (Mackenzie, 2001), Amauri Sakakibara (Mackenzie, 2001) e Fernanda Ferreira (Mackenzie, 1999).[16] Embora a vitória desses jovens tivesse causado certa euforia, sua experiência em concursos não era novidade; todos já haviam participado como estudantes ou Arquitetos em certames anteriores. Segundo o júri, o projeto vencedor apresenta uma simplicidade construtiva, e não exige soluções dispendiosas para sua realização. Atende às exigências do programa sem recorrer a virtuosismos formais (CONCURSO PÚBLICO NACIONAL, 2007).

No Concurso Nacional de Arquitetura para o Complexo Trabalhista do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de Goiânia, organizado pelo IAB-GO em 2007, os Arquitetos Daniel Corsi, Dani Hirano e Reinaldo Nishimura[17] (Mackenzie, 2006) obtiveram reconhecimento profissional com o resultado satisfatório – a primeira colocação garantiu-lhes os meios necessários para abrirem escritório próprio –, o que é recorrente, e motivo pelo qual é uma constante a participação de jovens Arquitetos em concursos. Nesses dois últimos concursos mencionados, é significativo que seus mestres também foram premiados nas demais posições. É o caso dos veteranos Mario Biselli e Artur Katchborian (ambos Mackenzie, 1985), Lílian Dal Pian e Renato Dal Pian, Lucas Fehr, Mario Figueroa, Paulo Henrique Paranhos, Carlos Alberto Maciel, entre outros. Sucessivas gerações em que mestres legam seus conhecimentos aos discentes comprovam prodigiosa tradição, fruto de completa compreensão das características das competições de natureza pública e da expertise dos participantes.

15. Também colaboraram no projeto: Cristiana Rodrigues, Carolina Dal Ben, Claudia Filardo, Gabriel Bicudo e Alexandre Nobre.

16. Fernanda Ferreira (Mackenzie, 2004) e Pablo Leite Chakur (Mackenzie, 2001) colaboraram por anos com Lilian e Renato Dal Pian, conhecidos por suas participações e vitórias em concursos: Ferreira, de 1996 a 2001; e Chakur, de 2001 a 2006.

17. Também colaboraram nesta equipe Liana Perez Oliveira (Mackenzie, 1999) e Laura Paes Barreto Pardo.

Sala São Paulo, 1938 (revitalização realizada em 1999). Projeto original do Arquiteto Christiano Stockler das Neves, fundador do Curso de Arquitetura da Universidade Mackenzie; reforma e reciclagem de uso do Arquiteto Nelson Dupré (Mackenzie, 1973).

Em 2009, no Concurso de Propostas Arquitetônicas para o futuro Sesc Guarulhos, organizado pelo Sesc-SP, os Arquitetos Mario Biselli e Artur Katchborian e sua equipe[18] garantiram a segunda posição. De acordo com os Arquitetos, o projeto definiu um eixo que liga a rua e o parque, determinando as melhores condições de implantação e eixos de distribuição para articular suas múltiplas funções (SESC GUARULHOS, 2010).

No Concurso Público Nacional de Anteprojetos de Arquitetura e Complementares para a Requalificação e Ampliação do Complexo Teatro Castro Alves, realizado pelo IAB-BA em 2010, a equipe[19] dos Arquitetos e docentes da FAU-Mackenzie – Lucas Fehr, Mario Figueroa, Guilherme Motta, Carlos Eduardo Garcia (Mackenzie, 2008) e Marcus Vinícius Damon (Mackenzie, 2008) – conquistou o primeiro lugar. Embora Motta, Fehr e Figueroa tenham se graduado em outras instituições, sua atuação na FAU-Mackenzie é significativa.[20]

Após extensa deliberação, a ata do júri salienta que o projeto se singulariza pela inserção harmoniosa no sítio, o que propiciou uma volumetria inovadora, eminentemente horizontal que valoriza o TCA (SESC GUARULHOS, 2010). Vale mencionar que os Arquitetos Lucas Fehr, Mario Figueroa e Carlos Dias[21] ganharam o primeiro prêmio, em 2007, no Concurso de Arquitectura Centro Matucana – Museo de la Memoria, organizado pelo Ministério de Obras Públicas do Chile (MELENDEZ, 2010). A equipe[22] se sairia vitoriosa também no Concurso Público Nacional Complexo Hotel Paineiras – Parque Nacional da Tijuca em 2009, organizado pelo IAB-RJ e no Concurso Nacional de Arquitetura Ponte e Passarela em Blumenau, organizado pelo IAB-SC em 2011.[23]

Concursos organizados pelo IAB para requalificação de áreas centrais tiveram Arquitetos mackenzistas entre os primeiros colocados. No Concurso Nacional de Ideias para Requalificação de Largos no Pelourinho (CONCURSOS PÚBLICO NACIONAL, 2011) organizado pelo IAB-BA em 2011, a equipe[24] de Arthur de Mattos Casas (Mackenzie, 1983) conquistou o primeiro lugar. As seguintes qualidades foram atribuídas ao projeto pelo júri: "Compreensão crítica da função histórica dessas áreas centrais, diversidade e flexibilização dos usos" (A BAIANIDADE, 2012, p. 28). Do mesmo modo, os egressos de 2006 Rafael Neves e Beatriz Martinhão conquistaram a segunda posição[25] no Concurso Público Nacional do Paço Municipal de Várzea Paulista (PREMIADOS – CONCURSO PAÇO, 2012), organizado pelo IAB-SP em 2012.

Ainda em 2011, e fechando o ano com chave de ouro, a proposta da equipe formada por docentes da FAU-Mackenzie vence o concurso *As Cidades Somos Nós – Propostas para a São Paulo de 2030*. José Paulo de Bem, Cassia Regina Mariano, professores da FAU-Mackenzie, e Fernanda de Macedo Haddad apresentam projeto para uma intervenção na Praça da Bandeira e ampliações de suas conexões com o Largo São Francisco, Praça do Patriarca e Câmara Municipal, abrangendo um raio de 500 metros a partir do terminal de ônibus existente. O concurso tinha por objetivo contribuir, por meio de soluções criativas, com as políticas de planejamento urbano e para o futuro das cidades (CONCURSO "A CIDADE", 2011):

18. Equipe: Arquitetos Ana Carolina Ferreira Mendes (Mackenzie, 2007), André Biselli Sauaia, Cassia Lopes Moral (Mackenzie, 2007), Cassio Oba Osanai (Mackenzie, 2007), Daniel Corsi, Dani Hirano, Luiz Marino Küller e Reinaldo Nishimura; estagiários: Claudia Zanoio (Mackenzie, 2010), Luciana Conti (Mackenzie, 2009) e Raquel Rodorigo (Mackenzie, 2009).

19. Colaboradores: Arquitetos Luciana Brasil (Mackenzie, 1996), Naiara Hirota (Mackenzie, 2008) e Vicente Deeke Boguszewiski; estagiários: Amanda Renz (Mackenzie, 2010), Mário do Val (Mackenzie, 2010), Juliana Baldocchi (Mackenzie, 2010), Kalina Juzwiak (Mackenzie, 2010), Luisa Monserrat, Renata Santoniero (Mackenzie, 2011) e Tiago Collet (Mackenzie, 1995).

20. Motta leciona desde 1993 na FAU-Mackenzie, Figueroa lecionou de 1993 a 2014, e Fehr leciona desde 2000 – atualmente é coordenador do Curso.

21. Colaboradores: Amanda Renz, Carlos Eduardo Garcia, Flávia Tenan (Mackenzie, 2010), Josei Nagayassu (Mackenzie, 2009), Juliana Baldocchi, Juliana Klein (Mackenzie, 2008), Marcus Vinícius Damon (Mackenzie, 2008) e Marina Canhadas.

22. Autores: Carlos Garcia, Guilherme Lemke Motta, Lucas Fehr, Marcus Vinicius Damon, Mario Figueroa; colaboradores: Amanda Renz, Christián Ribeiro, Juliana Baldocchi, Kalina Juzwiak, Luiza Monserrat, Mario do Val, Pedro Lindenberg e Tiago Collet.

23. Autores: Carlos Garcia, Guilherme Motta, Lucas Fehr, Marcus Vinicius Damon, Mario Figueroa, Mario do Val, Ricardo Dias; colaboradores: Amanda Renz, Ana Maria Montag (Mackenzie, 2006), Fabio Ucella (Mackenzie, 2008), Luciana Brasil, Vicente Boguszewski e Mariana Matarazzo.

24. Também são coautores: Azevedo França, Joana Garcia de Oliveira, Gabriel de Andrade Ranieri (Mackenzie, 2011), Regiane Khristian Silva Bouças (Mackenzie, 2002), Rodrigo da Costa Tamburus (Mackenzie, 2012) e Mariana Pianta Santoro (Mackenzie, 2012).

25. No "Concurso 'A Cidade Somos Nós – Propostas para a São Paulo de 2030' contempla 6 trabalhos", de um total de 106 inscritos, a comissão julgadora selecionou seis trabalhos que deveriam contemplar uma visão da área em um horizonte de 20 anos, abordando os aspectos de desenvolvimento e mobilidade urbana que têm como base os "10 Princípios da Mobilidade Urbana Sustentável" (CONCURSO "A CIDADE", 2011).

26. Trabalharam na proposta: Pedro Paulo de Melo Saraiva (Mackenzie, 1955), Fernando de Magalhães (Mackenzie, 1996), Pedro de Melo Saraiva (Mackenzie, 1996), Gustavo Cedroni, Martin Corullon e Cesar Shundi; e os colaboradores: Alex Lima (Mackenzie, 2008), Andrei Barbosa, Bruno Salvador, Bruno Jin Young Kim, Dulci Cipriano (Mackenzie, 2013), Felipe Fuchs, Filipe Barrocas, Maria Francisca Lopes, Marcelo Macedo (Mackenzie, 2011), Marina Ioshii, Luis Tavares, Paula Hori (Mackenzie, 2012), Rafael Goffinet, Rafael Carvalho e Rafael de Souza.

27. A concepção do projeto contou com a colaboração dos Arquitetos Katherina Ortner e Sebastian Murr.

28. Coautores: Alessandra Mattar (Mackenzie, 2011), Alexandra Kayat (Mackenzie, 2010), Eduardo Mikowski (Mackenzie, 2013), Gabriel Ranieri, Nara Telles (Mackenzie,2012), Pedro Ribeiro, Raul Cano.

> De um total de 106 inscritos, a comissão julgadora selecionou seis trabalhos, que deveriam contemplar uma visão da área em um horizonte de 20 anos, abordando os aspectos de desenvolvimento e mobilidade urbana que têm como base os "10 Princípios da Mobilidade Urbana Sustentável" [...] Considerado ousado nas propostas, inclusive na extensão para o sistema viário e de transporte, o projeto vencedor tem forte preocupação com acessibilidade de pedestres e ciclovias, reconhece a importância histórica do local, além de propor construções de uso misto em espaços ociosos.

A partir de 2012, certames internacionais fechados também chamariam a atenção. No Concurso para o Centro de Conferências em Libreville, organizado pelo governo do Gabão (CENTRO DE CONFERÊNCIAS, 2012), a equipe[26] do Arquiteto convidado Pedro Paulo de Melo Saraiva (Mackenzie,1955) conquistou o segundo lugar, em decisão emitida em meio a uma disputa acirrada. A proposta ficou à frente de outras apresentadas por grandes Arquitetos internacionais, como Norman Foster, Zaha Hadid, Renzo Piano, Jean Nouvel, Frank Gehry, Rem Koolhaas, Jacques Herzog e Pierre de Meuron. O desenho destacava-se por sua precisão e simplicidade, o que, segundo os Arquitetos, era cilíndrico e qualificado como etéreo. O novo Palácio de Conferências teria o atributo de símbolo da reunião dos povos africanos em torno dos princípios de liberdade, tolerância e desenvolvimento democrático sustentável (CENTRO DE CONFERÊNCIAS, 2012). No mesmo ano, Isay Weinfeld (Mackenzie, 1975) foi convidado a participar do Concurso para uma Torre Residencial em Monte Carlo – La Petite Afrique, organizado pela empresa PROTEA S.A.M, que têm entre os sócios os Príncipes de Mônaco. A equipe[27] do Arquiteto obteve o primeiro prêmio após competir com projetos de Jean Nouvel, Kengo Kuma, David Adjaye e Shigeru Ban. A proposta destacou-se pela discrição no contexto do que foi denominado cidade-estado, e pela vegetação exuberante que se articulava com a Arquitetura (WEINFELD, 2017). Em outra ocasião, quatro anos depois, o Arquiteto também foi selecionado no Concurso Internacional para a Realocação do Restaurante The Four Seasons (concurso fechado), este último localizado no edifício de Philip Johnson e Mies van der Rohe, o icônico *Seagram Building* em Nova Iorque – o local é conhecido por ser um dos últimos ambientes completamente modernos de Manhattan (HOWARTH, 2016).

Ainda em um contexto internacional, o Concurso Público Nacional de Arquitetura de Expografia para o Pavilhão do Brasil na Expo Milão de 2015, organizado pelo IAB-DF e Apex Brasil em 2014, premiou com a primeira colocação a equipe[28] de Arthur de Mattos Casas, afirmando que: "Esta proposta se destacou especialmente por apresentar originalidade e coerência entre os projetos de Arquitetura e expografia, concebidos como um todo coeso e indissociável, segundo um conceito denso e original" (BARATTO, 2015, p. 2). Também em 2014, a equipe de Daniel Corsi, Dani Hirano, André Sauaia e Laura Pardo, venceu em primeiro lugar o Concurso para a Sede Administrativa da Câmara Municipal de Porto Alegre, organizado pelo IAB-RS (SEDE ADMINISTRATIVA, 2014). A consagração da equipe já havia se dado em 2009, na ocasião do primeiro lugar obtido no Concurso Internacional para Projeto Arquitetônico do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp, organizado pelo IAB-SP

(MUSEU EXPLORATÓRIO, 2009); os autores Corsi, Hirano e Nishimura tiveram a colaboração de Sauaia e Pardo. Ambas as edificações, em estrutura metálica, apresentam rigor técnico e ordenação espacial rigorosa, características dos Arquitetos.

Um dos destaques da década foi o emblemático Concurso de Projetos do Prédio Anexo do BNDES, Rio de Janeiro (PREMIADOS, 2014), organizado pela instituição financeira no final de 2014. Impasses jurídico-administrativos cercaram a participação dos Arquitetos no certame público. Tais questões não impediram que fosse premiada em segundo lugar a equipe[29] dos recém-formados Pedro Ivo, Anna Juni, Henk te Winkel e Gustavo Delonero, os três últimos egressos em 2013, 2012 e 2011 respectivamente. Segundo a ata do júri: "A proposta manteve a racionalidade e boa distribuição dos espaços, além de apresentar notável evolução entre as duas etapas do concurso, alcançando solução otimizada para os pavimentos tipo" (PREMIADOS, 2014).

Por fim, o Concurso Público de Arquitetura da Nova Sede do CAU-BR + IAB-DF organizado pelas entidades selecionou em primeiro lugar, entre 218 propostas, aquela da equipe de Tais Cristina da Silva (Mackenzie, 2004), Paulo Roberto dos Santos, Cassio Oba (Mackenzie, 2007), Gabriel Cesar e Santos (Mackenzie, 2008) e Eugenio Conte (Mackenzie, 2009). O projeto das duas principais instituições que simbolizam os Arquitetos no Distrito Federal representou grande desafio nas condições do Edital, tanto no que diz respeito ao arranjo das hierarquias espaciais quanto à inserção no lote. Contudo, o júri destacou a proposta pela qualidade da implantação que concentrou o edifício em uma porção do terreno e liberou a outra para uma praça, além da clareza da espacialidade e atendimento do programa, "além da imagem forte e austera, sem excessos plásticos desnecessários" (ARCHDAILY BRASIL, 2016).

Os concursos de projeto anteriormente listados são, certamente, uma pequena amostra da recorrente participação de Arquitetos mackenzistas em importantes certames. Tradição, compromisso e responsabilidade acompanham as transformações da Arquitetura, e os Arquitetos formados pela FAU-Mackenzie são agentes da mudança, sem, no entanto, tomá-la de pronto.

Mackenzistas recém-formados e o Concurso Opera Prima (1989-2016)

A história da FAU-Mackenzie está intensamente relacionada à formação de Arquitetos e Urbanistas e sua prática do projeto. Uma das características da formação nessa Faculdade é a abordagem realista que propõe desafios técnicos, permitindo ao estudante ou jovem Arquiteto se inserir no mercado de trabalho de maneira não apenas participativa, mas inovadora, e com a qualidade reconhecida ao longo dos anos. Aqueles que passaram pela FAU-Mackenzie certamente compreendem que Arquitetura e Urbanismo devem ser pensados não como disciplinas isoladas, fruto de um saber particular, mas sobretudo com a abrangência necessária de formação que contribua para um viver mais humano.

29. Também colaboraram: André Nunes, Florencia Merguerian, João Sodré, Julia Reis (Mackenzie, 2013), Marina Canhadas (Mackenzie, 2008), Bruno Carnevalli (Mackenzie, 2011), Guilherme Tanaka, Júlia Masagão, Raul Pereira, Leandro Fontana, Rulian Nociti, Paula Martins, Cláudia Kawakami e Rui Furtado.

Uma das marcas dessa formação torna-se tangível no Trabalho Final de Graduação,[30] que tem caráter duplo na vida do Arquiteto e Urbanista: configura a etapa final do Curso e a porta de entrada do exercício profissional. Para muitos, esse é um momento de amadurecimento profundo, de consolidação de aprendizados e enfrentamento de questões cujas respostas estão sempre em processo, nunca definitivas. Os resultados dessa experiência revelam-se marcantes na carreira dos estudantes, que o Opera Prima,[31] desde 1988, vem registrando por meio da premiação e destaque de trabalhos de egressos de todo o Brasil.

Durante as várias edições do Prêmio, a presença dos formandos da FAU-Mackenzie sempre foi significativa. O reconhecimento de trabalhos de graduandos do Mackenzie já ocorria antes da existência dessa premiação. A *Projeto Design*,[32] uma das mais importantes publicações do segmento no país, desde seu início em 1977 já publicava trabalhos finais de graduação. Nas décadas de 1980 e 1990, o Trabalho Final de Graduação ganhou notoriedade na revista e em outros meios de comunicação, com a publicação de matérias escritas por Arquitetos e Urbanistas a respeito. Nesse período, um destaque foi o trabalho de graduação do Arquiteto mackenzista Mario Biselli, publicado em dezembro de 1986 na então *Revista Projeto* no 94 (SERAPIÃO, 2008). O então estudante buscou uma linguagem arquitetônica que evidenciasse características simbólicas da própria cidade (OS SIMBOLISMOS, 1986, p. 96):

> [...] o simbolismo pode ser de ordem coletiva, assim como o edifício Banespa, que a silhueta mais marcante na memória do cidadão paulistano, ou de ordem individual, por exemplo nos brises horizontais do edifício da antiga TV Tupi e do Conjunto Nacional.

À medida que os trabalhos de graduação ganhavam notoriedade pela qualidade das propostas dos jovens Arquitetos, o Concurso Opera Prima foi idealizado pela então *Revista Projeto* (hoje *Projeto Design*) em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (Abea).[33] Em 15 de agosto de 1988, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), lançou-se oficialmente o concurso, cuja Comissão Organizadora foi formada pelo editor da *Projeto Design*, Vicente Wissenbach, e o presidente da Abea, Carlos Maximiliano Fayet, com o patrocínio da FADEMAC, empresa fabricante de pisos vinílicos.

A seleção dos trabalhos realizou-se em três etapas: na primeira, houve uma chamada interna, e cada escola deveria escolher de um a dez trabalhos; na segunda, de nível regional, um corpo de jurados composto por três profissionais locais escolheriam os cinco melhores trabalhos de cada região (sendo no total cinco regiões); na terceira e última, denominada nacional, os 25 finalistas foram novamente avaliados por um júri nacional composto pelos Arquitetos Cláudio Araújo, Hugo Segawa, Luiz Paulo Conde, Luciano Guimarães e Severiano Porto. Esse grupo de profissionais reuniu-se na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e selecionou os cinco melhores trabalhos, elegendo um vencedor nacional entre 1.560 formandos (SERAPIÃO, 2008).

Na página anterior:

Edifício 360º, São Paulo, 2013.
Projeto do Arquiteto Isay Weinfeld
(Mackenzie, 1975).

30. O TFG é a atividade prevista pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como Trabalho de Conclusão de Curso. Segundo o parecer da Comissão de Especialistas de Ensino de Arquitetura e Urbanismo: "A área de ensino de Arquitetura e Urbanismo se antecipou às determinações legais (Lei nº 9131/95), que estabeleceram para o ensino superior, a partir de 1996, um exame dos alunos ao final de Curso, e desde 1994 incluiu, entre as exigências curriculares obrigatórias para todos os cursos e alunos formandos, a realização do Trabalho Final de Graduação". (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2001).

31. O Prêmio Opera Prima tornou-se referência nacional como concurso de trabalhos finais de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Desde sua criação, contou com júris formados por profissionais mackenzistas de grande competência, como Fabio Penteado, Paulo Mendes da Rocha, Alfredo Paesani, Alberto Botti e Marcio Kogan.

32. A *Projeto Design* é uma revista brasileira, da editora Arco Editorial, que existe há aproximadamente 40 anos, com edições mensais dirigidas a profissionais da área de Arquitetura e Urbanismo. Sua primeira edição, ainda com a denominação de *Revista Projeto*, foi a de número 11, porque essa era uma publicação originária do *Jornal Arquiteto*, de 1972. O jornal era ligado ao IAB-SP e foi criado por Vicente Wissenbach.

33. A Abea contribui para a elaboração da política de avaliação e regulação dos cursos junto ao MEC.

A publicação do resultado do primeiro Opera Prima foi realizada na então *Revista Projeto* no. 114 (1989), no espaço reservado à Abea. Para a escolha do primeiro colocado, foram selecionados os melhores trabalhos finais de graduação produzidos nas escolas de Arquitetura e Urbanismo de todo o Brasil (SERAPIÃO, 2008). Além disso, a Abea estimulava a realização de um panorama anual e documental das escolas, podendo assim conhecer o perfil do ensino de cada escola e promover o debate entre instituições e seus alunos. A edição seguinte da *Projeto Design* apresentou todos os detalhes sobre o Prêmio que contou com a participação de 48 escolas, incluindo a FAU-Mackenzie, que nessa primeira edição recebeu um Destaque e quatro Menções Honrosas (Rubens Aparecido dos Reis, Adriana Gomes Coelho, Ana Cláudia S. de Oliveira, Mariza Scavazza Vanzella e Sônia Maria de Andrade Gottardi, respectivamente).

O Prêmio Opera Prima desde seu lançamento, em 1988, passou por vários aprimoramentos dos critérios de escolha dos melhores trabalhos finais de conclusão dos cursos de Arquitetura denominados de diversas formas ao longos destes anos: TG (Trabalho de Graduação), TGI (Trabalho de Graduação Interdisciplinar), ou TFG (Trabalho Final de Graduação – nomenclatura atual). Nas 11 primeiras edições (1989-2000), o prêmio esteve fortemente vinculado à Abea. No segundo momento, dez edições (2001-2011) permaneceram sob a entidade profissional, o Instituto de Arquitetos do Brasil/Direção Nacional (IAB/DN). No ano seguinte, a *Revista Projeto Design* passou a coordenar a premiação, o que perdura até hoje (ROCHA, 2016; SERAPIÃO, 2008).

Nas diferentes fases do concurso, bem como nas décadas em que cada entidade organizadora atuou, houve mudanças nos critérios de julgamento, formas de elaboração de atas, de participação, bem como na própria divulgação dos resultados. Essas alterações certamente indicam transformações que se deram ao longo dos anos respeitando orientações do MEC, bem como o aumento do número de cursos de Arquitetura no país e, consequentemente, do número de participantes. Tais critérios evoluíram até os dias de hoje, aperfeiçoando a premiação que contou com apenas uma pausa, ocorrida em 2012 (ROCHA, 2016).

Além de transformações institucionais da formação profissional do Arquiteto e Urbanista, as mudanças de rumo que a sociedade atravessa foram certamente traduzidas, em alguma medida, nos trabalhos que resultam os TFGs. Por meio do desenho e do discurso, como expressões de desejo e postura, evidencia-se grande responsabilidade social que se reflete nas escolhas temáticas dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo ao realizar esse tipo de trabalho. Desde a temática a ser abordada até a metodologia de elaboração e o desenvolvimento do projeto, cada trabalho expressa preocupações que determinada geração de Arquitetos(as) e Urbanistas valoriza, pouco antes de ingressar no campo profissional.

Na maioria das edições do Concurso, os estudantes da FAU-Mackenzie foram reconhecidos com premiação, menção honrosa ou destaque, conforme aponta o Quadro 1. Diante de número significativo de cursos de Arquitetura e Urbanismo no país, ser frequentemente laureado no Opera Prima é um importante indício da qualidade da formação dos estudantes dessa Escola e, consequentemente, de seus egressos e recém-formados.

Quadro 1 – Levantamento dos Mackenzistas laureados no Ópera Prima – da primeira edição até hoje

ANO	CLASSIFICAÇÃO	ESTUDANTE(ES)	ORIENTADOR(ES)
1989	Menção honrosa	Adriana Gomes Coelho, Ana Cláudia S. de Oliveira, Mariza Scavazza Vanzella, Sônia Maria de Andrade Gottardi	Sami Bussab
1989	Destaque	Rubens Aparecido dos Reis	Antônio Carlos Sant'Anna Jr.
1990	Prêmio Opera Prima	Álisson Macedo e José Gustavo Crespo Barreiros	Tito Lívio Frascino
1990	Menção honrosa	Antônio Medeiros Rodrigues e Eduardo Cordeiro Araújo	Antônio Carlos Sant'Anna Jr.
1991	Menção honrosa	Maria de Fátima Idalina Torres Pereira	Tito Lívio Frascino
1992	Menção honrosa	Glauco Corrêa Porto Tonon	Antônio Carlos Sant'Anna Jr.
1993	Menção honrosa	Alessandra Paschoal e Ricardo Gardinal	Eduardo N. M. Ferreira e Tito Lívio Frascino
1994	Menção honrosa	Lee Yueh Ju e Paulo Goyano de Faria Júnior	Gilberto Belleza e Carlos H. Heck
1995	Menção honrosa	Arthur Delgado	Tito Lívio Frascino
1997	Prêmio Opera Prima	Andréa dos Santos Castanheira	Tito Lívio Frascino
1997	Menção honrosa	Antonio Tetsuo Kanda	Sami Bussab
1998	Prêmio Opera Prima	Maurício Lamosa Nunes	Ruth Verde Zein
1998	Menção honrosa	Felipe Rodrigues de Almeida	Joan Villà Martinez
2000	Prêmio Opera Prima	Flávio Galvão de França e Juan Pablo Rosenberg	Tito Lívio Frascino e Ruth Verde Zein
2000	Menção honrosa	Fernanda S. Ferreira e Stephan Steyer	Sami Bussab e Ruth Verde Zein
2001	Menção honrosa	Juliana Pellegrini Lemos	Anne Marie Summer
2002	Prêmio Opera Prima	Danielle de Cassia Spadotto	José Luiz Tabith Jr.
2003	Menção honrosa	Pedro de Mello Ribeiro, Priscila Tavares Teves e Renato Afonso Dala Marta	Ruth Verde Zein, Joan Villà e Pedro Paulo de M. Saraiva
2004	Prêmio Opera Prima	Fernanda Kleemann Spinicci	Pedro Nosralla Junior
2004	Menção honrosa	Carolina Pons Esparó e Cristiane Fraga Vasquez	Sami Bussab e José Luiz Tabith Jr.
2005	Prêmio Opera Prima	Gustavo Oliveira Policarpo da Luz e Taís Lie Okano	Gilberto Belleza e Pedro Paulo de M. Saraiva
2006	Menção honrosa	Camila Fernandes Malito	Sami Bussab
2007	Menção honrosa	Fabio Manoel Pereira de Bem e Felipe Martin de Góes	Angélica Tanus Benatti Alvim, Luciano Margotto e Pedro Nosralla Junior
2008	Prêmio Opera Prima	Maria Fernanda Ribeiro Ornelas	Lucas Fehr
2008	Menção honrosa	Cassia Lopes Moral, Cassio Oba Osanai e Renata Gonçalves Mendes	Tito Lívio Frascino e Joan Villà Martinez

Jardim do Conjunto Nacional, São Paulo, 1997. Projeto da Arquiteta Maria Cecília Barbieri Gorski (Mackenzie, 1976) e do Arquiteto Michel Gorski (Mackenzie, 1976).

Quadro 1 – Levantamento dos Mackenzistas laureados no Ópera Prima – da primeira edição até hoje (continuação)

ANO	CLASSIFICAÇÃO	ESTUDANTE(ES)	ORIENTADOR(ES)
2009	Menção honrosa	Evangelina Lopes Nunes Galvão	Antonio Cláudio Fonseca e Marcelo Consiglio Barbosa
2010	Menção honrosa	Cristiane Sbruzzi de Paula Cardoso	Pedro Nosralla Junior
2011	Menção honrosa	Mario Aldegheri do Val,Heitor Savala dos Santos e Juliana Papis Baldocchi	Angelo Cecco Junior, Gilberto Belleza e José Luiz Tabith Jr.
2013	Vencedor nacional	Henrique Martin Te Winkel	Antônio Carlos Sant'Anna Jr. e Júlio Luiz Vieira
2014	Vencedor nacional	Raíssa Bahia Lopes	Lucas Fehr e Abilio Guerra
2015	Finalista regional	Marcelo Ribeiro de Souza Ribas	Pedro Nosralla Junior
2016	Vencedor nacional	Alice Barrachini Torres	Lucas Fehr e Ricardo Hernan Medrano

Fonte: Dados fornecidos por Vanilda Queiroz Sganzerla que compõe a Coordenação do Prêmio Opera Prima.[34]

A participação dos recém-formados do Mackenzie e sua atuação relevante no Opera Prima por meio dos TFG(s) indicam como a Faculdade tem se mantido atenta a essas transformações e tem valorizado por meio de concursos a atuação de seus discentes, louvando a maneira responsável preconizada diante dos desafios de projetar os espaços da sociedade contemporânea, motivo de celebração, sem dúvida.

No cenário nacional predominantemente urbano, o ensino de Arquitetura e Urbanismo é fundamental para a formação profissionais de espírito desbravador e interessados em elaborar e propor soluções possíveis às novas demandas da sociedade. O espírito do tempo deve acompanhar a Arquitetura e o Urbanismo, fazendo desta seu testemunho e materialização.

As palavras da então recém-formada Arquiteta Alice Barachini Torres, vencedora nacional em 2016, deixa clara a visão profissional vinculada à responsabilidade social e ao espírito coletivo:

> Foi com muita felicidade, após a defesa deste trabalho, que este recebeu a indicação para o 27º Concurso Opera Prima, e posteriormente fui eleita um dos vencedores nacionais da edição. Sabe-se que a participação em concursos são de extrema relevância para a profissão do arquiteto e urbanista e para a sociedade. Através deles, dá-se o desenvolvimento de propostas de caráter mais inventivo, criativo, a possibilidade do aprimoramento e exercício do arquiteto, para situações de desenho urbano, para edifícios de caráter público, cultural, dentre outros. Com a apresentação de propostas variadas para uma mesma situação, por exemplo, por diferentes profissionais da área, são enriquecedoras as discussões sobre as nossas cidades e espaços, tornando-os melhores e mais democráticos.

34. Conforme dados coletados junto à coordenação do Prêmio Opera Prima, desde seu lançamento em 1988 (cuja finalização da edição foi em 1989) até hoje, houve apenas uma interrupção, no ano de 2012. E, por esse motivo a 24ª edição realizada em 2013 foi aberta a participação dos formandos de 2011 e 2012 de forma a não interromper o ciclo dos formandos.

35. Entrevista realizada por Vinicius da Costa em março de 2017.

> O Opera Prima, para o arquiteto e urbanista recém formado, é não só uma oportunidade de inserção no mercado, mas do reconhecimento da importância do seu trabalho, como uma contribuição. É a oportunidade para apontar questões, problemas, com ampla liberdade, e de oferecer soluções criativas que serão debatidas e estimadas.[35]

Considerações finais

"Já existia arquitetura muito antes de existirem os arquitetos. No entanto, pode se dizer que a profissão, tal como a conhecemos hoje, deve a sua existência aos concursos de arquitetura" (ALEXANDRE, 2016, p. 7).

O corpo teórico e imagético de proposições enunciadas em cada concurso, ou da soma deles presente objetivamente ou não na paisagem, se torna um arcabouço de reflexões sobre a totalidade da profissão de Arquiteto e Urbanista.

Na FAU-Mackenzie, oportunidade e vontade se encontram nos concursos de Arquitetura. Por um lado, significa a vontade de quem demanda e premia pela possibilidade de tornar públicos as exigências e os sonhos de cidade, do edifício, e dos espaços que indiquem uma existência futura; por outro, a oportunidade de os Arquitetos responderem propondo caminhos para o corpo individual e social, tangibilizando o palco da vida em sociedade. Sem dúvida, um grande legado dos concursos de Arquitetura reside na confluência de profissionais: jovens Arquitetos têm a oportunidade de iniciar carreira, e Arquitetos consagrados podem se reinventar no percurso; ambos, nessa trajetória, se encontram nos caminhos da transformação.

Referências

1º INTERNATIONAL COMPETITION GLOBAL House 2005 for Young Architects. *Portal Vitruvius*, 3 jul. 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.067/2687>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ALEXANDRE, R. Para que não se deixe soterrar um legado na espessura do tempo. In: BAPTISTA, L. S. (Coord.). *Arquitetura em Concurso*: percurso crítico pela modernidade portuguesa. Porto: Dafne Editora, 2016.

A BAIANIDADE DE CASAS. *Projeto Design*, São Paulo, n. 386, abr. 2012.

ARCHDAILY BRASIL. Divulgado o resultado do concurso nacional para a nova sede do CAU/BR + IAB/DF. *ArchDaily*, 14 nov. 2016. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/799421/divulgado-o-resultado-do-concurso-nacional-para-a-nova-sede-do-cau-br-plus-iab-df>. Acesso em: 16. jun. 2017.

BAETA, A. P. As vantagens dos concursos para a contratação de projetos. *Instituto de Arquitetos do Brasil,* 9 dez. 2014. Disponível em: <http://www.iab.org.br/artigos/vantagens-dos-concursos-para-contratacao-de-projetos>. Acesso em 16 abr. 2017.

BARATTO, R. Resultados do concurso para o Pavilhão do Brasil na Expo Milão 2015. *ArchDaily*, 27 jan. 2014. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-171436/resultados-do-concurso-para-o-pavilhao-do-brasil-na-expo-milao-2015>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BRASILEIROS SE DESTACAM em concurso internacional. *Projeto Design*, São Paulo, n. 311, p. 18, jan. 2006.

CENTRO DE CONFERÊNCIAS EM LIBREVILLE. *Portal Vitruvius*, ano 12, n. 142.01, dez. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.142/4589>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CONCURSO "A CIDADE SOMOS NÓS – Propostas para a São Paulo de 2030" contempla 6 trabalhos. *Vitruvius*, 23 set. 2011. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/jornal/news/read/1025>. Acesso em: 13 jun. 2017.

CONCURSO BAIRRO NOVO. *Portal Vitruvius*, ano 4, n. 044.02, ago. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/04.044/2398?page=8>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CONCURSO INTERNACIONAL PARA PROJETO Arquitetônico do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp. *Portal Vitruvius*, ano 9, n. 106.02, out. 2009. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/09.106/2978>. Acesso em: 13 out. 2009.

CONCURSO NACIONAL CENTRO JUDICIÁRIO DE CURITIBA. *Portal Vitruvius,* São Paulo, ano 6, n. 065.04, 18 abr. 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.065/2648>. Acesso em: 13 maio 2006.

CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE ARQUITETURA PARA O TEATRO MUNICIPAL DE LONDRINA – PR – Londrina. *Portal Vitruvius*, n. 080.01, ano 7, jul. 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/07.080/2824>. Acesso: 12 jun 2017.

Edifício Vertical Itaim, São Paulo, 2014. Projeto dos Arquitetos Marcio Kogan (Mackenzie, 1976) e Carolina Castroviejo (Mackenzie, 2003).

CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE ARQUITETURA – Sede da Procuradoria Regional da República da 4ª Região – PRR4 – *Portal Vitruvius*, n. 043.03, ano 4, jul. 2004. Disponível em:<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/04.043/2384?page=2>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE IDEIAS – Requalificação de Largos no Pelourinho. *ConcursosDeProjetos.org*, 9 nov. 2011. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2011/11/09/concurso-equalificacao-de-largos-no-pelourinho/>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CONCURSO PÚBLICO NACIONAL RECONVERSÃO URBANA DO LARGO DA BATATA. *Portal Vitruvius*, São Paulo, ano 2, n. 17, mar. 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143>. Acesso em: 13 mar. 2002.

FERRONI, E. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIALHO, V. S. Concursos de arquitetura: processos e evolução. *Revista Se*, n. 3, 2001.

FINALISTAS DO AEROPORTO de Florianópolis. *Projeto Design*, São Paulo, n. 292, p. 17, jun. 2004.

GAUSA, M. *Diccionario Metápolis arquitectura avanzada*: ciudad y tecnologia en la sociedad de la información. Barcelona: ACTAR, 2000.

GIMENEZ, L. E. *Pedro Paulo de Melo Saraiva, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2016.

GRUNOW, E. O eloquente Opera Prima. *Projeto Design*, n. 431, 2016. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/especiais/o-eloquente-opera-prima>. Acesso em: 9 abr. 2017.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0. São Paulo: Objetiva, 2008. Disponível em: <http://clicandodegraca.blogspot.com.br/2008/02/dicionrio-eletrnico-houaiss-da-lngua.html>. Acesso em: 12 jun. 2017.

HOWARTH, D. Isay Weinfeld to design relocated The Four Seasons restaurant in New York. *Dezeen*, 19 jul. 2016. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2016/07/19/isay-weinfeld-design-relocated-the-four-seasons-restaurant-new-york-280-park-avenue/>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MAGALHÃES, S. Cultura fatiada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 set. 2016.

MELENDEZ, A. Estúdio América: Museu em Santiago. Arca flutuante carrega memória dos anos de chumbo no Chile. *ArcoWeb*, 2010. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/estudio-america-museu-santiago-09-06-2010>. Acesso em: 13 maio 2017.

MUSEU EXPLORATÓRIO DE CIÊNCIAS DA UNICAMP – Projetos Premiados e Menções. *ConcursosDeProjetos.org*, 17 ago. 2009. Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/2009/08/17/museu-unicamp-projetospremiados/>. 2014. Acesso em: 12 jun. 2017.

NOVA FACHADA PARA O EDIFÍCIO DAS ARCADAS. *Revista Au*, ed. 143, fev. 2006. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/143/artigo22095-1.aspx>. Acesso em: 13 jan. 2017.

OS SIMBOLISMOS DA CIDADE num projeto de hotel. *Projeto Design*, São Paulo, n. 94, dez. 1986.

PREMIADOS – Concurso Paço Municipal de Várzea Paulista – SP. *ConcursosDeProjetos.org*, 21 ago. 2012. Disponível em:<https://concursosdeprojeto.org/2012/08/19/premiados-concurso-paco-municipal-de-varzea-paulista/>. Acesso em: 12 jun. 2017.

PROJETO. Os simbolismos da cidade num projeto de hotel. Trabalho de Graduação, Mário Biselli, *Projeto*, n. 94, p. 96, dez. 1986.

SEGUNDA COBERTURA AGRUPA SAGUÃO E QUATRO AUDITÓRIOS. *Projeto Design*, n. 312, p. 86-89, fev. 2006.

RAMOS, R. C. L. *Densidades urbanas e o concurso Bairro Novo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

REVISTA SE... Editorial. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, n. 3, dez. 2001.

ROCHA, B. A. da. *O concurso para formados de Arquitetura e Urbanismo Opera Prima:* 1989-2011. 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem*: cognição, semiótica, mídia. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2010.

SEDE ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL de Porto Alegre. 1º lugar – Corsi&Hirano. *Portal Vitruvius*, São Paulo, ano 14, n. 166.01, 2014. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/14.166/5347>. Acesso em: 14 out. 2014.

SEDE DA PETROBRAS EM VITÓRIA ES VITÓRIA. *Portal Vitruvius,* n. 056.01, ano 5, ago. 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/05.056/2519>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SERAPIÃO, F. O que aconteceu com os premiados do Opera Prima? *Projeto Design*, São Paulo, n. 342, 2008. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/especiais/opera-prima-2008-artigo-opera-prima-20-anos-01-08-2008>. Acesso em: 9 abr. 2017.

SESC GUARULHOS. Concurso de propostas arquitetônicas. *Portal Vitruvius*, São Paulo, ano 10, n. 109.03, jan. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/10.109/3558>. Acesso em: 13 jan. 2010.

TEATRO DE NATAL – Concurso Público Nacional de Arquitetura. *Portal Vitruvius*, São Paulo, ano 5, n. 059.03, jun. 2010. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/05.059/2560>. Acesso em: 13 jun. 2010.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Regulamento do Trabalho Final de Graduação, TFG. São Paulo: FAU-Mackenzie, 2001. Disponível em <http://up.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/_imported/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_SP/REGULAMENTO_DO_TFG_-_FAU_-_ATO_REITORIA_14_-_ANEXO.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

WIENFELD, I. *Edifício La Petite Afrique*. 2017. Disponível em: <http://isayweinfeld.com/projects/edificio-la-petite-afrique/>. Acesso em: 14 jul. 2017.

ZUMTHOR, P.; GRABOW, A. *Pensar a arquitectura*. Barcelona: G. Gili, 2005.

1953. Turmas do 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos de Arquitetura.

No cartaz:
Futuros Arquitetos! A nova diretoria do Dafam será eleita na próxima sexta--feira, dia 30. Os candidatos deverão fazer suas inscrições até quinta-feira, dia 29, impreterivelmente. Colegas, cooperem conosco.

Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam): debate político, ensino e cultura

Paulo Olivato, Victoria Braga, Vinicius da Costa, Cristina Kesselring

Introdução

Este capítulo se propõe a ser um documento histórico, uma narrativa do que o Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam) significou e permanece significando nos seus 70 anos de existência. Foram reunidos depoimentos, imagens e fragmentos de memórias das diversas gerações de estudantes. No entanto, como afirma Benjamim (apud GAGNEBIN, 1998, p. 695-701), articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "tal como ele propriamente foi". Traçou-se portanto aqui, um breve e inacabado percurso a partir do presente e com o olhar nos acontecimentos pregressos que, ainda hoje, marcam esse vivo e democrático espaço de representação estudantil.

Em julho de 1947, foi fundado o Diretório da FAU-Mackenzie simultaneamente à instalação da Faculdade, que, na época, era dirigida por seu patrono, o Arquiteto Christiano Stockler das Neves. As convicções estilísticas de Stockler das Neves foram imprescindíveis para a criação do Diretório, que inicialmente teve como objetivo a oposição às ideias arquitetônicas difundidas pelo próprio patrono. Os primeiros traços dessa história foram grafados pelo grupo pioneiro de alunos; que, entre seus membros, tinha presença de Carlos Millan, Jorge Wilheim e Luiz Roberto Carvalho Franco. A primeira gestão do Dafam também foi responsável pela criação da logomarca original composta pela figura do Modulor, de Le Corbusier, ícone do Modernismo internacional, ao lado de uma coluna dórica, uma provocação ao estilo neoclassicista defendido pelo então Diretor da Escola. É o marco inicial da criação desse espaço, do qual se podem ouvir os ecos produzidos a partir das inúmeras narrativas, sucessão de momentos quase sempre indissociáveis da história da FAU-Mackenzie, da Universidade e dos seus diferentes contextos culturais, sociais e políticos.

Por que publicamos?

Na FAU-Mackenzie, os alunos fundadores do Dafam, Carlos Millan, Jorge Wilheim, Luiz Roberto Carvalho Franco, egressos do Mackenzie, respectivamente, em 1951, 1952 e 1951, juntamente com Paola Tagliacozzo e Sidney Fonseca, ambos formados pelo Mackenzie em 1951, criam também a expressão do diretório: a revista *Pilotis* – referência à coluna então símbolo da Arquitetura Moderna. A publicação foi idealizada como instrumento de resistência dos alunos aos postulados da Arquitetura Moderna e, novamente, em contraposição ao pensamento defendido pelo Diretor Christiano Stockler das Neves.

O Prédio Chamberlain n° 10, conhecido como "Castelinho", no *campus* Higienópolis, foi a sede da Faculdade de Arquitetura do Mackenzie e do Dafam desde 1947. Atualmente é um espaço utilizado amplamente por professores e alunos: no subsolo, permanecem as instalações do Dafam; no térreo sala de aula e auditório, no primeiro andar, encontram-se as coordenações de Estágio e Protagonismo Estudantil; Extensão e Atividades Complementares e de Pesquisa e TCC, bem como os laboratórios de informática; e no segundo, os gabinetes de professores pesquisadores. O edifício foi tombado em 1993 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), juntamente com outros 11 edifícios do *campus*.

Em 1949, na terceira edição da *Pilotis*, é possível compreender com clareza as ideias propostas na revista:

> No entanto, as conquistas da moderna arquitetura brasileira foram realizadas por um punho de bravos que lutam com a incompreensão de grande maioria de um público ineducado e um clima escolar, didático, o pior possível. Deve-se ampliar esse grupo, pois o que ele realizou ainda é pouco dentro do formidável volume de construção do Brasil.
>
> Público, profissionais e alunos, presos ainda a clichês de arquitetura passada, comercial ou da pseudo-arquitetura, devem ser equipados para compreensão da arte hoje.
>
> Torna-se imprescindível mostrar qual é a diferença entre a boa arquitetura contemporânea e o infelizmente difundido 'estilo moderno', uma falsa arquitetura presunçosa e artificial que, apesar de imitar superficialmente a bons arquitetos, têm os mesmos defeitos da má arquitetura do século passado: não é orgânica nem verdadeira.
>
> Acreditando na necessidade do intercâmbio e não no isolamento das artes, Pilotis publicará não apenas obras arquitetônicas, como também artigos e obras concernentes a outras artes, afim de poder participar e contribuir para formação da personalidade e capacidade do estudante de arquitetura (EDITORIAL, 1949, p. 1).

Após isso, houve apenas mais uma publicação, totalizando quatro edições da revista, um dos mais importantes veículos da difusão da Arquitetura Moderna no período:

> Primeiro, havia a discussão entre os professores – não muito entre os alunos, que viam aquilo de forma aventureira. Graeff escreveu, na época, um texto importante. Depois, as revistas, que eram várias, como Habitat, Acrópole, Arquitetura e Engenharia, Módulo e Arquitetura. Isso sem contar publicações acadêmicas, como a Pilotis, do grêmio do Mackenzie, e as regionais, como a Espaço, do Rio Grande do Sul (SERAPIÃO, 2012, p. 1).

Apesar da vida curta, a revista representou forte expressão do pensamento intelectual do Diretório e da Escola, expondo a qualidade de seus estudantes – inventivos e críticos – ao tempo promovendo, de forma inaugural, o debate entre os discentes e a instituição.

Uma breve homenagem ao grande Arquiteto e Professor Pedro Paulo

Aluno das primeiras turmas da recém-criada FAU-Mackenzie, o então estudante Pedro Paulo de Melo Saraiva (diplomado em 1955)[1] vence, em 1954, o 1° Prêmio organizado pelo Dafam em certame do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). O projeto vencedor para a casa modernista do sr. Hercílio Pedro da Luz foi posteriormente

1. Nascido em Florianópolis, em 1933, e falecido em São Paulo em 2016.

construído em Florianópolis. Menos de 20 anos depois, em 1973, o Arquiteto seria o responsável pelo projeto da Escola de Administração Fazendária (Esaf), na capital Brasília (CORSI, 2013).

Além da brilhante atuação profissional, Pedro Paulo de Melo Saraiva também é lembrado por ter sido um rígido e engenhoso professor, ao mesmo tempo que foi rigoroso do ponto de vista técnico, sem perder a dimensão humana e social do ofício. Foram várias as oportunidades que o Dafam e os estudantes tiveram para interagir e trocar experiências com o professor, como no dia de lançamento de seu livro em agosto de 2016, no saguão da FAU-Mackenzie. O Arquiteto concedeu depoimento de maneira irreverente e descontraída; as risadas foram uma constante para a plateia; ele estava visivelmente realizado com a publicação do livro, um de seus desejos antigos.

Aquela foi a última vez que os estudantes estiveram na presença do professor, que faleceu no dia 16 de agosto de 2016. Na inevitabilidade da despedida, o adeus foi dado seis dias antes, sob salva de palmas das mais duradouras que se ouviu no edifício da FAU-Mackenzie.

Lançamento do livro *Pedro Paulo de Melo Saraiva*, o Arquiteto, na FAU--Mackenzie, em 10/8/2016. Na foto, em pé, Silvana Romano, Abilio Guerra, Luis Espallargas Gimenez e Pedro de M. Saraiva. Sentados, Angélica Tanus Benatti Alvim e Pedro Paulo de Melo Saraiva.

Ame-o ou deixe-o? *Should I Stay or Should I Go*

Algumas memórias musicais nos levam a ouvir acordes de guitarras, que, em saltos, nos transportam para Liverpool. Beatles. Lennon. Guerra Fria. Estamos na década de 1960. Época marcada por posições políticas definidas e profundas transformações sociais e culturais.

Em 1962, o Dafam promove uma greve para aumentar a representação estudantil nos conselhos da Universidade, o que desencadeia outra ainda maior, espalhando-se pelo país com reivindicações similares, conta o Professor e Arquiteto Flávio Marcondes,[2] tesoureiro do Dafam na gestão de 1963: "O estopim inicial havia ocorrido em função da greve local, encabeçada pelo diretório". A participação na gestão da União Nacional dos Estudantes (UNE), por exemplo, torna-se estratégica, momento em que emergem os nomes de protagonistas do cenário político nacional.

Além de gritos de protesto, também se ouve no *campus* uma nova canção. Uma nota só, uma mistura inusitada de samba e *jazz*. Mas que nada, é o evento Bossa Nossa que ocorreu no teatro Ruy Barbosa no início da década de 1960. Estavam presentes no Mackenzie o maestro Tom Jobim, o "poetinha" Vinícius de Moraes, Alaíde Costa, Sérgio Mendes, Carlos Lyra, entre outros. O ritmo se popularizou, com as vozes que construíram em boa medida a cultura musical brasileira. "Foi esse o primeiro espetáculo paulista de grande repercussão que vinculava a música popular contemporânea aos centros estudantis", registra Zuza Homem de Mello (2003).

O Dafam mergulha na ebulição cultural da época. O evento teve como origem o Jazz Arquitetura Mackenzie (JAM), promovido pelos estudantes, que trouxeram do Beco das

2. Entrevista realizada na Sede do Dafam, no dia 24 de março de 2017, com a presença de Paulo Olivato, Victória Braga, Vinicius da Costa, Ricardo Caco Ramos, Flavio Marcondes e Eduardo Nardelli.

Alunos participando das atividades do Dafam – Gestão Através (2017), Edifício Chamberlain, subsolo.

Garrafas (boate da época, em Copacabana) artistas que lançaram músicas que se tornaram conhecidas, como se lembra o Professor e Arquiteto Tito Lívio Frascino, "Foi também o momento da (Rua) Maria Antônia em sua versão mais fervilhante do ponto de vista cultural e intelectual.", contextualiza Flávio Marcondes.

Croqui feito pela estudante da FAU--Mackenzie Thais Bio Ribeiro da antiga disposição do Dafam em 1996, Gestão "Voz".

Interdição da diversidade – pós-Golpe Militar (1964)

No centro do debate está a Arquitetura Moderna – em pleno borbulhar de Pampulha, de Oscar Niemeyer, da Nova Capital e do edifício da FAU-USP na Cidade Universitária (projeto de 1961 concluído em 1969, de João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi). Momento de um grande debate em torno do planejamento urbano. Tem-se no mesmo ano a publicação da obra Morte e Vida de Grandes Cidades (americanas), de Jane Jacobs, também em 1961, que faz uma crítica à renovação urbana, por meio da implantação de infraestruturas viárias, desarticuladoras do seu contexto local. Inseridos nessas discussões, os estudantes mantêm vivo o desejo de atuação estudantil na dimensão pública das nossas cidades.

Mas esse clima de efervescência cultural e de confraternização se esfriou com a instalação do Regime Militar em 1964. Impõe-se longa pausa na liberdade de atuação e de expressão. É o momento do enrijecimento. Os diretórios no país acabam por se tornar agremiações ou centros acadêmicos, caracterizando-se uma espécie de desmonte. Apesar disso, o Dafam não perde seu *status* de diretório, isso talvez por sua forte inserção política e cultural.

"Soltei os panos sobre os mastros no ar" (Os Mutantes, 1969)

A conhecida Batalha da Maria Antônia (3 de outubro de 1968) expõe o forte sectarismo que marcou a fase do Regime Militar, e que, infelizmente, parece não ter nos deixado por completo. Haveria semelhanças com a dicotomia "petralhas" *versus* "coxinhas" de hoje? Não temos resposta definitiva para essa pergunta, mas é amplamente documentado que os estudantes do Mackenzie e da Universidade de São Paulo (USP) se enfrentaram com paus, pedras, foguetes e rojões. Lançavam-se no ar coquetéis *molotovs*. Ouviram-se tiros na Rua Maria Antônia. Morreu um estudante secundarista. Tal evento, além de uma triste marca da histórica, expõe a própria crise da Universidade no Brasil, que não desempenhava mais um papel de agente de transformações estruturais da sociedade e também não acompanhava as necessidades de um país que se modernizava. O Dafam reforça, então, seu papel de resistência ao Golpe, ao se posicionar com os movimentos que defendiam uma rápida transição democrática, uma espécie de "aparelho de esquerda", posição corajosa diante da circunstância do momento histórico, dentro da Universidade Mackenzie que também abrigava o Comando de Caça aos Comunistas (CCC).

O então discente da FAU-Mackenzie Pedro Nosralla, na ocasião Presidente do Dafam, com o Presidente General Ernesto Geisel, solicitando a revogação do Decreto-Lei nº 477.

É decretado o AI-5 em um momento em que se acentuam as polarizações, com aplicação de amplas restrições aos direitos públicos e privados. Não foram proibidas as proibições! Mas a sociedade sempre pode engendrar a sua transcendência. Inicia-se processo de reversão de forças hegemônicas de direita. Observam-se movimentos organizados contra a ditadura. Alguns grupos, em particular os Movimentos Estudantis, ganham voz potente no protagonismo de discussão quanto aos possíveis caminhos para o país e, consequentemente, para sua emancipação.

O Professor e Arquiteto Pedro Nosralla Jr. lembra-se de que esteve com o presidente Ernesto Geisel em 1975, para a revogação do Decreto-Lei nº 477. O Arquiteto Eduardo Sampaio Nardelli, presidente do Dafam em 1978 e hoje professor na FAU-Mackenzie, conta que à época três correntes ideológicas eram as principais presentes nas Universidades: a "Liberdade e Luta" (Libelu) de alinhamento trotskista, a "Caminhando", desdobramento do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), e a "Reforma", ligada ao Partido Comunista (PC). Esses movimentos orientavam as organizações políticas, e com o Dafam não foi diferente. Desde a gestão do presidente Vasco Caldeira, durante os anos de 1976 a 1977, houve um alinhamento do Diretório aos movimentos de esquerda voltados para um projeto de país, porém em vertentes mais independentes.

"Somos iguais todos os seres" (Hino à Internacional Comunista, 2017).

Os movimentos sociais e estudantis em geral foram, então fortemente reprimidos, e, não raro, seus participantes torturados nos porões do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Entretanto, para os que enfrentaram corajosamente esse momento, a partir do espaço do diretório, a história pode ser contada como forma de resistência e enfrentamento. Eduardo Nardelli, um dos protagonistas dessa época, acrescenta que o Dafam teve efetiva participação nas discussões políticas e na representação estudantil. O Diretório, então, resolve participar das eleições da União Estadual dos Estudantes (UNE) com uma chapa de esquerda e tenta a candidatura da chapa no Diretório Central dos Estudantes (DCE) do Mackenzie. Mas neste obtém fortes reações contrárias, reveladas nas hostilidades sofridas no *campus*, sobretudo em confrontos com estudantes da Faculdade de Direito. Nardelli conta que, diante dessa situação, membros do Movimento Liberdade e Luta enviam pessoas para protegê-lo, quando da apuração final. Dirigiram-se então à Fundação Getulio Vargas (FGV), onde cantaram a Internacional Socialista – essa é a última geração a deter tal memória.

O Professor e Arquiteto Alessandro Castroviejo, também presidente do Dafam na época, passa a compor a nova chapa do DCE. Trata-se de uma fase de embates diretos, em que as armas não eram ideias e conhecimento, mas revólveres, paus e pedras. As radicalizações, no entanto, encontravam mediação nos segmentos mais moderados. Ao tomar

posição contra o fechamento do curso noturno, por exemplo, desencadeia-se uma greve de 47 dias em um período no qual não se podia falar em política, de acordo com as determinações do Regime Militar.

Escadaria de acesso ao Dafam, Edifício Chamberlain.

"Canta mais, enfeitando a praça, preparando a tinta" (Fantasia, Chico Buarque)

Na caixa de som, um CD. Os sons do presente conduzem-nos para tempos mais recentes. Mãos revelam novas imagens. Os retratos estão em preto e branco, imersos em líquido químico contra uma luz negra. Laboratório de fotografia. Vislumbram-se formas a partir de linhas que correm desde uma bancada de cerâmica para fora de um laboratório. Nem tão perto, nem tão longe, aqui encontramos um pequeno plano elevado, colina de memórias, de onde miramos com lentes de afeto nosso plural espaço.

Estamos na década de 1990. Surge uma gestão de nome incomum, Branco 8 Ponto Som, que reinventa o Dafam. Amigos apaixonados por Arquitetura se unem, movidos por certa angústia da situação legada ao diretório. Momento no qual a produção arquitetônica nacional e paulista distancia-se da discussão cultural. A gestão inicia sua atuação com a reforma do espaço físico do diretório. Uma simbólica reinauguração desse espaço de possibilidades. Refazem-se os vínculos com a Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura (Fenea), indica-se a Arquiteta da FAU-Mackenzie Thais Bio Ribeiro como presidente da instituição.

A gestão promove o importante evento *Habitação* (1996), concurso que estimula na Faculdade as discussões da moradia e do viver na cidade. E, no acaso de uma conversa de elevador, o Professor e Arquiteto Ricardo Ramos conta que: "nós conseguimos convidar (os arquitetos portugueses) Fernando Távora e Álvaro Siza para uma palestra aqui na Faculdade". Lembra-se de que o evento lotou o Auditório, mas que o Arquiteto Álvaro Siza não pôde vir. O croqui – tradição de todos os arquitetos que realizam palestras na Faculdade – existe e está na sede do Dafam.

Nessa época, as iniciativas dos estudantes são acolhidas no diretório. O evento *Contemporâneos, Unidos por um Mesmo Tempo* conseguiu reunir em um único arco temático a astrologia e a Arquitetura Moderna. O Grupo de Teatro Purangaw, patrocinado pelo Dafam e pelo Diretório João Mendes Jr., dirigido pelo Arquiteto Gilson Carvalho, sensibilizou muitos estudantes quanto às possibilidades expressivas do teatro e sua intertextualidade com a Arquitetura, expressas na interação das pessoas com o meio e o espaço. O diretório parece retomar a credibilidade, como órgão de apoio aos estudantes: o Xerox (quem dessa época não se recorda da Dona Neusa?), o Curso de Autocad (release 12). Contrata-se uma secretária, a publicitária Adriana Boarini, que ajuda na organização dos eventos diversos, serviços dos comunicados, informações e apoio nas contas.

Atividades da XI Semana Viver Metrópole, no saguão da FAU--Mackenzie, outubro de 2014.

Estamos em 1997, em pleno exercício democrático no panorama nacional. A gestão é a *Voz*, que segue, em linhas gerais, as tendências desenhadas pela anterior. Reforça, entretanto, um tom mais politizado da atuação estudantil, que se poderia qualificar como participativa e marcante. Estabelece um diálogo aberto com os alunos, convidando à participação estudantil e a suas iniciativas individuais e coletivas. É dessa época o *Jornal Voz*, a implantação do Laboratório de Fotografia e da banca de livros do Toninho, a formação do Escritório Modelo, do concurso de ideias para o saguão, da avaliação docente, realização da *Revista Se*... (em parceria com o Prof. Carlos Egídio Alonso) e a criação da Gincana dos Bixos. Havia uma clara intenção de acolher os calouros, introduzi-los à Faculdade e ao Centro de São Paulo, em uma posição crítica ao tradicional trote. Mas como? Um grupo de estudantes que convivia no porão, provindos de semestres diversos, concebe talvez um dos projetos mais longevos e bem-sucedidos do Dafam. Com viés político mas apartidário, essa gestão, cujo presidente era o Arquiteto Juan Pablo Rosenberg, realizou em conjunto com o Diretório João Mendes Jr. (que tinha como presidente o advogado, empresário e apresentador de TV Alexandre Youssef), tornou-se um dos eventos de maior repercussão nacional, denominado Terra. Com a presença dos dirigentes da Universidade, nomes como Sebastião Salgado, Chico Buarque e José Saramago se encontraram no Auditório Ruy Barbosa completamente lotado, para lançar livro homônimo, realizado a seis mãos, sobre a questão agrária em apoio ao Movimento dos Sem-Terra (MST), um ano após o Massacre de Eldorado dos Carajás (1996). Ao olharmos a história do Diretório em retrospectiva, sobretudo nos anos de 1970, poderíamos perguntar: teria ocorrido, com esse evento, uma conciliação histórica?

Acesso ao interior do Dafam.

Motivada pelo espírito da anterior, a gestão de nome Gesto levou adiante os projetos, porém voltada com forte ênfase às questões de ensino e extensão. Seu desafio primeiro foi realizar a devolutiva da primeira avaliação discente, realizada pelo Dafam em parceria com a Faculdade de Saúde Pública da USP, no âmbito da recém-promulgada Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Nesse contexto, foi eleito como representante do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da Universidade o presidente do Dafam, hoje professor na escola, o Arquiteto Paulo Olivato. Em conjunto, levou-se adiante o projeto e a criação do Departamento de Técnicas da FAU-Mackenzie. Paulo conta que: "esta era uma antiga reivindicação dentro da Faculdade, dos alunos e dos professores, voltar o olhar para as questões técnicas do ponto de vista qualitativo do projeto de arquitetura". Lembra-se de que: "O Reitor (Dr. Cláudio Lembo), na época, de forma até bem-humorada, me repreendeu pela insistência nesse assunto no Conselho, porém, no final, reconheceu a relevância dessa mudança para o ensino da Faculdade".

A criação do evento chamado *Se Mostra* revelou o temperamento multidisciplinar da gestão. A ideia era utilizar o próprio espaço do subsolo do Prédio 10 como suporte para promover exposições da produção dos alunos, para além das tarefas cotidianas e também incentivar as investigações práticas e teóricas no aprendizado da Arquitetura. Desenhos, fotos, *performances*, teatro, vídeos etc. puderam ser vistos e festejados em confraternizações sempre musicais, ganhando maior espaço e integrando as mais diversas formas de expressão.

Área externa do Dafam, Edifício Chamberlain.

A *Semana Viver Metrópole*

A *Semana Viver Metrópole* nasceu em 2003 a partir da intenção de criar uma Semana da Arquitetura na FAU-Mackenzie. No ano anterior, o Dafam havia realizado um evento isolado intitulado *Viver Metrópole*, nome que agradou à escola – estudantes e Direção –, sendo, então, adotado em definitivo dali em diante. Ambiciosa desde o princípio, a primeira edição da Semana se propôs a receber a Escola inteira: palestras, oficinas e um ateliê vertical compunham o cronograma. Havia um desejo dos estudantes de que o evento não fosse um fórum de palestras, mas que abrigasse atividades diversas – demonstrando, talvez, desde aquele momento, uma vontade de atuar menos como espectadores e mais como agentes de produção de conhecimento. A festa de encerramento daquele ano aconteceu no icônico edifício-sede do IAB-SP, a poucas quadras da FAU-Mackenzie.

De imediato, a *Semana Viver Metrópole* se firmou não somente no calendário da escola – e da Cidade –, mas principalmente no imaginário dos estudantes, o desejo de experimentar, durante sete dias, as diferentes versões do que a escola poderia ser.

Esse entendimento da Semana, não apenas como data, mas como forma de pensamento, engendrou o processo de assimilação pelo diretório, que logo tomou a frente da sua organização, passando a agir, pouco tempo depois, com considerável autonomia na realização do evento – ainda que contando sempre com apoio da Direção da FAU-Mackenzie e da Universidade.

Desde sua criação, a participação do corpo docente tem sido fundamental na construção da perspectiva de que a Escola pode e deve estar em constante transformação. A Semana, a cada ano, aporta nova abordagem – realiza-se em um período de cinco dias, e é capaz de levar adiante seu produto no cotidiano da Escola, dentro e fora das salas de aula. A *Semana Viver Metrópole* tem sido uma oportunidade ímpar de ensino e aprendizado, amadurecimento e, principalmente, de questionamento: afinal, que escola somos e queremos ser? Mais do que respostas, a Semana sempre deixa muitas perguntas, pois são as incertezas que nos movem.

Depois de 13 edições, o evento ganhou escala, pluralidade de atividades, competência crítica e, consequentemente, visibilidade. Conta, desde 2015, com a participação efetiva dos estudantes de Design na sua realização – anteriormente, Arquitetura e Design se organizavam de forma independente e não integrada, mas hoje se fortalece por meio dessa união – e é vista atualmente como um dos eventos de Arquitetura, Urbanismo e Design mais importantes da cidade de São Paulo.

A participação recente das gestões no cotidiano da escola

Desde a última década, as gestões à frente do Dafam vêm desempenhando papel de mediadoras no que se refere ao ensino na FAU-Mackenzie. Foram inúmeras as vezes em que o iretório se fez presente de maneira participativa em questões viscerais à faculdade, como a elaboração do atual Projeto Pedagógico, o engajamento dos Representantes de Classe, a elaboração das Avaliações Semestrais, entre tantas outras ações de caráter efetivo; não foram poucas as mobilizações estudantis desde então.

O dia 24 maio de 2013 foi marcado por uma grande manifestação dos estudantes contra a aprovação do Novo Projeto Pedagógico. Uniram-se três gestões do diretório, a atual à época gestão *Fractal*, e as duas anteriores, a *Escala* (2012) e a *Púlpito* (2011). Deixando de lado diferenças ideológicas e embates antigos, seus representantes conseguiram, juntos, mobilizar os estudantes da FAU-Mackenzie que exigiam maior participação discente nos órgãos representativos e, portanto, nas decisões dentro da escola.

Alunos trabalhando na área externa do Dafam, Edifício Chamberlain.

Após a manifestação, a gestão da Escola resolveu discutir o Projeto Pedagógico com participação discente, implicando transformações na proposta. Os conteúdos de história e teoria da Arquitetura sofrem reestruturação, as matérias técnicas são integradas ao eixo de projeto arquitetônico. O êxito de um projeto pedagógico, na visão do Diretório Acadêmico, está no alinhamento da experiência dos docentes com o desejo dos discentes.

No ano de 2014, por iniciativa dos alunos do grupo denominado *ExperimentAÇÃO*, com apoio irrestrito do Dafam e constante diálogo com professores e a direção, inaugurou-se o espaço do *Canteiro Experimental*, localizado à Rua Maria Antônia, 163. A conquista foi grande, pois um espaço de canteiro para os estudantes era reivindicação antiga, e concretizá-la mostrava a força e o reconhecimento do diretório enquanto entidade representativa perante os órgãos administrativos da faculdade.

No mesmo ano, o Diretório organizou a *XI Semana Viver Metrópole*, evento consolidado na faculdade, que nessa edição reuniu quantidade especialmente grande de Arquitetos e Urbanistas de renome para palestras, mesas-redondas, visitas e oficinas com os estudantes da FAU-Mackenzie.

Em outubro de 2015, na sua 12ª edição, a *Semana Viver Metrópole* adquiriu escala maior na parceria com o Curso de Design, e um caráter mais prático, tendo sido organizada por meio de eixos e "*workshops* contínuos", que abordaram as temáticas *habitar, locomover, produzir, ensinar e viver*.

Pouco tempo depois, próximo à eleição do(a) novo(a) diretor(a) da FAU-Design Mackenzie, a gestão *Rizoma* e a chapa Identidade desempenharam papel relevante no que veio a ser o resultado oficial da votação realizada pela Congregação da Escola e a sua confirmação pela Reitoria da Universidade.

Manifestação dos alunos no dia 24 de maio de 2013, na FAU-Mackenzie. Cerca de mil alunos se reúnem com a intenção de discutir o novo Projeto Pedagógico, que seria votado no mesmo dia.

Anteriormente, os estudantes, de modo geral, não se envolviam no processo de eleição, tampouco estavam certos de seu papel neste. O Dafam convocou os(as) candidatos(as) ao cargo para debater e apresentar suas cartas-proposta no saguão da escola, reunindo grande quantidade de discentes e docentes.

Nos dias seguintes ao debate, o Diretório organizou uma simulação da eleição, contando com participação intensa dos estudantes e, após apuração dos votos, a Profa. Angélica Tanus Benatti Alvim foi escolhida por 88% dos alunos, definindo os votos dos representantes discentes na Congregação. A partir de então, o Dafam, órgão máximo de representação estudantil da escola, manifestou oficialmente seu apoio à candidatura de Angélica Tanus Benatti Alvim.

No dia da votação oficial, durante reunião da Congregação, os membros do diretório, juntamente com os demais estudantes, não somente se fizeram presentes com cartazes reivindicativos, mas também estavam representados pelos discentes votantes na Congregação da FAU-Mackenzie. É inquestionável que sem a participação intensa dos estudantes e do Dafam durante as eleições o resultado teria sido outro, o que revelou a força de articulação que o Diretório apresentaria dali para a frente, principalmente no diálogo com os órgãos administrativos da Faculdade.

Área do antigo Laboratório de Fotografia, atualmente usado como espaço de trabalho para os alunos, no Dafam, Edifício Chamberlain.

Coletivo Zaha

O movimento estudantil mais recente pode ser caracterizado pela diversidade de atores e pelas múltiplas ações, com diferentes pautas. O Coletivo Zaha é uma organização horizontal e independente ao Dafam, mas que conta com o incentivo e o apoio direto da entidade.

O Coletivo Zaha (Coletivo Feminista da FAU-Mackenzie) leva o nome da Arquiteta iraniana Zaha Hadid, primeira mulher a ganhar o Prêmio Pritzker de Arquitetura em 2004. O Coletivo foi organizado no dia 20 de março de 2016 por um grupo de alunas, dentre elas Fernanda Corsini e Mikaella Brandão, do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Seu intuito é unir e acolher mulheres que buscam discutir a questão de gênero, o feminismo, a constante construção do movimento, o empoderamento e, principalmente, o espaço da mulher nos campos acadêmico e profissional.

No dia 25 de abril de 2016, o movimento organizou seu primeiro ato denominado *#esseémeuprofessor*, ação que criou um canal de diálogo com respeito a eventuais situações de assédio e hostilidade verbal. A ação consistiu no recolhimento de depoimentos das estudantes e na colagem de cartazes pelas paredes da Escola.

O ato foi divulgado em diversos canais de comunicação, entre eles os jornais *O Estado de São Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo*, a revista *M de Mulher* e os *sites* Catraca Livre e Huffpost, inspirando a fundação de outros coletivos em diversas faculdades do país. Com a

Saguão do Prédio 9, evento organizado pelo Dafam pela gestão Identidade, em setembro de 2016. Visita do então prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, para discutir os desafios da gestão da maior cidade do país e do Plano Diretor Estratégico de 2014. Na foto, da esquerda para direita: Victoria Braga, presidente do Dafam (2016), João Sette Whitaker Ferreira, então secretário Municipal de Habitação, Valter Caldana, diretor da FAU-Mackenzie (2009-2016), prefeito Fernando Haddad (2013-2016), Flávia Ribeiro, representante da UEE, Mateus Weber, diretor da UNE, e Nabil Bonduki, secretário Municipal de Cultura.

repercussão, o Coletivo fortaleceu-se internamente e ganhou reconhecimento dentro e fora da faculdade, estabelecendo-se no movimento estudantil.

Em agosto do mesmo ano, o coletivo organizou a *I Semana Delas*, reunindo relevantes nomes como os das Arquitetas Elisabete França e Ana Gabriela Godinho Lima, a vereadora Sâmia Bonfim (PSOL), as ativistas do feminismo negro Luana Hanssen, Drika Ferreira e Ryanne Leão, entre outras figuras importantes na militância feminista. A Semana foi marcada por uma série de palestras e rodas de conversa que discutiram temas relacionados à igualdade de gênero e racial, dentre eles o feminismo na atualidade, feminismo negro, padrões de beleza, bem como o panorama atual da mulher nas esferas da Arquitetura, Urbanismo e política.

Para além dos eventos pontuais que o Coletivo promove, seu objetivo maior é transformar o cotidiano da Faculdade em espaço de conscientização acerca da importância da equidade de gênero e, principalmente, o reconhecimento das mulheres como figuras indissociáveis do ofício da Arquitetura e Urbanismo.

Visita do prefeito da cidade (2016)

No início de 2016 em um clima amistoso, o então prefeito de São Paulo Fernando Haddad compareceu à FAU-Mackenzie, convidado pela gestão *Identidade*. A conversa tinha como tema *Os Desafios de Gerenciar uma Metrópole como São Paulo*. A figura do prefeito, para muitos, significou um marco para o desenvolvimento urbano da cidade. Haddad pôde explicar os principais projetos de seu governo, como o Plano de Mobilidade, que contrariava a lógica rodoviarista, a inclusão de circuitos socioculturais na cidade e a reorganização fiscal da Prefeitura, que naquele ponto acumulava uma dívida antiga com o governo federal. Enfim, importantes pautas puderam ser discutidas de perto com o então prefeito da cidade.

Figura fundamental para aprovação do novo Plano Diretor Estratégico (PDE/2014), Haddad pôde explanar sobre os impactos que a Prefeitura esperava para os dez anos seguintes. O PDE, segundo ele, era um projeto democrático de cidade, inclusivo, ambientalmente responsável, produtivo e, sobretudo, de melhoria de qualidade de vida. Pensar em novas lógicas de cidade, concordando ou não, naquele momento, com elas, não era o mais importante, mas o debate era o evento mais interessante.

O momento do debate político atual tem sido animado por polarizações, posições acirradas e excessivo conteúdo emocional no discurso, o que tem fragilizado o ambiente democrático. A escola deve ser o espaço privilegiado para o exercício da cidadania. Para tanto, é preciso construir um processo crítico, participativo e democrático.

No subsolo do Prédio 10 – o Dafam

O Dafam é o órgão de representação dos estudantes da FAU-Mackenzie, mas muitas de suas narrativas – neste breve panorama – nos levam a imaginar não "o que ele é", mas "o que ele pode se tornar", seja para a atuação na política estudantil, seja para a realização de projetos coletivos ou apenas para uma pausa nos sofás do porão – sublime subsolo – ou para uma deliciosa marmita de micro-ondas. Pensamos ser um espaço plural, livre e de múltiplas iniciativas que ajudam a interpretar e fazer acontecer o presente – desafios da contemporaneidade como cidadãos e futuros profissionais. Um tempo incerto no qual tentamos enxergar a nós mesmos e, especialmente, nossa relação com o outro e com o mundo.

Referências

CORSI, D. Sob a sombra do planalto. A Escola de Administração Fazendária em Brasília de Pedro Paulo de Melo Saraiva. Vitruvius, ano 13, n. 153.02, set. 2013. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/13.153/4870>.

EDITORIAL. *Pilotis*, São Paulo, n. 3, p. 1, set. 1949.

GAGNEBIN, J. Verdade e memória do passado. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 17, p. 213-221, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11147/8178>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MELLO, Z. H. de. *A era dos festivais*: uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.

OS MUTANTES. *Panis et circenses*. Produção: Live French TV. França, 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gfs9DC4GNr0>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SERAPIÃO, F. Entrevista Alberto Xavier: "Havia livros sobre arquitetura, mas poucos" "Quem autorizou isso?": Lucio Costa esbravejou ao ver a primeira edição do livro do arquiteto. *Projeto Design*, n. 322, 2002. Disponível em: <https://arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/alberto-xavier-01-12-2006>. Acesso em: 17 maio 2017.

Estudantes reunidos na Atlética da FAU-Mackenzie.

Associação Atlética Acadêmica Arquitetura Mackenzie

Gestão Atlética 2017 – Chapa Rei

Fundada em 2 de março de 1954, a Associação Atlética Acadêmica Arquitetura Mackenzie (A.A.A. Arquitetura Mackenzie) é a segunda mais antiga da Universidade Presbiteriana Mackenzie, figurando entre as mais longevas do Brasil. Com atuais 160 atletas, é a maior atlética representante de alunos de Arquitetura e Urbanismo do país.

Sua sede está em um prédio próximo ao *campus* Higienópolis, na Rua Major Sertório, 691, 5º andar. Anos atrás, entretanto, a Atlética e o Diretório Acadêmico dos Alunos da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam) dividiam espaço dentro do *campus*, local hoje utilizado apenas pelo diretório. Atualmente, ela é composta por 18 membros, alunos da FAU-Mackenzie, que se dividem entre a atividade acadêmica e a atleticana para continuar escrevendo a história dessa entidade.

A Atlética participa de campeonatos universitários municipais, estaduais e nacionais, com diversos títulos individuais e coletivos conquistados ao longo da nossa história. Hoje, temos equipes coletivas mistas de basquete, handebol, voleibol, futsal, além do futebol de campo (apenas masculino) e, nos individuais, natação, tênis, tênis de mesa, xadrez, judô e jiu-jitsu.

O campeonato mais esperado do ano é o Interfau, torneio universitário entre as faculdades de Arquitetura e Urbanismo do estado de São Paulo. São nove dias de jogos, tradicionalmente no feriado de 7 de Setembro. Para cada ano, um novo tema e uma cidade no interior de São Paulo são escolhidos. Desde 1978, quando da primeira edição, é a principal atividade de integração para os alunos, que vivem juntos esses nove dias acampados em clima de amizade, celebração e torcida. Nossa torcida, marcada pelas cores azul e amarela, já comemorou 31 títulos dos 38 Interfaus realizados.

> Por que a Associação Atlética Arquitetura Mackenzie é azul e amarela? Até no Interfau a nossa maior rival tira onda com as nossas cores! Mas mal sabem eles a bela história por trás do manto que vestimos. Grande parte das atléticas das faculdades do Mackenzie adotam o vermelho e o branco, cores da Universidade, instituição que apoiava a ditadura militar. Como nem todos sabem, a arquitetura era um dos poucos cursos que era contrário a tal regime. Reza a lenda que, como forma de expressar nossa opinião, adotamos as cores da UNE (União Nacional dos Estudantes) contrariando o posicionamento da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seria esse o verdadeiro motivo para as nossas "cores bizarras"? Talvez... Provavelmente. De qualquer forma, é uma bela história. (Retirado de artigo escrito pela gestão de 2014 para Jornal Patuá).

Num primeiro momento, adotou-se um castor como mascote da associação, mas, desde a gestão de 1993, usamos o jacaré para nos representar. O primeiro desenho foi assinado pelo então atleticano Ronaldo, e, coincidentemente, o produtor do mascote físico de hoje também se chama Ronaldo. Em homenagem à nossa história e à essa coincidência, o nome do nosso querido mascote é Ronaldo Jackaré.

É com muita honra que há 63 anos a A.A.A. Arquitetura Mackenzie cumpre com sua responsabilidade esportiva e social, visando, por meio do esporte e dos eventos de integração, possibilitar aos alunos seus melhores momentos e mais fortes lembranças da Faculdade. Sempre em nome de nossos atletas, persistiremos trabalhando, treinando e lutando para manter a Atlética representativa, atual e, como sempre, vitoriosa.

Na próxima página:

Mosaico de fotos dos eventos realizados em 2017/1 por ocasião da celebração dos 100 anos do Curso de Arquitetura e 70 anos da FAU-Mackenzie. Da esquerda para direita: 15/03/2017 Bate-papo com Paulo Mendes da Rocha; 24/03/2017 – Mesa-Redonda dos egressos da década de 50; 05/04/2017 – Mesa-Redonda egressos da Década 1960; 24/04/2017 – Mesa-Redonda egressos da Década 1970; 17/05/2017 – Mesa-Redonda egressos da Década 1980. Parte 1; 24/05/2017 – Mesa-Redonda egressos da década de 1980. Parte 2; 31/05/2017 – Mesa-Redonda egressos da Década 1990; 05/06/2017– Mesa-Redonda egressos da Década 2000; 29/05/2017 – Mesa-Redonda Pós-Graduação; 12/04/2017 – Palestra Arquiteto Alberto Botti; 10/05/2017 – Palestra Arquiteto Carlos Lemos; 24/05/2017 – Palestra Arquiteto. Nadir Curi Mezerani; 25/05/2017 – Palestra Arquiteto e Designer Percival Lafer; 05/05/2017 – Mesa-Redonda: Diretores recentes e o ensino na FAU-Mackenzie.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie: desafios e perspectivas para o século XXI

Angélica Tanus Benatti Alvim

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (FAU-Mackenzie) prima por sua tradição enquanto escola de projeto e de preparação profissional em todos os seus cursos e atividades. Nessa Escola, relevantes profissionais foram formados (e continuam sendo) – Arquitetos, Urbanistas e Designers, Mestres, Doutores e Especialistas –, com o propósito de contribuir para uma sociedade melhor.

A capacitação acadêmica, da Graduação à Pós-Graduação *Stricto Sensu*, na atualidade, é voltada à formação de profissionais e de pesquisadores altamente qualificados, aptos a atuar no mercado, na administração pública, na docência ou em empresas e indústrias de produtos e serviços ligadas a essas áreas de conhecimento.

Atualmente, a FAU-Mackenzie é um gigante: possui dois Cursos de Graduação, o de Arquitetura e Urbanismo (com três turnos) e o de Design; Pós-Graduação *Stricto Sensu*, com Mestrado e Doutorado; e quatro cursos *Lato Sensu* (especialização); congrega aproximadamente 2.800 alunos,[1] 206 professores e 22 funcionários. Numerosas são as conquistas relacionadas aos cursos e à produção docente e discente.

Estamos caminhando para o final da segunda década do século XXI. As transformações das cidades e da sociedade são muitas e indicam um cenário complexo de possibilidades e desafios para os profissionais diplomados pela FAU-Mackenzie.

A breve reflexão que busca encerrar este livro não parte de uma visão institucional, tal qual foram os capítulos precedentes. Este capítulo é um breve ensaio acerca de alguns desafios da formação de Arquitetos e Urbanistas e Designers[2] no Brasil do século XXI. Trata-se de uma singela e ainda "limitada" contribuição para incentivar as mudanças e as transformações em curso das práticas didático-pedagógicas desta Escola, que tem um papel central na formação de profissionais de alta qualidade no cenário brasileiro.

As áreas de Arquitetura e Urbanismo e Design no contexto da sociedade contemporânea

Desde o início do século XX, as áreas de Arquitetura e Urbanismo e Design[3] vem desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento urbano mundial. Elas são parte ativa dos processos de industrialização, urbanização, produção, reorganização e modernização do território em suas várias escalas.

1. Total de alunos matriculados em junho de 2017 – Graduação: 2688 matriculados e 2529 alunos cursando (84% de Arquitetura e Urbanismo, 16% de Design); Pós-Graduação *Stricto Sensu*: 108 alunos (Doutorado: 42; Mestrado 54; Pós-Doutorado: 4); Pós-Graduação *Lato Sensu*: 130 alunos (Concepção e Gestão de Projetos de Arquiteturas Metropolitanas: 26; Gerenciamento de Empreendimentos na Construção Civil: 68; Sustentabilidade das Edificações: 35). Fonte: Dados informados pela Coordenadoria de Controles e Processos Acadêmicos da Universidade.

2. O capítulo limita-se a uma reflexão exploratória, sem considerar as especificidades distintas dos campos de conhecimento oriundos da Arquitetura e Urbanismo e Design e suas regulamentações.

3. Muitos cursos de Design originaram-se da Arquitetura e Urbanismo, Comunicação Social ou Artes Plásticas. O Capítulo "A trajetória do Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie: 45 anos de ensino" detalha as origens e as especificidades desse Curso.

Alunos no saguão da Escola durante as atividades da I Semana de Integração 2017/1, quando foram realizados debates e elaboradas propostas para a cidade, integrando discentes e docentes da Graduação à Pós-Graduação.

No Brasil, a Arquitetura e o Urbanismo sempre foram estratégicos para o enfrentamento dos problemas nacionais ligados à crescente urbanização, à provisão habitacional, à infraestrutura urbana, entre outras questões. O Design foi incorporado à indústria nacional, pós-Segunda Guerra Mundial, como elemento de autonomia tecnológica e cultural, sinalizando, naquele momento, formas inovadoras de produzir conhecimento (BRASIL, 2013).[4]

Na atualidade, a produção de conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e Design se defronta com um rol de complexas questões que se interpõem como desafio aos estudiosos, pesquisadores e profissionais. A crescente e desigual urbanização, as alterações dos padrões urbanos e sociais e dos modos de vida, as rápidas transformações e as inovações tecnológicas e informacionais configuram situações distintas e mais complexas do que aquelas encontradas em meados do século XX, ocasião da fundação da FAU-Mackenzie.

O século XX foi marcado pela urbanização da sociedade, e, ao longo desses 100 anos, numerosas foram as transformações que ocorreram na produção, na distribuição, na troca, no consumo e nas relações sociais. Entre os anos 1950 e 1960, a urbanização brasileira era emergente; o país deixava de ser rural para se transformar em urbano. Os desafios que se colocavam aos profissionais naquele momento se relacionavam principalmente à contribuição para a modernização do país, que experimentava, pela primeira vez, um explosivo crescimento populacional das cidades. Esse fato fez emergir a necessidade de grandes investimentos públicos e privados aliados à industrialização do país, como: a construção de grandes empreendimentos, a provisão habitacional, novas e grandes infraestruturas de mobilidade, de saneamento, equipamentos públicos ou mesmo novas cidades (como Brasília), entre outros.

Se em 1950 a população urbana do país representava 36%, em 2010 o Brasil já era um país altamente urbanizado, com 85% de seus habitantes vivendo em cidades,[5] em um mundo também predominantemente urbano. Ao longo desse período, a dinâmica socioespacial passou a ser caracterizada pelo "modo de vida urbano".

Nos dias atuais, novas questões emergem no campo profissional nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Design, as quais se entrelaçam com a imensa complexidade da realidade das cidades brasileiras e, particularmente, com seus problemas.

A urbanização no século XXI decorre do desenvolvimento industrial e tecnológico exponencial que têm os centros urbanos como ponto estratégico. Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) indicam que em 2030 mais de dois terços da população mundial residirá nas cidades (UN-HABITAT, 2016). Tal fato poderia ser motivo para comemoração, já que as cidades são os centros do desenvolvimento econômico, das oportunidades, da cultura, entre outros tantos atributos que representam a vida urbana. No entanto, as mesmas estimativas apontam para um mundo urbano desigual e excludente.

4. Embora o campo do Design seja proveniente da Bauhaus, os primeiros cursos de desenho industrial no Brasil surgiram após a Segunda Guerra Mundial no âmbito do processo de industrialização do país.

5. Dados extraídos dos Censos Demográficos do IBGE (BRASIL, 2010).

Conjunto habitacional Sehab Heliópolis – Gleba G, São Paulo, 2014. Projeto dos Arquitetos Mario Biselli (Mackenzie, 1985) e Artur Katchborian (Mackenzie, 1985).

No contexto brasileiro, apesar de as cidades, nas últimas décadas, experimentarem uma redução significativa do crescimento demográfico,[6] a expansão da mancha urbana de forma extensa e fragmentada com baixa densidade populacional é uma realidade e uma questão crucial para os Arquitetos e Urbanistas, conforme apontam Magalhães e Izaga (2017). Em pesquisa recente sobre o tema, os autores demonstram que a cidade brasileira incorporará ao seu estoque habitacional o equivalente à metade daquele hoje existente. "Mais meio Brasil urbano nesta geração", destacam os autores.

Enfrentar como e onde esse estoque habitacional será construído, equacionar o passivo socioambiental, atual e futuro, o atendimento à infraestrutura de saneamento ambiental, de serviços públicos, o problema emergente da mobilidade urbana, da segurança pública, dos equipamentos de saúde e de educação, a melhoria do espaço público, do mobiliário urbano, dos resíduos sólidos e principalmente da intensificação das áreas degradadas e dos bolsões de pobreza (MAGALHÃES; IZAGA, 2017) são temas emergentes com que esses profissionais, especialmente os Arquitetos e os Urbanistas, se defrontam na atualidade e com certeza continuarão a se defrontar no futuro. Aliam-se a esses problemas questões ligadas ao uso das novas tecnologias e novos materiais, ao envelhecimento da população, às mudanças climáticas, à assistência técnica às populações desassistidas e a tantas outras situações que em um passado recente não faziam parte do imaginário social e do campo de atuação dos profissionais dessas áreas de conhecimento e áreas afins.

Em síntese, o modelo da urbanização das cidades brasileiras da atualidade, aliado ao aumento da precarização das formas de moradia, à curva ascendente do consumo, em um mundo cada vez mais globalizado e desigual, acarretam fortes impactos no modo de vida contemporâneo e representam desafios para as área de Arquitetura e Urbanismo e Design. A aceleração e a complexidade das transformações sociais, advindas especialmente dos processos produtivos e culturais ligados à sociedade da informação, impõem novos desafios a esses profissionais.

Como a FAU-Mackenzie e seus cursos prepararão seus alunos, futuros profissionais, para os desafios ao século XXI? Visualiza-se a necessidade de formar profissionais aptos a responder às demandas sociais, articulando, cada vez mais, teoria e prática, saberes inter e transdisciplinares. Exige-se a construção de novas e criativas soluções comprometidas com o papel social desses campos de conhecimento.

Arquitetos e Urbanistas[7] e Designers[8] devem receber, ao mesmo tempo, formação técnica e humanista, para que sejam capazes de entender a complexidade do mundo contemporâneo e de atuar em equipes inter e transdisciplinares. Tendo como cenário de atuação a cidade e a sociedade contemporâneas, esses profissionais devem ser capazes de atuar frente aos complexos problemas (de caráter ambiental, econômico, social ou tecnológico) que se apresentam. Necessitam, portanto, equacionar e apresentar soluções competentes nos campos de habitação, sustentabilidade, mobilidade urbana e de produção do ambiente construído e

6. Entre os anos de 1950 e 1980, o crescimento populacional urbano decorre da combinação entre o crescimento migratório e o vegetativo. No período, particularmente os grandes centros urbanos, com destaque para aqueles situados na região sudeste do país, experimentaram altas taxas de crescimento populacional. No início dos anos 1990, o Censo Demográfico já apontou uma redução significativa da velocidade de crescimento das cidades brasileiras, determinada pela redução significativa dos saldos migratório e vegetativo. Desde então, o crescimento populacional das cidades está mais equilibrado. No entanto, a expansão das cidades continua e pode ser explicada por inúmeros fatores, entre os quais destacamos: movimento populacional em direção às periferias, decorrente do alto valor da terra em áreas dotadas de maior infraestrutura, redução do tamanho médio da família (se em 1960 a média era de 6 pessoas/família, em 2000 a média passou a ser de um pouco mais de 3 pessoas/família), composição familiar distinta, entre outros.

7. No Brasil, o profissional formado em Arquitetura e Urbanismo deve estar apto a atuar nas diversas escalas de intervenção do espaço: do edifício (interior e exterior) à cidade, compreendendo hoje a complexidade do ambiente construído e não construído. Devido à sua ampla formação, na maioria das vezes, esse profissional opta por uma subárea ou mesmo por segmentos dessas duas subáreas, especialmente as definidas pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) como atribuições do profissional, por exemplo: a concepção e a execução de projetos de Arquitetura e Urbanismo, Arquitetura Paisagística, Arquitetura de Interiores, Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico, e Planejamento Urbano e Regional, entre outras (BRASIL, 2010). Mas, sem dúvida, o espaço construído em suas diversas escalas é objeto e responsabilidade desse profissional.

8. O campo de formação do Designer é bastante amplo, podendo o profissional atuar no setor produtivo ou de serviços, na esfera pública ou privada, nas associações sem fins lucrativos, em atividades de pesquisa acadêmica e como agente empreendedor, entre outros (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2014).

do projeto do objeto e do produto, em múltiplos contextos de incerteza e transformação da realidade. Temas como direito à cidade e seus desdobramentos – ao ambiente, à mobilidade, ao espaço público, à inclusão digital, à informação, ao habitar pleno com uma vida digna – devem integrar-se a outros temas essenciais que compõem a formação dos profissionais que atuam com a criação e a transformação do espaço, em suas diversas escalas. Isso implica utilizar novas tecnologias, materiais e processos construtivos de forma eficiente, criativa e inovadora, tendo como objetivo a ampliação desses campos de atuação para todos os segmentos sociais. Ainda, isso implica capacitar o profissional para a flexibilidade de ações e para a autonomia na aquisição de conhecimentos, valorizando o protagonismo nos diversos campos de conhecimento que integram as áreas de Arquitetura e Urbanismo e Design.

O projeto, principal ferramenta desses campos de conhecimento, deve ser entendido como atividade e processo, dotado de natureza complexa, fruto de diálogos de referências, escalas e disciplinas, no âmbito de uma abrangência sistêmica. O projeto, em suas diversas escalas, enquanto instrumento de concepção e "desígnio", ao buscar soluções para a complexidade da realidade do espaço em suas múltiplas dimensões deve ser compreendido como parte de um processo, como um objeto de mediação de "conflitos e desejos" entre os diversos atores que constroem e habitam as cidades na contemporaneidade (ALVIM; ABASCAL, 2012; ALVIM; CASTRO, 2008).

Nesse contexto, é fundamental a atualização constante das formas de projetar e de intervir na realidade das cidades, na paisagem, no patrimônio construído, nos edifícios, nos artefatos, nos sistemas de informação e serviços etc., de modo a reforçar o papel estratégico dessas áreas de conhecimento em um mundo que se transforma intensamente.

A formação precisa ser ampla e flexível, com boa capacitação na área de projeto aliado à instrumentação técnica atualizada. Assim, o resultado será não apenas um profissional que alie a própria capacitação técnica ao raciocínio científico e crítico necessário para resolução de problemas já conhecidos, mas que tenha a capacidade e a iniciativa para o reconhecimento de novos problemas e o desenvolvimento das respectivas soluções. Trabalho em equipe com proatividade e iniciativa, e a capacidade de harmonizar e articular diferentes pontos de vista ou processos devem integrar os processos de ensino-aprendizagem.

Na graduação, o processo didático-pedagógico em formato de ateliê deve relacionar o conhecimento a proposições e a conceitos relevantes na estrutura cognitiva com materiais pedagógicos, como mediadores da aprendizagem e posturas interacionistas entre professores e alunos. Como parte da dinâmica, a pesquisa e a extensão aliadas a outras atividades que desenvolvem o protagonismo estudantil e a interação entre alunos e professores com problemas concretos da realidade são essenciais para a complementação da formação.

Na página anterior:

Edifício Camburiú, São Paulo, 2015. Projeto do Arquiteto Juan Pablo Rosenberg (Mackenzie, 1999) e da Arquiteta Marina Acayaba.

Casas AV, Avaré, 2011. Projeto dos Arquitetos Daniel Corsi (Mackenzie, 2003) e Dani Hirano (Mackenzie, 2003).

A educação continuada e o aperfeiçoamento constante em âmbito de pós-graduação são requisitos atuais para o exercício da profissão nas mais diferentes áreas de atuação – daí a importância dos cursos de especialização e de aperfeiçoamento para mestrado e doutorado, cada vez mais procurados não apenas por aqueles que pretendem desenvolver atividade acadêmica, mas por aqueles que buscam uma oportunidade para seu aperfeiçoamento como profissionais atuantes.

A contemporaneidade das cidades brasileiras é parte de um país a ser transformado, compreendido e qualificado. Nesse contexto, são emergentes a promoção de um debate nacional sobre os possíveis campos de atuação e a preparação desses profissionais para os desafios da cidade do século XXI. E, com certeza, a FAU-Mackenzie tem um papel a cumprir e a contribuir com esse debate.

A FAU-Mackenzie: desafios atuais e futuros

No contexto dos desafios e das complexidades impostos pela sociedade contemporânea, a FAU-Mackenzie vem realizando permanente atualização e constante revisão de temas e das abordagens que envolvem suas áreas de conhecimento, tanto os seus componentes curriculares da graduação à pós-graduação quanto as suas atividades de Pesquisa, Extensão, entre outras. Essa atualização ocorre sem perder de vista as suas especificidades, particularmente aquelas que envolvem a reflexão para e sobre o projeto, em suas múltiplas escalas de atuação.

A interação entre teoria e prática para atuar em um contexto amplo, que abranja desde o objeto à cidade, considerando as dimensões social, cultural, técnica, econômica e estética, é um importante desafio na atualidade. Alia-se a isso a necessidade de formação de profissionais aptos a atuarem em novas fronteiras do conhecimento ainda desconhecidas e inexploradas.

Os conhecimentos oriundos de diversas disciplinas humanísticas, científicas e tecnológicas, aliadas a outras de cunho prático e atividades de Pesquisa e de Extensão, são essenciais para projetar de forma criativa e inovadora o amplo conjunto de artefatos, sistemas e espaços que envolvem as áreas de conhecimento da Escola, em um contexto de crescente complexidade do mundo contemporâneo. Do objeto arquitetônico isolado entendido como protagonista da *práxis* e da crítica, passa-se ao entendimento do projeto como processo em construção de uma linguagem apta a abrigar e a responder a solicitações e a problemáticas múltiplas.

No centro desse debate, encontra-se a percepção do papel do projeto – em suas diversas escalas –, entendido como processo e método aliado à necessidade de ampliação e incremento de um conjunto de componentes curriculares e atividades com abordagens inter e transdisciplinares, cujas raízes têm Edgar Morin (2005) como um de seus pensadores mais

Edifício Rouxinol, São Paulo, 2014.
Projeto do Arquiteto Yuri Vital
(Mackenzie, 2004).

importantes. Ao refletir sobre a educação e as relações inter e transdisciplinares na sociedade contemporânea, Morin define um sistema de vida para o homem contemporâneo de abrangência planetária e pensa na expressão da cultura humana nesse tempo. Com relação à "condição humana" atual, diante da situação de dependência global, Morin nos lembra de que um sistema integrado de conhecimento é a saída para uma identidade humana face à fragmentação e à complexidade de conteúdos que constituem os saberes.

A transdisciplinaridade, como bem observa Freitas, Morin e Nicolescu (1994), não procura o domínio sobre outras disciplinas, mas a abertura de todas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. Por meio da transdisciplinaridade é possível complementar a aproximação disciplinar: ela faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que faz com que elas se articulem; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade.

Essa transformação de perspectiva incide diretamente na formação das áreas de Arquitetura e Urbanismo e Design, em formas pedagógicas que propiciem a articulação entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Tal tríade é indissociável do binômio ensino-aprendizagem, que busca implementar a cultura de produção de um novo conhecimento como parte do círculo virtuoso do ensinar e do aprender (ALVIM; ABASCAL, 2012). No âmbito central dos cursos da FAU-Mackenzie, não é apenas um movimento de domínio de disciplinas variadas e integradas, mas temas e abordagens diversas que estabelecem articulações entre si, escalas distintas, alimentando a compreensão do projeto entendido como processo, instrumento estratégico no âmbito da formação dos profissionais dessas áreas de conhecimento.

De acordo com os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design[9] da FAU-Mackenzie, a organização proposta se dá a partir dos núcleos de conhecimentos de fundamentação e de conhecimentos profissionais definidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais, "com particular atenção às relações de afinidade e complementaridade existentes entre os seus conteúdos gerais e específicos no âmbito de cada etapa (horizontalidades), de seu desenvolvimento seriado (verticalidades) e de seu conjunto (transversalidades)" (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2014, p. 75). A qualidade dos cursos é corroborada por uma adequada carga horária e uma relação professor/aluno estabelecida para os componentes curriculares, sobretudo nos componentes curriculares de caráter prático desenvolvidos em formatos de ateliês. As atividades de Pesquisa e de Extensão permeiam os cursos e dão suporte para os componentes de formação e de fundamentação. Os textos que precedem este capítulo, principalmente nas Partes 2 e 3 desta publicação, relatam detalhadamente as transformações e a atualidade da Escola.

Longe de se igualar a escolas que oferecem o mínimo de carga horária exigida pelo Ministério da Educação (MEC) ou mesmo laboratórios e bibliotecas insuficientes, a FAU-Mackenzie oferece infraestruturas, salas de aula, laboratórios, bibliotecas, salas de apoio e espaços administrativos que são exemplares, ainda que pesem críticas e necessidades de adequação constante.

9. O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Arquitetura e Urbanismo foi revisado em 2013, conforme as determinações das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (BRASIL, 2010). O PPC do Curso de Design foi elaborado entre 2013 e 2014. Ambos atendem à legislação educacional vigente e às disposições Regimentais e Estatutárias da UPM, indo ao encontro das diretrizes gerais do "Plano Visão 150" e do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Parklet Maria Antônia, São Paulo, 2014.
Projeto do Arquiteto Homã Alvico
(Mackenzie, 2013).

A atualização e a revisão constante dos PPCs e as adaptações curriculares como parte de um processo devem contribuir para a formação de um profissional flexível e apto a lidar com temas emergentes, atuais e futuros da sociedade contemporânea. Para tanto, abordagens inter e transdisciplinares devem permear as atividades da FAU-Mackenzie. Atividades como a "Semana Viver Metrópole", a "Semana de Integração" ou mesmo o Mackenzie Day são exemplos dessas práticas. Vale mencionar que a "Semana de Integração" proposta no primeiro semestre de 2017 se traduziu em experiência rica e profícua. Com o tema "Transforma(ação)", a "I Semana de Integração", lançou a semente para as diversas e múltiplas possibilidades de comunicação entre cursos e níveis de formação, culminando em riqueza de reflexões apresentados, que indicam as possibilidades de temas transdisciplinares.

A abordagem predominante e contemporânea da FAU-Mackenzie deve envolver a discussão do Projeto, perpassando todos os temas e, de certa forma, integrando-se ao relevante papel social desempenhado por um profissional que produz e transforma o ambiente, o espaço construído e os objetos. Nesse contexto, uma abordagem integrada dos campos do saber afins deve superar a visão de disciplinas estanques e estereotipadas.

Longe de dar conta de todos os aspectos e da complexidade dos temas que aqui são lançados, alguns desafios são essenciais para dar sequência ao processo permanente de aprimoramento dos Cursos e das atividades da FAU-Mackenzie – da Graduação à Pós-Graduação:

- adequação dos componentes curriculares, quando possível, às temáticas contemporâneas e aos avanços tecnológicos;
- incentivo à inter e à transdisciplinariedade, necessárias para a renovação das práticas e dos processos de ensino-aprendizagem, integrando componentes curriculares, práticas e teóricas, atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão;
- promoção da pesquisa aplicada como alternativa de proposição direta nos segmentos público e privado;
- utilização de novos instrumentos no processo de ensino-aprendizagem em que a experimentação seja protagonista;
- ampliação das relações com a sociedade, de forma a ampliar o alcance das áreas de conhecimento em direção às camadas excluídas da sociedade, contribuindo também para a promoção de cidadania e formação de novos talentos;
- proposição de novos meios para melhorar a inserção social, promovendo diálogo mais amplo entre teoria e prática, como instrumento de aproximação entre os distintos campos de conhecimento e a sociedade;
- maior aproximação ao mercado e às demandas crescentes da sociedade;

Casa da "Dona Dalva", Vila Matilde em São Paulo, 2015. Projeto dos Arquitetos Danilo Terra (Mackenzie, 2003), Pedro Tuma (Mackenzie, 2004).

- valorização da formação continuada dos profissionais Arquiteto e Urbanista e Designer;
- consolidação da internacionalização, permeando as diversas áreas de conhecimento e níveis de formação;
- fortalecimento das instâncias de representação da Escola – órgãos colegiados, grupos de trabalho, representantes docentes e discentes, Congregação –, de forma a envolver diversos atores nas formulação e nas implementações de ideias e concretização das ações;
- reforço dos valores éticos e cidadãos no desenvolvimento das habilidades, competências e atitudes dos estudantes, para que sejam profissionais criativos e com espírito de liderança que contribuam para suas áreas de atuação.

Por fim, ao longo do século XXI, a FAU-Mackenzie continuará a expandir-se e a demonstrar que, como Escola tradicional e pioneira, a atualidade e inovação são contínuas. Seu principal compromisso é a formação e a capacitação de profissionais atualizados e aptos para contribuir para um país melhor, para uma sociedade mais justa e equitativa. A Escola que queremos deve ser parte de uma construção coletiva.

Referências

ALVIM, A. T. B.; ABASCAL, E. H. S. Fórum de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo: percurso e desafios futuros. In: COLÓQUIO DE PESQUISA PROARQ – Fronteiras e transversalidades da pesquisa em arquitetura: os 25 anos do PROARQ-FAU/UFRJ (2012), 3., 2012, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: Proarq: UFRJ, 2012. p. 1-10.

ALVIM, A. T. B.; CASTRO, L. G. R. Territórios de Urbanismo – Pesquisa, Plano, Projeto. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie*, v. 8, n. 2, p. 134-150, 2008. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/dhtm/seer/index.php/cpgau/article/view/Alvim.2009.2/310>. Acesso em: 10 ago. 2012.

BRASIL. *Documento de Área 2013*: Arquitetura, Urbanismo e Design. Brasília, DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (Capes), 2013.

BRASIL. Lei nº 12.378, de 31 de dezembro de 2010. Regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo; cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil – CAU/BR e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal – CAUs; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 31 dez. 2010. Seção 1, p. 1.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censos Demográficos 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Casa da Adileuza, São Paulo, 2017.
Projeto das Arquitetas Fabricia Zulin (Mackenzie, 2007) e Renata Coradin (Mackenzie, 2007).

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Síntese de indicadores sociais*: uma análise das condições de vida da população brasileira. Brasília, DF: IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.

BRASIL. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES nº 6/2006. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 18 jun. 2010. Seção 1, p. 37-38.

MAGALHÃES, S. F.; IZAGA, F. G. de. *Cidade brasileira do século XXI*: demografia, moradia e ocupação do território: uma avaliação urbanística. Local: São Paulo: Arquitextos: Romano Guerra, 2017. (No prelo).

MONTANER, J. M. *Sistemas arquitetônicos contemporâneos*. Barcelona: GG, 2008.

MORIN, E. *Educação na era planetária*. Conferência na Universidade São Marcos. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.edgarmorin.org.br/textos.php?tx=30>. Acesso em: 20 ago. 2012.

MORIN, E.; NICOLESCU, B.; FREITAS, L. de. *Carta da transdisciplinaridade*. Portugal: Convento da Arrábida, 1994. Disponível em <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36997298/carta.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1498009255&Signature=Ej%2Bd3ibvTixZ9lVNDpOuCDWMfh4%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DCarta_da_Transdisciplinaridade_Comite_de.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2012.

UN-HABITAT. *Urbanization and development*: emerging futures. World Cities Report 2016. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat), 2016. Disponível em: <http://cdn.plataformaurbana.cl/wp-content/uploads/2016/06/wcr-full-report-2016.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/SITES/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/graduacao/Arquitetura_Urban_SP/2016/matriz/Projeto_Pedagogico_do_Curso_de_Arquitetura_e_Urbanismo.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Projeto Pedagógico do Curso de Design*. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/user_upload/PPC_DESIGN_2014_TEXTO_CEPE_SETEMBRO_2014_PUBLICADO_PORTAL_DESIGN.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Integrando gerações: Maio de 2017 – Alunos e alunas da FAU-Mackenzie representando algumas gestões recentes das entidades estudantis ao lado de Professores que participaram, enquanto estudantes, de gestões do Dafam e da Atlética, e a equipe da atual gestão da Escola.

Bibliografia geral

A seguir, relacionamos um conjunto de dissertações, teses e livros que abordam a formação na FAU-Mackenzie e o percurso de importantes egressos.

Dissertações

ABRUNHOSA, E. C. *Modernos conservadores ou clássicos progressistas*: a construção do ideário moderno na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (1947-1986). 2016. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. 160 f.

BARBARA, F. *Duas tipologias habitacionais*: o conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e análise de dois projetos realizados em São Paulo na década de 1950. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. 332 f.

BOSCARDIN, L. *Arquiteto Jorge Bomfim*: a produção de edifícios residenciais no ABC paulista: análises projetuais das características técnico-formais. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. 258 f.

CAMARGO, M. J. de. *Oswaldo Bratke*: uma trajetória de arquitetura moderna. 1995. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1995.

CARRANZA, E. G. R. *Eduardo Longo na Arquitetura Moderna Paulista*: 1961-2000. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

CHIARELLI, S. R. *Telésforo Cristófani*: construção e composição. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. 246 f.

CIAMPAGLIA, F. *Galiano Ciampaglia*: razões de uma arquitetura. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DIAS, B. S. *Mobiliário e arquitetura moderna brasileira*: a contribuição da loja de móveis Branco & Preto (1952 a 1970). 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

DINIZ, A. C. *Casas projetadas pelo arquiteto Francisco Petracco*: estudos sobre a concepção estética e estrutural – 1970-1980. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

FERRONI, E. R. *Aproximações sobre a obra de Salvador Candia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREITAS, F. S. A. *Telésforo Cristófani* (1929-2002): contribuições à Arquitetura paulista. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

HAJLI, S. M. *Vasco de Mello*: percurso, panorama e análise de sua obra. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. 318 f.

MATERA, S. *Carlos Millan*: um estudo sobre a produção em arquitetura. 2005. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MENDONÇA, F. de M. *Pedro Paulo de Melo Saraiva* – 50 anos de arquitetura. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

PEREIRA, S. S. B. *Ortenblad Filho*: estudo sobre as residências. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

REGINO, A. N. *Eduardo Kneese de Mello | Arquiteto*: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. 294 f.

SANTOS, M. S. *A arquitetura do escritório Forte Gandolfi*: 1962-1973. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

VASCONCELLOS, G. A. S. de. *A arquitetura de Pedro Paulo de Melo Saraiva, 1964-1975 e o Edifício 5ª. Avenida*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2012.

Teses

CAMARGO, M. J. de. *Princípios de Arquitetura Moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CATTANI, R. *Conjunto de viviendas Zezinho de Magalhães Prado* – CECAP Cumbica. 2006. Tese (Doctorado em Proyectos Arquitectónicos)–ETSAB, Barcelona, 2006.

FAGGIN, C. A. M. *Carlos Millan: Itinerário profissional de um arquiteto paulista*. 1992. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, 1992.

IRIGOYEN TOUCEDA, A. M. *Da Califórnia a São Paulo*: referências norte-americanas na casa moderna paulista 1945-1960. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)–Universidade de São Paulo, 2005.

Livros

ACAYABA, M. M. *Branco e Preto*: uma história de design brasileiro nos anos 50. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.

______. *Residências em São Paulo* (1947-75). Apresentação Cecilia Rodrigues dos Santos e Marlene Milan Acayaba. São Paulo: Romano Guerra, 2011.

ARROYO, J. (Org.). *Paulo Mendes da Rocha*: entre ideas y dibujos. Santa Fé: Ediciones UNL, 2015.

ARTIGAS, R. C. *Carlos Bratke*. São Paulo: J. J. Carol Editora, 2009. (Coleção Portfólio Brasil Arquitetura).

ARTIGAS, R. (Org.). *Paulo Mendes da Rocha*. Projetos 1999-2006. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

______. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

BOTTI, A. R.; RUBIN, M. *Botti Rubin Arquitetos*. São Paulo: J. J. Carol, 2009.

CAMARGO, M. J. de. *Fábio Penteado* – ensaios de arquitetura. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

ESPALLARGAS GIMENEZ, L. *Pedro Paulo de Melo Saraiva Arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2016.

FICHER, S. *Os engenheiros da Poli* – ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2005.

FORTE, M. *Diário de um jovem arquiteto*: minha viagem aos Estados Unidos em 1947. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

GARCÍA DEL MONTE, J. M. *Paulo Mendes da Rocha*: conciencia arquitectónica del pretensado. Buenos Aires: Nobuko, 2012.

GOMES, E. R. *Escola e profissão*: Uma linhagem profissional. Curitiba: Elgson Ribeiro Gomes, 2008.

______. *O telhado lá de casa*: Vida e obra de arquiteto. Curitiba: Elgson Ribeiro Gomes, 2015.

KNEESE DE MELLO, E. *Construcções Residenciais*. São Paulo: União Paulista de Imprensa, 1938.

LIMA, A. G. G. *Dante Della Manna*. São Paulo: Editora C4, 2013.

MONTANER, J. M.; VILLAC, M. I. *Mendes da Rocha*. Lisboa: Blau, 1996.

PISANI, D. *Paulo Mendes da Rocha*. Obra completa. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

PIÑON, H. *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Romano Guerra, 2002.

______. *Paulo Mendes da Roch*a. Barcelona: UPC, 2003.

PUGLIESE, M. H. *Carlos Bratke* – arquitetura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. (Série Assinaturas).

REGINO, A. N.; et al. *Arquitetura atribuição do arquiteto*: homenagem ao centenário do arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994). São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

ROCHA, P. M. da. *Maquetes de papel*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SEGAWA, H. *Jayme C. Fonseca Rodrigues* – Arquiteto. São Paulo: Bei Editora, 2016.

______.; DOURADO, G. M. *Oswaldo Arthur Bratke* – Arquiteto. São Paulo: PW Editores, 2012.

SOLOT, D. C. ROCHA, P. M. da. *Estrutura*: o êxito da forma. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

SPIRO, A. *Paulo Mendes da Rocha*. Bauten und Projekte. Zurique: Niggli, 2002.

THE MASTER ARCHITECTS SERIES V. *Botti & Rubin*. Arquitetos. Selected and Currents Works. Mulgrave: Images Publishing, 2002.

VAZ MILHEIRO, A.; TAVARES, G. M.; SIMÕES, J. C. *Paulo Mendes da Rocha* / Museu Nacional dos Coches. Lisboa: Monade, 2015.

VILLAC, M. I. (Org.). *Paulo Mendes da Rocha*. América, cidade e natureza. São Paulo: Estação Liberdade, 2012. (Coleção Estúdio Aberto, v. 1).

WISNIK, G. *Encontros* | Paulo Mendes da Rocha. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

ZEIN, R. V.; MARCO, A. Di. *Sala São Paulo de concertos*. Revitalização da estação Júlio Prestes: o projeto arquitetônico. São Paulo: Alter Market, 2001.

ZUCCOLO, R. R. *Contribuição ao estudo das estruturas protendidas em regime plástico*. São Paulo: S.N., 1959.

Capítulos de livro

CAMARGO, M. J. Ecletismo e Modernismo na arquitetura de Oswaldo Arthur Bratke. In: FERNANDES, J. M.; PINHEIRO, M. L. B. (Org.). *Portugal / Brasil /África do ecletismo ao modernismo.* Lisboa: Caleidoscópio: Edição e Artes Gráficas, SA, 2013. p. 91-108.

Sobre os autores

ANGÉLICA TANUS BENATTI ALVIM. Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1986). Mestre e Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP, 1996, 2003). Docente no Curso de Graduação e no Programa de Pós--Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Diretora da FAU-Mackenzie (2016-atual). Coordenadora Geral de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UPM; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2012-2013); Presidente da Anparq (2015-2016). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 2).

ANDREA DE SOUZA ALMEIDA. Designer pela Sociedade Universitária de Santos (1986). Especializada em Arte e Design pela Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes em Santos (1986). Mestre em Comunicação e Artes pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1998). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP, 2005). Docente e pesquisadora no Curso de Graduação em Design na FAU-Mackenzie.

CARLOS GUILHERME MOTA. Historiador pela Universidade de São Paulo (USP, 1963). Mestre e Doutor em História Moderna e Contemporânea pela USP (1967, 1970). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH–USP). Ex-diretor (fundador) do Instituto de Estudos Avançados da USP. Cofundador e professor visitante no Centro de Estudos Brasileños da Universidad de Salamanca, professor visitante das Universidades de Londres, Texas e da Escola de Altos Estudos (Paris).

CRISTINA DE CASTRO KESSELRING. Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015-2017). Primeira Secretária do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie – Dafam, Gestão Através (2017). Colaboradora da XIII Semana Viver Metrópole.

DANIEL CANDIA ALCANTARA DE OLIVEIRA. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2002). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição (2005). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie.

Na página anterior:

Estudantes diante do Edifício Christiano Stockler das Neves (FAU--Mackenzie), 2017.

EDUARDO CASTEDO ABRUNHOSA. Historiador pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1988-1991). Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2013-2014). Mestre em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie (2016). Especialista em Gestão de Projetos e Gestão Pública, com experiência em administração pública, gestão educacional do ensino superior e gestão de projetos de desenvolvimento e implantação de Políticas Públicas. Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Coordenador de Planejamento e Logística Acadêmica da UPM (2013-atual).

ELEANA PATTA FLAIN. Engenheira civil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 1988). Mestre em Engenharia de Construção Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (PUSP, 1995). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Docente nos Cursos de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e de Especialização da Escola de Engenharia e da FAU-Mackenzie.

EUNICE HELENA SGUIZZARDI ABASCAL. Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1982). Mestre em Comunicação e Letras pela UPM (1994). Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP, 2004). Docente no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (2013-atual). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 2).

FELIPE DE S. S. RODRIGUES. Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2014). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Formação complementar na New Jersey Institute of Technology e no Pratt Institute.

JOSÉ GERALDO SIMÕES JR. Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP, 1983). Mestre em Administração Pública e Planejamento Urbano pela Fundação Getulio Vargas (FGV, 1990). Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU-USP (2005). Estágio Pós-Doutoral na Universidade Técnica de Viena, Áustria (2010). Docente no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Coordenador Geral de Pós-Graduação UPM (2004-2008). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível 1D).

LIZETE MARIA RUBANO. Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1981). Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP, 1992, 2001). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Coordenadora do Emau Escritório Modelo – MoSaiCo (2016-atual).

LUCAS FEHR. Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP, 1987). Mestre e Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU-USP (1999, 2010). Pesquisador e Docente no Curso de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Coordenador do MoSaiCo – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie (2011-2016). Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie (2016-atual).

LUIZ GUILHERME RIVERA DE CASTRO. Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP, 1986). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1998). Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU-SUP (2006). Docente do Programa de PósGraduação em Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Coordenador Adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie (2015-atual)

MARIA ELENA MEREGE VIEIRA. Arquiteta e Urbanista, Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie, 1962, 1995, 1998). Pesquisadora e docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie. Profissional autônoma.

MARCEL MENDES. Engenheiro Civil pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1971). Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela UPM (1999). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da UPM (PPGEAHC/UPM). Coordenador do PPGEAHC/UPM (2016-2017). Diretor do Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da UPM (2017-atual). Foi Professor da Escola de Engenharia da UPM por mais de três décadas e seu Diretor ao longo de dez anos não consecutivos. Exerceu, também, por quatro mandatos trienais não consecutivos, o cargo de Vice-Reitor da mesma Universidade, tendo desempenhado várias outras funções executivas no Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM).

MARIA TERESA DE STOCKLER E BREIA. Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1978, 1995). Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP, 2005). Docente e pesquisadora no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie.

NADIA SOMEKH. Arquiteta e Urbanista pela Universidade de São Paulo (USP, 1976). Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (1987, 1994). Professora Emérita da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Docente no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie. Coordenadora da Pós-Graduação da Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (1999-2001). Diretora da FAU-Mackenzie (2005-2009). Presidente da Empresa Municipal Urbanização (Emurb, hoje SP Urbanismo, 2002-2004). Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp, 2013-2016). Bolsista Produtividade do CNPq (Nível 2).

NARA SILVIA MARCONDES MARTINS. Graduada em Artes Visuais pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1990), em Propaganda e Marketing e em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap, 1990). Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp, 1996). Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP, 2001). Docente no Curso de Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Pesquisadora na área do design socioambiental. Fez estágio pós-doutoral em Artes Visuais pela Universidade de Lisboa (Ulisboa). Coordenadora de Design da FAU-Mackenzie (2017). Coordenadora do Curso de Design da FAU-Mackenzie (2006-2010). Coordenadora da Pós-Graduação *Lato Sensu* (2011-2015).

PAULO OLIVATO. Arquiteto e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1999, 2003). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie.

PÉROLA FELIPETTE BROCANELI. Arquiteta e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1990, 1998). Doutora em Paisagem e Ambiente pela Universidade de São Paulo (USP, 2007). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Coordenadora de Atividades Complementares e de Extensão da FAU-Mackenzie.

RICARDO CARVALHO LIMA RAMOS. Arquiteto e Urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1999, 2010). Docente no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie.

ROBERTO RIGHI. Arquiteto e Urbanista pela Universidade de São Paulo (USP, 1975). Mestre em Engenharia de Produção (projetos industriais e transportes), Coppe – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1981). Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP, 1989). Fez estágio pós-doutoral em Engenharia do Território no Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST). Docente e Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Diretor da FAU-Mackenzie (1993-1996). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM (1990-1998).

SILVIO STEFANINI SANT'ANNA. Arquiteto e Urbanista, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1986, 1998, 2012). Docente no Curso de Graduação da FAU-Mackenzie e Sócio Proprietário da Vidal e Sant'Anna Arquitetura Ltda. Coordenador do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie (2010-2012)

TERESA MARIA RICCETTI. Designer pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap, 1989). Designer Júnior e Bolsista de Aperfeiçoamento CNPq/LBDI–Laboratório Brasileiro de Desenho Industrial. Especialista em Director Design pela Domus Academy de Milão. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP, 1999). Doutora em Ciências da Saúde pela USP (2009). Docente e pesquisadora do Curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie).

VALTER CALDANA. Arquiteto e Urbanista pela Universidade de São Paulo (USP, 1985). Mestre em Planejamento Urbano e Regional (Estruturas Ambientais Urbanas), (1994) e Doutor em Estruturas Ambientais e Urbanas pela USP (2005). Docente no Curso de Graduação e colaborador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie). Pesquisador da FAU-Mackenzie. Coordenador do Trabalho Final de Graduação (2000-2005). Coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo (2005-2008). Diretor da FAU-Mackenzie (2009-2016).

VINICIUS DA COSTA. Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2012-2017). Estagiário no escritório Pedro Paulo de Melo Saraiva (PPMS) Arquitetos Associados. Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – Dafam, Gestão Através (2017).

VICTORIA BRAGA. Estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2012-2017). Colaboradora do IVM Brasil – Instituto Cidade em Movimento. Presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie – Dafam, Gestão Identidade (2016). Curadora das edições XI, XII e XIII Semana Viver Metrópole.

VOLIA REGINA COSTA KATO. Socióloga (Ciências Sociais) pela Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas Letras da Universidade de São Paulo (USP, 1971). Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1983). Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 2012). Docente e pesquisadora no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo FAU-Mackenzie.

WILSON FLORIO. Arquiteto e Urbanista e Mestre em Projeto de Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM, 1996, 1998). Doutor em Tecnologia da Arquitetura pela Universidade de São Paulo (USP, 2005). Docente no Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Docente no Mestrado em Associação Temporária UniRitter-Mackenzie (2013-2018). Docente no Curso de Graduação do Instituto de Artes e da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas (FEC-Unicamp). Coordenador de Pesquisa e Trabalho Final de Conclusão de Curso da FAU-Mackenzie (2016-atual).

Diretores da FAU-Mackenzie (1947-2017)

Christiano Stockler das Neves
(1947-1956)

Américo da Graça Martins
(1956-1958)

Serafim Orlandi
(1958-1961)

Francisco J. Esteves Kosuta
(1961-1963)

Serafim Orlandi
(1963)

João Francisco P. de Andrade
(1963-1964)

Gustavo Ricardo Caron
(1964-1967)

Salvador R. Augusto Candia
(1967-1969)

João Pedro de Carvalho Neto
(1969-1970)

Roberto Frade Monte
(1970-1971)

João Francisco P. de Andrade
(1971)

Jun Okamoto
(1971-1974)

Luiz Teixeira Torres
(1974-1977)

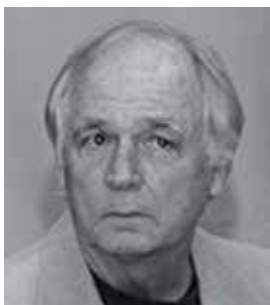
Walter Saraiva Kneese
(1977-1983)

Hoover Américo Sampaio
(1983-1986)

Sidney de Oliveira
(1986-1989)

Walter Saraiva Kneese
(1989-1993)

Roberto Righi
(1993-1996)

Walter Saraiva Kneese
(1996-1998)

Carlos Egidio Alonso
(1998-2005)

Nadia Somekh
(2005-2010)

Valter Luis Caldana Jr.
(2010-2016)

Angélica Tanus Benatti Alvim
(2016-atual)

Foto do corpo docente, colaboradores e funcionários administrativos da FAU--Mackenzie, realizada em 2007, ocasião das comemorações dos 60 anos da Escola.

Professores – junho de 2017

Abilio da Silva Guerra Neto

Adhemar Carlos Pala

Afonso Celso Vanoni de Castro

Alberto Alonso Lázaro

Alessandro José Castroviejo Ribeiro

Alex Mazzini

Alexandre Hepner

Alexandre Jubran

Ana Maria Cassu Queiroz

Ana Maria Fasanella

Ana Paula Calvo

Ana Paula Gonçalves Pontes

André Ribeiro Passos de Arruda

Andrea de Souza Almeida

Angela Zamora Cilento de Rezende

Angélica Tanus Benatti Alvim

Ângelo Cecco Junior

Anne Marie Sumner

Antonio Aparecido Fabiano Junior

Antônio Carlos Sant'Anna Jr.

Antônio Cláudio Pinto Fonseca

Antônio Eduardo Giansante

Antônio Roberto de Oliveira

Ariane Daniela Cole

Bruno Ribeiro

Candido Malta Campos Neto

Carlos Alberto Coelho

Carlos Andrés Hernández Arriagada

Carlos Fonseca Vicente

Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota

Carlos Henrique Heck

Carlos Leite de Souza

Carlos Marcelo Campos Teixeira

Carolina Bracco Delgado de Aguillar

Carolina de Rezende Maciel

Catherine Otondo

Cássia Regina Mariano

Cecília Helena G. R. dos Santos

Célia Regina Moretti Meirelles

Celio Martins da Matta

Celso Coaracy D. Moraes Franco

Celso Lomonte Minozzi

Charles de Castro Vincent

Claudia Alonso Martins

Claudia Virginia Stinco

Claudio Corrêa dos Reis

Cleber José Bonetti Machado

Cristiane Gallinaro

Daniel Candia Alcantara de Oliveira

Daniel Corsi da Silva

Daniela Cristina Vianna Getlinger

Dante Ragazzi Pauli

Debora Sanches

Denise Antonucci

Denise Polonio

Djalma Barros Gonçalves

Dominique Fretin

Edison Barone

Edson Lucchini Jr.

Eduardo Castedo Abrunhosa

Eduardo Nogueira Martins Ferreira

Eduardo Sampaio Nardelli

Eduardo Pereira Gurian

Eleana Patta Flain

Eliana Zaroni Lindenberg Silva

Eliene Corrêa Rodrigues Coelho

Erica Caproni

Erica Lemos Gil

Erika Ciconelli de Figueiredo Risso

Ernesto Sica Tronolone

Eugênio Weishaupt Ruiz

Eunice Helena Sguizzardi Abascal

Fanny Grinfeld

Felipe de Araújo Contier

Flávio Marcondes

Francisco José de Toledo Piza

Francisco Lúcio M. Petracco

Francisco Spadoni

Frank Luiz Prado Smit

Gilberto S. D. de Oliveira Belleza

Gilda Collet Bruna

Grace Kishimoto

Guilherme Antonio Michelin

Guilherme Lemke Motta

Henny Aguiar B. R. Favaro

Heraldo Ferreira Borges

Igor Guatelli

Ireneide Uliana Rosa

Ítalo Francisco Curcio

Ivan Lubarino Piccoli dos Santos

Ivana Aparecida Bedendo

Ivo Eduardo Roman Pons

Jair Antonio de Oliveira Junior

João Carlos Graziosi

João Manoel Quadros Barros

José Augusto Fernandes Aly

José Clóvis de Andrade Falcão

José Geraldo Simões Jr.

José Lavrador Filho

José Luiz Tabith Júnior

José Roberto Moura

Juan Villa Martinez

Juliana Bertolini

Julio Camargo Artigas

Júlio Cezar Bernardes Pinto

Julio Luiz Vieira

Jun Okamoto

Karen Nicolli Ramirez

Larissa Ferrer Branco

Larissa Garcia Campagner Arcuri

Lauresto Couto Esher

Lizete Maria Rubano

Lucas Fehr

Luciana Monzillo de Oliveira

Luciano Margotto Soares

Luis Alexandre Fernandes Ogasawara

Luis Espallargas Gimenez

Luiz Alberto Fresl Backheuser

Luiz Eduardo Guimarães Dias

Luiz Geraldo Ferrari Martins

Luiz Gonzaga Montans Ackel

Luiz Guilherme Rivera de Castro

Marcelo Consiglio Barbosa

Marcelo Cordeiro de Oliveira

Marcelo de Mendonça Bernardini

Marcelo Silva Oliveira

Márcia Maria Benevento

Márcio Lupion Gomes Silva

Márcio Macedo Porto

Marco Antonio Dresler Hovnanian

Marcos Antonio José de Paula

Marcos Aurélio (Kito) Castanha Junior

Marcos José Carrilho

Maria Augusta Justi Pisani

Maria Cristina de Barros Rossi

Maria Elena Merege Vieira

Maria Isabel Imbronitto

Maria Isabel Villac

Maria Pronin

Maria Teresa de Stockler e Breia

Marília Aldegheri do Val

Marília Malzoni Marchi

Mário Biselli

Mário Durao Filho

Mauricio de Castro e Souza

Mauro Claro

Milton Vilhena Granado Jr.

Nadia Somekh

Nara Silvia Marcondes Martins

Nelson Carlos Lauson Dupre

Nelson Marinho Benseny

Nieri Soares de Araújo

Olair Falcirolli de Camillo

Olavo Egydio de Souza Aranha

Patricia Pereira Martins

Paula Nelita da Silva Canelhas

Paula Raquel R. Jorge

Paulo Emilio Buarque Ferreira

Paulo Olivato

Paulo Ricardo Giaquinto

Paulo Roberto Corrêa

Paulo Sérgio Barbaro Del Negro

Pedro Nosralla Junior

Pérola Felipette Brocaneli

Rafael Antonio Cunha Perrone

Rafael Manzo

Rafael Patrick Schimidt

Regina Lara Silveira Mello

Renato Carrieri Jr.

Renato Sfair Kinker

Renato Vizioli

Ricardo Belpiede

Ricardo Carvalho Lima Ramos

Ricardo Hernan Medrano

Ricardo Laurentino Vasconcelos

Ricardo Ruiz Martos

Roberto Righi

Robson do Boa Morte Garcez

Rodrigo Mindlin Loeb

Ronaldo Takeshi Suzuki

Rosangela de Souza Lima

Roseli Maria Martins D'Elboux

Ruth Verde Zein

Sami Bussab

Sasquia Hizuru Obata

Silvia Ferreira Santos Wolff

Silvio Sguizzardi

Silvio Stefanini Sant'Anna

Sunao Kishi

Tacao Kageyama

Teresa Maria Riccetti

Thiago Pereira da Costa

Tito Livio Frascino

Valdir Aparecido Galiano

Valter Luís Caldana Júnior

Vera Cristina Osse

Vera Lúcia Domschke

Vera Regina G. Luduvice Antunes

Vicente Paolillo Filho

Vinicius Oppido de Castro

Viviane Manzione Rubio

Volia Regina Costa Kato

Wagner Amodeo

Walter Gonçalves de Figueiredo

Wilson Florio

Zuleica Schincariol

Funcionários administrativos

Angelita Oliveira dos Santos

Amanda Máximo Cano

Claudia Cristina Ferrarezzi Pignatari

Elisabete Teixeira de Carvalho

Eva Guadalupe Galdamez Garcia

Eleni Dumas Neves

Leonidas Valverde da Silva

Lilian de Fatima Nascimento

Mateus Franco da Rosa Lopes

Miriam Silva Marques

Paulo Rogério Fernandes

Poliane Medrado Brito

Rosemary Aparecida de Souza

Laboratoristas

Alberto Teles dos Santos

Flavio Domitilio dos Santos

Flavio Teixeira

José Angelo de Carvalho

Jucelino Pereira da Silva

Luciano Abbamonte da Silva

Paulo Felisberto Barbosa Costa

Paulo Henrique Freires

Ronaldo da Silva

Foto do corpo docente, dos colaboradores e funcionários administrativos da FAU-Mackenzie, realizada em maio de 2017, ano do centenário do Curso de Arquitetura e 70 anos da Faculdade.

Créditos de imagens

Acervos

Carlos Egidio Alonso p. 252, 375
Centro Histórico e Cultural Mackenzie (CHCM) p. 14, 18, 24, 28, 36-37, 38, 40, 41, 42, 50, 54, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 74, 85, 100, 101, 102, 110, 326
Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (Dafam) p. 329, 331, 338, 340
FAU-Mackenzie p. 4-5, 6-7, 8-9, 10-11, 16, 26, 32, 146-147, 178, 182, 186, 190, 194, 214, 216, 218, 220, 226, 228, 230, 234, 240, 242, 248, 249, 268-269, 290, 292, 328, 330, 333, 335, 336, 337, 339, 342, 344, 346, 368, 376
Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento São Paulo (IAB/SP) p. 20, 78, 90, 98, 104, 122
Luiz Telles p. 209
Maria Elena Merege Vieira p. 142
Núcleo Técnico de Apoio Acadêmico Institucional (NTAI) p. 375
Pedro Nosralla p. 332
Péricles Varella Gomes p. 44, 45, 48, 49
Silvio Sant'Anna p. 154

Fotografias

Dago Nogueira (NTAI) p. 174, 254, 362, 380
Elisabeth Cristina do Amaral Ecker p. 246
Erica Lemos Gil p. 253, 261
Iconika p. 46, 66, 70, 82, 86, 94, 108, 126, 130, 134, 138, 144, 152, 156, 160, 164, 168, 172, 198, 206, 210, 250, 262, 266, 274, 278, 282, 286, 294, 298, 302, 306, 310, 314, 318, 322, 348, 350, 354, 356
Jeff Carollo p. 202
Kamilla Cristina da Cunha Santos p. 288
Leonardo Finotti p. 352
Luiz Guilherme Rivera de Castro p. 285
Marco Hovnanian p. 224, 237, 244, 270, 272, 273, 334
Pedro Kok p. 358
Percival Lafer p. 222
Rafael Sandrini p. 277
Raphael Hegon Chu p. 238, 296
Rodrigo Cenzi p. 360
Wilson Camargo (NTAI) p. 148, 208, 258, 260

Revistas

Faculdade de Arquietura e Urbanismo 1947-1997, 1997 p. 374, 375
Revista de Engenharia Mackenzie, 1951 p. 114, 118, 119

Agradecimentos

Abilio Guerra
Antônio D'Elboux e Maria Antonia D'Elboux
Atlética FAU-Mackenzie
Biblioteca George Alexander
Biblioteca Setorial da FAU-Mackenzie
Carlos Egídio Alonso e Suzana de Barros Freire Alonso
Centro Cultural São Paulo
Centro Histórico e Cultural Mackenzie
Claudio Mazetti – Comissão de Monitoramento do CAU/SP
Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – CAU/SP
Coordenadoria de Processos e Assuntos Acadêmicos
Dagoberto Nogueira Santana
Dani Hirano
Daniel Candia Oliveira
Daniel Corsi
Diretório Acadêmico da FAU-Mackenzie – Dafam
Elisabeth Cristina do Amaral Ecker
Erica Lemos Gil
Fabricia Zulin
Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Gerência de Compras
Gerência de Tecnologia da Informação – Gerti
Giselle Maria B. Braga
Guilherme Kossmann
Instituto de Arquitetos do Brasil Departamento São Paulo – IAB/SP
Instituto Cidade em Movimento – IVM
Jeff Carollo
José Francisco Hintze Jr.
Kamilla Cristina da Cunha Santos
Karina Tengan
Luiz Guilherme Rivera de Castro
Marco Hovnanian
Maria Elena Merege Vieira
Maria Helena Flynn
Museu da Casa Brasileira
Nelson Callegari
Núcleo Técnico de Apoio Acadêmico Institucional – NTAI
Pedro Kok
Pedro Nosralla
Pedro Tuma
Percival Lafer
Péricles Varella Gomes
Rafael Sandrini
Raphael Hegon Chu
Renata Coradin
Ricardo Ramos
Rodrigo Cenzi
Sandra Oliveira – Edital de Parceria do CAU/SP
Silvio Stefanini Sant'Anna
Sociedade Harmonia de Tênis
Sylvia Ficher
Teatro Oficina Uzyna Uzona
Universidade Anhembi Morumbi
Vanilda Queiroz Sganzerla – Concurso Opera Prima
Wilson de Camargo Rocha

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – FAU-MACKENZIE
Direção: Angélica Tanus Benatti Alvim
Apoio técnico: Rafael Schimidt
Apoio administrativo: Eleni Dumas Neves e Rosemary Aparecida de Souza
Equipe vencedora do Logo Comemorativo da FAU-Mackenzie: Alessandro Tsuyoshi Santiago Okura, Felipe Barreto Regis e Giulia Fagundes Conceição

COORDENADORIA DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS
Coordenação: Helena Bonito Pereira

EDITORA MACKENZIE
Coordenação editorial: Andréia Ferreira Cominetti e Ana Claudia de Mauro
Produção editorial: Iconika
Preparação de texto: Raquel Stracchini, Hebe Lucas e Mônica Rocha Aguiar
Revisão: Nelson Barbosa e Vera Ayres
Estagiária editorial: Carolina do Amaral Duarte
Coordenação administrativa: Elisama Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos : pioneirismo e atualidade / Angélica Tanus
Benatti Alvim, Eunice Helena Sguizzardi Abascal, Eduardo Castedo Abrunhosa. -- São Paulo : Editora
Mackenzie, 2017.
15 Mb ; E-Book

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-8293-672-6

1. Arquitetura e urbanismo – Estudo e ensino (Superior) – São Paulo – História 2. Universidade
Presbiteriana Mackenzie. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – História I. Alvim, Angélica Tanus Benatti.
II. Abascal, Eunice Helena Sguizzardi. III. Abrunhosa, Eduardo Castedo.

17-06351 CDD-720.98161

Índices para catálogo sistemático:
1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo :
Universidade Presbiteriana Mackenzie :
São Paulo : Cidade : História 720.98161

Editora Mackenzie
Rua da Consolação, 930, Edifício João Calvino, São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: +55 (11) 2114-8774 (Editorial) – editora@mackenzie.br – www.mackenzie.br/editora.html

Resgatar a história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-Mackenzie) e suas transformações até os dias de hoje não é tarefa simples. Ao completar 70 anos de sua fundação e um século das origens de seu Curso de Arquitetura, junto à Escola de Engenharia, a FAU-Mackenzie segue formando inúmeros profissionais, Arquitetos e Urbanistas e Designers, que se distinguem no exercício da profissão no Brasil e no mundo. Esta obra celebra o pioneirismo e comemora a atualidade da FAU-Mackenzie, primeira faculdade de Arquitetura do estado de São Paulo e uma das mais importantes do país. Revisitar o passado e conhecer o presente é, sobretudo, apontar para a Escola que desejamos no futuro.

ISBN 978-85-8293-672-6
9 788582 936726

Parceria de fomento